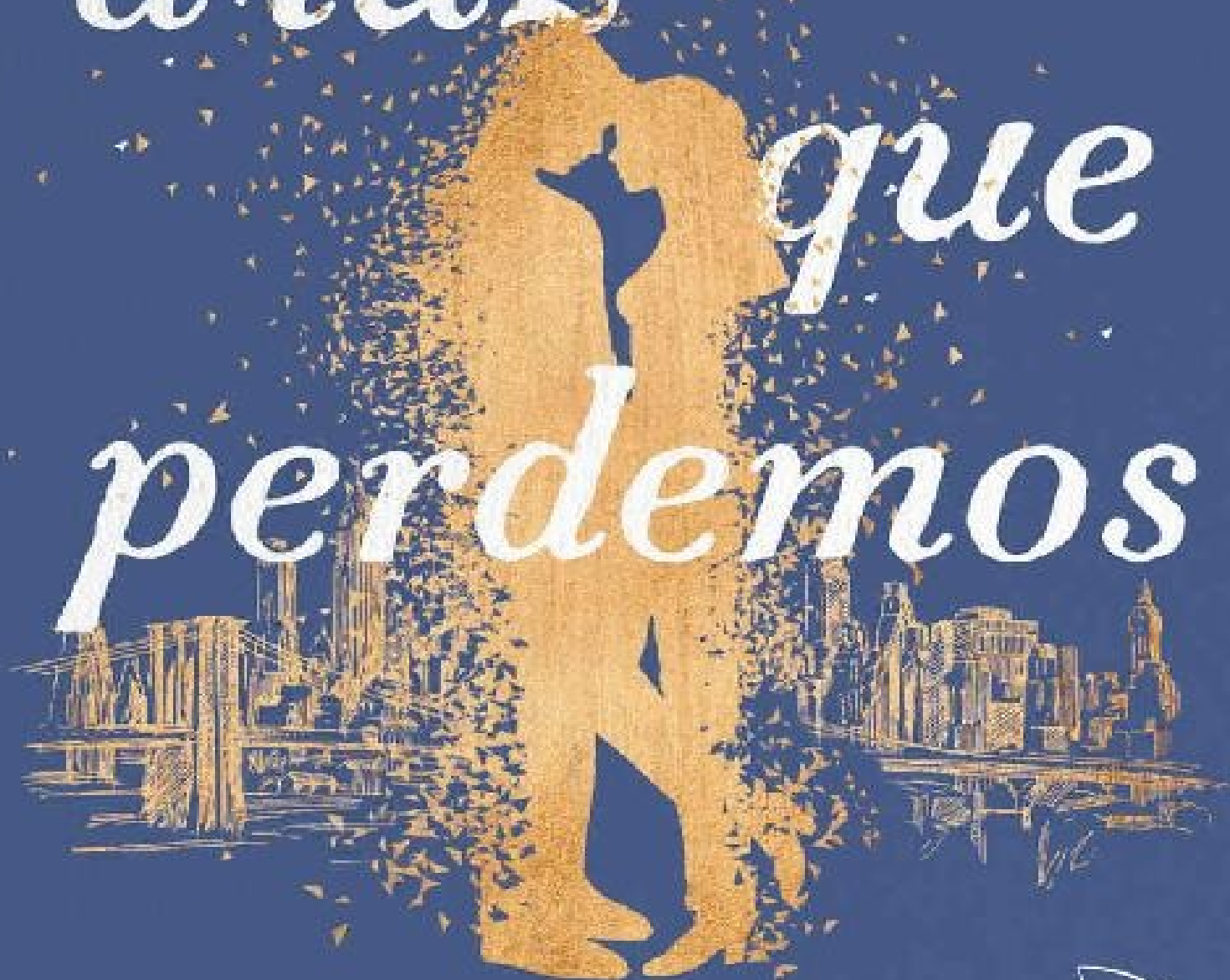


"Fãs de Um dia e Como eu era antes de você vão se apaixonar e chorar por este livro." —NEW YORK POST

JILL SANTOPLOLO

a luz que perdemos



DUAS VIDAS. DOIS AMORES.
UMA ESCOLHA.





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor.”

e-Livros.xyz

*a luz que
perdemos*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JILL SANTOPOLO

*a luz
que
perdemos*



Título original: *The Light We Lost*

Copyright © 2017 por Jill Santopolo

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicação feita mediante acordo com G. P. Putnam's Sons, um selo da Penguin Random House LLC

tradução: Roberto Grey

preparo de originais: Lucas Bandeira

revisão: Gabriel Machado e Thalita Aragão Ramalho

diagramação: DTPPhoenix Editorial

capa: Anthony Ramondo e Sandra Chiu

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Denis Gorelkin/ Shutterstock (casal);
Canicula/ Shutterstock (cidade)

foto da autora: © Charles Grantha

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



S231L

Santopolo, Jill

A luz que perdemos [recurso eletrônico]/ Jill Santopolo; tradução de Roberto Grey. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital

Tradução de: *The Light we Lost*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-841-1987 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Grey, Roberto. II. Título.

18-47869

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para a cidade de Nova York

PRÓLOGO

NÓS NOS CONHECEMOS HÁ QUASE metade de nossas vidas.

Já vi você sorrindo, confiante, radiante de felicidade.

Já vi você acabado, magoado, perdido.

Mas nunca vi você assim.

Você me ensinou a buscar a beleza. Em meio às ruínas e à escuridão, você sempre encontrou a luz.

Não sei que beleza, que luz vou encontrar aqui. Mas vou tentar. Por você. Porque sei que faria o mesmo por mim.

Havia tanta beleza em nossa vida juntos...

Talvez seja por aí que devo começar.

ÀS VEZES OS OBJETOS PARECEM SER testemunhas da história. Eu estava pensando que aquela mesa ao redor da qual sentávamos no seminário do professor Kramer sobre Shakespeare, no nosso último ano em Columbia, era tão antiga quanto a universidade. Parecia estar ali desde 1754, as bordas gastas por estudantes como nós, ao longo dos séculos – o que, obviamente, não podia ser verdade. Mas era assim que eu a imaginava: os alunos sentados em volta dela durante a Guerra de Independência, a Guerra Civil, as duas guerras mundiais, as guerras da Coreia, do Vietnã, do Golfo.

Engraçado, se alguém me perguntar quem, além de nós, estava lá naquele dia, acho que não sei dizer. Antes era capaz de ver com clareza o rosto de todos eles, mas, treze anos depois, só consigo me lembrar de você e do professor Kramer. Não consigo nem me lembrar da professora assistente que chegou correndo atrasada. Mais atrasada até que você.

Kramer tinha acabado de fazer a chamada quando você abriu a porta. Sorriu para mim, uma covinha aparecendo por um instante enquanto você tirava o boné dos Arizona Diamondbacks e o enfiava no bolso traseiro. Olhou rapidamente a cadeira vaga ao meu lado e veio ocupá-la.

– E você, quem é? – perguntou o professor, enquanto você enfiava a mão na mochila para tirar o caderno e a caneta.

– Gabe – respondeu você. – Gabriel Samson.

Kramer consultou a lista de alunos.

– Procure chegar na hora no resto do semestre, Samson. A aula começa às nove. Melhor, tente chegar *antes*.

Você concordou, e ele começou a falar sobre os temas de *Júlio César*.

– “Nós, no ápice / já atingimos o ponto de descida. / Os negócios humanos apresentam / altas como as do mar: aproveitadas, / levam-nos as correntes às fortunas; / mas, uma vez perdidas, corre a viagem / da vida entre baixios e perigos. / Ora flutuamos na maré mais alta. / Urge, portanto, aproveitar o curso / da corrente, ou perder nossas vantagens.”

Depois de declamar, continuou:

– Espero que todos tenham lido. Alguém pode me explicar o que Brutus quer dizer sobre destino e livre-arbítrio?

Sempre me lembro desse momento, porque me perguntei tantas vezes, desde aquele dia, se você e eu estávamos destinados a nos conhecer no seminário de Kramer sobre Shakespeare. Obra do destino ou de nossa decisão, aquilo que nos manteve unidos nesses anos todos? Ou talvez tenha sido uma combinação das duas coisas, a maré alta que aproveitamos.

Depois que Kramer falou, algumas pessoas folhearam o texto à frente delas. Você passou os dedos em seus cabelos cacheados, que voltaram imediatamente ao lugar.

– Sim... – começou você, e o resto da turma olhou para você como eu olhava.

Mas você não terminou de falar.

Foi quando a professora assistente, cujo nome não lembro, chegou correndo.

– Desculpe o atraso. Um avião bateu numa das Torres Gêmeas. Deu na TV no momento em que eu estava saindo de casa.

Ninguém, nem mesmo ela, entendeu a importância do que era dito.

– O piloto estava bêbado? – perguntou Kramer.

– Não sei – respondeu ela, ocupando um lugar à mesa. – Esperei um pouco, mas os repórteres não tinham ideia do que estava acontecendo. Disseram que era uma espécie de bimotor.

Se tivesse acontecido hoje, os celulares de todos nós não parariam de receber notificações do Twitter, do Facebook e do *New York Times*. Mas, na época, a comunicação não era tão imediata, e Shakespeare não seria interrompido. Demos de ombros e Kramer continuou a falar sobre *Júlio César*. Enquanto eu tomava notas, reparei que você passava os dedos da mão direita, distraído, nos veios da madeira da mesa. Fiz um esboço do seu polegar, com a unha irregular e a cutícula arrebatada. Ainda tenho o caderno em algum canto – dentro de uma caixa cheia de livros de literatura e civilizações contemporâneas. Tenho certeza de que está lá.

NUNCA VOU ME ESQUECER da nossa conversa quando saímos do prédio da Filosofia. Embora não tenhamos dito nada de especial, a conversa ficou gravada na minha cabeça como parte daquele dia. Descemos juntos a escada. Não exatamente juntos, mas próximos um do outro. O ar estava claro, o céu, azul – e tudo havia mudado. Só que ainda não sabíamos.

As pessoas à nossa volta falavam sem parar:

- As Torres Gêmeas desabaram!
- Cancelaram as aulas!
- Quero doar sangue. Sabe onde posso doar sangue?

Virei para você.

- O que está acontecendo?

– Moro no campus leste – disse você, apontando para o dormitório. – Vamos descobrir. Você é Lucy, não é? Onde mora?

- No Hogan – respondi. – Sim, sou Lucy.
- Prazer, Lucy. Sou Gabriel.

Você estendeu a mão. No meio daquilo tudo, apertei-a e ergui os olhos. Sua covinha reapareceu. Vi um brilho azul em seus olhos. Pensei então, pela primeira vez: *como ele é bonito*.

Fomos ao seu apartamento e assistimos TV com seus colegas, Adam, Scott e Justin. Na tela, corpos mergulhavam dos prédios, sinais de fumaça saíam dos montes de destroços em direção ao céu, e imagens das torres desabando repetiam-se sem parar. Ficamos anestesiados. Olhávamos para as cenas, incapazes de ligar os acontecimentos à nossa realidade. Ainda não havia caído a ficha de que aquilo estava acontecendo com gente de carne e osso – seres humanos de verdade – na nossa cidade, a pouco mais de dez quilômetros de onde estávamos. Pelo menos não havia caído para mim. Parecia tão distante...

Nossos celulares não funcionavam. Você teve que usar o telefone do dormitório para avisar à sua mãe, no Arizona, que estava bem. Liguei para meus pais em Connecticut, que pediram que eu fosse para lá. Conheciam uma pessoa cuja filha trabalhava no World Trade Center e não tinham notícias dela, e outra pessoa cujo primo havia marcado um café da manhã no Windows on the World, no 106º andar da Torre Norte.

– É mais seguro longe de Manhattan – disse meu pai. – E se tiver um ataque de antraz? Ou algum outro tipo de guerra biológica? Gás venenoso?

Expliquei que o metrô não estava funcionando. Era provável que os trens também não estivessem.

– Vou aí te buscar – disse ele. – Vou pegar o carro agora.

– Estou bem. Uns amigos estão comigo e estamos bem. Ligo de novo mais tarde.

Aquilo ainda não parecia ser verdade.

– Sabe – disse Scott depois que desliguei –, se eu fosse de uma organização terrorista, jogaria uma bomba em cima da gente.

– Que merda você está falando? – perguntou Adam.

Ele estava esperando notícias de seu tio, que era da polícia de Nova York.

– Quer dizer, se a gente pensar nisso de forma teórica... – tentou explicar Scott, mas não conseguiu continuar.

– Cale a boca! – gritou Justin. – Fala sério, Scott. Não é hora.

– Acho que é melhor eu ir embora – comentei.

Não conhecia você de verdade. E acabara de conhecer seus amigos.

– Minhas colegas de alojamento provavelmente estão preocupadas comigo.

– Ligue para elas. – Você me devolveu o telefone. – Diga que você vai para a cobertura do Wien Hall, e que elas podem ir encontrá-la lá, se você quiser.

– Para onde vou?

– Vai comigo – disse você, passando distraidamente os dedos pelas minhas tranças.

Foi um gesto de intimidade, do tipo que acontece depois de se quebrarem todas as barreiras que distanciam as pessoas. Como comer no prato de alguém sem pedir licença. E, de repente, senti-me ligada a você, como se sua mão no meu cabelo significasse mais que um gesto distraído e nervoso.

Pensei nesse episódio anos mais tarde, quando resolvi doar meu cabelo e o cabeleireiro me entregou as tranças embrulhadas em um plástico, parecendo mais castanho-escuras do que de costume. Apesar de você estar a um mundo de distância na época, senti como se estivesse te traindo, como se estivesse cortando um laço entre nós.

Mas naquele dia, logo depois de pegar no meu cabelo, você pareceu se dar conta do que fizera e deixou a mão cair no colo. Sorriu de novo, mas dessa vez seus olhos não acompanharam.

Dei de ombros.

– Está bem.

Parecia que o mundo tinha se fragmentado. Era como se tivéssemos atravessado um espelho estilhaçado e penetrado num espaço despedaçado atrás dele, onde nada fazia sentido. Como se nossos escudos tivessem caído por terra e nossas muralhas estivessem destruídas. Naquele lugar, não havia por que dizer não.

TOMAMOS O ELEVADOR ATÉ o décimo primeiro andar do Wien Hall e você abriu uma janela no fim do corredor.

– Alguém me trouxe aqui no final do primeiro ano – explicou você. – É a vista mais incrível que conheço de Nova York.

Fomos para o terraço pela janela e perdi o fôlego. Uma coluna de fumaça subia da ponta sul de Manhattan. O céu estava todo cinza, a cidade coberta por uma mortalha de fumaça.

– Ah, meu Deus – falei.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Imaginei o que costumava haver lá antes. Vi o espaço vazio onde as torres antes se erguiam. Finalmente caiu a ficha.

– Tinha gente naqueles prédios.

Sua mão segurou a minha.

Ficamos ali não sei quanto tempo, observando a cena de destruição, as lágrimas escorrendo pelos nossos rostos. Devia ter outras pessoas lá em cima com a gente, mas não consigo me lembrar delas. Só de você. E da imagem daquela fumaça. Ficou gravada em fogo na minha cabeça.

– O que vai acontecer agora? – sussurrei.

Aquela imagem me fez compreender a enormidade do ataque.

– O que vai acontecer agora? – repeti.

Você olhou para mim e nossos olhos, ainda molhados de lágrimas, se encontraram com o tipo de magnetismo indiferente a tudo em volta. Você segurou minha cintura e eu fiquei na ponta dos pés para encontrar seus lábios, que me procuravam. Apertamos com força nossos corpos um contra o outro, como se isso fosse nos proteger do que viria depois. Como se a única maneira de ficar a salvo fosse manter meus lábios colados aos seus. No momento em que você me abraçou, senti-me segura, envolvida pela força e pelo calor de seus braços. Senti seus músculos se contraírem ao me tocar e enfiei os dedos em seu cabelo. Você agarrou minhas tranças e puxou minha cabeça para trás. Esqueci o mundo. Naquele instante só havia você.

Durante anos eu me senti culpada por isso. Culpada porque nos beijamos pela primeira vez enquanto a cidade ardia. Culpada por ter sido capaz de me perder em você naquele instante. Mas depois soube que não fomos os únicos. Pessoas me contaram, em voz baixa, ter feito sexo naquele dia. Concebido um filho. Noivado. Ter dito *eu te amo* pela primeira vez. Há algo na morte que faz as pessoas desejarem viver. Nós queríamos viver naquele dia, e não nos culpo por isso. Não mais.

Quando paramos para recuperar o fôlego, encostei a cabeça em seu peito. Procurei ouvir seu coração, e suas batidas regulares me deram conforto.

As batidas do meu coração te consolaram? Consolam ainda?

VOLTAMOS PARA SEU QUARTO porque você me convidou para almoçar. Depois do almoço você quis ir ao telhado com sua câmera para tirar umas fotos.

– Para o *Spectator*? – perguntei.

– A revista? Que nada. Para mim.

Na cozinha, uma pilha de suas fotos me chamou atenção – imagens em preto e branco tiradas em vários lugares do campus. Eram bonitas, bizarras, cheias de luz, tiradas de tão longe e tão aproximadas que um objeto banal ficava parecendo arte moderna.

– Esta aqui é de onde? – quis saber.

Depois de olhar um pouco, percebi que era um close de um ninho de passarinho, que parecia ser forrado com jornais, revistas e um ensaio de alguém sobre literatura francesa.

– Ah, isso foi incrível – explicou você. – Você conhece a Jessica Cho? Que canta à capela? A namorada do Donald Blum? Ela me contou que podia ver esse ninho da janela dela e que dava até para ver o passarinho trabalhando. Então fui conferir. Precisei me pendurar na janela para tirar a foto. Jess obrigou Dave a segurar minhas pernas porque tinha medo de que eu caísse. Mas consegui.

Essa história me fez encará-lo de modo diferente. Você era ousado, corajoso, um artista dedicado. Refletindo agora, percebo que era exatamente isso que você queria que eu achasse. Queria me impressionar, mas na época eu não notei. Só pensei: *Uau. Como ele é maravilhoso.* Mas o que era verdade naquele momento, e continua sendo, é que você encontra beleza em tudo. Percebe coisas que mais ninguém percebe. É algo que sempre admirei em você.

– É isso que você quer fazer? – perguntei, indicando a foto.

Você balançou a cabeça.

– É só uma brincadeira – respondeu. – Minha mãe é artista. Você precisa ver o que ela faz. Quadros abstratos enormes, lindos. Mas ganha a vida pintando pequenos quadros do pôr de sol do Arizona para turistas. Não quero esse tipo de vida, ficar fazendo arte para vender.

Inclinei-me sobre a bancada e olhei o resto das fotos. Ferrugem manchando um banco de pedra, rachaduras como veias no mármore, corrosão comendo uma balastrada de metal. Beleza onde nunca imaginei encontrá-la.

– Seu pai também é artista? – perguntei.

Sua expressão se alterou. Percebi que uma porta se fechava por trás de seus olhos.

– Não. Não é – respondeu você.

Sem saber, eu havia pisado em um campo minado. Gravei a informação. Estava mapeando o terreno em que entrara. Já imaginava que o conheceria como a palma da mão e que iria percorrê-lo como se fosse parte de mim.

Você ficou calado. Eu fiquei calada. A TV ainda soava ao fundo. Ouvi os locutores falando sobre o Pentágono e o avião que caiu na Pensilvânia. Voltei a tomar consciência do horror da situação. Larguei as fotos. Naquele momento, parecia perverso dar tanta atenção à beleza. Mas, olhando em retrospecto, talvez fosse exatamente a coisa certa a fazer.

– Você não disse que a gente ia almoçar? – perguntei.

Na verdade, eu não estava com fome. As imagens que ocupavam a tela embrulhavam meu estômago.

A porta por trás de seus olhos se abriu.

– É mesmo – respondeu.

Você só tinha ingredientes para fazer *nachos*. Então cortei tomates, meio distraída, e abri uma lata de feijão com um abridor enferrujado. Enquanto isso, você arrumava os chips de *tortilla* numa dessas bandejas de alumínio descartáveis e ralava queijo em uma tigela com a borda lascada.

– E você? – Você retomou a conversa, como se nada tivesse acontecido.

– Hum?

Destravei a tampa da lata de feijão e comecei a puxá-la.

– Você é artista? – perguntou.

Botei o disco de metal na bancada.

– Não, nada disso – respondi. – A coisa mais criativa que faço é escrever umas histórias para minhas colegas de quarto.

– Sobre o quê? – perguntou você, inclinando a cabeça de lado.

Abaixei o rosto para que você não me visse corar.

– Tenho vergonha. É sobre um miniporco chamado Hamilton, que por acaso entra numa faculdade só para coelhos.

Você deu uma risada de surpresa.

– Hamilton. Um porco... Entendo. É engraçado.

– Obrigada – respondi, voltando a erguer os olhos para você.

– Então é isso que você quer fazer depois de se formar?

Você estendeu a mão para o vidro de molho e bateu a tampa na bancada para afrouxá-la.

Balancei a cabeça.

– Acho que não existe mercado para as histórias do porco Hamilton. Andei pensando em trabalhar com propaganda, mas, falando assim, parece uma bobagem.

– Por que bobagem? – Você tirou a tampa com um estalo.

Olhei de relance para a TV.

– Será que propaganda tem alguma relevância? Se este fosse meu último dia de vida, e eu tivesse passado toda ela bolando campanhas para vender queijo ralado, ou *nachos*, você acha que eu teria empregado bem meu tempo aqui?

Você mordeu o lábio. Seus olhos diziam: *Estou pensando nisso*. E assim fiquei conhecendo sua topografia um pouco melhor. E talvez você, a minha.

– O que é uma vida que vale a pena? – perguntou você, por fim.

– É o que estou tentando entender. – Minha mente girava. – Talvez tenha a ver com deixar sua marca, alguma coisa positiva. Tornar o mundo um pouco melhor do que como a gente o encontrou.

Eu ainda acredito nisso, Gabe. É o que venho tentando fazer minha vida inteira. E acho que você também.

Então, vi algo surgir em seu rosto. Não sabia o que significava. Ainda não tinha aprendido muito sobre você. Mas agora conheço esse seu jeito. Significa que, na sua cabeça, você mudou de perspectiva.

Você mergulhou um *nacho* no molho e me ofereceu.

– Quer?

Dei uma mordida e o quebrei ao meio, e você enfiou a outra metade na boca. Seu olhar seguiu as linhas do meu rosto e desceu pelo corpo. Senti que você me examinava de diversos ângulos e perspectivas. Em seguida, passou as pontas dos dedos no meu rosto e nos beijamos de novo. Dessa vez, você tinha gosto de sal e pimenta.

Aos cinco ou seis anos, fiz um desenho na parede do quarto com lápis de cera vermelho. Acho que nunca contei essa história para você. Enquanto desenhava árvores, corações, sóis, nuvens e luas, eu sabia que estava fazendo uma coisa errada. Sentia um aperto no peito, mas não conseguia me segurar. Queria

tanto continuar desenhando... Tinham decorado meu quarto de rosa e amarelo, mas minha cor predileta era o vermelho. Eu queria que meu quarto fosse vermelho. *Precisava* que meu quarto fosse vermelho. Sentia que desenhar na parede era ao mesmo tempo absolutamente certo e errado.

Foi assim que me senti no dia em conheci você. Beijá-lo no meio de uma tragédia, de uma carnificina, me pareceu ser ao mesmo tempo absolutamente certo e errado. Contudo, me concentrei na parte que achava certo, como sempre faço.

ENFIEI A MÃO NO BOLSO DE TRÁS de seu jeans e você enfiou a mão no meu. Nos apertamos com mais força. O telefone tocou no seu quarto, mas você o ignorou. Em seguida, o telefone tocou no quarto de Scott.

Alguns segundos depois, Scott chegou à cozinha e deu um pigarro. Nos afastamos e olhamos para ele.

– Stephanie está procurando você, Gabe – disse Scott. – Pedi que ela esperasse.

– Stephanie? – perguntei.

– Ninguém – respondeu você.

– A ex dele – disse Scott, quase ao mesmo tempo. – Ela está chorando, cara – completou Scott.

Você pareceu dividido. Seus olhos desviaram para mim e de volta para Scott.

– Pode dizer a ela que ligo em poucos minutos?

Scott concordou e foi embora. Depois você segurou a minha mão, entrelaçando os dedos nos meus. Nossos olhos se encontraram, tal como fizeram no telhado, e eu consegui desviá-los. Meu coração acelerou.

– Lucy – disse você, de alguma maneira impregnando meu nome de desejo. – Sei que você está aqui, e sei que é uma situação estranha, mas preciso ver se ela está bem. Ficamos juntos o ano passado inteiro e só terminamos mês passado. Hoje...

– Compreendo.

E, por estranho que pareça, aquilo me fez gostar mais de você. Embora não tivesse mais nada com Stephanie, ainda se preocupava com ela.

– Obrigada por... – comecei, sem saber como terminar a frase, até que por fim desisti.

Você apertou minha mão.

– Obrigado por transformar este dia em algo maior – disse você. – Lucy. Luce. Em espanhol é *Luz*, certo?

Assenti.

– É isso – acrescentou você depois de uma pausa –, obrigado por iluminar um dia tenebroso.

Você havia colocado em palavras o sentimento que eu não conseguira exprimir.

– Você fez a mesma coisa comigo. Obrigada.

A gente se beijou de novo. Foi difícil me separar de você. Foi muito difícil ir embora.

– Ligo mais tarde – disse você. – Eu te acho no catálogo. Desculpe pelos *nachos*.

– Se cuide – falei. – Podemos comer *nachos* em outra ocasião.

– Ótima ideia.

Fui embora pensando como era possível que algo tão bom pudesse surgir em um dos dias mais horrendos da minha vida.

VOCÊ REALMENTE ME LIGOU ALGUMAS HORAS depois, mas a conversa não foi o que eu esperava. Você se desculpou muito, mas disse que tinha reatado com Stephanie. O irmão mais velho dela estava desaparecido. Ele trabalhava no World Trade Center e ela precisava de você. Você pedia que eu compreendesse e me agradeceu de novo por ter iluminado uma tarde tão terrível. Disse que significou muito estar comigo

naquele momento. E se desculpou mais uma vez.

Eu não deveria ter me sentido arrasada, mas me senti.

Não falei com você durante o restante do semestre. Nem do semestre seguinte, aliás. Mudei de lugar na aula de Kramer para não ter que sentar ao seu lado. Mas ouvia cada vez que você comentava a beleza da linguagem e das imagens de Shakespeare, mesmo nas cenas mais feias.

– “Oh, dor!” – você recitava –, “Um rio carmesim de sangue quente / como fonte revolta pelo vento, / se eleva e cai entre teus lábios róseos.”

Eu só conseguia pensar nos *seus* lábios e na sensação de tê-los colados aos meus.

Tentei esquecer aquele dia, mas era impossível. Não conseguia esquecer o que acontecera a Nova York, aos Estados Unidos, às pessoas nas torres. E não conseguia esquecer o que acontecera entre nós. Mesmo agora, sempre que alguém pergunta “Onde você estava nesse dia?”, ou “Você estava em Nova York quando as torres desabaram?”, “Como foi aqui?”, a primeira coisa em que penso é em você.

HÁ MOMENTOS QUE ALTERAM a vida das pessoas. Para tanta gente como nós, que morávamos em Nova York então, o 11 de Setembro foi um desses momentos. Qualquer coisa que eu tivesse feito naquele dia teria sido importante, teria sido gravado a ferro e fogo na minha mente e marcado meu coração. Não sei por que te conheci naquele dia, mas sei que, por isso, você passou a fazer sempre parte da história da minha vida.

FOI EM MAIO. Havíamos acabado de nos formar. Devolvemos as becas e chapéus da formatura depois de receber os diplomas escritos em latim com nossos nomes completos em letras floreadas. Entrei no Le Monde com minha família: minha mãe, meu pai, meu irmão Jason, dois avós e um tio. Levaram-nos para uma mesa ao lado de outra família, muito menor – a sua.

Você ergueu os olhos enquanto passávamos em fila e estendeu a mão, tocando meu braço.

– Lucy! – exclamou você. – Parabéns!

Eu fiquei arrepiada. Depois de todos aqueles meses, a sensação da pele dele contra a minha ainda provocava aquilo em mim.

– Para você também – consegui dizer.

– O que anda fazendo? – perguntou você. – Está morando aqui?

Aquiesci.

– Arranjei um trabalho na elaboração de programas para uma nova produtora de TV. Programas infantis.

Não pude deixar de sorrir. Eu sonhara ansiosa durante dois meses com aquele emprego antes de consegui-lo. Era o tipo de trabalho que eu procurara depois da queda das Torres Gêmeas, depois de ter concluído que eu queria fazer algo mais importante do que trabalhar com propaganda. Algo que atingisse a geração seguinte e ajudasse a transformar o futuro.

– Programas infantis? – repetiu você, com um sorriso de divertimento nos lábios. – Como *Alvin e os esquilos*? Vão falar com aquelas vozes fininhas de quem inalou hélio?

– Não chega a tanto – respondi.

Dei uma risada curta. Queria contar que havia sido nossa conversa que me levava a tomar aquela decisão. Queria contar como aquele momento que compartilhamos na cozinha fora importante para mim.

– E você? – quis saber.

– McKinsey. Consultoria. Nada de esquilos.

Fiquei surpresa. Não esperava aquilo depois do que você falara comigo, depois de seus comentários durante a aula de Kramer.

Mas não comentei nada.

– Que bom – falei. – Parabéns pelo trabalho. A gente se vê por aí.

– Seria bom – respondeu você.

Fui me sentar com a minha família.

– Quem era aquela? – ouvi alguém perguntar.

Levantei os olhos. Ao seu lado, uma garota de cabelos castanho-claros quase até a cintura estava com a mão na sua coxa. Não registrei quase nada dela, tão concentrada eu estava em você.

– Apenas uma garota da minha turma, Stephanie.

Era só aquilo que eu era, é claro. Mas ainda assim doeu.

NOVA YORK É UMA CIDADE ENGRAÇADA. Você pode viver nela durante anos sem nunca encontrar seu vizinho. Pode, no entanto, dar de cara com seu melhor amigo ao entrar no metrô, indo para o trabalho. Destino versus livre-arbítrio. Ou talvez ambos.

Estávamos em março, quase um ano depois da formatura. Nova York havia nos engolido. Eu morava com Kate no Upper East Side, num apartamento enorme que pertencera aos avós dela. Planejavamos fazer isso desde o ensino médio. Nossos sonhos de infância tinham se tornado realidade.

Eu havia tido um namorico de seis meses com um colega de trabalho, ficara com mais uns dois caras e saíra com meia dúzia de homens que não achei inteligentes o bastante, ou bonitos o bastante, ou interessantes o bastante. Na verdade, olhando em retrospecto, não havia nada de errado com eles. Se eu tivesse conhecido Darren naquela época, talvez tivesse achado a mesma coisa dele.

Sem o prédio da Filosofia e os alojamentos do campus leste, eu havia parado de pensar em você na maior parte do tempo. Não nos víamos havia quase um ano. Mas, na verdade, você surgiu de repente na minha cabeça no trabalho, quando eu passava os olhos em storyboards junto com meu chefe. Enquanto revisávamos episódios sobre valores como respeito e aceitação, pensei em nossa conversa na sua cozinha e percebi quanto me fazia bem a decisão que eu tomara.

Logo chegou a quinta-feira, 20 de março, meu aniversário de 23 anos. Tinha planejado dar uma festa no fim de semana, mas minhas colegas mais próximas no trabalho, Alexis do Roteiro e Julia da Arte – como você depois as chamaria –, insistiram que brindássemos no próprio dia.

Estávamos obcecadas com o Faces & Names naquele inverno por causa da lareira e dos sofás. A temperatura variava em torno de cinco graus, mas a gente achava que o bar acenderia a lareira se pedíssemos. Frequentávamos bastante o lugar naqueles meses e o barman ia com a nossa cara.

Julia fizera uma coroa de papel que insistiu que eu usasse, e Alexis pediu três martínis com licor de maçã. Sentamos no sofá em frente à lareira, inventando motivos para brindar antes de cada gole.

– Aos aniversários! – começou Alexis.

– À Lucy! – disse Julia.

– À amizade! – acrescentei.

A brincadeira evoluiu.

– À copiadora, que não enguiçou hoje!

– Aos chefes que matam o trabalho porque estão doentes!

– Aos almoços de graça nas reuniões de luxo!

– Aos bares com lareiras!

– Aos martínis de maçã!

A garçonete chegou trazendo mais três martínis em uma bandeja.

– Esse pedido não é nosso – reclamou Julia.

A garçonete sorriu.

– Vocês têm um admirador secreto – disse ela, indicando com a cabeça o bar.

Lá estava você. Pensei por um momento que fosse uma alucinação.

Você fez um pequeno aceno.

– Ele mandou feliz aniversário para Lucy.

Alexis ficou de queixo caído.

– Você o *conhece*? – perguntou Julia. – Ele é gostoso!

Em seguida, ela pegou um dos martinis que a garçonete pusera na mesa.

– Aos gatos que sabem seu nome e te oferecem drinks! – brindou ela.

Tomamos um gole e ela acrescentou:

– Vá lá agradecer, aniversariante.

Pousei a taça de martini na mesa, mas mudei de ideia e levei-a comigo enquanto caminhava na sua direção, um pouco cambaleante sobre os saltos altos.

– Obrigada – agradei, sentando no banco à sua esquerda.

– Feliz aniversário! Bela coroa...

Ri e a tirei.

– Talvez fique melhor em você – falei. – Quer experimentar?

Você a colocou na cabeça, amassando seus cachos.

– Deslumbrante – comentei.

Você sorriu e pousou a coroa no balcão.

– Quase não te reconheci – disse você. – Mudou o cabelo.

– É a franja – respondi, arrumando o cabelo para o lado.

Você olhou para mim como havia feito na cozinha, avaliando-me de todos os ângulos.

– Bonita com ou sem franja.

Sua voz estava um pouco arrastada. Percebi que você estava mais bêbado do que eu, o que me fez especular por que estava sozinho e alto às sete horas de uma noite de quinta.

– Como você está? – perguntei. – Tudo bem?

Você colocou o cotovelo no balcão e apoiou o rosto sobre a mão.

– Não sei – respondeu. – Stephanie e eu terminamos de novo. Detesto meu trabalho. E os Estados Unidos invadiram o Iraque. Toda vez que encontro você o mundo está aos pedaços.

A notícia do fim do seu namoro com Stephanie e aquela história de que o mundo estava aos pedaços me deixaram sem ação, por isso tomei outro gole de martini.

Você não parava de falar:

– Acho que o universo sabia que eu precisava te encontrar hoje. É como se você fosse... Pégaso.

– O cavalo com asas, como na *Ilíada*? – perguntei. – Um cavalo macho com asas?

– Não, você é definitivamente uma mulher.

Eu sorri. Você continuou:

– Mas Belerofonte nunca teria derrotado a Quimera sem Pégaso. Foi Pégaso que o fez se superar. Ele conseguiu passar por cima de tudo. Toda a dor, toda a mágoa. E se tornou um grande herói.

Não era assim que eu compreendera o mito. Eu o lia como um trabalho de equipe, como uma história de cooperação e companheirismo. Sempre gostei do modo como Pégaso precisou dar permissão para que Belerofonte o cavalgasse. Mas percebi que sua interpretação era importante para você.

– Bem, obrigado pelo que imagino ser um elogio. Embora preferisse ser comparada a Atenas. Ou a Hera. Até mesmo a uma Górgona.

Você contraiu os lábios.

– Uma Górgona não. Nada de serpentes no cabelo.

Passei a mão no cabelo.

– Você nunca viu minha cara quando acordo de manhã – falei.

Você me olhou como se quisesse experimentar aquilo.

– Eu já disse que sinto muito? – perguntou você. – Pelo que aconteceu. Com a gente. Não por ter te beijado, quero dizer. Mas... – Você deu de ombros. – Sinto pelo que aconteceu depois. Eu estava tentando fazer a coisa certa. Com a Stephanie. A vida é...

– Complicada – completei a frase por você. – Tudo bem. Já faz um século. E você se desculpou. Duas vezes.

– Ainda penso em você, Lucy – disse você, olhando para seu copo vazio de uísque.

Tentei imaginar quantas doses você havia bebido.

– Fico pensando naquela bifurcação do caminho. O que teria acontecido se a gente tivesse seguido pelo outro lado. Dois caminhos divergem.

Agora eu riria se você falasse da gente como dois caminhos, mas naquele dia achei tão romântico você citar Robert Frost...

Olhei na direção de Alexis e Julia. Elas nos observavam enquanto bebiam os martinis. *Você está bem?*, perguntou Julia, movendo apenas os lábios. Sinalizei que sim. Ela apontou para o relógio e encolheu os ombros. Fiz o mesmo como resposta. Ela assentiu.

Olhei para você, lindo, frágil, me desejando. Quem sabe era o presente de aniversário que o universo havia me reservado?

– O negócio dos caminhos – falei – é que às vezes você topa com eles de novo. Às vezes você tem uma nova chance de trilhar a mesma estrada.

Nossa, como éramos ridículos. Ou talvez apenas jovens. Jovens demais.

Você então me encarou, os olhos azuis fixos em mim, o olhar vidrado mas ainda assim hipnotizante.

– Vou te beijar – falou, já se inclinando na minha direção.

E então me beijou, e parecia que eu tinha recebido o presente de aniversário dos meus sonhos.

– Quer vir para minha casa comigo, Lucy? – perguntou você, enquanto afastava uma mecha rebelde do meu cabelo para trás da orelha. – Não quero voltar para casa sozinho.

Percebi a tristeza em seus olhos, a solidão. E tive vontade de consertar aquilo, de ser seu unguento, seu curativo, sua salvação. Sempre estive pronta para ajeitar as coisas para você. Ainda é assim. É meu calcanhar de Aquiles. Ou talvez seja a minha semente de romã, que me mantém presa, como Perséfone.

Ergui seus dedos até meus lábios e os beijei.

– Sim – falei. – Quero.

MAIS TARDE, ESTÁVAMOS DEITADOS na sua cama, corpos iluminados pelas luzes da cidade filtradas pelas persianas. Você me abraçava por trás, a mão em minha barriga nua. Estávamos cansados, saciados e ainda um pouco bêbados.

– Quero largar meu emprego – sussurrou você, como se a escuridão lhe desse segurança para dizer aquilo.

– Tudo bem – respondi numa voz baixa e sonolenta. – Você pode largar o emprego.

Você passou o polegar na parte de baixo de meu seio.

– Quero fazer algo relevante – continuou você, o hálito quente no meu pescoço. – Como você disse.

– Hum-hum – murmurei, quase adormecida.

– E na época não entendi.

– Entendeu o quê?

– Que não se trata apenas de procurar beleza.

Sua voz mantinha-me acordada.

– Quero fotografar tudo. Felicidade, tristeza, alegria, destruição. Quero contar histórias com a câmera. Você me entende, não é? Stephanie não entendia. Mas você estava lá comigo. Sabe como aquilo muda a forma como a gente vê o mundo.

Virei-me para olhar seu rosto e te dei um beijo suave.

– Claro que entendo – sussurrei antes de mergulhar no sono.

Mas na verdade não percebi o que você quis dizer nem até onde isso iria te levar. Que iria te trazer até aqui, a este momento. Eu estava bêbada, cansada e finalmente em seus braços, tal como tantas vezes imaginara. Naquele exato momento, teria concordado com qualquer coisa que você dissesse.

VOCÊ LARGOU MESMO O EMPREGO, claro, para fazer um curso de fotografia. Continuamos a nos ver, e nossa ligação física ficava mais forte à medida que passávamos mais tempo juntos. Encontrávamos conforto, força e esperança nos braços um do outro. Arrancávamos nossas roupas nos banheiros dos restaurantes porque não conseguíamos esperar chegar em casa.

Apertávamos os corpos um do outro contra as paredes dos prédios, sem nos importar se os ombros esbarravam nos tijolos, enquanto nossos lábios se uniam. Fazíamos piqueniques no parque, incrementados com vinho branco em garrafas vazias de suco de maçã, e ficávamos deitados juntos, aspirando o aroma da terra, de grama cortada, e o cheiro um do outro.

– Quero saber mais sobre seu pai – falei, poucos meses depois de nosso reencontro.

Sabia que estava cruzando uma linha sensível, arriscando causar um terremoto.

– Não há muito o que contar.

Minha cabeça estava apoiada em seu braço, mas você se moveu e agora a apoiava em seu peito. Sua voz continuava despreocupada, mas percebi que seus músculos se contraíram.

– É um idiota – completou.

– Como assim, um idiota?

Virei o corpo para que pudesse abraçá-lo e o aproximar mais de mim. Às vezes tinha a sensação de que nunca ficávamos próximos o bastante. Eu queria mergulhar sob sua pele, dentro da sua cabeça, para saber tudo que fosse possível a seu respeito.

– Meu pai era... imprevisível – disse você lentamente, como se escolhesse as palavras com o maior cuidado. – Quando fiquei maior, passei a proteger minha mãe.

Levantei a cabeça e olhei para você. Não sabia ao certo o que falar, o que mais devia perguntar. Gostaria de saber o que você queria dizer com “maior”. Quatro anos? Dez? Treze?

– Ah, Gabe...

Foi tudo que me veio à cabeça. Lamento que não tenha conseguido dizer mais nada.

– Ele e minha mãe se conheceram no curso de artes plásticas. Ela me contou que ele era um ótimo escultor, mas nunca vi nenhum de seus trabalhos. – Você engoliu em seco. – Ele destruiu tudo. Cada peça. Logo depois que nasci. Queria projetar monumentos, enormes instalações, mas ninguém encomendava nada, ninguém comprava a arte dele. – Você virou o rosto para mim. – Sei que deve ter sido duro para ele, nem dá para imaginar... – Então você sacudiu a cabeça.

– Acabou desistindo. Tentou montar uma galeria, mas não levava jeito para empresário. Ou vendedor. Vivia nervoso, era volátil. Eu... eu não percebia o que desistir havia feito com ele. O impacto da desistência. Uma vez, ele enfiou uma faca em uma tela da minha mãe, que ela vinha fazendo havia meses, e disse que ela precisava pintar quadros do pôr do sol em vez daquilo. Ela chorou como se ele tivesse esfaqueado o corpo dela, e não apenas o quadro. Foi quando ele nos abandonou.

Eu agarrei sua mão e segurei-a com força.

– Quantos anos você tinha?

– Nove – respondeu com voz tranquila. – Eu chamei a polícia.

Minha infância tinha sido muito diferente da sua, a idílica infância típica dos subúrbios de Connecticut. Eu não sabia direito o que falar. Se essa conversa fosse agora, eu reconheceria a dor tal

como era – tanto a sua como a dele. Diria que seu pai claramente sofreu muito, que ele estava combatendo os próprios demônios, que infelizmente passaram a pertencer também a você. E passaram, não foi? Você viveu parte tão grande da sua vida como uma resposta a seu pai, tentando não ser como ele, que acabou precisando lutar tanto contra os demônios dele quanto contra os seus.

Mas, naquele dia, eu não consegui processar rápido o bastante o que você me contava e quis apenas consolá-lo.

– Você fez o que devia ter feito – falei, depois de respirar fundo.

– Eu sei. – Você tinha um olhar duro. – Nunca serei como ele. Nunca vou magoar você assim. Nunca vou agir como se seus sonhos fossem descartáveis.

– Eu também. Nunca vou agir como se seus sonhos fossem descartáveis, Gabe – falei, descansando a cabeça em seu peito, beijando seu corpo por cima da camiseta, tentando demonstrar como minha admiração e minha paixão eram profundas.

– Eu sei que não – respondeu você, acariciando meu cabelo. – Esta é uma das muitas coisas que amo em você.

Eu me sentei para poder encará-lo.

– Eu amo você, Luce.

Foi a primeira vez que você me disse isso. A primeira vez que um homem me disse isso.

– Eu também amo você – respondi.

Espero que você se lembre desse dia. É algo que eu nunca esquecerei.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DAQUELE DIA em que dissemos *eu amo você*, tivemos a oportunidade de ficar sozinhos na minha casa. Decidimos comemorar andando seminus. Lá fora estava quente e abafado, o típico calor úmido de julho, que me dava vontade de passar o dia inteiro dentro de uma piscina. Mesmo com o ar-condicionado no máximo, ainda estava um pouco quente no apartamento. Ele era tão grande que talvez precisássemos de mais de um aparelho.

– Os avós de Kate eram gênios do ramo imobiliário – comentou você enquanto, seminus, fazíamos ovos mexidos. – Quando eles compraram isto aqui?

– Não faço ideia – respondi, botando pãozinhos na torradeira. – Antes de o pai dela nascer. Sei lá... nos anos 1940?

Você deu um assobio.

Sei que não ficávamos lá com frequência, mas, ainda assim, aposto que você se lembra do apartamento. Difícil esquecer. Os dois quartos e banheiros enormes, a copa que usávamos como biblioteca. E o pé-direito de quase quatro metros. Na época eu não ligava para esses detalhes, mas gostava do apartamento. Kate cursava direito, e o pai dela achava que era mais barato ela morar ali do que se ele tivesse que pagar um alojamento na Universidade de Nova York. Era conveniente para mim também.

– Nós visitamos a avó de Kate aqui quando estávamos no ensino médio – falei, enquanto tomávamos nosso café da manhã sentados no sofá, os pratos apoiados nos joelhos. – Ela foi guia no Metropolitan Museum of Art até ficar doente. Tinha estudado história da arte no Smith College, numa época em que era raro uma mulher pensar em fazer faculdade.

– Queria tê-la conhecido – disse você, depois de um gole de café.

– Você teria gostado muito dela.

Mastigávamos depressa, nossas coxas coladas e meu ombro roçando em seu braço. A gente não conseguia ficar no mesmo cômodo sem se tocar.

– Quando é que Kate volta? – perguntou você, depois de terminar seu prato.

Eu dei de ombros. Ela conhecera Tom fazia um mês e aquela noite era a segunda que passava na casa dele.

– Acho que a gente devia se vestir logo.

Senti seu olhar nos meus seios.

Você botou o prato no chão.

– Você não tem ideia do que faz comigo, Lucy.

Você me observou descansar o garfo.

– A manhã inteira nua. É como se estivesse numa de minhas fantasias.

Você levou a mão até a virilha e começou a se tocar lentamente sobre o tecido.

Eu nunca tinha visto você se tocar, nunca tinha visto o que você fazia sozinho. Não conseguia parar de olhar.

– Agora é a sua vez – disse você, abaixando a cueca.

Coloquei o prato no chão e estendi a mão na sua direção, já excitada.

Você balançou a cabeça e sorriu.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Ergui as sobrancelhas, compreendendo o que você queria. Desci os dedos pela barriga. Você também nunca vira eu me tocar. Mas aquela ideia me excitou. Fechei os olhos, pensando em você, pensando em como você me olhava, pensando em dividir essa experiência íntima contigo, e meu corpo estremeceu.

– Lucy – sussurrou você.

Meus olhos se abriram, trêmulos, e vi que você se tocava mais depressa.

Aquilo parecia mais íntimo que o sexo, nós dois nos tocando um de frente para o outro, algo que costuma ser tão particular. As linhas que separavam “você” de “mim” dissolviam-se cada vez mais em um “nós”.

Eu continuava a me tocar, enquanto você se recostava no sofá, despindo totalmente a cueca, o olhar grudado em mim o tempo todo. Nossas mãos se aceleraram. Nossa respiração ficou frenética. Você mordeu o lábio. Em seguida, percebi que você apertou a mão com mais força. Seus músculos se contraíram. Observei você gozando.

– Ah, meu Deus – gemeu você. – Ah, Lucy...

Movi os dedos mais depressa para te acompanhar, mas você segurou meu pulso.

– Posso? – perguntou você.

Eu estremei ao som de sua voz.

Concordei, e você se afastou um pouco para que eu me deitasse no sofá e você pudesse tirar a minha calcinha. Você se aproximou mais. Eu me contorci apenas pela expectativa.

– Tenho um segredo – disse você, quando colocou os dedos dentro de mim.

– Ah, é? – perguntei, arqueando-me para encostar na sua mão.

– Sim.

Você se estendeu ao meu lado, a boca encostada na minha.

– Toda vez que me toco, penso em você.

Um tremor percorreu o meu corpo.

– Eu também – sussurrei entre gemidos.

Gozei trinta segundos depois.

N AQUELES PRIMEIROS SEIS MESES, eu vivia aprendendo coisas novas sobre você – coisas que eu achava sedutoras, surpreendentes, cativantes.

Como naquele dia em que eu fui à sua casa depois do trabalho e você estava sentado de pernas cruzadas no chão, cercado de pilhas de pequenos retângulos de papel.

Deixei a bolsa na mesa da cozinha e fechei a porta.

– O que é isso?

– Minha mãe faz aniversário daqui a duas semanas, 19 de setembro – explicou você, erguendo os olhos dos papéis. – Já que não posso ir em casa este ano, eu queria bolar algo significativo para mandar para ela.

– Um mosaico de papel? – perguntei, me aproximando.

– De certo modo. São fotos de minha mãe comigo.

Você ergueu os retângulos para me mostrar. Olhei mais de perto e distingi você e sua mãe na formatura do colégio. Os dois de roupas de banho sentados na beira da piscina, com os pés dentro d'água. Você fazendo chifres na cabeça dela, na varanda da sua casa.

– Uau – falei.

– Passei o dia quase todo imprimindo isso aí, e agora estou arrumando pelas cores. Quero que fique parecendo um caleidoscópio.

Sentei no chão ao seu lado e você me deu um beijo rápido.

– Por que um caleidoscópio? – perguntei.

Peguei uma foto de vocês de costas um para o outro, os corpos colados, você um tiquinho mais alto do que ela. Vocês tinham o mesmo cabelo, louro e cacheado. Era difícil distinguir onde terminava o dela e começava o seu.

– Eu tinha catorze anos – esclareceu você, olhando a foto por cima do meu ombro.

– Você era gatinho... – falei. – Se eu tivesse te encontrado com catorze anos, eu teria uma queda por você.

Você sorriu e apertou minha perna.

– Não preciso nem ver uma foto sua, mas aposto que, quando eu tinha catorze, também ficaria a fim de você.

Agora foi minha vez de sorrir. Devolvi a foto.

– Mas por que um caleidoscópio? – perguntei de novo.

Você passou a mão na testa, afastando os cabelos dos olhos.

– Nunca contei essa história para ninguém – disse você em voz baixa.

Peguei mais algumas fotos. Vocês soprando as velas do bolo de aniversário de sua mãe. Vocês de mãos dadas diante de um restaurante mexicano.

– Não precisa me contar – falei.

Fiquei pensando se, até você ter nove anos, as fotos eram tiradas por seu pai. E quem as tirara depois.

– Eu sei – respondeu você. – Mas quero contar.

Você mudou de posição para me olhar de frente, joelho contra joelho.

– No ano seguinte à separação dos meus pais, estávamos com pouco dinheiro. Quando voltava do colégio, era mais comum eu encontrar minha mãe chorando que pintando. Quando chegou meu aniversário, tinha certeza de que, se fizéssemos qualquer comemoração, ela seria bem chinfrim. Eu disse à minha mãe que não queria nenhuma festa com meus amigos. Não queria que ela se preocupasse com gastos.

Mais uma vez, fiquei chocada pela diferença entre nossas infâncias. Nunca fiquei preocupada por meus pais não poderem bancar uma festa de aniversário.

– Mas mamãe... – continuou você. – Eu tinha um caleidoscópio que adorava. Ficava horas olhando, girando e girando o anel na ponta, observando as formas e as cores mudarem, concentrado nisso para não pensar na enorme tristeza de minha mãe. Para não pensar na minha própria tristeza por não ser capaz de fazê-la se sentir mais alegre, não pensar na raiva que sentia de meu pai.

Você não conseguia olhar para mim enquanto falava, toda a atenção concentrada em conseguir colocar as palavras para fora. Pousei a mão em seu joelho e dei um leve aperto. Você sorriu rapidamente.

– E então? – perguntei.

Você tomou fôlego.

– Ela transformou a casa inteira num caleidoscópio. Foi... foi incrível. Ela pendurou no teto pedaços de vidro colorido e ligou o ventilador bem fraco para que girassem. Foi fantástico!

Tentei imaginar aquilo, a casa transformada num caleidoscópio.

– Minha mãe e eu ficamos deitados ali no chão, olhando para os vidros coloridos. Apesar de eu me considerar maduro desde que fiz dez anos e passei a cuidar da minha mãe o melhor que conseguia, comecei a chorar. Ela me perguntou o que havia, e eu respondi que não sabia por que eu estava chorando, que estava feliz. “É a arte, meu anjo”, falou ela. E acho que, de certo modo, ela estava certa, era a arte; mas, por outro lado, não sei...

– Por que não?

Sem perceber, eu fazia círculos com o polegar em seu joelho.

– Hoje fico pensando se não foi de alívio. Eu chorava porque minha mãe estava se comportando de novo como minha mãe. Estava cuidando de mim. E, apesar da situação terrível em que estava, arrasada, ela ainda era capaz de criar beleza. Fico pensando se, para mim, aquela verdadeira obra de arte era uma garantia de que ela ficaria bem. De que a gente ficaria bem.

Você agora pôs a mão no meu joelho.

– Ela era forte – falei. – E amava você.

Você sorriu, como se pudesse sentir o amor dela bem naquele momento, naquela sala.

– Minha mãe e eu continuamos ali, deitados, ambos chorando, e não pude deixar de pensar em meu pai. Se ele estivesse ali, não teríamos feito aquilo. Eu te disse, viver com ele... era imprevisível. Era como eu imaginava que devia ser viver em Londres durante a Segunda Guerra Mundial, sabendo que a qualquer momento as sirenes iriam soar e os aviões iriam jogar bombas, mas não teríamos ideia de onde cairiam. “A gente está melhor sem ele”, sussurrei para minha mãe, e ela respondeu: “Eu sei.” Eu só tinha dez anos, mas me senti adulto quando disse aquilo.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas quando você acabou de falar. Imaginei você com dez anos, deitado no chão com sua mãe, pensando em seu pai, sentindo-se adulto, sentindo-se amado, cercado pela arte que ela criara só para você.

– É por isso que quero fazer algo especial para o aniversário dela, já que não vou estar lá – continuou você. – Algo que tenha significado. Que mostre o quanto a amo. O quanto sempre a amarei, não importa a distância. A ideia do mosaico me veio de repente esta manhã.

Estreitei os olhos para estudar as fotos minúsculas.

– Acho perfeito!

O apartamento estava carregado de emoção depois de tudo que você contara, depois de você ter

compartilhado aquilo, de ter revelado aquele seu lado mais frágil. Inclinei-me para te dar um abraço, que se transformou em um beijo. Nossos lábios se tocaram de modo breve, depois de maneira mais insistente.

- Obrigado por te me contado – falei com delicadeza.

Você me beijou de novo.

- Obrigado por ser alguém a quem tive vontade de contar.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, você começou a colar o caleidoscópio. Pareceu tão feliz naquele momento, tão contente, que larguei o computador e peguei sua câmera. Foi a única foto que tirei de você. Será que você ainda a guarda?

EMBORA ME SENTISSE À VONTADE quando estávamos sozinhos e nossa relação fosse muito íntima, levei certo tempo para me acostumar a ir a festas com você. Parecia sempre que eu ia flutuando atrás, na sua esteira. Era como se você tivesse um feitiço que atraísse a atenção das pessoas para você, seu rosto e suas histórias. Nosso mundo a dois virava um mundo só, que pertencia a você, e em seguida esse mundo se ampliava até virar um mundo múltiplo, em que eu não era tão importante quanto antes. No meio da festa, eu escapulia para pegar uma bebida ou encontrar alguém para conversar.

De vez em quando, eu lançava um olhar na sua direção e te via comandando o espetáculo. Finalmente você vinha me encontrar, bêbado e esgotado. Era como se controlar aquele charme esgotasse toda a sua energia. Quando ficávamos sozinhos, você conseguia recarregar a bateria, e então saíamos a campo e nos misturávamos de novo. Nesses momentos, você me fazia sentir que eu era especial, por ser quem você escolhia para recarregar sua energia.

O melhor exemplo de quem era Gabe na versão festeira apareceu naquela noite em que fomos ao aniversário de Gideon, no apartamento dos pais dele, na Park Avenue. Havia aquela biblioteca vetusta na qual não devíamos entrar, pelo menos com bebida na mão. Gideon temia que a gente, com o equilíbrio instável pela ingestão excessiva de drinques, danificasse uma primeira edição de Hemingway ou um Nabokov com dedicatória. E, pela maneira como o pessoal estava bebendo, ele não deixava de ter razão.

Eu estava conversando com a namorada de Gideon, que trabalhava com publicidade. Queria saber como era a vida que eu um dia pensara em adotar. Comparávamos métodos de contar histórias quando virei a cabeça para verificar onde você estava – e você tinha sumido. Imaginei que tivesse ido ao banheiro, ou pegar mais bebida, mas se passaram cinco minutos, depois dez minutos, vinte minutos sem que você voltasse.

– Sinto muito – falei para ela quando percebi que estava desconcentrada demais para continuar a conversa. – Parece que perdi meu namorado.

Ela riu.

– Imagino que isso aconteça muitas vezes.

Continuei séria.

– Como assim? – perguntei.

Ela deu de ombros, como se pedisse desculpa, percebendo que havia cometido uma gafe.

– Só quis dizer que ele é charmoso. Imagino que as pessoas gostem de conversar com ele.

– Bem, não posso falar em nome de todo mundo, mas eu certamente gosto.

Ela estava certa. Era esse o seu encanto mágico. Todo mundo adorava conversar contigo. Você fazia as pessoas se sentirem ouvidas, sentirem que alguém ligava para o que elas diziam. Sempre achei que isso explicava, em parte, por que pessoas que se negavam a ser fotografadas deixavam que você tirasse retrato delas. Com você, elas se sentiam visíveis. Você fazia com que *eu* me sentisse visível.

Fiquei vagando pelo apartamento sem encontrar você em lugar algum, até que ouvi sua voz saindo da biblioteca proibida. Botei a cabeça na abertura da porta e vi que você estava falando com uma mulher que eu não conhecia. Ela tinha um cabelo ruivo encaracolado como uma juba de leão em torno de um rosto delicado de gato. Senti um frio no estômago quando vi você recostado na estante, absorto em algo que ela te contava.

– Aí está você! – exclamei.

Você ergueu os olhos, sem culpa alguma no rosto, apenas um sorriso, como se esperasse que eu me juntasse a vocês e estivesse atrasada.

– Eu? – respondeu você. – Aí está *você*! Rachel estava me contando sobre o restaurante onde ela é hostess. Ela disse que pode nos conseguir um desconto no menu degustação.

Eu olhei para Rachel, que claramente não havia ficado tão feliz quanto você em me ver. Ela sucumbira ao seu feitiço.

– Ah, é muita gentileza – agradei.

Rachel deu um meio sorriso.

– Foi um prazer, Gabe – disse ela.

Rachel levantou o copo vazio.

– Vou ao bar recarregar a dose. Mas você tem meu número... para fazer as reservas.

– Mais uma vez, obrigado – disse você, seu sorriso reluzindo para ela e não para mim.

Em seguida ela saiu.

Eu não sabia exatamente o que dizer. Não flagrara você fazendo nada além de conversar com alguém sobre desconto em um restaurante. Mas por que você estava na biblioteca com ela? Por que não viera *me* procurar?

– O que você estava fazendo aqui? – perguntei, mantendo a voz suave.

Você atravessou o cômodo e, com um sorriso, fechou a porta.

– Procurando um lugar onde pudéssemos fazer isto.

Então me agarrou pelos pulsos e os segurou acima de minha cabeça, empurrando-me na estante e me beijando com força.

– Vamos transar nesta biblioteca – disse você – enquanto a festa continua. E não vou trancar a porta.

– Mas...

Você me beijou de novo e eu parei de protestar. Não ligava mais para ter encontrado você com Rachel na biblioteca. Só ligava para seus dedos se enfiando na minha meia-calça e o barulho de você abrindo seu zíper.

Eu não toleraria agora, e não deveria ter tolerado então, que você me acalmasse com um beijo e eliminasse minha ansiedade com um orgasmo. Eu deveria ter colocado você contra a parede. Deveria ter cobrado explicações sobre seu flerte com outra, quando deveria ter ido atrás de mim. Mas você era como uma droga. Quando eu estava inebriada de você, nada mais importava.

– Shh – sussurrou você, levantando a minha saia.

Não que eu estivesse fazendo barulho.

Quando gozei, mordi o lábio com tanta força para não gritar que depois, ao te beijar, deixei uma mancha de sangue em nossas bocas.

Eu amava muito você – e não duvidava do seu amor por mim. Mas não conseguia esquecer Stephanie, e lá no fundo eu temia que aquilo acontecesse de novo, que você me deixasse novamente por ela ou por alguém como Rachel. Ou por milhões de outras mulheres com quem você topava no metrô, na Starbucks ou no supermercado. A gangorra de nossa relação nem sempre era equilibrada. Geralmente estávamos no mesmo nível, iguais, mas de vez em quando eu ficava lá embaixo, tentando voltar para cima, com medo de que você pulasse para ficar com outra e eu nunca mais recuperasse o equilíbrio. Mas acho que, mesmo se eu tivesse dito algo na biblioteca, não teria mudado nada.

Porque não era com outra mulher que eu devia me preocupar.

ESSAS DÚVIDAS, CONTUDO, raramente surgiam. Havia tantas outras coisas na nossa relação, tanto que se encaixava à perfeição... A gente se importava com as paixões um do outro, com as carreiras que sonhávamos ter um dia. Você assistia a todos os episódios de *É preciso uma galáxia*, o programa no qual eu estava trabalhando na época. Dava suas opiniões sobre como os diferentes alienígenas representavam situações sociais para a garotada. Você parecia tão dedicado que comecei a perguntar o que você achava antes de os episódios entrarem em produção.

Na época eu não tinha nenhum poder real no trabalho. Ainda não. Eu avaliava os roteiros e os storyboards e dava um retorno ao meu chefe. É provável que eu levasse essa responsabilidade mais a sério do que era necessário. Quando eu trazia os roteiros para casa, você fazia uma leitura dramática comigo e depois discutíamos. Você sempre pedia para ler a parte do Galacto, o baixinho que parecia um sapo. Meu favorito era a Electra, que era de um roxo escuro, com antenas brilhantes. De certo modo, parece perfeito que tenha sido a leitura de um desses roteiros que ajudou você a me contar seus sonhos. O show deve ajudar as crianças a comunicar o que sentem, mas acho que também funciona com os adultos. Eu lembro sobre qual episódio estávamos falando quando tivemos aquela conversa. Foi no início de novembro, e havíamos completado mais ou menos um terço da nova temporada.

Galacto está sentado no quintal com a cabeça entre as mãos.

Entra Electra.

ELECTRA: *O que aconteceu, Galacto? Você parece triste.*

GALACTO: *Meu pai quer que eu jogue no time de starball, mas detesto starball!*

ELECTRA: *Ele sabe?*

GALACTO: *Tenho medo de contar para ele. E se ele não quiser mais ser meu pai porque eu não gosto de starball tanto quanto ele?*

ELECTRA: *Meu pai gosta de starball, mas eu não, por isso a gente faz outras coisas juntos. E se você fizer uma lista do que você e seu pai gostam?*

GALACTO: *Acha que vai dar certo? Assim, eu não vou mais precisar jogar starball?*

ELECTRA: *Acho que vale a pena tentar.*

GALACTO: *Eu também!*

– Você acha que a Electra é quem deve gostar de starball, e não o pai dela? – perguntei, quando acabamos a leitura. – Sabe, trocar um pouco o estereótipo dos gêneros... Talvez eu deva fazer essa sugestão.

– Acho uma ótima ideia.

Você olhou para mim um pouco mais do que de costume.

Nesse momento senti que você não apenas amava minha ideia, mas todos os aspectos de quem eu era.

Fiz algumas notas na minha cópia do roteiro, em seguida reli a cena em silêncio.

– Você acha que a Electra deve mencionar algumas das coisas que ela e o pai gostam de fazer

juntos? Acha que vai fortalecer o diálogo?

Dessa vez você não respondeu à pergunta, por isso eu me virei para te olhar. Você estava concentrado em um pombo que arrulhava na escada de incêndio.

– Tenho medo de me transformar nele – falou.

Larguei o roteiro.

– Transformar-se em quem? – perguntei.

É estranho, mas imaginei que você se referisse ao pombo.

Você passou a mão na barba malfeita no queixo.

– No meu pai. Tenho medo de ter sonhos e nunca os realizar, como ele. De isso me deixar zangado, magoado e acabado, e por isso começar a ferir todo mundo à minha volta.

– Quais são seus sonhos? Sonhos novos?

– Você sabe quem é Steve McCurry?

Balancei a cabeça. Então você pegou meu laptop no chão, digitou algumas palavras e virou a tela para mim. Me deparei com uma garota na capa da *National Geographic*. Tinha um lenço na cabeça e olhos verdes deslumbrantes. E uma expressão atormentada, como se ela fosse perseguida.

– Esta foto é dele – explicou você. – Vimos umas imagens dele na aula de fotografia e aquilo bateu em mim. Na alma, no coração, onde quer que a gente sinta mais profundamente. É isso o que eu quero fazer. É isso que *preciso* fazer. – Havia um brilho em seu olhar que eu nunca tinha visto antes. – Percebi que, se eu quiser fazer diferença, diferença mesmo, como você está tentando fazer com este programa, tenho que sair de Nova York. Minha câmera e eu podemos fazer muito mais em outro lugar.

– Sair de Nova York? – repeti como um eco.

De tudo que você disse, foram essas as únicas palavras que se fixaram na minha cabeça, brilhando como um aviso em neon, apontando para a sala de emergência.

– O que você quer dizer? E a gente?

Por um instante, a expressão radiante sumiu do seu rosto. Percebi que você não esperava que eu fosse reagir daquela maneira. Mas, afinal, que reação *esperava*?

– Eu... eu não estava pensando na gente... É meu sonho, Lucy – disse você, com um tom suplicante. – Descobri qual é o meu sonho. Você não consegue ficar feliz por mim?

– Como posso ficar feliz com um sonho que não me inclui? – perguntei.

– E não *exclui* você.

Lembrei-me daquilo que você me contara sobre seus pais meses atrás no parque. Tentei desligar o aviso de neon e ignorar o efeito que a palavra *sair* teria sobre meu universo, ignorar a pergunta que você acabara de deixar sem resposta.

– Você descobriu qual é o seu sonho – repeti. – Não é um sonho descartável.

Vi que seus olhos se enchiam de lágrimas.

– Quero fazer com que todo mundo compreenda que as pessoas têm os mesmos tipos de sonhos em todos os lugares, que não somos tão diferentes. Se eu puder fazer isso, se conseguir criar uma conexão...

Você balançou a cabeça. Não conseguia encontrar as palavras certas.

– Mas preciso fotografar mais, fazer mais alguns cursos. Preciso aprender o máximo que eu puder antes de partir.

Então, havia tempo. Tínhamos tempo. E talvez nosso relacionamento funcionasse como o seu com sua mãe – você poderia me amar a distância depois de partir, e voltar quando terminasse um trabalho. Não parecia algo terrível. Podia dar certo.

Segurei sua mão.

– Você vai aprender – afirmei. – Se é isso que você quer, você vai.

Nós nos abraçamos no sofá, sentindo nossas respirações, absortos nos próprios pensamentos.

– Posso te dizer uma coisa? – perguntei.

Percebi que você assentia.

– Tenho medo de um dia ficar parecida com a minha mãe.

Você virou para me encarar.

– Mas você ama a sua mãe...

Você tinha razão. Amava. Amo ainda.

– Você sabia que ela e meu pai se conheceram na faculdade de direito? – perguntei. – Já te contei isso?

Você negou.

– Ela é advogada?

– Era – respondi, enfiando a cabeça sob seu rosto. – Ela trabalhava na promotoria de Manhattan antes de eu e Jason nascermos, mas quando ela teve Jay, largou o trabalho. Durante o resto da vida, passou a ser definida por suas relações com os outros: a mulher de Don, ou a mãe de Jason e Lucy. Isso acontece com muitas mulheres. Não quero que aconteça comigo.

Você me olhou bem nos olhos.

– Não precisa acontecer com você, Lucy. Você é apaixonada, sabe o que quer, trabalha mais do que as outras pessoas – disse você, beijando-me.

Retribuí o beijo, mas pensava que minha mãe devia ser assim também, e isso não fez diferença. Seu caminho saiu dos trilhos do mesmo modo. Será que foi o que ela quis?

ÀS VEZES, TOMAMOS DECISÕES que achamos corretas, só que, mais tarde, percebemos que eram erros óbvios. Há, porém, algumas escolhas que continuam acertadas mesmo à luz do tempo. A despeito de todo mundo ter me desencorajado, mesmo agora, sabendo o que aconteceu depois, fico feliz por ter me mudado para sua casa em meio à neve daquele dia de janeiro.

– Ele disse que quer ir embora – argumentou Kate.

Estávamos sentadas nas cadeiras estofadas da copa, com canecas de café à nossa frente.

– Mas não tem nada marcado – respondi. – Ele ainda não tem emprego. Pode levar muito tempo até arranjar alguma coisa. E, mesmo se conseguir, quem sabe quanto tempo vai durar? Ele pode ficar fora por pouco tempo e depois voltar.

Kate me lançou o olhar com o qual, imagino, ela hoje deve fulminar seus sócios no escritório de advocacia, um olhar que diz, sem que ela precise abrir a boca: *Você está ouvindo o que está dizendo? Espera que alguém acredite nisso?*

– Mesmo se ele conseguir um emprego no mês que vem – falei –, mesmo se ele ficar fora por anos, quero passar o máximo de tempo com ele antes que vá. Afinal, o mundo pode acabar amanhã. Ou posso ser atropelada por um caminhão e morrer daqui a uma semana. Quero viver como se cada dia fosse o último.

– Lu...

Ela correu os dedos pelas contas do colar de prata da Tiffany que Tom lhe dera e que ela passara a usar todo dia.

– A conclusão lógica de viver cada dia como se fosse o último – prosseguiu ela – é que não dá para fazer planos para o futuro. Esse é o problema. E a probabilidade de o mundo acabar amanhã ou você ser atropelada por um caminhão é incrivelmente pequena. Já a chance de Gabe arranjar um emprego no exterior e, com isso, partir seu coração é incrivelmente grande. Estou apenas tentando ajudar você a calcular os riscos. Você corre menos risco ficando aqui.

Era chato ficar defendendo minha opção para todo mundo. Na noite anterior eu tivera uma conversa parecida com minha mãe. E, alguns dias antes, com meu irmão, Jason. Alexis aprovava minha decisão, mas até eu sabia que, de todos os meus amigos, o juízo dela era o mais questionável. Eu perdera a conta dos homens com quem ela havia dormido por causa de seu lema: “Afinal, por que não?”

– A verdade, Kate, é que já estou enfiada até o pescoço nisso, morando com Gabe ou não. Então é melhor aproveitar enquanto ele está aqui.

Kate ficou calada por um instante, em seguida se inclinou e me deu um abraço.

– Ah, Lu... Eu amo você, haja o que houver, mas cuide do seu coração. Tenho um mau pressentimento sobre essa história.

Kate tinha razão, é claro. Mas, àquela altura, não havia nada que eu pudesse fazer para alterar nosso destino – o seu, o meu, o nosso. Eu assumo a responsabilidade pela decisão. Até hoje assumo. Nunca me senti tão viva quanto nos cinco meses que moramos juntos. Você mudou minha vida, Gabe. Fico feliz pela escolha que fiz. Livre-arbítrio, apesar do destino que nos esperava.

LOGO QUE FOMOS MORAR JUNTO, você se matriculou num curso de fotografia. Sua tarefa era captar diversas sensações ou conceitos com a câmera. Durante uma semana, deveria “retratar a beleza”. Você tirou de letra, sem problema. Depois teve que “retratar o sofrimento”. Lembro que teve que retratar a felicidade, a decadência, o renascer. Não lembro em que ordem, mas recordo você cruzando Manhattan com a câmera, de chapéu e embrulhado num cachecol. Algumas vezes, eu ia atrás de você, com o casaco fechado até o pescoço e usando meus protetores de orelhas mais quentes. Muitas fotos de mim acabaram sendo usadas em seus trabalhos, como uma em que eu estava dormindo, com os cabelos escuros emaranhados contra a franha branca. Serenidade, se não me engano. Acho que ainda guardo essa foto, emoldurada, embrulhada em papel pardo, dentro de uma caixa, embaixo da minha cama. Quando fui morar com Darren, não tive coragem de me livrar dela. Nem mesmo quando eu e ele nos casamos. Talvez eu deva desembulhá-la agora e finalmente pendurá-la na sala. O que você acharia?

Naquele dia, sua missão era retratar o sofrimento.

– Sei aonde precisamos ir – disse você na manhã de sábado enquanto checava se a bateria da câmera estava carregada. – Às Torres Gêmeas.

Balancei a cabeça enquanto dava a última mordida num waffle. Sua mãe tinha mandado uma máquina de fazer waffles, lembra? Ela comprou numa liquidação e tínhamos feito um pacto de usá-la o máximo possível. Você ainda a tem? Será que você guarda recordações, como eu? Lembranças da nossa vida em comum? Ou se esqueceu de nós enquanto viajava e foi jogando as recordações fora, junto a caixas de fósforos e canecas de café? Ainda penso naquela máquina de waffle. Era boa.

– Vai você – respondi. – Eu não vou.

– Tem a ver com sofrimento – argumentou você. – Para o curso.

Balancei a cabeça de novo, raspando o garfo no prato para aproveitar o restinho de mel.

– O curso é seu, não meu.

– Não entendo – disse você. – Por que não quer ir?

Senti um calafrio.

– Eu apenas... não preciso ver aquilo.

– Precisa, sim! A gente precisa se lembrar... das pessoas, daqueles que morreram, dos sobreviventes, do motivo por que aquilo aconteceu. De tudo isso. Não podemos esquecer.

– Não preciso ver os destroços para lembrar – respondi. – Aquele dia faz parte de mim. Sempre vai fazer.

– Então, para demonstrar seus sentimentos – insistiu você. – É como visitar uma sepultura.

Pousei o garfo na mesa.

– Você acha mesmo que a única maneira de prestar homenagem a algo ou alguém é visitar o lugar onde aquilo aconteceu? O lugar em que estão enterrados? Você não está falando sério.

Você ficou aborrecido, mas tentou não demonstrar.

– Não. Não é isso – respondeu. – Acho apenas que não temos feito o suficiente. Para lembrar. Para compreender.

Mordi o lábio.

– Nós? – perguntei.

– Todos nós. – Você cerrou os punhos com força. – Como todo mundo pode ficar andando por aí como se estivesse tudo normal, quando os Estados Unidos estão em guerra contra o Iraque? Quando explodem bombas em hotéis na Indonésia? Depois que todos aqui em Nova York assistiram ao que houve? Como é possível não sentirem o que eu sinto? Por que não participam mais?

Sua voz falhou na última palavra e percebi o quanto era difícil controlar sua emoção.

Contudo, você tinha razão. A maioria das pessoas não sentia como você sentia. Eu não sentia. Pelo menos não o tempo todo, todos os minutos. Aquilo não dominava minha cabeça, meu coração, como dominava o seu.

– Talvez eles não precisem sofrer o tempo todo para lembrar o que aconteceu. Só porque não agem como você, não quer dizer que não façam nada. Não querer ir ao Marco Zero não significa que eu não me importe.

Não esperei pela sua resposta. Fui para a cozinha, levando os pratos, sujos de xarope de bordo. A louça era sua, os talheres, meus – a cozinha era uma mistura de nós dois.

Abri a torneira e comecei a lavar os pratos, incapaz de conter as lágrimas que escorriam pelo rosto. Eu soube naquele momento, soube de fato, no fundo do meu coração, que em breve você iria me deixar. Seu sonho não era para o futuro, mas para agora. Você nunca seria feliz em Nova York. Nunca seria feliz só comigo. Precisava encarar sua decepção com o mundo, elaborá-la para um dia, talvez, se sentir satisfeito. Naquela época eu já sabia disso. Minha única esperança era que você quisesse voltar.

Você se aproximou tão silencioso que só percebi quando ouvi o clique da câmera. Levantei a cabeça e você me pegou com os olhos cheios d'água, no momento em que uma lágrima escorria.

– Gabe – falei, secando o rosto com o antebraço.

Não acreditava que você estivesse tirando minha foto naquele momento, transformando nossa discussão em arte.

– Eu sei.

Você colocou a câmera na bancada.

Você beijou minha testa, depois as pálpebras, o nariz e, por fim, os lábios.

– Me desculpe. Eu sei que você se importa. Eu amo você, Lucy.

Larguei os pratos e abracei você, molhando sua camiseta com as mãos cheias de sabão.

– Eu também, Gabe. Também amo você.

Você foi ao terreno do World Trade Center sem mim naquele dia e tirou dezenas e dezenas de fotos. Como eu sabia o quanto aquilo importava para você, concordei em te ajudar a escolher a melhor, apesar da impressão persistente de sentir o cheiro acre de queimado que tomou conta da cidade em 12 de setembro de 2001. Você acabou não escolhendo nenhuma delas. A foto que você entregou para ilustrar o sofrimento foi a minha, lavando pratos com os olhos cheios d'água. Nunca gostei daquela foto.

Você gostaria se eu tirasse uma foto sua agora?

DEPOIS DAQUELA HISTÓRIA do caleidoscópio de aniversário, compreendi a necessidade que você tinha dos grandes gestos, das grandes comemorações elaboradas e emotivas. E eu me comportei à altura. No final de fevereiro daquele ano, no dia do seu aniversário, passeamos de helicóptero e depois fomos comer os vinte pratos do menu degustação daquele restaurante ao lado do Parm. Agora não consigo lembrar o nome, mas você sabe qual é. Depois de onze pratos, eu estava tão cheia que você acabou comendo dois dos meus. Você comeu vinte e dois pratos, e eu, dezoito, o que ainda assim foi um exagero. Durante o resto da semana, eu me senti como uma cobra que tinha engolido um crocodilo. Mas você ficou contente. Disse que seu aniversário havia sido comemorado de verdade. Especialmente depois que eu chupei você na viagem de táxi para casa.

Na véspera do meu aniversário daquele ano, você me mandou flores no trabalho. Uma dúzia de copos-de-leite. Ainda guardo, junto à foto embrulhada da “serenidade”, o bilhete que as acompanhava. *Copos-de-leite para a minha garota iluminada pela Via Láctea. Feliz aniversário. Mal posso esperar até hoje à noite. Amo você! Gabe*

Ao chegar em casa encontrei uma grande caixa em cima da cama.

– Abra – disse você, com o rosto tomado por um sorriso enorme.

Dentro havia uma roupa da minha loja favorita naquela época – BCBG –, onde eu só comprava quando davam descontos de setenta por cento. Havia uma camiseta sem mangas de seda turquesa, bem decotada em V, na frente e atrás. E uma saia preta, apertada e curta.

– Achei que iam cair muito bem em você. Perfeito para assistir ao balé *Apollo*. Depois pensei em voltarmos ao Faces & Names. Você vai ser a garota mais sexy do lugar.

Apertei seu corpo num abraço de gratidão. O presente tinha sido tão estudado, cada detalhe pensado especialmente para mim... Imaginei você folheando a *Time Out New York* em busca do cenário perfeito para um programa noturno, entrando na BCBG, meio deslocado, pegando na seda e no cetim, imaginando como cairiam no meu corpo, escolhendo uma cor que me fizesse brilhar.

– Eu tenho tanta sorte! – exclamei. – Na verdade, sou a garota mais feliz do mundo por estar com você.

– Acho que você inverteu a coisa – respondeu você. – Eu é que tenho sorte. Queria fazer mais para mostrar como é incrível estar exatamente aqui, agora, com você.

– Bem – comecei, agarrando seu cinto e puxando você para mim –, posso sugerir algumas coisas para você me provar o que fala.

Nem chegamos à cama naquele dia. Ficamos com as marcas do tapete em nossos corpos como prova, e permanecemos deitados lado a lado, com as roupas espalhadas pelo chão.

– Já imaginava que amar alguém fosse assim? – perguntou você.

Aconcheguei meu corpo junto ao seu. Você passou os braços em torno dos meus ombros.

– Nunca. Nem nos meus melhores sonhos – respondi.

– É como se você fosse minha estrela-guia, meu sol. Sua luz, sua atração gravitacional... Não consigo nem saber direito o que você representa para mim.

– Acho que somos uma estrela binária – comentei, acariciando sua coxa.

Não conseguia manter as mãos longe de você. Autocontrole zero.

– Nós orbitamos em volta um do outro.

– Meu Deus, Lucy – disse você. – Você é tão inteligente quanto bonita.

Você ergueu a cabeça, apoiou-a no braço dobrado e me encarou.

– Você acredita em carma? – perguntou.

– No carma hindu? Ou, tipo, se eu pegar o táxi na frente de alguém, o destino reserva para mim o mesmo castigo?

Você sorriu.

– Com certeza existe um carma dos táxis nesta cidade, mas não é bem disso que estou falando. Nem do carma hinduísta. Acho que não é carma, na verdade. É mais tipo: você acha que nos amamos assim, tanto, com tanta força, porque meu pai era um idiota? Será uma compensação por ter passado por tudo aquilo? – perguntou você, indicando com um gesto nossos corpos nus. – Ou será que, por usufruir disto agora, vou ter que sofrer depois? Será que cada um de nós só recebe do mundo uma quantidade limitada de coisas boas?

Eu me sentei e balancei a cabeça.

– Não acho que o mundo funciona assim – respondi. – Acho que a vida é a vida. Enfrentamos certas situações e fazemos escolhas, e as coisas acontecem como acontecem. Aproveitando a maré alta, no momento propício. É aquela velha questão. Da aula do Kramer.

Você ficou calado.

– Mas sabe o que eu acho? – prossegui, para preencher o silêncio. – Prefiro pensar que *seja* carma. O carma dos hindus. Talvez em alguma vida passada eu tenha feito algo muito bom para alguém e, como recompensa, fui contemplada com você nesta vida. Gosto mais desse tipo de carma que da sua ideia de uma quantidade finita de coisas boas, entende? Gosto muito mais.

Você sorriu de novo, mas dessa vez com certa amargura. Dava para perceber que não acreditava no que eu dizia.

– Também gosto dessa ideia – disse você. – Eu só... temo que a gente não possa usufruir de tudo isso. Nem todas as partes da vida podem ser esta maravilha.

– Acho que podem – falei depois de um tempo. – Talvez nem tudo de uma só vez. Mas acho que, no final, as pessoas podem colher da vida tudo que quiserem.

Acredito mesmo, Gabe. Ainda acredito.

– Espero que você tenha razão – disse você.

Nunca mais falamos disso. Contudo, sentia que você continuou achando impossível alguém receber só coisas boas. Eu gostaria de ter sido capaz de fazer você mudar de opinião. Eu achava que, no fundo, você estava afirmando sua crença na necessidade de se sacrificar. Este amor por aquele outro amor. Esta felicidade por aquela outra felicidade. Essa crença moldava as escolhas que você fazia, consciente ou inconscientemente. Era parte daquilo que indicava o caminho que você percorria, o caminho que nos trouxe até aqui.

Mas eu gostaria realmente de acreditar que isso não é verdade. Que você poderia ter um pai e uma namorada que amavam você. Uma carreira recompensadora e uma vida particular também feliz. Mas talvez você dissesse que em compensação teria uma saúde ruim. Ou problemas financeiros. Ou sabe lá Deus o quê.

Você mudou sua maneira de pensar, Gabe?

Quem dera você pudesse me responder.

LOGO DEPOIS DO MEU ANIVERSÁRIO, você se matriculou no curso do Pete. Sempre me perguntei quanto tempo você se manteve em contato com ele depois que saiu de Nova York. Sei que ele era muito importante para você. Era evidente. Foi ele quem fez sua carreira deslanchar. Eu imaginava se você havia finalmente encontrado nele o apoio e a orientação que queria ter recebido de seu pai. Nunca vi você tão feliz como quando frequentava as aulas do Pete, que ainda ajudava a vender suas fotos para o *Village Voice*. Até acreditei por algum tempo que talvez eu tivesse me enganado. Que talvez você tivesse se enganado. Que talvez você *pudesse* ser feliz em Nova York.

Você também estava cuidando do jantar na época, porque eu fazia questão de ficar no escritório até Phil sair. E ele estava saindo cada vez mais tarde, trabalhando em uma porção de ideias para a nova temporada de *É preciso uma galáxia*. Você se lembra da noite em que cheguei mais tarde do que nunca, quase às nove, e você tinha feito macarrão com um molho *pesto* preparado por você mesmo? Havia uma garrafa de vinho aberta e você já estava com uma taça. Quando entrei, você estava sentado à mesa. Ella Fitzgerald cantava na caixa de som conectada ao notebook.

– Ah, boa noite – disse você.

Seu beijo tinha gosto de Malbec.

– Você está animado esta noite – respondi, me livrando da jaqueta jeans.

– Adivinhe de quem é a foto que vai sair no *New York Times*? – perguntou você.

Dei um grito de surpresa.

– Sua?

– Minha – respondeu você, parecendo nas nuvens. – Pete me pôs em contato com as pessoas certas e vão publicar aquela que tirei aqui na rua quando o cano d'água arrebentou e abriu um buraco. É para uma reportagem sobre o colapso da infraestrutura da cidade.

Larguei minhas sacolas no chão e fui te abraçar.

– Parabéns para meu talentoso e brilhante namorado.

Você me ergueu no ar e me jogou no sofá, e eu pensei que talvez, apenas talvez, aquilo pudesse funcionar por muito tempo. Talvez você acabasse não indo embora.

Jantamos seminus naquela noite e depois contei as minhas novidades. Phil me pedira para bolar algumas ideias para a temporada seguinte.

– Até que enfim vou ter oportunidade de realmente influenciar o que as crianças do país veem e como elas aprendem – falei.

Naquela noite, você ficou acordado comigo até tarde, enquanto eu disparava ideias na cama. Você me deu um apoio incrível. Mas não fiquei satisfeita com a lista que eu fizera. Pelo canto do olho, vi sua câmera.

– Hum. – Indiquei a câmera. – Será que tem alguma boa ideia nela? O que tem no cartão de memória?

Você levou a câmera para a cama e olhamos suas fotos de novo, uma a uma, até que eu pedisse a você para parar. Era a foto de uma menininha num apartamento no primeiro andar, agarrando as barras da grade da janela.

– Qual você acha que é a história dela? – perguntei.

– Solidão – respondeu você. – Os pais a deixaram sozinha para ir trabalhar? Uma sonhadora que anseia por alguma outra coisa?

– Sonhos! A gente devia fazer um episódio sobre os sonhos.

Foi o primeiro episódio da nossa segunda temporada.

E fui promovida no início do trimestre seguinte. Mas você havia partido antes de essas duas coisas acontecerem.

POUCO TEMPO DEPOIS QUE SUA FOTO foi publicada no *New York Times*, *É preciso uma galáxia* concorreu a um Emmy para programação diurna. Fui convidada para a cerimônia, com direito a um acompanhante.

Fui experimentar vestidos na Bloomingdale's e arrastei você comigo – embora *arrastar* não seja a palavra exata, porque você gostou. Lembra? Você ficou sentado num sofá perto dos provadores na qualidade de único espectador de um desfile particular. Primeiro eu saí num vestido sem alça rendado, colado no corpo e aberto na perna direita.

– Sexy – comentou você. – Muito gostosa.

– Não é bem o que estou buscando, pelo menos para o trabalho.

Em seguida, experimentei um vestido rosa de festa.

– Fofo – comentou você. – Parece a Cinderela.

Também não era o que eu buscava.

Coloquei um vestido azul-marinho, todo cheio de ângulos e curvas.

– Bem sério. Bonito e forte.

Podia ver que as demais mulheres na loja nos observavam. As mais velhas, com ternura. Algumas mais jovens, com inveja. Quando percebi os olhares, tentei controlar meu sorriso, reprimir a sensação profunda que me dizia: *Tudo está perfeito no mundo*. Naquele dia, parecia que nosso destino era ser felizes juntos.

Experimentei mais alguns vestidos até escolher um de cetim vermelho, cavado nas costas, apertado em cima e largo embaixo, de modo que balançava quando eu andava. Lembra o que você disse? Eu lembro. Neste exato momento sou capaz de ver você falando, com um olhar ardente percorrendo meu corpo de cima a baixo.

– Esse é deslumbrante. Você está deslumbrante.

Você se levantou do sofá, pegou minha mão e me fez girar no meio da seção chique da Bloomingdale's. Depois me inclinou para trás e me beijou.

– É este aí – sussurrou enquanto eu me endireitava. – Compre o mais rápido possível. Será que aqui tem algum banheiro para onde podemos fugir? Ou vamos pegar um táxi para casa?

Eu ri.

– Táxi – respondi, também com um sussurro, enquanto você me ajudava a abrir o zíper.

AO CHEGAR EM CASA NAQUELE DIA, você me pegou no colo, junto com as sacolas, e subiu correndo os dois lances de escada até nosso apartamento, procurando a chave com uma das mãos enquanto eu me agarrava às gargalhadas ao seu pescoço.

– O que está fazendo? – perguntei. – Você pirou.

– Não dava para esperar nem mais um pouco – disse você, empurrando a porta e me jogando na cama.

Você largou as sacolas no sofá e então voltou, já arrancando a camisa.

– Ver você naqueles vestidos, saber que estava nua naquela cabine... Que tortura.

Tirei também a camiseta e abri o sutiã. Quando deslizei o sutiã pelos meus ombros, você deu um gemido.

– Luce. Lucy.

Você também subiu na cama e num instante seus lábios e seus dedos estavam em todo canto, e eu também gemia, contorcendo meu corpo. Depois você estava dentro de mim e eu me senti completa, como sempre sentia quando você me penetrava.

– Gabriel – falei, com a respiração entrecortada. – Você faz com que eu me sinta infinita.

Você inclinou a cabeça e me beijou com força.

– Você faz com que eu me sinta invencível – sussurrou.

O amor faz isso. Faz você se sentir invencível e infinito, como se o mundo inteiro estivesse à nossa disposição, tudo pudesse ser conquistado e todo dia fosse repleto de maravilhas. Talvez porque nos abrimos para alguém, nos deixamos penetrar pelo outro. Ou talvez amar seja se doar tão profundamente a outra pessoa que o coração da gente se expande. Ouvi tanta gente dizer, com pequenas variações: *Não sabia o quanto poderia amar outra pessoa até...* E depois esse *até* geralmente é seguido de: *que minha sobrinha nascesse*, ou *que eu me tornasse mãe*, ou *que eu adotasse um bebê*. Eu não sabia o quanto poderia amar outro ser humano até conhecer você, Gabe.

Nunca esquecerei isso.

ACHO QUE EU IRRADIAVA FELICIDADE naquele dia. Amava um homem que também me amava de maneira feroz. Que me ajudou a escolher o vestido para a premiação, que comemorava meu sucesso. Esqueci que você queria ir embora, fingi não saber que, sob o verniz de alegria, você não estava realmente feliz. Porque naquele dia tudo parecia perfeito.

NA MANHÃ DA PREMIAÇÃO, fui ao cabelereiro para fazer o cabelo solto e ondulado. Também fiz maquiagem com toneladas de delineador, rímel e batom vermelho, quase combinando com minha roupa. Quando coloquei o vestido justo, me senti fascinante. E animada. Parecia que tinha de fato valido a pena batalhar desde a faculdade pelo que eu acreditava.

– Beleza e inteligência – comentou você, com um pequeno sorriso ao me ver.

– Você não fica atrás – respondi.

Você estava num smoking simples, de colete e gravata, com os cachos do cabelo domados por um gel, que você reservava para ocasiões especiais e que fazia você cheirar como se tivesse acabado de sair do barbeiro. Até hoje, às vezes cruza na rua com alguém com esse cheiro e sou jogada de volta para aquele dia. Já aconteceu com você? Alguma vez um cheiro mandou você para o passado e o fez pensar em mim?

Naquele dia, enquanto íamos para o Rockefeller Center, encontrávamos meus colegas e procurávamos nossos lugares, senti que sua cabeça estava em outro lugar. Você aplaudia sempre um segundo depois de todo mundo. E não parava de me olhar, mordendo o lábio inferior – a cara que fazia quando estava pensando muito em alguma coisa, refletindo sobre cada aspecto dela. O que exatamente passava na sua cabeça?

A seguir veio o resultado. Ganhamos. Eu mal conseguia respirar. A alegria tomou conta de tudo. Imaginei meus pais assistindo, ambos com lágrimas nos olhos, meu pai fingindo que não era nada. Imaginei Jason berrando, Kate dando gritinhos. Phil me chamou para subir ao palco com ele e o resto da equipe, e acabei ficando ao lado dele na hora do discurso. Eu sorria tanto que sentia a pele esticando. Não parava de olhar para você na plateia, querendo que compartilhasse minha alegria, mas seus olhos estavam distantes. Nem sequer retribuía meu olhar. Por um instante, fiquei preocupada com o que estava acontecendo, mas já estávamos todos descendo do palco. Quando sentei ao seu lado, você me beijou com delicadeza.

– Eu te amo – disse você, num sussurro.

Fomos comemorar depois, impulsionados pela adrenalina da vitória. Dançamos, bebemos, rimos, e você ficou batendo papo com as esposas, namorados, noivos e noivas dos meus colegas. Mas dava para perceber que não estava ali por inteiro.

QUANDO CHEGAMOS EM CASA, tirei os sapatos de salto alto e me joguei no sofá. Você sentou ao meu lado, pegou meu pé e começou uma massagem para aliviar a dor de oito horas em cima de saltos agulha.

– Ah, meu Deus! – exclamei com um gemido. – Gabe, acho que isso é melhor que sexo.

Você, porém, não riu como eu esperava.

– Luce – continuou você, ainda apertando o arco do meu pé esquerdo –, a gente precisa conversar.

Eu me pus sentada, tirei os pés das suas mãos, e enfiei-os debaixo de minhas pernas.

– O que foi? – perguntei. – Você está bem? Está tudo bem com a gente? Achei que estava tudo ótimo, mas se houver alguma coisa...

– Lucy – disse você, pronunciando meu nome. – Pare.

Em seguida, respirou fundo.

– Eu não sei como dizer isso, então vou ser direto. Me ofereceram um trabalho na Associated Press. Querem que eu vá para o Iraque. Querem que eu comece acompanhando as tropas para uma grande reportagem, com a possibilidade de virar fixo depois. Pete deu uns telefonemas, mexeu uns pauzinhos. Sabia que eu queria ir para fora.

Por um instante perdi o fôlego.

– Quando? – perguntei num sussurro. – Por quanto tempo?

– Querem que eu vá dentro de três semanas. É um trabalho de dois meses, pelo menos. Talvez bem mais tempo.

– Quando você precisa responder?

Eu estava pensando: *A gente consegue aguentar dois meses. Talvez até mais. Dá para a gente administrar isso.*

– Já respondi – disse você, olhando para seus dedos. – E aceitei.

– Você o quê?

Senti como se alguém tivesse tirado a tampa do ralo e nossa vida em comum descesse pelo cano, num redemoinho violento. De repente Kate apareceu na minha cabeça, falando sobre a probabilidade de você me abandonar e partir meu coração.

Você ainda não me olhava.

– Estava rolando há algum tempo – explicou você. – Mas só hoje a papelada chegou. Eu não sabia se iria rolar de verdade. Parecia tão incerto... Não queria dizer nada até que fosse definitivo. Não queria magoar você à toa.

Sentia cada batida do meu coração, cada jato de sangue que percorria meu corpo. Abri a boca, mas não consegui pensar no que dizer.

– Alguns meses atrás, quando vi aquele primeiro artigo sobre Abu Ghraib que a AP publicou, descobri que precisava ir. As imagens conseguem mudar pontos de vista. Conseguem mudar opiniões e mentalidades. Não posso me omitir, não posso confiar que outros farão esse trabalho, principalmente quando é algo que acho tão importante. Eu disse a você que ia partir, Luce. Você sabia que era esse o meu plano.

Eu sabia, sim. Mas não entendia que seria para sempre. Que era inegociável. Que a gente não se esforçaria para encontrar uma solução comum. Além disso, eu não estava preparada. Especialmente

naquela noite. Devia ser uma noite de comemoração, de alegria, de triunfo. Eu tinha atingido o ponto mais alto da minha vida até então. Meu trabalho ganhara um Emmy. Naquele dia, eu estava com a guarda baixa. Havia me permitido ser totalmente feliz.

Como você foi capaz de não me contar o que Pete estava fazendo? As ligações que você deve ter feito? O que você estava planejando? Como tomou essa decisão sem mim? Você ter me excluído ainda me deixa zangada, Gabe. Éramos uma estrela binária. Orbitávamos em torno um do outro. Quando você resolveu esconder de mim, acabou com isso, deixou de orbitar em torno de mim, passou a girar em volta de outra pessoa, de outra coisa. A partir do momento em que começou a ter segredos, acabaram nossas chances.

De repente, brotaram lágrimas nos meus olhos, lágrimas de raiva, tristeza, confusão, mágoa.

– Gabe, Gabe – repetia eu. – Como pôde? – perguntei por fim. – Como foi capaz de não me contar? Como pôde me contar justo esta noite?

Você estendeu os braços na minha direção e eu te repeli, empurrando-os com mais força do que julgava ter.

– Eu teria ficado menos magoada se soubesse antes, se tivéssemos conversado. Você entende? Éramos uma equipe. Você me cortou. Como pôde fazer planos sem mim? Como pôde fazer esse plano sem mim?

Você também chorava. O muco escorria do seu nariz até os lábios.

– Me desculpe – disse você. – Tentei fazer a coisa certa. Não queria te magoar. Desculpe.

– Mas magoou – rebati entre soluços. – Mais do que deveria. Mais do que precisava. É como se eu não tivesse nenhuma importância para você.

– Isso não é verdade.

Você assoou o nariz e estendeu novamente os braços em minha direção.

– Não chegue perto – falei. – Não me toque.

– Por favor. Lucy, por favor.

Você agora chorava mais do que eu.

– Queria que você compreendesse. Eu não escolhi desejar isso. Queria não sentir que isso é algo que preciso fazer, que é a única maneira de me sentir completo. Eu nunca quis magoar você. Você não é o problema.

– Sim – falei. – Eu não sou o problema. Mas o problema não é só seu. É nosso. Você está nos destruindo.

Você parecia ter levado um tapa na cara. E na verdade eu queria te esbofetear.

– Eu não... – começou você. – Não tem a ver com a gente, Lucy. Não mesmo. Sou *eu*. Preciso fazer isso por mim. Tem alguma coisa quebrada aqui dentro e essa é a única maneira de consertá-la. Pensei que você fosse compreender. Você sempre compreen...

Mas não compreendi daquela vez.

– Por que não pode ficar? – interrompi. – Por que não fotografa Nova York? Há muitas histórias aqui para contar. Você ficou tão feliz quando o *New York Times* publicou sua foto...

Você balançou a cabeça.

– Posso fazer mais em outro lugar. Um trabalho melhor. Posso fazer a diferença. Queria que não fosse verdade, mas é. Você sabe o que isso significa para mim.

– Eu sei, mas tem que haver uma alternativa.

– Não há – respondeu você.

– E viajar e voltar para casa quando tiver terminado?

Eu estava implorando, mas não me importava.

– Não é assim que funciona – disse você. – Pete falou que, se eu quiser fazer isso, preciso me jogar de corpo inteiro.

– Ah, Pete falou! – exclamei, furiosa. – Então com Pete você discutiu tudo isso, mas comigo não.

– Lucy... – começou você.

– Sabe de uma coisa? Vá à merda.

Senti a raiva alcançar as extremidades mais distantes de meus dedos. Caminhei até a cama de casal e joguei seu travesseiro e um cobertor no sofá.

– Você vai dormir aqui esta noite.

– Lucy, não acabamos de conversar.

Você segurava o cobertor com as pontas dos dedos.

– Acabamos, sim.

Abri o zíper do vestido e apaguei a luz.

É CLARO QUE NENHUM DE NÓS DORMIU. Eu repassava sem cessar na cabeça a conversa que acabáramos de ter. Por mais que estivesse odiando você naquele momento, ainda queria atravessar o quarto e me enfiar no sofá ao seu lado para sentir a solidez do seu corpo junto ao meu. Você era ao mesmo tempo meu consolo e minha dor.

Um pouco depois, você se levantou e ficou de pé ao lado da cama.

– Tenho uma ideia – anunciou.

Não respondi.

– Sei que está acordada. Posso ver seus olhos abertos.

Nós não tínhamos fechado as persianas. As luzes das cidades iluminavam você em contraluz e deixavam um belo halo ao seu redor. *Anjo caído*, pensei.

– O que é? – perguntei afinal.

– Talvez... você possa vir comigo.

Você estendeu a mão, hesitante, na semiescuridão.

– Quem sabe a gente possa dar um jeito – completou você.

Busquei seus dedos. Por um breve momento fez sentido. Mas então pensei naquilo que você sugeria. Pensei em Bagdá. Nos vistos. Nos apartamentos. No trabalho.

– Mas... como? – perguntei.

Você sentou na cama, ainda segurando minha mão, e deu de ombros.

– A gente pode encontrar uma maneira.

– Mas onde eu iria morar? O que eu faria? E *minha* carreira, Gabe?

Senti-me novamente inundada de ódio. Você pedia que eu renunciasse a meus sonhos por sua causa, mas nunca faria o mesmo por mim. Nunca considerou sequer um meio-termo, nem sequer falara comigo sobre isso.

Você balançou a cabeça.

– Eu não sei – disse você. – Mas deve ter gente que faz isso. Você pode tentar outra carreira. Arranjar um trabalho como jornalista, e fazer diferença assim. Podemos criar as imagens e as histórias juntos. Eu devia ter pensado nisso antes. Seria perfeito.

– Eu achava que meus sonhos não fossem descartáveis, Gabe.

Eu amava você. De verdade. Ainda amo. Muito. Mas o que você pedia não era justo. E me magoou então – ainda hoje magoa – você ter decidido partir sem me consultar, sem querer refletir sobre minhas alternativas.

– Não foi o que eu quis dizer – falou você.

Dei um suspiro. Aquilo era demais para mim.

– Vamos conversar de manhã – pedi.

– Mas... – começou você, mas se calou. – Está bem.

Contudo, você não se mexeu. Ficou parado, sentado na cama, a mão na minha.

– Gabe? – perguntei.

Você se virou para me encarar. Um carro de polícia passou correndo. As luzes de alerta refletiram em seus olhos.

– Não consigo dormir sem você, Lucy.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas novamente.

– Não é justo – falei. – Você não pode dizer isso. Não tem esse direito.

– Mas é verdade. É por isso que você devia ir comigo para o Iraque.

– Por que você não consegue dormir sem mim ao seu lado?

Tirei a mão da sua.

– Não quis dizer literalmente – explicou você. – Quis dizer que amo você. E sinto muito. E quero que você vá comigo.

Você não conseguia entender.

Sentei-me e acendi o abajur ao lado da cama. A luz súbita feriu nossos olhos. Percebi o sofrimento em seu rosto. Você parecia frágil e vulnerável. Infeliz. Perdido. Como naquela noite no Faces & Names quando reatamos. E lá estava ela, minha semente de romã, aquela parte sua que ainda torna tão difícil que eu me afaste de você. Quando você expõe seu lado vulnerável, eu me sinto responsável por você. Porque só revelamos nossa verdadeira natureza para as pessoas que mais amamos.

Acho que foi por isso que nossa relação ficou séria tão depressa. Não tínhamos barreiras no 11 de Setembro. Exibimos logo um para o outro nosso eu profundo. E não é possível reverter isso. Mas, naquela noite, isso não bastava. Eu precisava de mais. Precisava de compreensão, sinceridade, empenho. Precisava que você cedesse. Ou nem adiantava mais continuar lutando.

Estendi a mão para pegar a sua.

– Eu também amo você – falei –, mas não posso viajar com você. Você sabe disso. Seus sonhos estão lá, não os meus. Eles estão aqui.

– Você tinha razão – disse você com voz sufocada. – Vamos conversar amanhã.

Escutei seus passos leves percorrendo o apartamento até o sofá, onde você se enroscou. Apaguei a luz e fiquei pensando em todos os motivos pelos quais ir para o Iraque com você não fazia sentido – e no único pelo qual fazia sentido: eu não conseguia imaginar minha vida sem você.

QUANDO ACORDEI, COM A VISTA TURVA e uma dor de cabeça lancinante, você estava sentado no sofá, me observando.

– Sei que você não pode ir – murmurou você assim que meus olhos se abriram. – Mas prometo que mantereí contato. Nos vemos quando vier a Nova York. Eu sempre amarei você. – Sua voz falhou. – Mas preciso fazer isso. E quando sugerir que você descartasse seu sonho, Lucy... fui um retrato perfeito do meu pai. Acho que você vai ficar melhor sem mim.

Minha cabeça latejava. Os olhos ardiam. E então eu desabei de verdade. Não consegui me impedir de soluçar, de tremer, de emitir sons que pareciam pré-históricos. Herdamos as expressões de sofrimento de nossos antepassados pré-verbais, codificadas no DNA. Você estava mesmo partindo. Estava mesmo me abandonando. Eu sempre soubera que isso aconteceria em algum momento, mas nunca pude imaginar como seria. E foi um pesadelo. Como se meu coração fosse frágil como vidro e alguém o jogasse no chão, quebrando-o num milhão de pedaços para depois esfregar o sapato nos cacos.

Você ter me convidado a ir foi muito importante. Sempre seria. Mas não foi um convite sincero, realmente pensado. Foi uma desculpa dada no meio da noite, uma tentativa de remendar o pecado de não ter me contado com antecedência, de manter segredos, de ter me excluído de seus planos. Ainda assim, uma parte de mim sempre imaginou o que aconteceria se eu tivesse dito sim. Teria mudado

completamente nossas vidas, ou ainda assim teríamos acabado aqui? Neste quarto iluminado demais, eu desejando estar em outro lugar e ao mesmo tempo desejando nunca ter de partir? Acho que nunca vou saber.

Você arrumou as malas naquela mesma semana e foi passar as outras duas com sua mãe antes de partir em definitivo. E eu fiquei sentada naquilo que havia sido nosso apartamento, chorando.

NUNCA CONVERSAMOS SOBRE como foi depois. Nunca contei a você como fiquei desolada. Como ficava olhando para as prateleiras vazias onde antes ficavam seus livros sem conseguir preenchê-las. Como chorava sempre que comia waffles ou usava o bracelete de madeira que você comprou para mim na feira de rua da Columbus Avenue – aquela que descobrimos por acaso e onde ficamos a tarde toda comendo arepas de mozzarella e crepes, fingindo depois que precisávamos de um tapete novo para nossa casa imaginária nas montanhas.

Uma noite, duas semanas depois de sua partida, peguei a garrafa de seu uísque favorito na prateleira em cima da pia da cozinha. Você também a esquecera. Tomei um copo atrás do outro. Primeiro com gelo, depois, quando a bandeja já estava vazia, puro. Queimava meus lábios, mas tinha a impressão de estar beijando você. E anestesiou minha mágoa. Dormi a noite inteira pela primeira vez desde que você tinha ido embora. Na manhã seguinte, me sentia horrível e tive que ligar para o trabalho dizendo que estava doente. Mas também bebi na semana posterior. E na outra. Obrigava-me a ir trabalhar, aprendia a conviver com a dor.

Não conseguia passar na frente de certas lojas e comer em certos restaurantes. Passei um mês dormindo no chão, porque sentia sua ausência quando tentava dormir na nossa cama, e no sofá era ainda pior. Fazia-me lembrar a noite do Emmy. Doeí metade de minhas roupas para uma instituição de caridade e joguei fora os cartazes que tínhamos nas paredes.

Seis semanas depois de sua partida, estava sentada no apartamento quase vazio e decidi ligar para Kate.

- Não posso mais ficar aqui.
- Não deve mesmo – respondeu ela. – Venha ficar comigo.

Encaixotei o resto das coisas do apartamento e fiquei na casa dela por duas semanas. Kate me ajudou a sublocar o estúdio e me mudei para o Brooklyn. Não aguentava mais. Precisava de um novo ambiente, de começar de novo. E mesmo lá eu precisava evitar o Bubby's, aonde fomos no casamento de Kevin e Sara, e o Red Hook Lobster Pound, onde comemoramos o Quatro de Julho. Sua presença estava em todo canto. Ficamos juntos apenas catorze meses, mas foram catorze meses que mudaram meu mundo.

Eu mandei um e-mail para você, lembra? Não contei como eu me sentia, como estava desmoronando. *Vou alugar um apartamento nos Hamptons com Alexis! Totalmente de última hora, mas deve ser divertido.* Escrevi fingindo animação. *Fui assistir a Ben Folds tocando no SummerStage. Você teria adorado o show. Como vão as coisas?* Depois fiquei esperando, esperando, esperando uma resposta que nunca chegou.

Ficava lembrando que você dissera que a gente manteria contato. Que sempre iria me amar. Toda vez que eu checava meu e-mail, sentia uma mistura de raiva e tristeza, uma decepção mais profunda do que qualquer outra que eu sentira antes. Comecei a te escrever cartas. Acusações, na verdade. Mas joguei todas fora antes de enviá-las. Temia que, se minhas queixas chegassem ao outro lado do oceano, você me cortasse de vez de sua vida e eu nunca mais ouvisse falar de você. Acho que eu não aguentaria isso.

Olhando para trás agora, entendo que você também estava sofrendo, tentando seguir em frente, descobrir o próprio caminho. Minha mensagem de Nova York deve ter soado como se tivesse sido enviada de outro planeta. SummerStage? Os Hamptons? Não consigo imaginar o que você pensou quando

a recebeu. Mas e daí? Na época não pude compreender como você foi capaz de me ignorar. Como você, em um momento, me abraçou, me beijou e disse que eu fazia você se sentir invencível, e no outro desaparecia assim.

Dois meses depois que você partiu, recebi um e-mail seu. O primeiro desde sua chegada ao Iraque. *Que bom que você está bem! As coisas aqui estão uma loucura. Desculpe não ter escrito antes. Foi duro me adaptar, mas adoro o trabalho. Terminamos a reportagem, porém vão me manter aqui mais um pouco. Espero que esteja curtindo Nova York!*

Reli esse e-mail mais de cem vezes. Talvez duzentas. Analisei cada palavra. Cada sinal de pontuação. Procurei os sentidos ocultos, qualquer dica de como você estava se sentindo ou o que estava pensando. Tentava descobrir se você sentia minha falta, se tinha encontrado alguém.

Mas eis a verdade: não havia nenhum segundo sentido, nenhuma mensagem oculta, nenhum código secreto. Foi apenas uma resposta rápida, enviada às pressas. Eu havia esperado dois meses à toa. Criei uma pasta no Gmail chamada Catástrofe para colocar seus e-mails, inclusive aquele, que não respondi. Sabia que não aguentaria se você me ignorasse de novo.

ÀS VEZES ME DIZEM COISAS CUJA importância só muito tempo depois compreendo. É o que sempre parece acontecer quando converso com meu irmão. Toda vez que temos qualquer tipo de conversa séria, que vá além do *como vai* e *como anda o trabalho*, levo anos para entender o que ele estava tentando me dizer. Algumas semanas depois que você foi embora, Jason me ligou. Ele tinha 28 anos na época e estava namorando Vanessa havia cerca de um ano. Eles se conheceram no laboratório. Ela trabalhava no setor de comunicação e ele tentava desenvolver uma terapia contra um tipo determinado de câncer que eu ainda não entendo totalmente.

– Oi, Lulu – disse ele quando atendi o celular. – Eu... hum... queria ver como você está se virando. Mamãe disse que as coisas andaram bem ruins.

– É verdade. – A preocupação dele me deixou com lágrimas nos olhos. – Sinto tanta falta dele, Jay... Eu o amo e detesto, e isso é... horrível.

Minha voz tremia ao telefone. Não questionava a decisão de não ter acompanhado você. Estava convicta de que tinha sido a coisa certa, mas vinha pensando incessantemente na conversa que tivemos. Procurava descobrir se havia algo que eu pudesse ter dito para fazer você ficar. E o que havia em mim que fazia você guardar segredos. Fiquei imaginando se você teria agido de modo diferente se estivesse namorando outra pessoa. Kate achava que você teria ido embora antes. Não acreditei nela na época, mas hoje me pergunto se ela tinha razão.

– Ah, Lu... – disse Jason. – Não queria fazer você chorar. Eu apenas... Bem, sei que a gente nunca conversou sobre relacionamentos, mas você lembra a última vez que Jocelyn e eu brigamos?

Não sei se você e eu alguma vez falamos de Jocelyn. Ela e Jason namoraram na faculdade e logo depois. Eles se conheceram quando eram calouros em Princeton e viviam se separando e voltando durante cinco anos, até que por fim ela resolveu fazer medicina em Stanford. Depois de uma breve tentativa de namoro a distância, eles terminaram definitivamente. Acho que os cinco anos deles não se comparam aos nossos... como calculá-los agora? Onze, treze anos?

– Eu me lembro – respondi para Jay, embora só me lembrasse parcialmente.

Eu estava na faculdade na época, e tão enfronhada no meu mundo que não me envolvia muito com o mundo do meu irmão.

– O que me fez acabar de vez o namoro foi perceber que éramos como a experiência do ursinho de goma. Você se lembra dela? Acho que mostrei quando você veio me visitar no primeiro ano da faculdade. Você coloca cloreto de potássio num tubo de ensaio e em seguida acrescenta um ursinho de goma. Sozinhas, são duas coisas perfeitamente pacíficas, mas juntas elas explodem. Toda santa vez. Jocelyn e eu éramos como essa experiência. Toda vez que ficávamos juntos, explodíamos. Era de certo modo excitante e maravilhoso, mas quem quer conviver com explosões constantes?

– Hum... – respondi, pensando em você e em mim.

A gente não se separou e voltou várias vezes, mas nossa relação naquela época era excitante e maravilhosa. Éramos melhores juntos do que cada um sozinho.

– Enfim, quando conheci Vanessa, a coisa foi diferente. Foi como... Você se lembra de uma experiência chamada de Old Nassau? Começa com três soluções transparentes. Primeiro, você mistura duas soluções, e eu imagino que sou essas duas soluções. Depois você acrescenta a terceira e nada

acontece de imediato. Mas, então, a solução fica laranja por causa do iodeto de potássio, e logo muda de cor de novo, agora para preto, que, como você sabe, é minha cor preferida, porque contém todos os pigmentos que existem. E fica assim.

Ele parou de falar. Fiquei quieta. Não tinha ideia de como responder.

– O que estou dizendo, Lu, é que, quanto mais duradoura é a nossa relação, melhor ela fica. Já aquela explosão do ursinho de goma, é o que a gente chama de reação-relógio. Entende o que eu quero dizer?

Não compreendi na hora, mas entendo agora. Darren me mostrou isso, embora ele provavelmente diria que o amor é como um vinho de qualidade, cujo sabor fica melhor e mais rico com o tempo.

– Mas eu o amo tanto, Jay... – foi só o que respondi.

– Eu sei – disse ele. – Eu também amava Jocelyn. Ainda amo. É provável que goste um pouco dela para sempre. Mas amo Vanessa de um modo diferente. O que eu queria dizer é que há muitas maneiras de amar as pessoas, e sei que você ainda amará outro. Mesmo que não seja da mesma maneira, talvez seja em parte melhor.

– Eu não quero – sussurrei.

Eu queria amar apenas você. E não conseguia imaginar algo melhor que isso.

Jason ficou um momento calado.

– Talvez tenha sido prematuro da minha parte – continuou ele. – Sinto muito minha falta de jeito. Mas quem sabe? Talvez o que eu disse encontre o caminho de seus neurônios e você se lembre quando mais precisar.

– Sim. Certo. Obrigada por ligar.

– Eu amo você, Lucy, como o hidrogênio ama o oxigênio. Com um tipo de amor inteiramente diferente. Um tipo elementar.

E, apesar das lágrimas, eu ri, porque só meu irmão seria capaz de explicar o amor por meio da tabela periódica.

ALEXIS ME ARRASTOU PARA TUDO QUANTO era lugar naquele verão – a bares, shows, festas, filmes. Toda noite íamos arrumadas ao Brooklyn, a Manhattan, Southampton, e bastava a quantidade certa de martinis para que eu o esquecesse por algum tempo.

Kate me levou para passar uma semana na casa dos pais dela, em Cape Cod, deixando Tom em Manhattan. Ela me mimou com tratamentos de beleza e me levou ao salão para um corte de cabelo da moda que ela descobrira numa revista francesa que sua irmã lhe mandara. Foi quando cortei minhas tranças e doeí meu cabelo.

Julia disse que também reservara um tempo para mim e que viria sempre que eu precisasse dela. Passamos várias noites juntas comendo macarrão com queijo, que você detestava, e assistindo aos filmes de ação mais violentos que podíamos encontrar.

Na verdade, meus amigos foram incríveis, considerando quanto odiavam você àquela altura. Não sei se Kate ou Alexis chegaram algum dia a te perdoar por ter me deixado. Julia, sim, mas levou algum tempo para entender o que você e eu tínhamos em comum – até sua exposição na galeria.

Minha mãe passava o dia inteiro me mandando mensagens de texto, e matérias de autoajuda por e-mail.

Jason veio me visitar e me levou para um jogo dos Brooklyn Cyclones, com direito a cachorros-quentes e uma explosão provocada por Mentos e Coca-Cola diet.

Praticamente todo mundo que eu conhecia tentava me animar das maneiras mais variadas. E eu procurava esquecer você de qualquer jeito, mas na verdade precisava de apenas uma coisa: tempo.

NO FINAL DAQUELE VERÃO, mais ou menos duas semanas depois de ter recebido seu e-mail e criado a pasta Catástrofe, conheci Darren.

Você fica chateado por eu falar dele? Sinto muito se chateia, mas ele também faz parte da nossa história. Você pode não ficar satisfeito – não gostar dele –, mas nosso caminho não seria o mesmo se Darren não tivesse aparecido.

Quando acordei no último fim de semana da nossa temporada nos Hamptons, no fim de semana do Dia do Trabalho, e fui fazer café, encontrei-o dormindo no sofá, no meio da sala. Eu nunca o tinha visto antes. Com certeza ele não estava ali quando fui deitar. Porém, era comum a amiga de Alexis, Sabrina, trazer gente para dormir em casa, e ninguém se espantava ao encontrar alguém no sofá, numa das cadeiras, ou até mesmo no chão da sala.

Eu contornei o sofá na ponta dos pés e fui para a cozinha fazer café para a turma toda. Depois que você partiu, meu padrão inteiro de sono mudou. Assim que acordava, não importava se era muito cedo, e mesmo com uma bela ressaca, eu levantava da cama. Porque ficar deitada sem você era um suplício. Por isso, o café era tarefa minha naquele verão.

A casa vivia cheia de gente e eu me esforçava para não dar muito na cara que havia acabado de sair da cama. Naquela manhã, coloquei um biquíni – meu favorito naquele verão era um tomara que caia vermelho – e short jeans rasgado. Botei lenço no cabelo, deixando as mechas laterais soltas sobre o olho esquerdo. Estava queimada dos fins de semana nos Hamptons, e as idas de bicicleta à praia haviam modelado meu corpo mais do que eu esperava. Gostava do que eu via toda vez que me olhava no espelho. Várias vezes pensei no que você acharia se me visse – se também gostaria.

Darren já havia acordado quando a cafeteira começou a coar o café. Entrou na cozinha e me cumprimentou com a pior cantada que ouvi na minha vida. Ou talvez nem fosse uma cantada. Ele nunca confessou, nem uma coisa nem outra. No entanto, era o tipo de coisa ridícula que você nunca diria.

– Será que morri e estou no céu da cafeína? – perguntou ele. – Porque você parece um anjo cafeinado.

Mesmo assim, ele me fez rir.

O cabelo dele era escorrido, mas estava arrepiado de um lado, onde havia sido amassado pelo braço do sofá. E estava de cuecas boxer e uma camiseta em que estava escrito *New Jersey: só os fortes sobrevivem*. Não pude deixar de pensar onde estaria o resto das roupas.

Dei-lhe a primeira caneca de café e ele tomou um gole.

– Não sou um anjo – falei. – Prometo. Sou Lucy.

– Darren – disse ele, estendendo a mão. – O café está fantástico.

– Torrei os grãos ontem. São de uma nova loja que só vende itens de pequenos produtores da cidade.

Ele tomou outro gole.

– Seu namorado tem uma sorte danada por estar com uma garota que sabe fazer um café como este.

Não pude me controlar. As lágrimas faziam meus olhos arderem.

– Não tenho namorado.

– É mesmo? – perguntou ele, bebendo mais café e erguendo os olhos por cima da caneca para

encontrar os meus.

Eu o comparei com você. O cabelo dele era liso, e o seu, cacheado. Ele era baixo e musculoso. Você, magro e alto. Tem olhos castanhos, enquanto os seus são azuis. Eu sabia que ele queria flertar, mas eu não conseguia.

– Vou juntar minhas coisas para ir à praia – falei. – Se você for embora antes que eu volte, foi bom te conhecer.

Ele fez um gesto de cabeça e ergueu a caneca.

– Obrigado pelo café, Lucy.

ELE FOI EMBORA ANTES QUE EU SAÍSSE de novo do quarto. Ou melhor, eu só saí quando ouvi que ele e o amigo tinham ido embora. Mas Darren deve ter perguntado a Sabrina sobre mim, porque no dia seguinte recebi um pedido de amizade no Friendster, e uma mensagem perguntando o nome da loja de café.

Trocamos umas mensagens engraçadinhas, e ele me convidou para um evento de harmonização de café e chocolate em Park Slope. Era domingo à tarde, o que de certo modo tornava o programa inofensivo, e não um encontro. Como não tinha nada para fazer, eu fui.

Seria mentira dizer que não pensei em você. Na verdade, pensei bastante. Mas, nos intervalos, eu me diverti com as piadas, com o café quase saindo pelo nariz de Darren de tanto que ele riu da descrição de uma das harmonizações. Foi o melhor programa que fiz em meses. Pelo menos o melhor programa que fiz *sóbria* em meses.

Por isso, quando ele me convidou para jantar uma semana depois, eu topei. Ele não era você, mas era inteligente, bonito, me fazia rir... e me desejava. E me fez esquecer você, pelo menos durante algum tempo.

DARREN INSISTIU EM ME BUSCAR no meu apartamento para sairmos. Estava de terno, o cabelo penteado para trás. Eu tinha ido trabalhar com um vestido leve – novo, de algodão, listrado de branco e amarelo – e estava com ele e de sandálias. Ele estava muito mais arrumado que eu.

Darren deve ter percebido que eu fitava o terno dele.

– Uniforme do banco de investimento – explicou ele. – Não tive tempo de me trocar.

Sorri.

– Você fica bem de terno.

Percebi que era verdade. Ele tinha os ombros mais largos que os quadris, e o corte elegante do terno realçava o corpo dele.

Pensei em colocar uma roupa mais chique, mas, antes que pudesse sugerir isso, ele disse:

– Você fica mais bonita nesse vestido. Na verdade, se fizéssemos uma enquete entre pessoas completamente isentas sobre a agradabilidade de nossos respectivos trajes, você ganharia.

Não pude deixar de rir.

– *Agradabilidade* de nossos respectivos trajes – repeti.

– É o termo técnico.

Ele não era você. Não mesmo. Era mais velho, para começo de conversa. Tinha 29 anos. E era mais calmo, mais pé no chão. Sólido, segundo Julia. E foi o único capaz de me fazer rir depois que você foi embora. Isso contava muito.

– *Mademoiselle?* – disse ele, oferecendo-me o braço.

Dei-lhe o meu e fechei a porta do meu apartamento. Na verdade, estava ansiosa para jantar com ele.

DEPOIS DO JANTAR, Darren disse que me acompanharia até em casa, porque era o que cavalheiros devem fazer. Ele caminhava no lado da calçada que dava para a rua para me proteger caso algum carro passasse correndo em cima de uma poça e espirrasse água. Assim ele ficaria ensopado, não eu, explicou.

– Entendi – falei. – E as damas? O que devemos fazer?

– Nada que você já não esteja fazendo – respondeu.

Sorri de novo.

Ele deu um pigarro.

– Sabe, fui guia turístico na Pensilvânia e tenho licença também na área de Prospect Heights, no Brooklyn.

– Ah, é? – perguntei, sem saber direito se ele estava brincando.

Ele começou a falar com um sotaque de ricoço, desses que doam um prédio inteiro a uma universidade. Comecei a rir imediatamente. Falava como eu imaginava que alguém com o sobrenome Schermerhorns, Havermeyer ou Hartley falasse, esses nomes que vemos gravados nos prédios universitários. Eu vivia pensando neles quando estava no colégio. Imaginava-os morando em enormes mansões num lugar como Armonk e passando o verão em Martha's Vineyard. O Sr. Schermerhorn usava aquelas calças vermelhas que todos usam em Nantucket, Massachusetts, tinha um bronzeado artificial e a mandíbula inferior projetada para a frente. E a Sra. Havermeyer nunca saía de casa sem um diamante de três quilates em cada orelha. Tinha três filhos, criados por três babás distintas, que moldaram as personalidades de cada um deles de três maneiras diferentes. Era estranhamente obcecada pelo número três. E os Hartley tinham cães de raça – corgis, como os da rainha da Inglaterra.

Acho que agora eu poderia descobrir muita coisa sobre eles na internet, mas isso estragaria as histórias que inventei na minha cabeça. Há muitos anos não pensava nelas.

Então Darren se virou para mim.

– Aquela casa grande de pedra marrom – disse ele como um Schermerhorn – é o lar de Ashton Cranston Wellington Leeds, o Quarto, dos Leeds de Kensington. O lado mais nobre da família. Todos sabem que os Leeds de Glasgow são larápios e jogadores. E ladrões de cavalos. Eles usam colheres de chá para tomar sopa e garfos comuns na sobremesa. Uma blasfêmia inominável. Na verdade, há um movimento para colocar um hífen no sobrenome, transformando-o em Kensington-Leeds. Sabe, para acabar com os mal-entendidos.

Eu ri tanto que quase ronquei como um porco, o que me fez rir ainda mais.

Ele continuou falando na sua voz de Schermerhorn:

– Ouvi falar que, por causa disso, Julia Louis-Dreyfus colocou um hífen no nome dela. Os outros Dreyfus são terríveis. Os Wal-Mart também. O restante dos Mart? Nem fale neles. Acabar com mal-entendidos é muito importante.

Toda vez que eu tentava responder, era tomada por gargalhadas. Então Darren e eu viramos a esquina perto do meu apartamento. Ele parou diante do meu prédio. Eu também. O riso morreu na minha garganta quando vi como ele me olhava. Ele ia me beijar. Meus pulmões ficaram paralisados pelo pânico.

Eu não tinha beijado ninguém desde que você partiu.

Eu não tinha desejado beijar ninguém desde que você partiu.

– Eu... – comecei a dizer, mas não consegui completar.

Darren deve ter percebido minha expressão, porque, em vez de me beijar nos lábios, inclinou-se e me deu um beijo na testa.

– Foi uma noite realmente divertida. Obrigado – disse ele. – Espero que possamos repeti-la.

Assenti e ele sorriu.

– Ligo para você – falou.

Pude respirar de novo.

– Espero que ligue – respondi.

Porque tivera de fato uma noite divertida com ele. E porque era melhor passar tempo com Darren do que ficar em casa sentada, sozinha, ou tomar um porre com Alexis.

Quando ele se afastou, percebi que fiquei frustrada porque ele estava indo embora. Tive a impressão de que meu mundo ficava um pouco mais alegre quando eu o compartilhava com ele. E eu gostava daquilo. Muito.

Em seguida, eu me virei para entrar no apartamento e voltei a pensar em você.

NO DIA SEGUINTE, liguei para Alexis.

– O que você falou de mim para o Darren? – perguntei.

– Eu? Nada – respondeu ela.

Suspirei. A manhã toda eu andara repassando na cabeça aquele beijo na testa. Alguém devia ter falado algo com ele. Alguém devia ter dito para ele ir devagar.

– Está bem, não foi você. Sabrina? – insisti. – O que será que ela disse?

Alexis respirou fundo. Eu podia imaginá-la do outro lado da linha passando a mão no cabelo. Há mais ou menos um ano não a vejo, desde minha última viagem de trabalho a Los Angeles. Ela foi parte importante de minha vida na época, e agora não é mais. É meio triste, mas a verdade é que não sinto falta dela. Acho que mudam as pessoas, a vida muda. Nós dois sabemos disso melhor do que ninguém.

– Ela contou que você acabou de sair de um relacionamento sério – explicou Alexis pelo telefone. – Sugeri paciência. Não atropelar você.

Eu me irritei, embora Sabrina provavelmente tivesse razão em dizer aquilo tudo.

– E o que ele disse? – perguntei.

– Disse que não só não te atropelaria, como ajudaria a colar os cacos.

Descansei a cabeça no encosto do sofá.

– Veja só – falei –, quanta pretensão. Qual é a dele? Tem complexo de salva-vidas? Vontade de ser herói?

– Ele é um cara muito legal. Os amigos dele são uns babacas, mas ele é legal. Não que Gabe não fosse. O que eu quero dizer é: dê uma chance a ele, Lu.

Senti as lágrimas brotarem de novo à menção do seu nome. Eu precisava parar com isso, mas não sabia como.

– Não sei se consigo – falei, limpando o nariz com as costas da mão.

– É preciso um cara para esquecer outro cara – disse Alexis. – Pode acreditar, falo por experiência própria.

Deixei escapar um ruído forte e breve, algo entre o soluço e a risada.

– É sério – insistiu Alexis –, dê uma chance a ele. Ao menos vai te mostrar que existem outras pessoas legais e inteligentes no mundo que podem gostar de você.

Assenti, apesar de ela não poder me ver.

– Vou dar a ele essa chance.

– É só isso que te peço – disse ela. – Ah, e que me responda o seguinte: quais são seus planos para sexta à noite? Sabe aquele cara bonito que conheci no metrô? Ele vai participar de uma performance no Lower East Side. Você pode ir comigo?

– É aquele de cabelo verde?

– Não. Não te contei? O de cabelo verde ficou tirando meleca durante o jantar. Já era. Estou falando de um que usa óculos tipo Buddy Holly e tem barba.

– Entendi – falei. – Conte comigo.

Assistir à performance de um maluco qualquer que Alexis conhecera no metrô podia ser a última coisa que eu queria fazer, mas era melhor do que ficar sentindo sua falta.

DARREN NÃO TENTOU ME BEIJAR na outra vez que saímos. Nem na seguinte, nem depois da seguinte. E aí já era quase Halloween.

– Quer ir comigo a uma festa de Halloween neste fim de semana? – perguntou ele quando me ligou alguns dias depois de nosso último encontro. – Prometo que será divertida.

E eu sabia que seria. Com Darren as coisas eram sempre divertidas. A convivência com ele era fácil. Ele estava sempre relaxado, e me deixava relaxada. Confortável. Percebi que eu queria cada vez mais estar com ele. E que pensava cada vez menos em você. O que era bom, porque eu não tivera mais notícias suas nem tentara falar com você. Eu me sentia melhor sem aquela expectativa de você entrar em contato. Não que você tivesse saído completamente da minha vida. De vez em quando eu via suas fotos publicadas no *New York Times* e seu nome brotava de repente enquanto eu andava de metrô. Toda vez que isso acontecia, meu coração disparava e eu ficava meio mal durante o restante do dia. Mas nunca me sentia assim quando estava com Darren.

– Festa de Halloween? Está bem, parece legal – concordei. – Vamos precisar usar fantasia?

– Ela quer saber se precisamos usar fantasia! – exclamou ele, como se estivesse comentando a conversa com outra pessoa, apesar de morar sozinho. Como, aliás, eu também morava. – Precisamos nos fantasiar, é claro! Estava pensando... em *Prisioneiro de Azkaban*. Podíamos ir de Harry Potter e Hermione. Ou talvez de Homem-Aranha e Mary Jane.

Não pude deixar de pensar brevemente que eram fantasias que você nunca, em toda a sua vida, iria sugerir. No ano anterior, a gente tinha ido como tomada e plugue, lembra? Era mais seu estilo. Mais o nosso estilo, aliás.

– Então você escolheu a cultura pop? – perguntei a Darren.

– Isso. Posso confessar uma coisa?

Meu coração deu um pulo.

– Pode – falei, sem ter ideia do que viria depois, já arrependida de não o ter beijado, de não ter me esforçado mais.

– Eu tive um branco na hora de pensar em fantasias de Halloween, por isso procurei no Google “fantasias populares de Halloween”. Se você tiver ideias mais originais, sou todo ouvidos. Na verdade, não sou, não. Sou olhos, nariz, boca e... bem... outras partes do corpo também.

Eu ri, extremamente aliviada.

– Outras partes do corpo? – perguntei, percebendo pela primeira vez que estava com vontade de flertar com ele. – É mesmo?

Ele se calou do outro lado da linha. Eu podia imaginar a cara dele, os olhos arregalados, o rosto vermelho.

– Eu não quis dizer... – disse ele.

– Um lapso freudiano? – sugeri. – Para uma fantasia de Halloween? Posso usar uma camisola com os dizeres *relapsa freudiana*. E você pode ser o próprio Dr. Freud. Arranjo um charuto para você.

Ele riu.

– Gostei! Melhor que Homem-Aranha e MJ, com certeza!

– Que horas é a festa? – quis saber.

- Começa às nove – disse ele. – Na casa de Gavin e Arjit. Você se lembra de Arjit, dos Hamptons?
 - Acho que não.
 - Bem, então você vai conhecê-los na festa. Que tal se eu passar aí às oito com uma pizza? Não faço ideia do tipo de comida que aquela turma costumar ter nas festas, então é melhor a gente se prevenir.
 - Parece ótimo. Devo ter uma camisola velha em algum lugar. E vou procurar uma caneta de tecido amanhã.
 - E meu charuto? – perguntou Darren. – Aliás, acho que vou levar meu próprio charuto.
 - Ah, vai mesmo, é?
- Dava para perceber que eu o fizera ruborizar de novo.
- Hum – disse ele.
 - Estava só brincando. Vejo você sábado à noite.

A NOITE DE SÁBADO CHEGOU E DARREN apareceu no meu apartamento de barba branca, óculos falsos, terno cinza de três peças e uma tediosa gravata listrada. Trazia uma caixa de pizza na mão e um charuto na outra.

- Estou parecendo freudiano? – perguntou ele.
 - Notavelmente – respondi. – Parece uma relapsa freudiana?
- Eu estava com o cabelo solto, uma camisola branca rendada até os tornozelos, “relapsa freudiana” escrito em tinta vermelha. Não tinha certeza de que sapatos seriam adequados, por isso fui com sapatilhas prateadas de balé. Combinei o batom com a cor da tinta, um vermelho vivo.
- Darren sorriu por trás da barba postiça.
- Parece, sim – disse ele. – Sem sombra de dúvida.

ALGO ENTRE MIM E DARREN MUDOU palpavelmente naquela noite. Em vez de me oferecer o braço como uma mistura de cavalheirismo e galhofa, segurou minha mão enquanto caminhávamos até a festa. Logo que chegamos nos convenceram a virar uma dose de bebida, depois outra e mais uma, o que deixou Darren meio bêbado, e eu ainda mais que ele.

Onde ele estivesse na festa, seu olhar não parava de se voltar para mim, como se quisesse confirmar que eu estava bem, que ainda estava lá. Lembrei-me das festas a que eu ia com você, meu olhar sempre voltando para você, tal como o de Darren me buscava. Era bom sentir essa troca de papéis.

Quando a festa começou a acalmar, Darren veio de mansinho até onde eu estava, batendo papo com outras garotas sobre não sei que assunto.

- Estou ficando meio cansado – disse ele.
 - Eu também – respondi, virando-me para ele. – Vamos?
 - Vou pegar nossos casacos e encontro você perto da porta.
- Eu me despedi das garotas e fui até Darren, que conversava com Gavin. Alguém o apontara antes, mas ainda não havíamos sido apresentados.
- Esta é Lucy – disse Darren quando me aproximei.
 - Então é você a bonequinha de papel? – falou Gavin.
 - Sou o quê?
- Vi que Darren olhou para Gavin.
- Você é linda – apressou-se a dizer. – Como uma boneca.
 - Obrigada – respondi com um sorriso.
- Eu sei que havia algo ali que me escapava, mas não tinha importância. Naquela noite, ao deixar a festa de Halloween, eu me senti desejada. E feliz. E animada por Darren ter pegado minha mão quando saímos para a noite fria de outono.

– Posso acompanhar você até sua casa? – perguntou ele.

– Claro – respondi.

Olhei para um pedaço dos lábios dele que emergia da barba freudiana. Se três semanas antes ele tivesse tentado me beijar, eu teria surtado. Talvez nunca mais o tivesse visto. Mas, naquela altura, era o que eu queria. Eu o desejava. Ele não era você, nunca seria, mas era doce, gentil, engraçado, inteligente e cativante. E era maravilhoso que fosse assim.

Chegamos à minha portaria e Darren parou. Eu parei. Nós ficamos cara a cara. Ele tirara a barba falsa e meu olhar procurou novamente seus lábios.

– Lucy, não quero apressar as coisas, mas tenho vontade de...

– Me beije – falei.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Se está com vontade de me beijar, tudo bem. Beije.

Darren se inclinou e nossos lábios, quentes e macios, se uniram no ar da noite. Apertamos nossos corpos um contra o outro. Senti o cheiro de Kenneth Cole Reaction, um perfume que a maioria dos homens no meu trabalho começara a usar naquele ano.

O cheiro dele era tão diferente do seu... O gosto e a pele também. Pisquei para me livrar das lágrimas que brotavam nos cantos dos olhos.

Então nossos lábios se separaram e Darren olhou para mim e sorriu.

Pensei se deveria convidá-lo a entrar, se era a coisa certa a fazer. Na verdade, não era o que eu queria, mas também não queria passar a mensagem de que não estava interessada nele.

– É melhor eu ir – disse ele antes que eu tomasse uma decisão. – Mas hoje à noite foi muito divertido. Você está livre na quinta?

Eu sorri.

– Estou.

Darren se inclinou e me beijou mais uma vez.

– Ligo para você – despediu-se e se afastou, enquanto eu entrava no prédio.

Foi a primeira vez, desde que você partiu, que sonhei com outro homem.

É ENGRAÇADO TER A MESMA EXPERIÊNCIA com pessoas diferentes. Você percebe como reagem, como confirmam ou subvertem suas expectativas. Com Darren isso acontecia muito. Eu imaginava que você fosse um modelo de masculinidade, que todos os homens agiam como você. Mas, na verdade, o modelo não existe.

A primeira vez que Darren e eu fomos correr juntos foi na segunda manhã que ele passara no meu apartamento. Ele viera do trabalho com uma bolsa de ginástica que ele não chegara a levar à academia. Disse que pretendia ir lá antes do trabalho, mas um problema qualquer no metrô o impedira. Acreditei nele. Mas, de manhã, quando fomos correr, ele confessou a verdade: trouxera suas roupas na esperança de que eu o convidasse para ficar. Assim, teria uma muda de roupa além do terno de trabalho.

– E se eu não convidasse? – perguntei a ele.

– Eu levaria a bolsa de volta para casa e afogaria minhas mágoas comendo rosquinhas com manteiga de amendoim.

– Rosquinhas com manteiga de amendoim? Você está falando sério?

– São uma delícia – disse Darren. – Juro. Depois que a gente acabar de correr, podemos comprar algumas.

Darren corre mais rápido que eu, mas não botou banca. Esperou até que eu comesse a correr e depois manteve meu ritmo. Assim, pudemos conversar sem problema. Foi uma agradável surpresa. Você notou que eu raramente topava correr com você? A gente nunca conversou sobre isso. Teria sido bom. Quando corríamos juntos, eu sempre senti que te freava e que você queria voar.

Comecei a ficar um pouco para trás.

– Você está bem? – perguntou Darren.

Assenti, buscando fôlego.

– Posso continuar um pouco mais – falei.

– Não precisa – respondeu ele, começando a caminhar.

– Pode continuar a correr – insisti, enquanto também diminuía a velocidade. – Faça seu exercício.

Era o que você fazia depois que eu cansava.

Ele balançou a cabeça.

– Prefiro caminhar com você a correr sozinho. Além disso, caminhar também é um bom exercício. Você queima exatamente as mesmas calorias correndo ou andando um quilômetro. Só leva menos tempo se você correr.

Olhei de lado para ele, pensando se ele estava dizendo a verdade. Parecia que sim.

– Mas não aumenta seu preparo físico – falei.

Ele deu de ombros.

– Mas em compensação tenho sua companhia.

FIZ SEXO COM ELE PELA PRIMEIRA vez naquela tarde. Também foi diferente de quando fazia com você. Não foi pior, só diferente. Ele era mais lento, preocupado, procurava descobrir se eu estava gostando do que fazia, se havia alguma outra coisa que eu queria que ele fizesse. No começo, achei meio estranho, mas ele acabou me conquistando. Comecei a dar instruções, o que eu nunca havia feito com você.

– Ponha minhas pernas sobre seus ombros – pedia a ele.

Ele me obedecia e penetrava mais fundo em mim.

– Ah, meu Deus – sussurrava ele, acelerando o ritmo.

– Ah, meu Deus – repeti.

Fechei os olhos e senti que ele alcançava um ponto profundo dentro de mim que me levaria ao orgasmo.

– Se você continuar, eu vou gozar – falei.

– Eu também. Vamos juntos.

Abri os olhos e vi que ele me olhava. Seus olhos eram normalmente escuros, mas naquele momento estavam quase negros.

Minha respiração se acelerou, assim como a dele. Estávamos quase lá, cada um à espera do outro.

– Agora? – perguntou ele.

– Agora – respondi.

E nos entregamos. Senti meus olhos se encherem de lágrimas enquanto gozava, lágrimas escorrendo pelo rosto até as orelhas.

– Você está bem? – perguntou Darren depois de tirar a camisinha e se deitar a meu lado na cama.

– Mais do que bem – respondi. – Estou ótima.

– Eu também. Mais do que ótimo.

Ele me abraçou e ficamos deitados juntos por um tempo, sem falar, só respirando.

Então pensei um pouco em você. Pensei como tudo era diferente com Darren. Mas não desmoronei. Não perdi o chão.

Talvez seja preciso um cara para esquecer outro. Ou talvez ele *estivesse* me ajudando a me recuperar.

OBSERVAR CASAIS DE NAMORADOS nos casamentos é sempre revelador. Há pessoas que agem de modo superamoroso, que ficam abraçadas enquanto assistem aos votos matrimoniais dos amigos. E há aquelas que ficam de olhos fixos à frente durante a cerimônia, ignorando a cara-metade, e depois enchem a cara na pista de dança. Parecem estar se divertindo, mas é provável que por dentro se sintam infelizes. Nem sempre dá para aguentar casamentos alheios quando não se está seguro na própria relação.

Darren e eu não namorávamos havia tanto tempo assim – três meses mais ou menos – quando recebi pelo correio o convite de casamento de Jason e Vanessa. Jay me dissera que eu podia levar um convidado se quisesse, ou não levar se não quisesse. Um cara, se eu quisesse, ou Kate ou Julia, se eu preferisse. Não tinha importância, desde que fosse a opção que me deixasse mais feliz.

Conversei sobre isso com Kate durante horas. Ela se ofereceu para ir comigo, claro. Mas a ideia de ir ao casamento de meu irmão acompanhada pela minha melhor amiga de infância, e não por um cara, mexeu com meus brios. Eu podia imaginar os olhares de compaixão dos amigos de meus pais, e não queria ser alvo deles.

Pensei em ir sozinha, mas não tinha certeza se poderia segurar a barra a noite inteira sem alguém ao meu lado. Já estávamos separados havia sete meses, mas eu ainda não conseguia falar sobre você sem ficar com a voz embargada. Ainda evitava comer waffles.

– Leve Darren – repetia Kate sem parar.

Eu não tinha certeza.

– Só estamos saindo há três meses – falei. – Não sei quanto tempo vai durar.

– Só três meses? – disse ela, me imitando. – Quanto tempo você namorou Gabe antes de ir morar com ele?

– Foi diferente. A gente já se conhecia antes.

E a gente se amava loucamente, completei na minha cabeça. Darren era ótimo, mas não era a mesma coisa.

– Hum – disse ela ao telefone, parecendo uma tia velha careta. – Você se diverte com Darren?

– Sim.

– Acha que vai se divertir com ele no casamento do seu irmão?

Refleti.

– Sim – respondi. – Acho.

– Certo. Assunto encerrado. Convide-o.

Esperei mais um mês, até a véspera do limite que meu irmão e Vanessa haviam estabelecido para confirmar presença. Falei com Darren.

– É mesmo? – perguntou ele. – Ao casamento de seu irmão?

Senti um rubor. Em todas as conversas com Kate, eu presumira que Darren quisesse ir.

– Não quer ir?

– Quero, sim! – respondeu ele. – Quero muito ir. Sim, adoraria ir ao casamento de seu irmão. Obrigado pelo convite.

Em seguida, ele deu o seu sorriso repleto de alegria. Aquele que parece o desenho de um semicírculo perfeito, acrescido de duas fileiras de dentes.

– De nada – falei. – Acho que vamos nos divertir.

Ele bateu o dedo nos lábios.

– Você disse em um mês, certo?

Aquiesci.

– Sei que parece ridículo – disse ele –, mas acho que é um sinal.

– De quê?

Ele enfiou a mão na pasta e tirou um panfleto colorido.

– Isto! – Ele me entregou o papel. – Tinha um sujeito distribuindo hoje na estação do metrô perto do escritório. Algo me disse para não o jogar fora. Deve ter sido o destino.

O panfleto oferecia um desconto de cinquenta por cento para casais em um mês de aulas de dança. *Aprenda foxtrote, chá-chá-chá, tango, jive!*

Eu comecei a rir.

– Você quer mesmo fazer isso? – perguntei.

Nem em um milhão de anos você iria sugerir algo assim.

– Para ser sincero – continuou ele –, não sou o melhor dançarino do mundo, mas, de qualquer modo, acho que pode ser engraçado. E com desconto de cinquenta por cento! Quem pode ignorar uma pechincha dessas?

Ele encolheu os ombros, e algo na maneira como eles subiram até as orelhas tocou meu coração. Beije-o. Em seguida o abracei e encostei a cabeça na dele. E eu me senti muito bem.

QUATRO SEMANAS DE AULAS DE DANÇA não nos fizeram virar dançarinos melhores do que antes. Na verdade, talvez fôssemos os piores alunos da turma, mas também os que mais se divertiam. Tínhamos ataques de riso tão frequentes que a professora passava a aula sussurrando para que nos calássemos. Na aula de tango, falou que era melhor sairmos, já que não conseguíamos levar a dança a sério.

ENQUANTO A CERIMÔNIA SE DESENROLAVA, fiquei na fila com as outras damas de honra, de olho em Darren. Ele não parava de olhar para o programa e para mim, e de vez em quando para Jason e Vanessa.

Assim que começou a festa, Darren me puxou até a pista de dança e tentamos dançar foxtrote, tango e chá-chá-chá, dando risadas sempre que tropeçávamos nos pés um do outro. No meio de uma dança, meu salto ficou preso na parte de trás do vestido e caí para a frente, bem nos braços dele.

– Isso, senhora – disse ele –, é se jogar em cima de um homem.

Depois ele me ajudou a ficar em pé, se ajoelhou e soltou meu vestido do salto.

– Obrigada – agradei, pegando o vestido e recolhendo-o para não tropeçar de novo.

– É uma honra, senhora.

Não consegui sufocar a risada que deixei escapar pelo nariz.

– Então – disse meu tio George, que estava ao nosso lado, tirando fotos com uma das câmeras descartáveis que Vanessa havia distribuído pela sala –, os próximos são vocês?

Senti meu rosto ficando vermelho e olhei para Darren, na esperança de que aquela insinuação depois de apenas cinco meses juntos não o apavorasse, porque eu estava apavorada. Mas ele apenas sorriu.

– Se eu tiver sorte – respondeu Darren.

O pânico passou. Ainda não estava pronta para pensar no futuro. Não pude deixar de pensar, porém, que a mulher que ficasse com Darren teria tirado a sorte grande. Só não sabia se queria que fosse eu.

SEMPRE ACHEI O DIA DE SÃO VALENTIM estranho. Desde o primário, quando tínhamos que preparar cartões em formato de coração – que fazíamos com papelão, cola e grampos – para todo mundo da turma e deixá-los nas caixas de correio. Eu quebrava a cabeça para decidir que cartão especial do Peanuts iria dar para cada um – do Snoopy, do Charlie Brown ou o meu favorito, da Lucy, porque na época, além do mesmo nome, eu tinha o mesmo corte de cabelo que ela. Somente meus amigos mais íntimos ganhavam cartões da Lucy.

Quando fiquei adulta, o Dia de São Valentim se tornou um desses feriados como o Ano-Novo e o Quatro de Julho. É criada tamanha expectativa de que o dia será perfeito que isso acaba estragando qualquer coisa que você faça. E você termina a noite num bar cheio demais, ou deitada num lençol contemplando um céu nublado e pensando: *Eu devia estar me divertindo mais do que isto.*

No primeiro Dia de São Valentim depois que nos formamos na faculdade, um mês antes de você e eu nos reaproximarmos, eu saí com Alexis, Julia e Sabrina. A gente tomou um porre idiota de martíni de maçã e cosmopolitan. Julia só levantou às duas da tarde, e Alexis nos mandava uma mensagem pelo celular toda vez que vomitava. Acho que foram seis vezes naquele dia. Eu tive apenas dor de cabeça durante onze horas seguidas. Sabrina, é claro, acordou ótima.

Então vieram você e suas comemorações épicas. O dia que passamos juntos foi incrível, o tipo de coisa que só você fazia. Quando cheguei em casa do trabalho, você havia cortado fotos nossas em forma de pequenas estrelas e as pregou no teto.

– “E ele a face do céu fará tão bela / que apaixonado o mundo vai mostrar-se / da morte, sem que o sol esplendoroso / continue a cultuar” – declamei ao ver o que você fizera.

Você me abraçou.

– Meu Deus, como te amo – disse você.

– Eu também te amo – respondi.

Você me beijou na testa enquanto eu observava o que você preparara.

Você havia afastado a mobília, abrindo espaço para uma enorme toalha de piquenique no meio do apartamento. Num canto da toalha estava um prato com sanduíches quentes de queijo trufado; no outro, uma garrafa de champanhe dentro de um balde cheio de gelo. Quando tirei o casaco, você prontamente colocou para tocar um CD com os sonetos de Shakespeare musicados.

– Caramba, Gabe – falei, depois de pendurar meu casaco no armário.

Aquela produção toda me arrebatou, mas, ao mesmo tempo, me fez sentir que, de certa forma, eu não merecia. Eu nunca fizera nada perto de toda essa superprodução.

– Está muito frio para a gente fazer um piquenique sob as estrelas, por isso eu trouxe as estrelas até a gente. Estrelas shakespearianas.

Beijei você com força, depois tirei os sapatos e nos sentamos na toalha.

– Foi a melhor maneira que eu pude bolar para comemorarmos nós dois – disse você, pegando um pequeno triângulo de sanduíche. – Está com fome?

Fiz que sim e você segurou o sanduíche para que eu mordesse. Em seguida, deu também uma mordida.

Depois de mastigar e engolir, ergui os olhos para você.

– Meu presente para você não é tão... fabuloso assim.

Atravessei o apartamento e peguei um embrulho sob o meu lado da cama. Era um cachecol de caxemira que eu passara um mês tricotando durante os intervalos de almoço no trabalho – de um azul exatamente igual aos seus olhos.

– Feliz Dia dos Namorados – falei, entregando o presente.

Você abriu o embrulho e seu rosto se iluminou com um sorriso.

– Foi você que fez?

Assenti, sentindo-me menos insegura.

– É tão macio...

Você enrolou o cachecol no pescoço e continuou com ele o resto da noite.

– Eu o adorei quase tanto quanto adoro você.

Vi você colocar o cachecol na mala quando partiu para o Iraque. Você o usou lá? Fazia você se lembrar de mim? Se eu voltar agora para seu apartamento, será que ele vai estar enfiado no fundo de uma de suas caixas?

QUASE DUAS SEMANAS DEPOIS do casamento de Jason e Vanessa, chegou o Dia dos Namorados de 2005. Darren não é o tipo de cara que prepara um piquenique elaborado e romântico como você. Mas é doce e generoso, e eu sabia que ele faria alguma coisa para comemorar. Eu não tinha certeza se queria que ele fizesse. Não tinha certeza se devia romper com ele, já que não sabia se o que eu sentia por ele era tão forte quanto o que ele sentia por mim.

Liguei para Kate e contei o que eu estava pensando.

– É que não sinto a mesma coisa que sentia por Gabe.

Ela inspirou fundo.

– Você precisa ser sincera com ele – disse ela. – Porque acho que ele falou sério quando deu aquela resposta ao seu tio no casamento de Jason.

– Eu sei. Foi o que me fez refletir sobre isso. Afinal, é quase Dia dos Namorados.

– Você gosta de estar com ele? – perguntou Kate.

– Gosto.

– Estar com ele faz você feliz?

– Faz.

– Certo. Isso é bom. Você imagina que pode um dia se apaixonar por ele?

Pensei um momento. Pensei *nele*, na sua doçura, generosidade, senso de humor. Pensei nas vezes que corri com ele, nas festas a que fomos juntos, em cozinhar juntos em casa. Pensei no corpo dele nu ao lado do meu.

– Acho que poderia amá-lo – respondi.

– Acha que poderia se casar com ele? Porque, sabe, ele tem *quase* trinta. Não vai demorar a pensar nisso, se é que já não pensa.

Tentei imaginar a cena – eu, Darren, casamento, filho, voltando para casa toda noite para ele.

– Talvez – falei. – Não sei. Talvez.

Kate ficou um instante calada.

– Então acho que você não deve terminar com ele – concluiu ela. – Se você dissesse que não poderia amá-lo, ou que não consegue se imaginar casando com ele, eu diria que você precisava terminar. Que não seria justo continuar com ele. Mas, já que você pode, acho que deve conferir até onde isso os leva. Dê um passo de cada vez, só isso.

– Está bem – concordei. – Faz sentido. Ver até onde isso leva.

– Aliás – disse Kate –, Tom e eu estamos planejando uma festa no Dia dos Namorados. Você e

Darren gostariam de vir?

Por um segundo, pensei que ela não queria que eu terminasse com Darren para que pudéssemos comparecer como casal à festa do Dia dos Namorados.

– Vou perguntar a Darren e te digo – respondi.

Darren aceitou o convite.

– Mas podemos passar a véspera juntos? Domingo?

– Com certeza – respondi. – Vamos inventar alguma coisa divertida para fazer?

– Tenho algumas ideias.

O Dia dos Namorados com Darren significou ir a uma loja de bicicletas em Chelsea.

– Então – disse ele –, eu estava pensando qual seria o presente perfeito para te dar no Dia dos Namorados. Queria algo que funcionasse para o casal. Passei por uma loja vi o cartaz: *Oferta especial para namorados! Pedale com o seu amor!* Entrei para ver qual era a oferta. Basicamente, a gente pode comprar duas bicicletas parecidas para o Dia dos Namorados pelo preço de uma!

Olhei para ele sem acreditar.

– Você quer comprar uma bicicleta para mim?

Ele deu de ombros.

– Bem, quero comprar bicicletas para nós dois. A gente pode pedalar junto neste verão. Ou aqui, ou podemos alugar uma casa nos Hamptons. Ir de bicicleta à praia seria muito legal.

Fiquei outra vez aturdida. Depois de digerir que Darren queria me dar uma bicicleta, o que no início, confesso, achei bem estranho, acabei percebendo que era um presente bem pensado. Ele queria comprar algo que demonstrasse que tinha planos de ficar comigo pelo menos durante a primavera e o verão. Se eu aceitasse, era um sinal de que eu também queria? Será que eu queria dar esse sinal? Como seria andar de bicicleta com ele? Provavelmente, muito divertido. E a ideia de dividir uma casa com Darren no verão, em vez de ir sozinha à praia, era realmente sedutora. Eu gostava da minha vida com Darren e tinha bastante certeza de que continuaria gostando. Cada vez mais, na verdade.

– É um grande presente – falei.

– Na verdade, sua bicicleta vai ser um pouco menor que a minha – respondeu ele.

Eu ri.

– As cores precisam combinar? – perguntei.

Ele coçou a cabeça.

– Acho que não. Mas vamos perguntar?

Ele disse isso como uma interrogação, como se não tivesse cem por cento seguro de que eu aceitaria o presente. Ou a sugestão de irmos à loja de bicicletas.

Segurei a mão enluvada de Darren.

– Sim, vamos. E, caso eu me esqueça de agradecer depois, obrigada.

Eu tinha planejado dar a ele uma garrafa de seu uísque preferido, mas mudei rápido de ideia.

– Por falar nisso – falei, notando uma placa na porta ao entrarmos na loja –, vou devolver o presente do Dia dos Namorados que eu ia te dar.

Ele me olhou com uma interrogação nos olhos.

– Decidi que vou comprar para a gente dois capacetes combinando.

Apontando para uma placa: *Liquidação de inverno: dois pelo preço de um!*

Ele deu um sorriso, em seguida se inclinou e me beijou no rosto.

– Eu sabia que você era meu tipo de garota.

Eu estava começando a pensar que ele tinha razão.

UMA SEMANA DEPOIS DO Dia dos Namorados, meu celular tocou. Era uma ligação de fora do país. Não reconheci o código do país e, por estranho que pareça, você não foi o primeiro nome que me veio à cabeça. Pensei que fosse de alguma das redes de TV europeias que exibiam nosso programa. Alguém atrás de Phil que, não o encontrando no escritório, tentava por meio do meu celular. (Sei que era improvável.) Atendi da maneira como faço no trabalho.

– Alô, aqui é Lucy Carter.

Silêncio na linha.

– Alô? – repeti.

– Luce?

Era você. Era sua voz. Eu a senti lá no fundo do meu corpo. Meu nome em seus lábios fez todo o meu corpo vibrar. Graças a Deus eu estava sentada à minha mesa. Acho que minhas pernas não teriam aguentado.

– Gabe?

Ouvi você fungar.

– Você está bem, Gabe? O que houve?

– Estou com o olho roxo – disse você. – Um corte no rosto e outro no lábio. As costelas machucadas.

Meu coração começou a bater mais depressa.

– Onde você está? O que aconteceu?

– Eles tentaram pegar minha câmera. Eu não quis entregar, por isso começaram a me bater até que uns soldados americanos me salvaram.

– Você está em Bagdá? – perguntei.

– Sim, na Zona Verde. Agora estou seguro. Estou bem, mas precisava ouvir sua voz. Espero que não tenha problema eu te ligar.

– Claro que não tem problema – respondi.

Meus olhos ficaram cheios d'água ao pensar em você sangrando, machucado, querendo falar comigo. Se eu estivesse ferida e abalada, quem me faria sentir melhor? Você ou Darren? Ou talvez Kate. Ou meus pais.

– Como eu posso te ajudar? – perguntei.

– Já está ajudando – disse você. – Está aí, falando comigo. Quando aqueles sujeitos me derrubaram, eu só pensava: e se eu nunca mais ouvir sua voz? Mas estou bem e ouvindo sua voz. Então está tudo bem. O universo é bom.

Eu não sabia como reagir. O que dizer? Depois de todos esses meses de silêncio, ali estava você, machucado e sentindo a minha falta.

– Você vai voltar a Nova York em breve? – perguntei.

– Acho que no verão. A Associated Press me deu a próxima semana de folga e acho que vou ver minha mãe. Depois vêm minhas férias de verão. Estava pensando em ir aos Estados Unidos. Estou com saudades de todo mundo. De você, principalmente.

Eu queria perguntar se você ia voltar de vez. Se sentia tanta falta de todo mundo que havia desistido

de morar no Iraque. Se a saudade que sentia de mim era tanta assim. Mas não perguntei.

– Eu também sinto a sua falta, Gabe.

Então Phil surgiu na divisória da minha estação de trabalho.

– Lucy? – perguntou ele. – Você está com as anotações da reunião do orçamento de ontem?

Assenti para Phil e disse a você que precisava ir. Você falou que em breve voltaria a entrar em contato e eu disse que tudo bem e que a gente conversava mais depois.

Mas só tive notícias suas de novo no último dia de sua visita à sua mãe. Você me mandou um breve e-mail, dizendo que se sentia melhor, já impaciente para voltar a Bagdá. Então, toda a preocupação que eu sentira por você, todo o carinho ao ouvir sua voz se converteram em raiva. Como você foi capaz de me ligar daquele jeito, trazendo todos aqueles sentimentos à tona, se não planejava fazer nada a respeito? Não era justo, Gabe. Eu deveria ter reagido de maneira diferente a muita coisa que você fez, a muita coisa que pediu de mim. Se eu fosse um árbitro, se a vida fosse um jogo, eu deveria ter parado e gritado *Falta!* ou *Recomece!* Como se fazia quando eu estava na colônia de férias. Mas não há árbitros na vida real, nunca há um recomeço.

Naquela noite, beijei Darren com mais força do que de costume.

MAS EU NÃO CONSEGUIA TIRAR você da cabeça. Não parava de pensar em sua luta para mostrar às pessoas do mundo inteiro que somos todos semelhantes, na esperança de que isso impedisse a violência. Em troca, haviam machucado você.

Devia haver uma lição qualquer nisso. Uma sabedoria que eu pudesse compartilhar com a próxima geração. Eu queria transformar algo horrível em útil, ser de certo modo fiel à sua missão.

Algumas semanas depois, propus um novo argumento para um episódio de *É preciso uma galáxia*. Uma história sobre Roxie, a extraterrestre cinza, que ia a outro planeta e tirava fotos para seu Livro de Cuidados, o panfleto que ela vinha mostrando aos amigos nos episódios anteriores. Quando chegou lá e começou a tirar fotos, alguns habitantes do planeta não compreenderam por que os fotografava. E deram uma surra nela. Houve uma grande discussão na equipe sobre o enredo, mas a violência entre as crianças era um tema atual e Phil decidiu dar prosseguimento e produzir o episódio.

Eu não sei se vocês leram a cobertura da mídia na época, mas foi o episódio mais falado da história de *É preciso uma galáxia*. Foi a primeira vez que violência apareceu num desenho animado para crianças em televisão aberta. Houve debates na internet, especialistas comentaram no noticiário. Mudou o perfil do programa e abriu espaço para a gente lidar com outras questões sensíveis. Esse episódio fez *É preciso uma galáxia* tomar outro rumo. E me fez receber outra promoção.

Eu devia ter agradecido a você por isso. Pela inspiração. Sinto muito por não ter feito antes. Mas agradeço agora.

É ENGRAÇADO QUE, QUANDO ESTÁVAMOS JUNTOS, eu costumava fantasiar sobre o futuro, mas não de modo concreto. Eram só fragmentos. Eu imaginava conhecer sua mãe – que sinto muito nunca ter conhecido pessoalmente. Ou que nos mudávamos para um apartamento maior, para que seu local de trabalho deixasse de ser a mesa de café. Ou que fazíamos uma viagem de férias juntos – outra coisa que lamento nunca termos feito.

Com Darren o futuro não vinha assim, em lampejos. Era discutido exaustivamente. Darren sempre tinha um plano. Ele joga xadrez, e acabei percebendo que lida com a vida um pouco como numa partida. Pensa seis, oito ou dez jogadas à frente, para ter certeza de que vai alcançar qualquer objetivo que tenha formulado. Fechar o negócio. Capturar a rainha. Xeque. Mate.

No primeiro ano de namoro, umas duas semanas antes de meu aniversário, ele me perguntou se eu tinha uma lista de projetos.

– Como assim? – perguntei.

– Sabe, uma lista de coisas que você quer fazer antes de morrer.

Puxou a carteira do bolso e tirou uma lista.

– Comecei a fazer uma há quase cinco anos! Quando fiz 25. Desde então, vivo riscando e acrescentando coisas.

Havia algo reconfortante em namorar um cara quase cinco anos mais velho que eu – perceber que as carreiras não ficam estagnadas, que as pessoas se separam e as coisas terminam bem. Mas de vez em quando essa diferença parecia ser até maior, como se ele fosse muito mais experiente. Aquele era um exemplo disso.

Ele abriu o papel diante de nós na mesa do Teresa's, na Montague Street – o lugar favorito de Darren para jantar domingo à noite. Olhei para baixo:

Coisas a fazer antes de morrer

1. Andar num diciclo elétrico
2. ~~Correr uma maratona~~
3. ~~Percorrer as ilhas gregas~~
4. ~~Aprender mergulho~~
5. ~~Fazer um cruzeiro~~
6. Adotar um animal resgatado
7. Aprender chinês
8. Dirigir um carro de corrida
9. Casar
10. Ter um filho
11. Visitar a Austrália
12. Disputar uma competição de triatlo
13. Comprar uma casa de praia
14. Pedalar de bicicleta do Brooklyn até Montauk Point, em Long Island

– A lista é impressionante. E a quantidade de coisas que você já riscou também. Que tal a Grécia?

– Um lugar lindo. Fui com meu primo Frank. Ele mora no Vale do Silício. Cara bacana. A gente bebeu muito uzo, mergulhamos e velejamos. E comemos uma porção de pratos fantásticos.

– Então, qual é o próximo objetivo? – perguntei, torcendo para ele não dizer “casar” e não me pedir em casamento ali mesmo.

Ele examinou a lista.

– Acho que o dicitlo ou a viagem de bicicleta – respondeu ele. – Ou talvez o triatlo, mas teria que treinar muito.

– Qual a distância do Brooklyn a Montauk Point? – perguntei.

– Mais ou menos duzentos quilômetros. Já estudei o percurso, mas não tenho certeza se estou preparado.

– Mas agora temos nossas novas bicicletas... – falei com um sorriso.

Ele levantou uma sobrancelha para mim.

– Você iria comigo?

Dei de ombros.

– Que tal no seu aniversário? – sugeri. – Isso nos dá até junho para entrar em forma. Temos três meses para treinar.

Ele se inclinou por cima da mesa e me beijou.

– Não consigo pensar em melhor maneira de passar meu trigésimo aniversário. Mas, na verdade, eu perguntei da sua lista por causa do *seu* aniversário. Tem alguma coisa que você queira fazer?

Eu não tinha nada pronto para dizer.

– Acho que eu deveria começar uma lista para ver se aparece alguma coisa – falei, tirando da bolsa uma caneta e uma velha nota fiscal de farmácia.

Minha lista ainda está no verso dessa nota fiscal. Acho que eu nunca mostrei para você. Deveria acrescentar isto agora: *Mostrar esta lista para Gabe*. E talvez: *Pedir a Gabe que faça sua lista*. Mas acho que nunca irei riscar esses itens. Prove que estou errada, Gabe. Por favor.

Escrevi *Lista de coisas a fazer antes de morrer* no topo da nota e a seguir copiei alguns itens da lista de Darren, embora os números 2 e 3 me parecessem mais eventualidades do que desejos.

1. *Ir à Austrália*
2. *Casar*
3. *Ser mãe*
4. *Subir ao topo do Empire State Building*
5. *Pilotar um barco*
6. *Passar um fim de semana prolongado em Paris sem motivo*
7. *Virar produtora executiva de um programa infantil de TV*
8. *Comprar um par de escarpins Manolo Blahnik*
9. *Ter um cachorro*
- 10.

– Não consigo pensar em mais nada – disse a Darren.

– Você acaba lembrando de outros. Eu acrescento alguns o tempo todo. Mas foi um belo começo.

Ele pegou a lista.

– Ah, algumas dessas coisas são fáceis! Sabe o que a gente vai fazer no seu aniversário? Subir até o topo do Empire State Building. Então você vai poder riscar algo logo.

– Vamos?

– Eu garanto.

Eu podia ver as engrenagens girando na cabeça dele, tentando descobrir o que mais poderíamos fazer. Fico pensando se foi ali que ele decidiu que iríamos a Paris, para que pudesse me pedir em casamento. Ou se já começou a planejar a viagem à Austrália no meu trigésimo aniversário. Ou pensou em comprar os escarpins Manolo Blahnik. Ele é um planejador. Não tem medo de esperar se acha que o plano vai dar certo. Isso é algo que admiro nele.

Mas aí ele olhou para o número 7.

– Você quer ser produtora executiva de um programa infantil de TV?

– Sim – respondi, confirmando com a cabeça.

Ele sorriu.

– Que fofo.

Eu me espantei.

– Como assim? – perguntei.

– Seu trabalho é adorável. Exatamente como você.

Olhei para ele sem acreditar. Soava tão... desrespeitoso – embora eu soubesse que ele não fizera de propósito. Ou pelo menos eu esperava que não tivesse sido de propósito. Não pude deixar de lembrar como você levava meus sonhos a sério. Como eram importantes para você.

– Meu trabalho não é fofo – falei. – Nem adorável.

Darren ficou mudo. Eu o surpreendera. Não fazia ideia de que dissera algo errado – o que quase piorava ainda mais as coisas.

– Você diria a um homem que fosse produtor executivo de... *Law and Order* que o trabalho dele é fofo? – perguntei. – O que exatamente faz minha ambição profissional ser fofa?

Darren recuperou a fala:

– Ei, espera aí. Não quis dizer nada disso. Sinto muito. Escolhi a expressão errada. Você sabe quanto acho você adorável. Tudo relacionado a você é adorável. Seus sapatos, sua escova de cabelo, o chiclete na sua bolsa. Tudo. Porque é seu.

Eu larguei a caneta, peguei o garfo e coloquei na boca um pouco do macarrão que eu julgara não querer mais, só para não ter que responder logo. Tive vontade de dizer: *Eu sou mais que adorável*. Tive vontade de dizer: *Preciso que você entenda o quanto minha carreira é importante para mim*. Tive vontade de dizer: *Preciso que você me ame por causa da minha carreira, e não apesar dela*. Mas Darren tinha tanta coisa maravilhosa, e estava pedindo desculpa. Ele não quis me magoar. Além disso, era um sujeito inteligente. Achei que com tempo ele entenderia.

Engoli o macarrão.

– Espero que você não me ache apenas adorável – falei.

– Claro – respondeu ele. – Você também é bonita, doce, engraçada e inteligente. Quer que eu continue? Não me faltam adjetivos para te descrever.

Eu ri.

– Bem, pode continuar se quiser.

Darren sorriu, aliviado.

– Hum, que tal sexy? Que tal criativa?

– Esses são bons.

Fico pensando se eu não deveria ter levado aquela conversa mais a sério. Se não deveria tê-la aprofundado e dito tudo que eu pensava e guardava para mim. Porque ele ainda não entende. Não mesmo.

PARA COMEMORAR O ANIVERSÁRIO de Darren, compramos bolsas para as bicicletas e três bermudas de ciclismo para cada um. Reservamos quartos em pousadas em Sayville e Southampton. Resolvemos comemorar com um pouco de antecedência e começar a viagem no último fim de semana de maio, antes do feriado nacional. Havíamos dividido o aluguel de uma casa naquele verão em Montauk, então pensamos em passar ali a última noite da viagem e depois pegar o trem de volta para casa. Tudo estava se encaixando com perfeição, exatamente como Darren gostava.

Estávamos treinando desde o início de março. Pedalávamos até a Westchester Avenue, ou até a ponte George Washington, ou a Coney Island. Darren fazia questão de encher as bolsas de biscoitos, água e toalhas para que pudéssemos fazer piqueniques improvisados aonde quer que fôssemos, além de treinar com o peso que carregariamos na viagem. No nosso último treino, atravessamos a Ponte do Brooklyn até Manhattan, e depois até o museu Cloisters. O dia estava maravilhoso, fresco e ensolarado, e ficamos rindo de um milhão de coisas que, se eu te contasse agora, não iriam parecer engraçadas. Mas estávamos naquele estado de espírito em que achamos graça de tudo.

– Tive muita sorte em conhecer você – disse Darren, quando chegamos em casa naquele dia.

– Ambos tivemos – respondi. – Sorte de termos nos encontrado.

Era o que eu sentia naquele momento. Era mesmo.

NA MANHÃ DA PARTIDA, EU ACORDEI muito cedo. As imagens de nossa última pedalada ficavam passando na minha cabeça e eu estava animada, mas também um pouco preocupada. Seria o maior período que Darren e eu passaríamos juntos a sós. Tinha a sensação de que era um teste para o que teríamos pela frente. E se a gente enjoasse um do outro? Ou ainda, e se a gente não enjoasse? O que significaria?

Darren acordou e rolou na cama, colocando a cabeça no meu travesseiro.

– Muito obrigado por ir comigo. Vai ser incrível. Quero te dizer que, se você precisar parar para descansar, ou fazer parte do caminho de trem, tudo bem. Não deve haver nenhuma pressão sobre nenhum de nós, certo?

A parte de mim que estava nervosa relaxou.

– Mas vamos conseguir – falei, beijando-o.

No primeiro dia foi divertido, embora tenha ficado um pouco chato quando estávamos chegando aos cinquenta quilômetros. Mal podíamos conversar. Apenas pedalávamos. Darren ia na frente porque conhecia o caminho, e eu seguia atrás, cansada de ver as costas dele, a camiseta, a velocidade das pernas dele pedalando. Fui cantarolando umas músicas na cabeça.

– Intervalo do sanduíche! – anunciou ele, por fim.

Antes de partir, ele preparara dez sanduíches de pasta de amendoim e geleia. Comprara uma pasta cremosa para mim e outra crocante para ele. Ambos gostávamos de geleia de morango.

– Senhora – disse ele, quando paramos ao lado da estrada e deixamos as bicicletas na grama –, será que lhe apetece um ou dois sanduíches?

Alonguei os músculos e ri.

– Por enquanto, um.

Tiramos os capacetes e as luvas, depois lavamos as mãos e nos sentamos para comer.

– Pausa para a digestão? – perguntou ele, inclinando-se para trás e deitando na grama, com a cabeça na bolsa.

– Pausa para a digestão – concordei, descansando a cabeça em seu peito.

– É extraordinário – disse ele. – Já te contei que no ano passado, no meu aniversário, desejei conhecer uma garota excepcional, bonita, audaciosa, inteligente e engraçada? E não é que, três meses depois, lá estava você naquela casa de praia!

Sentei-me ereta e olhei para ele.

– Cuidado este ano, já que seus desejos são tão poderosos.

– Ah, já planejei o que vou desejar.

Eu sorri.

– Claro.

Ele riu.

– Mas você sabe que não posso contar, ou o desejo não se realiza.

– Verdade. É preciso guardar segredo.

Ele afastou minha franja para o lado.

– Ficaremos doloridos esta noite – disse ele. – Mas trouxe pomada e Advil. E vaselina para nossas bundas. Caso fiquem esfoladas.

– O quê? – perguntei.

– Não quero pedalar com a bunda esfolada – respondeu ele, com um olhar acanhado que me fez perceber exatamente como ele era aos seis, aos oito e aos treze anos.

Ele parecia tão doce que meu coração se encheu de carinho.

– Eu te amo – falei.

Era a primeira vez que um de nós dizia aquilo.

Ele me olhou um instante, em seguida deu um sorriso.

– Eu também – disse ele. – Também te amo.

Ele se sentou e me deu um beijo.

– Posso contar um segredo? – perguntou.

Assenti, sem saber o que ele diria.

– Há meses que te amo. Desde que tivemos aquelas aulas hilárias de dança. Foi aí que me apaixonei.

– Por que não disse nada?

– Porque não queria te assustar.

A sinceridade dele era reconfortante. Desarmava a gente. Beije-o de novo porque ele tinha razão: teria me assustado.

Darren compreende tanta coisa em mim... Desde o início. Embora ele não consiga entender em absoluto minha ligação com você, mas não o culpo por isso.

HÁ PESSOAS COM QUEM CRUZAMOS na vida e que, depois que se afastam da gente, deixam de fazer parte dela. Mesmo quando as encontramos de novo, ficamos apenas com um “Oi, como vai?”. Com outras, no entanto, a impressão é de retomarmos sempre a conversa no ponto exato em que a interrompemos. Flui de maneira tão natural que parece que o tempo não passou.

Foi o que aconteceu quando encontrei você de novo. Pouco mais de um ano depois de sua partida. Poucos meses depois de seu telefonema. Você me mandou um e-mail que dizia:

Oi, Lucy

Acabei de pousar no aeroporto JFK. Você vai estar por aqui nesta semana? Adoraria te ver. Que tal um drinque quarta ou quinta?

Gabe

P.S.: Vi *É preciso uma galáxia* no avião. Adorei a maneira como o episódio do sonho ficou.

Eu estava no apartamento de Darren quando o e-mail chegou. Era domingo e tínhamos acabado de chegar de Montauk. Eu queria voltar para minha casa naquela noite, mas Darren tinha comida na geladeira e eu não, por isso a gente ia fazer um lanche rápido. Depois eu ia para casa lavar roupa e aprontar as coisas para o trabalho no dia seguinte. Darren estava tirando as roupas de praia úmidas da mala e espalhando-as na banheira para que não mofassem. Eu vasculhava os armários da cozinha para incrementar nossos sanduíches. Peguei meu BlackBerry na bolsa para ver se, durante a viagem de trem, havia chegado algum e-mail urgente do trabalho. Nada. Apenas sua mensagem. Fiquei contente de Darren estar em outro ponto do apartamento.

Meu corpo reage de maneira tão física a você que é algo bizarro. Foi assim desde que te conheci. Sempre achei – talvez sempre tenha desejado – que em algum momento isso mudaria. Mas nunca mudou.

Vi seu nome e senti um frio no estômago. Cliquei no e-mail. Mesmo que uma parte de mim pensasse *Não é uma boa ideia*, eu sabia que iria me encontrar com você. Queria ver você, ouvir como estava. Sabia também que precisava contar para Darren. Não se tratava de pedir permissão, apenas sentia que seria errado não contar.

Ele pareceu tranquilo quando contei que acabara de receber um e-mail do meu ex, mas fez uma rápida careta quando contei que planejava me encontrar com você para um drinque. Logo depois voltou ao normal.

– Você me diz quando? – perguntou ele.

– Claro.

– Vem para cá depois?

Eu não planejava dormir com você nem ficar até tarde na rua. Sentia, no entanto, que gostaria de ficar sozinha depois de ver você. Sabia, porém, que precisava ceder um pouco. Por Darren. Porque eu o amava.

– Com certeza – falei.

Ele pareceu ficar contente e nossa conversa seguiu em frente. Falamos sobre o novo namorado de Alexis, o surfista que ela conhecera em Ditch Plains na semana anterior. Sobre os três casamentos a que a gente ia naquele verão – todos de amigos dele. E se valia a pena alugar um carro para ir ao casamento de

Brad e Tracey ou pegar um trem até a cidade e lá andar de táxi. Por fora, tudo corria normalmente, mas por dentro eu só queria olhar o BlackBerry para checar se você me respondera. Para saber exatamente quando eu iria te encontrar. É por isso que era melhor quando eu e você não estávamos em contato. Esperar é sempre um sofrimento.

NA QUINTA DE MANHÃ TROQUEI de roupa quatro vezes. Primeiro botei um vestido folgado que me fez parecer uma tábua. Talvez fosse uma boa maneira de manter o encontro na esfera platônica. Mas a seguir me olhei no espelho de novo. Eu não via você fazia um ano. Não queria que pensasse que eu tinha ficado desleixada, então vesti algo justo. Achei que pudesse dar a mensagem de que estava querendo impressionar. Por isso troquei por calças leves e camiseta regata. Mas lembrei que você gostava de como eu ficava de saia. Botei uma saia reta, uma blusa de seda sem mangas e sandálias. Era uma roupa que fazia com que me sentisse segura, bem-sucedida, no controle da situação. Vestia algo assim quando precisava fazer apresentações no trabalho. Alisei o cabelo e dediquei mais um tempo à minha franja.

Mal consegui me concentrar no trabalho naquele dia. Eu precisava revisar os roteiros dos novos episódios de *É preciso uma galáxia*. Tive que ler quatro vezes um deles até compreender direito o que acontecia.

Depois do trabalho, fui andando devagar até o Pazza Notte. Cheguei uns minutos adiantada e pensei em caminhar em volta do quarteirão, mas preferi entrar e pegar dois lugares no balcão do bar. Você me mandou uma mensagem dizendo que estava atrasado, o que era raro em você. Pedi uma taça de vinho. Havia bebido metade quando você chegou com o sorriso que marcava uma covinha no seu rosto e uma porção de desculpas.

– Que bom te ver, Luce – disse você, e me deu um abraço apertado.

Retribuí o abraço com a mesma força e percebi que você tinha exatamente o mesmo cheiro. Os cientistas afirmam que o cheiro é um dos gatilhos mais poderosos da memória. Acredito nisso sem sombra de dúvida. Quando encostei a cabeça na sua camisa, fui catapultada de volta ao passado.

Quando nos afastamos, você me olhou por um bom tempo.

– Estou só absorvendo toda essa beleza – falou. – Você está ótima. Gostei do corte do cabelo.

Fiquei vermelha.

– Obrigada. Você também está ótimo.

Era verdade. Durante sua ausência, você emagrecera um pouco e seus traços estavam mais fortes. Seus cabelos ainda tinham cachos, porém mais curtos e densos. Você estava bronzeado, os pelos dos braços haviam ficado ainda mais claros.

Fiquei tão absorta pelo seu magnetismo que nem consigo me lembrar do que conversamos naquela noite. Você consegue? Tenho certeza de que foi sobre meu programa de televisão, seu trabalho, nossas famílias. Lembro-me apenas de me sentir totalmente viva. Como se cada molécula do meu corpo estivesse desperta, alerta, excitada. Todas as outras sensações haviam sido postas de lado, esmagadas pela sua presença diante de mim, sorrindo como se eu fosse a única pessoa no mundo.

Eu não queria trair Darren, e acho que não teria traído. Mesmo assim, fiquei ligeiramente decepcionada por você não ter feito uma tentativa. Um beijo que resvasse da bochecha para os lábios, a mão que pousa na coxa. Às vezes fico pensando no que teria acontecido se você tivesse tentado. Teria mudado alguma coisa? Teria mudado tudo?

Darren mandou uma mensagem de texto, e percebi que não era fácil para ele saber que eu tinha saído com você. Devia estar em casa, preocupado. A ironia é que ele não precisava ter se preocupado naquela ocasião. Mais tarde, sim. Naquele dia, porém, nem passava pela cabeça que eu poderia dormir com você. Ele achava que eu era totalmente dele. Mas eu nunca fui dele por completo.

POUCOS DIAS DEPOIS de nosso encontro, fui fazer compras com Kate. Ela havia me mandado uma mensagem dizendo que ia viajar com Tom – viajar *de verdade* – pela primeira vez. Dez dias na Espanha. Ela queria dar uma melhorada no guarda-roupa.

– Do que você precisa? – perguntei ao chegar ao apartamento que um dia havíamos dividido.

Ela e Tom não moravam junto. Kate lhe dissera que não moraria com ninguém até que tivesse uma aliança de noivado no dedo. Quando ela me contou isso, não pude deixar de me sentir constrangida pensando em meu relacionamento com você. Eu sempre soubera que ela pensava daquela maneira, mas imaginava que mudaria de ideia quando conhecesse alguém legal. E Tom era de fato maravilhoso: calmo, preocupado com ela, generoso. Mas ela não mudara.

Kate acessou uma lista em seu BlackBerry.

– Dois maiôs, uma saída de praia e um vestido longo para nossa temporada em San Sebastián e Barcelona. E, talvez, um par de sapatos plataforma para caminhar em Madri. E um grande chapéu de palha não cairia mal. Você não acha chique?

Sorri para Kate.

– Acho que você vai ficar parecida com uma estrela de cinema – falei. – Tipo Greta Garbo.

Ela me olhou de soslaio e ambas rimos.

– Você não faz ideia do estilo da Greta Garbo, não é? – perguntou ela, passando o braço pelo meu ombro.

– Não faço mesmo – respondi. – Mas devia ser fabuloso, não?

Kate deu um suspiro.

– Muito. Mas acho que você está pensando em Hedy Lamarr. Ela, sim, ficava estonteante com grandes chapéus de aba larga.

– Ah, sim, com certeza é Hedy Lamarr – afirmei, abraçando a cintura de Kate. – Então, aonde vamos? Vamos procurar por aí ou direto numa loja de departamentos?

– Loja de departamentos – respondeu ela, sem a menor hesitação. – Estava pensando na Bloomingdale's, que é mais perto, e depois podemos almoçar aquele iogurte.

A Bloomingdale's, é claro, me lembrava de você. Na verdade, eu evitava a loja havia mais de um ano, o que era bastante fácil, já que eu estava morando no Brooklyn. Mas eu havia resolvido que já era tempo de reintegrar à minha vida as coisas que lembrassem Gabe. Por isso não disse nada, exceto:

– Adoro esse iogurte.

Chegamos à loja e fomos procurar maiôs. Kate queria do tipo que combinasse com o chapéu à la Hedy Lamarr que ia comprar, por isso fomos atrás de estilos vintage e cores tradicionais. Com seis ou sete opções nos braços, nos dirigimos aos provadores.

Sentei-me numa cadeira com os maiôs no colo e finalmente contei a Kate que havia me encontrado com você para um drinque.

– Como foi? – perguntou ela, com cautela.

– Estranho – falei. – Amo Darren, amo de verdade, sem sombra de dúvida. Mas sinto por ele algo muito diferente do que sentia por Gabe. Não sei dizer se amo menos Darren, ou se o amo de maneira diferente. Você se sente mais viva quando está com Tom do que quando não está?

Kate me olhou muito séria, como se estivesse pensando na melhor resposta. Adoro isso em Kate. Ela sempre ponderou muito as palavras, mesmo quando éramos crianças.

– Não – respondeu por fim. – Eu me sinto tão viva agora, no provador com você, quanto me sinto com Tom.

Entreguei um dos maiôs a ela.

– Eu me sinto mais viva com Gabe do que com qualquer outra pessoa no mundo – falei. – O que não significa que ame menos você.

– E Darren?

– É... diferente. E tenho medo de que não me baste. O que sinto por Gabe é tão monumental que nada vai me satisfazer do mesmo modo.

Kate vestiu o maiô pelas pernas e passou os braços pelas alças.

– O que acha? – perguntou, olhando-se no espelho.

– Sinceramente?

– Sempre – respondeu ela.

– Para ser honesta, acho que marca sua bunda num lugar esquisito.

Ela se virou e olhou para trás para se ver de costas no espelho.

– Ah, puxa, você tem razão. Esquisito. – Kate começou a despir o maiô e falou: – Eu estava conversando sobre relacionamentos com minha irmã há alguns meses e ela falou uma coisa interessante.

Você conheceu a irmã de Kate? Eu devo ter falado sobre Liz, ainda que você não a tenha conhecido. Ela estudou em Brown. É praticamente o oposto de Kate em tudo que é possível. Tem uma criatividade incrível e grande talento artístico. Foi para Paris depois da faculdade para trabalhar na *Vogue* quando Kate e eu tínhamos dezesseis anos. Teve uma série de casos com homens e mulheres, e ainda hoje é uma das pessoas mais interessantes que conheço.

– O que Liz falou? – perguntei.

– Ela disse que pensa em todos os seus casos como tipos diferentes de fogo. Alguns relacionamentos parecem um incêndio na mata: intensos, majestosos, irresistíveis, perigosos, capazes de te queimar antes que você perceba. Outros são do tipo fogo de lareira: sólidos, estáveis, confortáveis, acolhedores, nutritivos. Ela deu outros exemplos: o tipo fogueira, o tipo fogos de artifício. Este serve para sexo casual, acho. Mas os tipos incêndio e lareira são os que ficaram na minha cabeça.

– Você e Tom são do tipo lareira? – perguntei.

Kate assentiu.

– Acho que sim. E é isso que eu quero: segurança, estabilidade, acolhimento.

– Acho que Darren e eu somos do tipo lareira – falei, remoendo o que ela dissera. – Mas Gabe e eu somos como um incêndio.

– Sim. Acho que é verdade.

Ela tinha posto um biquíni. Era vermelho e branco, de bolinhas e cintura alta.

– Ah, está ótimo em você – comentei.

Ela se examinou no espelho.

– Gostei! – exclamou ela, dirigindo ao seu reflexo um gesto de aprovação com a cabeça. – Um está resolvido, falta mais um.

– Liz disse qual era melhor? – perguntei.

Kate balançou a cabeça enquanto abria o top do biquíni.

– Ela falou que depende de como você é. Ou do que deseja. Ela enjoa dos relacionamentos tipo lareira depois de certo tempo. Prefere incêndios, mas está começando a achar melhor um meio-termo qualquer. Ah, acho que a fogueira era isso, quando o relacionamento sempre promete uma combustão total, mas não chega lá. Ela disse que nunca achou um desses relacionamentos, mas está procurando.

– Dá para controlar um incêndio ou avivar uma lareira? – perguntei, pensativa.

– Não sei – disse Kate, tirando a parte de baixo do biquíni. – Liz falou que nunca conseguiu. Porém, ampliando a metáfora, lembre que os bombeiros são capazes de controlar um incêndio. Talvez as pessoas também possam. Acho que a pergunta certa é se a gente consegue controlar um incêndio sem apagá-lo totalmente.

Entreguei a Kate outro biquíni, pensando se eu também devia procurar uma fogueira. Ou se deveria experimentar todos os diferentes tipos de relacionamento antes de decidir o que eu queria.

– Minha preocupação – disse Kate – é a gente trocar uma lareira maravilhosa por uma fogueira e acabar descobrindo que não era o que a gente queria. E então descobrir que tinha perdido a lareira para sempre.

– Você agora está falando sobre você e Tom? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Talvez. Não sei.

– Acho que é complicado – falei. – Esse biquíni deixa seu peito quase todo de fora.

Kate olhou para baixo.

– Ah, que horror! – exclamou ela, tirando o biquíni. – Acho que você precisa fazer uma espécie de análise de risco em um relacionamento. A quantidade de felicidade atual dividida por quanto vale arriscá-la na busca de uma felicidade suplementar com outra pessoa. Não sei se eu estaria disposta a correr esse risco. Quer dizer, qual é o limite? Caso eu esteja oitenta por cento feliz com Tom, será que devo arriscar isso pela possibilidade de ser noventa e cinco por cento feliz com outro? E qual é a felicidade máxima possível com alguém? Não acho que seja cem por cento.

– Não, cem por cento com certeza não – falei. – Nada é perfeito.

Pensei na minha porcentagem de felicidade com você. E com Darren?

E então pensei em como você e Darren responderiam a essa pergunta – sobre o percentual de felicidade comigo. O que você acha? Nosso percentual era idêntico naquela época? Éramos oitenta por cento felizes? Oitenta e cinco por cento? Tenho a sensação de que eu era mais feliz que você. Porque foi você quem partiu, quem quis ir embora. Você não deve ter pensado exatamente nesses termos, mas era claro que estava disposto a correr o risco – arriscar ser mais feliz sem mim na sua vida, correndo atrás da carreira que desejava.

Deu certo? Ao menos durante certo tempo?

Sei que, no fim, não deu.

ÀS VEZES, UM ANO PARECE uma eternidade dividida em pequeninas cápsulas do tempo. Cada uma delas é tão rica que é como se fosse outra vida dentro da vida. Foi assim meu 2004. Houve o período em que vivemos juntos, aquele em que nos separamos, e outro depois em que conheci Darren. Aquele ano teve três partes distintas. Mas eu sentia que os doze meses desde que Darren e eu nos conhecemos formavam uma coisa só, sólida e una. Fiquei um pouco surpresa quando certo sábado, assim que cheguei de um brunch com Julia, Darren falou de nosso primeiro ano juntos.

– Nosso aniversário será daqui a duas semanas – disse ele. – Você pensou em fazer algo especial?

Meu impulso foi checar no calendário do BlackBerry, mas sabia que ele estava certo: nunca esquecia uma data. Além do mais, o verão estava acabando, e foi bem nessa época, no ano anterior, que nos conhecemos – no final do verão mais triste que já vivi.

– Será que vamos conseguir um fim de semana em Montauk? – perguntei, pegando um copo d’água.

Ele já havia adiantado a reserva para passar alguns fins de semana e ficara encarregado de monitorar quando abriria uma vaga.

– Mas é claro – respondeu.

Eu deveria ter adivinhado. É provável que já tivesse escolhido a data quando fez nossas reservas.

– Quem sabe um jantar de frutos do mar ao ar livre? – sugeri, colocando gelo no copo. – Naquele restaurante chique à beira-mar? Aonde só vão adultos, todos bem-vestidos?

Darren atravessou a cozinha para me beijar.

– Nós somos adultos – falou.

Eu ri.

– Você sabe o que quero dizer.

Ele me beijou no nariz.

– Acho ótimo. Também pensei em outra coisa – continuou ele. – E tem a ver com presentes.

Fiquei pensando se elealaria sobre a aliança de noivado. Sabrina noivara no mês anterior – em grande parte porque engravidara. Pensando bem, a ideia era agradável. Gratificante, como encontrar uma peça de quebra-cabeça que você andava buscando havia um tempão e nunca mais teria que procurar. Pelo menos, não por enquanto – talvez algum dia.

– Então, e sobre os presentes? – perguntei.

– Bem – disse ele –, eu estava pensando nas nossas listas. Na minha está: “Adotar um animal resgatado.” Na sua diz: “Ter um cachorro.” Há anos penso nisso, então... tenho uma surpresa para você. Sei que posso estar me precipitando, mas, depois que tive a ideia, não pude esperar nem um minuto!

Ele caminhou até a porta do quarto, que estava fechada, o que era raro, entrou e saiu com uma pequena trouxa branca, peluda, que se contorcia em seus braços. A trouxa latiu. Um filhote. Havia um filhote em seus braços. Eu congelei.

– Olhe o que trouxe para você – disse ele. – Acho que ela pode ficar aqui em casa e um dia você vem morar comigo e com ela.

– Um cachorro. Você trouxe um cachorro para mim? – perguntei, espantada.

– Espero que você a divida comigo. Que a cadela possa ser nossa.

Ele me entregou o filhote, que aceitei automaticamente. Ela lambeu meu pescoço, o queixo e o nariz.

– Ela era o cão mais fofo de toda a feira de adoção – explicou Darren. – Conheci todos, um por um.

Olhei para a cadela, que me saudou com um latido. Eu disse oi de volta, e ela me deu um grande sorriso canino.

A ideia de trazer um cachorro para mim foi muito carinhosa, de um jeito típico de Darren. Mas o que ele não percebia sobre mim, e ainda não compreende, é que *eu* gostaria de conhecer todos os cachorros na feira de adoção. *Eu* gostaria de debater sobre qual cachorro levaríamos para casa – ou até mesmo se deveríamos ter um. Ele parece achar que está sendo galanteador com esses grandes gestos, que apresenta como fatos consumados. Para mim, parece apenas uma infantilização, um gesto condescendente. Como se minhas opiniões não merecessem consideração. Você nunca faria algo assim.

– Eu gostaria de ter visto todos eles – falei. – É um ótimo presente, mas... tenho a impressão de que perdi a parte divertida.

Ele pareceu confuso e ergueu as sobrancelhas.

– A parte divertida é agora! Agora que temos um cachorro!

Dei um suspiro.

– Eu sei. Mas teria sido bom escolhermos juntos. O cachorro seria *nosso* porque nós dois teríamos chegado a um acordo. Quero que sejamos parceiros, Darren.

– Lucy – disse ele, aproximando-se mais de mim. – É claro que somos parceiros. Eu só queria fazer uma surpresa. Será que não posso surpreender minha bela namorada com um presente fantástico de vez em quando?

Não soube mais como reagir. Daquele ponto de vista, parecia uma tolice minha. Eu não podia proibi-lo de me fazer surpresas. E como poderia brigar com alguém que fizera algo fantástico, que acabara de me dar um cachorro?

A cadela tentou lambe dentro do meu nariz, como se tentasse me fazer sorrir. Talvez estivesse compreendendo.

– É claro que pode – acabei dizendo. – Ela já tem nome?

– Eles a resgataram sem nenhuma identificação. Um dos voluntários começou a chamá-la de Annie, por causa de seus pelos encaracolados, mas acho que podemos ampliar o nome.

– Angel? – perguntei.

– Aniversária – disse ele.

Dei uma risada, porque era um nome totalmente absurdo para um cachorro, mas, de certo modo, perfeito. Ela era mesmo uma cadela perfeita – amorosa e inteligente sem ser chata. Não era uma aliança de noivado – ainda bem –, mas dividir a responsabilidade por outro ser vivo não deixava de ser um compromisso bastante sólido. Depois de aceitar Annie, percebi como seria fácil dizer sim a outras coisas que viriam pelo caminho.

SEMPRE ACHEI QUE HOUVESSE dois tipos de pessoas no mundo: as que gostam de dar presentes e as que gostam de receber. Sempre gostei de receber presentes, e ainda gosto. Mas, no segundo Natal que passei com Darren, percebi que também gostava de dá-los.

Íamos passar aquele Natal com a família de Darren, no Colorado. Eu já os conhecia. Encontrara primeiro a irmã mais nova e o marido. Depois as duas outras irmãs, com os maridos e os filhos. Depois os pais. Em seguida, diversas combinações em vários acontecimentos. Aquele, no entanto, seria o primeiro feriado que passaria com todos ao mesmo tempo. Eles eram simpáticos individualmente, em especial o pai, que era quieto – o olho do furacão do clã dos Maxwell. Mas eu estava um pouco preocupada com a convivência com eles durante tanto tempo, e temia também a saudade que sentiria de minha própria família.

Os pais de Darren tinham alugado um chalé enorme em Vail, e a mãe prometera que haveria uma grande árvore de Natal. A família dele mandara antes para lá duas grandes caixas de presentes. Nós havíamos nos atrasado um pouco nas compras, por isso acabamos escolhendo presentes pequenos, que cabiam nas malas. Pensamos em levar Annie, mas meu irmão se oferecera para cuidar dela e levá-la à casa dos meus pais. De certo modo, isso me fazia sentir como se eu mesma estivesse lá, por isso concordei.

– Tem alguma coisa acontecendo aí, Lulu – disse-me Jay, quando contei meu plano de passar o Natal com a família de Darren e não com a nossa. – Será que ele é a sua reação química perfeita?

Lembrei-me daquela conversa que tivemos havia um ano e meio, quando eu disse que não queria amar mais ninguém depois de você. O que eu sentia havia claramente mudado.

– Talvez – respondi.

Eu percebia o sorriso no tom de voz de meu irmão.

– Estou feliz por você – disse ele –, apesar de sentir sua falta no Natal.

– Também vou sentir sua falta. Muito. Mas nos vemos quando eu voltar. Que tal um brunch de ano-novo? Você, Vanessa, eu e Darren?

– Parece ótimo – respondeu meu irmão. – Já estou ansioso por esse dia.

Tínhamos ido à casa de meus pais na semana anterior para pegar as calças de esqui, capacete e óculos que eu guardara no porão.

– Darren é bom sujeito – comentou meu pai, enquanto me ajudava a procurar o capacete. – Pena que não verei vocês no Natal. Quem sabe no ano que vem? E na Páscoa.

Dei um sorriso.

– Para mim está ótimo – falei.

Minha família gostava de Darren. Ele e eu passamos muito mais tempo com meus pais do que você e eu tínhamos passado. Não sei exatamente por quê. Talvez porque, quando você e eu estávamos juntos, não precisávamos de mais ninguém, não pensávamos em mais ninguém. O mundo meu e de Darren englobava todos os nossos conhecidos. Ele era mais social do que eu e dava um jeito de reservar tempo na nossa agenda para acomodar todo mundo.

Ele estava muito animado com a viagem. Fez listas e mais listas para ter certeza de não esquecer nada e, depois de verificar e verificar de novo nossas malas, declarou que estávamos prontos para partir.

na véspera do Natal. Foi então que pegou uma gripe.

O nariz de Darren estava escorrendo e ele tossiu um pouco no dia 23, por isso foi se deitar cedo naquela noite, na esperança de estar melhor no dia seguinte. O plano era dormirmos no apartamento dele e depois ir juntos para o aeroporto. Por isso, acabei vendo *A felicidade não se compra* na sala dele e fui para cama depois de meia-noite, cerca de três horas depois que ele foi.

Encostei meu corpo no dele, deixando que ele me esquentasse, até que percebi que ele estava mesmo quente. Mais quente do que de costume. Virei e encostei os lábios na sua testa, como minha mãe sempre fazia quando meu irmão ou eu estávamos doentes. Senti a quentura dele nos meus lábios.

Os olhos de Darren se abriram com dificuldade e notei, na penumbra, como estavam vidrados.

– Darren? – sussurrei. – Você está ardendo de febre. Está se sentindo bem?

Ele deu uma tosse longa e dolorida.

– Não mesmo – respondeu. – Estou com dor de cabeça. Você acha que estou com febre?

Fui pegar o termômetro. Eu sabia que ele o guardava no armário de remédios. Medi a temperatura: 39°.

– Talvez esteja quebrado – disse ele.

Limpei o termômetro com álcool e tirei minha temperatura: 37°.

– Acho que não – falei. – E acho que você está gripado.

Dei Tylenol para ele e caímos no sono.

Ele acordou cedo na manhã seguinte com a mesma febre alta, ataques de tosse, e havia piorado da dor de cabeça e da coriza.

– Estou doente de verdade – disse ele, quando a tosse me acordou.

– Sim, está.

E então seus olhos se encheram de lágrimas. Era a primeira vez que eu o via chorar.

– Nosso avião decola daqui a quatro horas. Acho que não consigo ir hoje para o Colorado. Nem sei se consigo sair da cama.

Apesar de Darren costumar ser responsável pela logística – ainda é –, liguei rápido para a companhia aérea e, depois de suplicar e explicar por um longo tempo, consegui transferir as passagens para um voo dois dias depois. Em seguida, liguei para a mãe dele e expliquei o caso. Depois coloquei botas e um casaco e fui à farmácia para comprar o que encontrasse – xaropes contra tosse, antitérmicos e antigripais.

– Me desculpe por ter estragado seu Natal – disse ele quando voltei.

Beijei a testa febril de Darren.

– Desde que eu esteja com você, não estragou.

Ele tomou alguns remédios e voltou a dormir. Eu saí de novo, tentando não fazer barulho. Comprei uma árvore de um metro de altura – a maior que eu aguentava carregar –, lâmpadas, ouropel e flocos de neve brilhantes, que já estavam com vinte por cento de desconto na Duane Reade. Adquiri também uma caixa de enfeites vermelhos e dourados, e uma bailarina para o topo da árvore, porque o resto já havia sido vendido. Então, enquanto Darren dormia, transformei a sala num cenário natalino. Tirei os presentes de toda a família da mala e coloquei debaixo da árvore, que eu equilibrei sobre a mesinha da sala para que ficasse mais alta. Era como se eu devolvesse para Darren parte da felicidade que ele me dera durante o ano anterior.

– Lucy? – chamou Darren do quarto no momento em que eu colava os últimos flocos de neve na parede atrás do sofá. – Você está arrastando os móveis?

Escutei-o arrastando os pés lentamente até a porta, tossindo enquanto caminhava. Então a porta do quarto se abriu e lá estava ele, encostado no portal, pálido e desgrenhado, com olheiras profundas. Ele contemplou a sala sem dizer uma palavra.

– Darren? O que acha? Eu queria que você não perdesse o Natal por causa da gripe.

Dei um passo na direção dele e percebi as lágrimas em seus olhos.

– Lucy. – Ele começou a tossir. – Às vezes eu amo tanto você que não sei como meu coração aguenta.

Fui até ele e o abracei com mais força do que nunca. Como se, com a força daquele abraço, eu quisesse demonstrar a ele o quanto o amava.

Darren era minha experiência Old Nassau. Quanto mais convivíamos, mais o amava, melhor ficava nosso amor.

HÁ CERTOS ACONTECIMENTOS que sentimos que serão determinantes em nossa vida no exato momento em que acontecem. O 11 de Setembro foi uma virada na minha vida. Sua partida foi outra. E o Natal com Darren, a terceira. Não estávamos juntos havia nem um ano e meio, mas foi então que eu percebi que poderíamos nos casar. Talvez não logo. Sabia, porém, que aconteceria, a não ser que ocorresse algo inesperado. A não ser que você acontecesse. Sempre tive certeza de que você era a única pessoa, a única coisa que poderia me impedir de me casar com Darren. Fiquei pensando se isso queria dizer que não deveria me casar. Mas eu sabia que você não seria meu e que eu não suportaria a vida sem ele. E eu o amava – eu o amo – de verdade. Só que não da mesma maneira que eu amava você – e amo.

Ainda sonho com você, já te falei. Sonho desde que você partiu. Nós dois fazendo um piquenique no Central Park. Ou num quarto de hotel, ou colhendo maçãs. Às vezes sonho com algo que de fato fizemos juntos, às vezes não. Mas sempre acaba com você me puxando, me agarrando com força, juntando nossos lábios – e então acordo com o coração acelerado, culpada por ter pensando em você enquanto estou ali na cama com Darren. Mesmo depois de todos esses anos. Por mais que tente evitar esses sonhos, eles sempre surgem.

Você sonha comigo? Está sonhando comigo neste exato momento?

CERTA MANHÃ, PERTO DO MEU ANIVERSÁRIO de 26 anos, vi uma foto sua no *New York Times*: paquistaneses protestando contra vítimas civis de um ataque de drones. Paquistaneses, não iraquianos. Você tinha se mudado. Tinha se mudado para outro país e não me contara.

Sonhei com você naquela noite, mas foi um sonho diferente. Estávamos atravessando a Times Square quando surgiu uma multidão de turistas. Minha mão se soltou da sua, nos perdemos e fiquei procurando você em todo lugar. Entrei em pânico no sonho, devo ter chamado você, porque em seguida senti Darren sacudindo meus ombros.

– Você está tendo um pesadelo – disse ele. – Acorde, Lucy.

Despertei suada, a sensação de pânico ainda presente.

– O que foi? – perguntou Darren. – Você disse “gay”. Quem é gay?

– Eu... eu não sei – gaguejei, mas sabia que tinha dito “Gabe”.

Darren pegou um copo d’água para mim, em seguida voltou para cama e ficou abraçado comigo.

– Está tudo bem. Eu estou aqui. Vou afugentar seus pesadelos.

Aconcheguei-me nos braços dele, embora soubesse que não havia ninguém capaz de espantar aquele tipo de pesadelo. Fiquei um bom tempo acordada e só consegui dormir ao nascer do sol.

Naquele dia mandei um e-mail para você, do trabalho. *Não tenho notícias suas há algum tempo, mas vi que você está no Paquistão. Adorei a foto. Vai continuar aí?*

A resposta veio depressa. *Oi, Luce! Que bom ouvir notícias suas. Espero que esteja bem. Faz alguns meses que estou no Paquistão, mas agora eles pediram que eu me transferisse oficialmente para cá. Estou pensando em aceitar. É provável que eu vá de novo aos Estados Unidos neste verão. Espero que a gente possa se ver. Vejo. É preciso uma galáxia toda vez que viajo. Sua equipe anda fazendo um ótimo trabalho. Continuo fã do Galacto.*

Você se lembra de ter mandado esse e-mail? Fiquei muito contente quando o recebi. Saber que você

não tinha mudado de país sem me avisar me deixou mais tranquila, como se o mundo tivesse voltado a girar na velocidade certa. Mas, na verdade, não sei direito por que aquilo foi tão importante para mim. Acho que queria sentir que ainda era importante para você, a pessoa com quem você compartilhava as notícias, mesmo se a recíproca não fosse verdadeira. Essa história seria uma diversão para um psicólogo.

O que você não me contou é que conhecera uma jornalista – Raina – que trabalhava de Islamabad e que por isso você pensou em se transferir. Não sei como me sentiria se você tivesse me contado naquela época. Sinceramente, acho que foi bom não ter ficado sabendo.

NAQUELE ANO, DARREN ME DEU um par de escarpins Manolo Blahnik de aniversário. Nós resolvemos morar juntos. Namorávamos havia pouco mais de um ano e meio e nossos aluguéis venciam no verão, logo era o momento adequado.

– Vamos arranjar uma nova casa – disse ele. – Que não seja sua nem minha, mas nossa.

Gostei da ideia. Tinha sido estranho tirar suas roupas das gavetas para dar lugar às minhas. Você havia tirado alguns cartazes da parede para que eu pudesse pendurar os meus. Mas você estava dividindo seu espaço comigo e eu não queria ocupar mais do que você havia me oferecido nem mudar muita coisa, ainda que, por mim, eu teria arrumado o apartamento de outro jeito.

– Que tipo de apartamento você acha que a gente devia procurar? – perguntou Darren, pegando um pedaço de papel e uma caneta na mesinha de centro.

Estávamos na casa dele. Parecia que estávamos quase sempre lá. Provavelmente porque era maior e mais perto do metrô, e tinha uma cama de cachorro que Annie amava e que era grande demais para carregar e cara demais para eu comprar outra igual.

– Lavadora de pratos – falei, colocando os pés de meias em cima da mesa. – Luz. Máximo de espaço que pudermos bancar.

Ele assentiu, anotando rapidamente.

– Vou acrescentar: perto de uma estação de metrô, de bons restaurantes e de um shopping, dois quartos – falou.

– Dois quartos? – perguntei, colocando os pés no chão.

– Para as visitas – respondeu ele, sem olhar para mim.

Mas pensei de imediato em filhos. Ir morar com Darren não era como morar com você. Dava a sensação de ser mais sério, como se fosse um compromisso. Como um passo em direção ao pedido de casamento.

Passamos os fins de semana procurando apartamentos. Darren não aceitaria nada que não fosse perfeito. Nosso corretor já queria nos matar.

– Acho que é este aqui – anunciei finalmente para Darren num domingo de final de abril.

Era um apartamento do início do século XX, de planta um pouco confusa, com corredores, nichos na parede e um arco que dava para a cozinha. Tínhamos de subir dois lances de escada, e havia uma parede de tijolos aparentes no quarto principal.

– Adorei – concluí.

Ele sorriu para mim.

– E eu adoro você.

Tentei bater nele de brincadeira e dei uma risada.

– Mas você gostou do apartamento? – perguntei.

– Gostei – respondeu ele. – E não só porque você gostou.

– Que bom.

Assinamos o contrato naquele dia e nos mudamos três dias depois. Tiramos milhões de fotos e postei nossos sorrisos no Facebook. Fomos ao Bed Bath & Beyond e compramos tudo que nos fizesse rir: um pote de biscoitos na forma de um cupcake, um bule que tinha uma cara esculpida, uma cortina de

banheiro estampada com a imagem de uma cortina de banheiro estampada com a imagem de uma cortina de banheiro que se repetia ao infinito.

– *Mise en abyme* – falei.

Darren me olhou como se eu estivesse falando outra língua, o que, pensando bem, era verdade.

– Como naquela capa de *Ummagumma*, do Pink Floyd – esclareci. – Uma imagem com a própria imagem estampada, repetida ao infinito.

– Eu não sabia que isso tinha nome.

Você saberia, mas não pensei em você naquele momento. Não pensei em você quando Darren pagou tudo que estava no carrinho, nem quando chegamos em casa e ficamos fazendo Annie buscar uma bolinha. Mas não pude deixar de comparar a primeira noite – minha e de Darren – na casa nova com aquela que passamos, você e eu, no seu apartamento, que virou nosso, depois meu.

Darren e eu preparamos o jantar – algo sofisticado que envolvia panelas de molho fervendo, um frango especial e uma garrafa de champanhe. Em seguida levamos Annie para passear, assistimos a um filme e fizemos amor.

Você e eu tínhamos pedido pizza, dividido uma garrafa de vinho tinto e transado sobre todas as superfícies imagináveis. No sofá, no chão, na mesinha e na cama, claro. Quando acordamos na manhã seguinte, começamos tudo de novo.

Mas você e eu não lavamos o cabelo um do outro no chuveiro, como Darren e eu fizemos naquela primeira manhã. Não sei por que nunca tivemos essa ideia, mas é maravilhoso lavar o cabelo de quem você ama. É algo íntimo. Talvez faça parte do material genético que compartilhamos com os macacos, que vivem embelezando seus parceiros.

Você e eu também não deixávamos bilhetes um para o outro dentro da geladeira. Pequenos adesivos colados em vários objetos. No leite, *Amo você*, e, no suco de laranja, *Você é linda*. Na embalagem de queijo, *Estou tão feliz*, e, na caixa de cereal, *Eu também*.

Não lembro como começou, mas me lembro de pensar: *Gabe nunca faria isto. Ele acharia uma idiotice*. Espero estar errada. Espero que você não pense assim. Porque eu adorava.

QUANDO NÓS DOIS NOS ENCONTRAMOS para um café naquele dia de primavera, enquanto você visitava Nova York, senti que havia algo diferente em você. Algo diferente na cidade também. Tinham começado a construir a Freedom Tower no lugar onde existiram as Torres Gêmeas. Parecia um curativo sobre uma ferida, ou uma tatuagem intrincada para disfarçar uma cicatriz. Eu compreendia o desejo de reconstrução, de criar uma coisa alta, grandiosa, um grande “foda-se” no horizonte da cidade de Nova York. Mas aquele terreno também era sagrado para mim. Ainda sangrava. Ainda não estava pronto para construírem em cima.

Não tinha nada a ver com a gente. Tinha a ver com as pessoas que me lembraram pássaros voando das janelas enquanto as torres ardiam e desmoronavam. Para mim, o novo prédio em construção tornava mais difícil rever essas imagens. Eu evitava essa parte de Manhattan. É terrível confessar, mas nunca fui lá, mesmo hoje, que está pronto. Mesmo depois que fizeram o memorial. Eu achava que não seria capaz de ir sozinha, e não queria ir com Darren.

Naquele dia, no entanto, não falamos da Freedom Tower, nem do memorial, nem da manhã em que nos conhecemos.

Você começou falando como ficou impressionado com o episódio de *É preciso uma galáxia* que viu na escala em Londres.

– Aquele em que Electra prova ao avô que ela pode consertar a espaçonave, embora o avô ache que deviam pedir ajuda ao irmão dela. Esse é seu?

Dei um sorriso.

– Sim, assumo a culpa, meritíssimo.

– Imaginei que fosse – disse você, enquanto sorvia seu café americano. – Parecia que estava viajando para dentro da sua cabeça.

Darren nunca disse nada sobre *É preciso uma galáxia*. Ele certamente não diria algo assim. Senti uma tristeza aguda. Como era bom ter um relacionamento com alguém que valorizava meu trabalho, que compreendia essa parte de mim.

– Como está lá em Islamabad? – perguntei.

– Legal – respondeu você. – É... legal.

Era uma resposta estranha vindo de você, em uma conversa entre nós. Observei você, procurando descobrir algo que estivesse passando despercebido. Você parecia descontraído. Estava recostado na cadeira, segurando a xícara de café no colo.

Eu comecei a jogar verde.

– Você gosta do seu apartamento?

– É legal. Na verdade, é uma casa que divido com outros jornalistas.

– Ah, parece divertido. Eles são maneiros?

Você baixou os olhos para a xícara de café.

– Na verdade, divido com Raina. Eu a conheci na primeira vez que a AP me enviou a Islamabad. Acabamos colaborando numa reportagem.

Você deu de ombros.

– E depois colaboraram em muitas outras? – perguntei, dando corda.

Fiquei pensando se era esse tipo de colaboração, na vida e no trabalho, que você imaginara para nós quando me convidou para ir junto.

Você tornou a dar de ombros, como se tivesse vergonha de me contar.

– Ela é Pégaso – completou, por fim –, como você.

Senti um soco no estômago quando você disse isso. Uma idiotice, já que eu nunca concordara com sua interpretação do mito. Sabia, porém, qual o significado da palavra para você. Apesar de eu estar namorando Darren havia quase dois anos, sem que você estivesse firme com ninguém, e apesar de ser justo que você também encontrasse alguém, ainda assim era doloroso. Darren nunca substituiu você no meu coração, e detestei a ideia de que outra tivesse me substituído no seu.

– Ótimo – falei então. – Estou feliz por você, Gabe.

Você passou os dedos nos cabelos, tal como eu o vira fazer centenas de vezes antes.

– Obrigado. Então, como é seu namorado? Daniel? Derrick?

– Darren – corrigi. – Ele é ótimo.

Será que você trocou o nome dele de propósito? Sempre pensei que sim, mas não disse nada.

Foi bom só termos nos visto naquele dia para um café. Não acho que teria suportado muito mais que isso. O ciúme que senti me deu medo – me fez questionar o relacionamento com Darren – e eu não queria isso. Eu o amava. E você amava outra pessoa.

CERTAS PERGUNTAS TRANSFORMAM O MUNDO. Não o mundo no sentido amplo e, sim, o mundo pequeno, íntimo. *Você quer casar comigo?*, acho, ocupa o topo dessa lista.

Perto do feriado na última semana de maio, pouco depois de ter tomado café com você, Darren me disse para fazer a mala porque planejava uma viagem para comemorar de maneira antecipada nosso aniversário de namoro. Um fim de semana prolongado de surpresa para celebrar que estávamos morando juntos e em breve faríamos dois anos de namoro. Ele ainda não tinha percebido que eu não adorava grandes surpresas, mas eu ainda estava tentando levá-las com bom humor. Era óbvio que ele adorava planejar e me surpreender, por isso abafei o que sentia e tentei apreciar o valor que ele dava àquilo. Mesmo assim, eu não conseguia parar de pensar para onde iríamos. Imaginei que fosse Cape Cod ou alguma cidadezinha no litoral do Maine, já que eram apenas quatro dias, nós dois gostávamos de praia e nunca tínhamos ido juntos a nenhum desses lugares. Quando Darren me deu a lista do que eu devia pôr na mala, no entanto, notei que não havia roupa de banho nela.

– Você não esqueceu nada? – perguntei, enquanto arrumava a mala.

Darren estava se preparando para deitar. Veio de cueca boxer, camiseta, cheirando a sabonete e pasta de dente. Ele estudou a lista que eu tinha na mão, item por item.

– Não. Não falta nada. Está tudo aí.

– Roupa de banho, não? – perguntei.

– Não – repetiu ele. – Tudo de que você precisa está aí.

Reformulei minhas suposições sobre o fim de semana. Talvez fôssemos a Berkshires. Ou àquele spa de que a irmã mais velha dele vivia falando, em Connecticut. Qualquer dos dois seria legal.

– Amanhã à tarde você pode sair do trabalho às cinco em ponto? – perguntou ele.

Assenti.

– Falei com Phil. Ele disse que não tem problema.

Darren foi fazer a própria mala.

– Pegue você no escritório – disse ele – e de lá vamos.

– Posso encontrar você na locadora de carros.

– Não.

Ele dobrou uma calça de modo a não desfazer o vinco e colocou-a na mala.

– Acho que faz mais sentido eu pegar você.

Parei de arrumar a mala para observá-lo enrolar as meias e colocá-las dentro dos sapatos. Enfiou três pares em cada pé, inclinando o pescoço para a frente a fim de conferir que tinham entrado até no fundo.

Às vezes eu olhava para ele e pensava: *É meu. Meu namorado. O corpo que me aquece, a mão que posso segurar.* Nunca senti que você me pertencesse do mesmo modo que Darren. Sempre me pareceu que você pertencia a si mesmo, que só me emprestava quando queria, que nunca fui completamente dona de você. Com Darren, não. E o fato de ele me pertencer tanto me fez ignorar certas coisas que eu talvez não devesse ter ignorado.

Fui de mansinho pelas costas dele, abracei seu pescoço e beijei a nuca.

– Está bem, já saquei que é sua viagem-surpresa. Não vou tentar mudar seus planos.

Ele se virou, me deu um beijo e senti a ereção dele contra meu corpo.

– Ei – falei, levantando as sobrancelhas.

– Ei – respondeu ele, com a voz suave.

Levantei a camisa dele e fui descendo a boca pelo tórax, beijando até chegar à cueca. Abaixei-as, me ajoelhei e beijei mais embaixo.

– Ah, Lucy...

Ele me levantou e me levou para a cama.

Naquela noite só fomos dormir bem tarde.

Passei o dia seguinte sonolenta no trabalho e saí dez minutos atrasada para encontrar Darren.

– Onde você estava? – perguntou ele quando eu finalmente consegui chegar.

Ele andava para cima e para baixo diante de uma limusine.

– Não é um carro alugado! – exclamei.

Ele riu, relaxando.

– Não, não é. Vamos para o aeroporto.

– O aeroporto? – repeti.

– Vou te levar para Paris – anunciou ele. – Como você escreveu na sua lista: *Passar um fim de semana prolongado em Paris sem motivo*.

Arregalei os olhos.

– Sério? – perguntei, completamente estarelecida.

Uma viagem-surpresa a Paris! É o tipo de coisa que a gente vê no cinema, não no mundo real. Mas estava acontecendo no mundo real. E estava acontecendo comigo!

Era um gesto inacreditável, grandioso, romântico. O sonho de todas as mulheres. Depois que o impacto inicial passou, porém, senti algo estranho, como quando Darren trouxe Annie para casa. Eu queria ter participado. E se eu quisesse ficar em determinado bairro? Ou aproveitar para visitar Biarritz? Ou Giverny?

– Tão sério quanto o aquecimento global – observou Darren. – Vamos lá, precisamos ir para o aeroporto!

Ele abriu a porta do carro para mim.

– Mas meu passaporte! – exclamei ao entrar no carro.

– Está bem aqui – respondeu ele, acomodando-se a meu lado e batendo na maleta do seu laptop.

QUANDO CHEGAMOS AO AEROPORTO JFK, descobri que ele tinha comprado lugares na classe executiva.

– Você está maluco? – perguntei, enquanto esperávamos na sala da American Airlines.

– Milhagem – disse ele. – Pontos no cartão de crédito. Não custou nada.

Desconfiada, dei-lhe um olhar de soslaio. Ele riu.

– Mesmo se tivesse pagado – falou –, valeria a pena. É sua primeira viagem a Paris.

SERVIRAM A REFEIÇÃO MAIS DELICIOSA que eu já comi num avião, com garrafinhas individuais de vinho. Darren me serviu, comentando as virtudes do vinho num terrível sotaque francês que me fez rir até me arrancar lágrimas. Sequei-as, afastando os últimos vestígios do meu aborrecimento por ele ter planejado aquela viagem à minha revelia. Dormimos de mãos dadas e acordamos com a aeromoça trazendo o café da manhã.

Saímos do aeroporto e Darren me conduziu ao trem, que nos levou até a cidade, onde pegamos o metrô.

– Aonde vamos? – perguntei.

– É surpresa ainda.

Saímos do metrô bem diante da catedral de Notre-Dame.

– Ah, meu Deus! – exclamei.

– Bonita, não? – perguntou ele. – Mas a surpresa não é essa. Nosso apartamento é aqui perto. Espero que seja tão bonito na vida real quanto nas fotos.

Darren descobrira esse lugar na internet e o alugara por três noites. Isso era incrível antes da época do Airbnb. Quando chegamos, não era bem como nas fotos, mas ainda assim adorável. Tinha uma varanda dando para o Sena, decorado exatamente como se espera de um apartamento parisiense, com sancas ornamentadas, cores fortes e detalhes curiosos. Tinha também uma cama redonda.

– Nunca vi nada parecido – disse Darren ao entrar no quarto. – É totalmente inesperado.

Fiquei ao lado dele, olhando a cama.

– Eu não sabia que faziam lençóis redondos. E cobertores redondos. Será que é um negócio francês? – falei.

Darren coçou a cabeça.

– Acho que é apenas algo da cabeça do dono do apartamento.

Eu ri.

– Espero que não te incomode – disse ele, me abraçando.

– Claro que não. Dormir vai ser uma aventura.

NAQUELA NOITE TIVEMOS QUE DORMIR mais próximos do que geralmente dormíamos para que nossos pés não ficassem para fora da cama. Foi legal dormir agarrado daquele jeito, como você e eu costumávamos fazer. É assim que você dorme com Raina? Ou Alina? Ou as mulheres que tenho certeza que você teve nesse meio-tempo, embora não tenha me contado sobre elas?

O DIA SEGUINTE FOI FRENETICAMENTE turístico. Visitamos a Notre-Dame, o Louvre, a torre Eiffel, a Sainte-Chapelle. Jantamos ao ar livre, de frente para a torre Eiffel, que a cada hora acende e ilumina a noite, como se despesasse uma chuva de purpurina sobre a cidade.

– Está feliz? – perguntou Darren, enquanto comíamos *crème brûlée* acompanhado de Vin Santo.

– Incrivelmente – respondi. – Obrigada pela viagem.

Contemplei a noite estrelada, os prédios parisienses e as ruas de paralelepípedos. Olhei para Darren, que sorria para mim, e senti o coração repleto. Mas, então, aquela pequena parte minha, aquela que teria preferido participar do planejamento da viagem, ficou pensando quanto daquilo tudo era para mim e quanto era para ele poder bancar o tipo que surpreende a namorada com uma viagem a Paris. Darren faz isso o tempo todo, esses grandes gestos. Anos se passaram e ainda não sei com certeza que proporção disso é por minha causa e que proporção é para ele mesmo.

Logo antes de irmos a Paris, depois que ele me contara que planejava uma viagem misteriosa de aniversário, eu comprara um bracelete para ele, daqueles de metal em que podemos gravar alguma coisa. De um lado lia-se o nome dele e, no verso, que ficava contra o pulso, “te amo. Bjs, Lucy”.

Depois de comer a última colherada de *crème brûlée*, peguei a caixa na bolsa.

– Tenho algo para você – falei. – Um presente de aniversário.

– Também tenho algo para você.

– Achei que meu presente fosse esta viagem – respondi, brincando com a caixa embrulhada no colo.

– Apenas parte dele – disse ele. – Mas conheço um lugar melhor do que este para trocarmos presentes.

Ele consultou o relógio.

– Você se importa de correr um pouco?

Olhei para meus pés.

– Estou de salto alto – respondi.

– Uma corrida curta. Eu ajudo você a se equilibrar.

Em seguida, ele pagou a conta e depois corremos de mãos dadas pelas ruas de paralelepípedos de Paris até o meio da Pont Neuf.

– Na hora certa! – exclamou Darren, olhando para a torre Eiffel, que mais uma vez brilhava.

Em seguida ele se ajoelhou, tirou uma pequena caixa do bolso da calça e, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, me perguntou:

– Lucy, você quer casar comigo?

Senti um calor no corpo e o estômago revirar. Talvez eu devesse ter esperado isso, mas ele me surpreendeu de verdade. E, naquele instante, não pensei nem um pouco em você. Ou no fato de Darren ter planejado essa viagem à minha revelia. E de parecer não dar valor ao meu trabalho. E pensar que meus sonhos eram fofos, e não coisa séria. Eu só pensei em como ele era doce. O quanto me amava. Quanta preocupação e quanto planejamento ele investira naquele pedido. No quanto eu amei tudo aquilo.

– Claro – respondi. – Com certeza. Quero.

Ele se levantou e tentou colocar a aliança em meu dedo – um dedo qualquer – agarrando minha mão esquerda, até que lhe ofereci a direita.

Em seguida nos beijamos. A torre Eiffel ainda cintilava, criando o clima romântico que acreditamos só existir nos livros, no cinema ou no diário de uma garota de quinze anos.

Desde então, me perguntei várias vezes se você se daria esse trabalho para pedir alguém em casamento. Como fez o pedido a Alina? Acho que você nunca me contou o início desse relacionamento, só o fim.

ALGUNS FINS DE SEMANA DEPOIS da viagem a Paris, Darren foi à despedida de solteiro de seu amigo Arjit em Montreal. Recebi um telefonema de Jay sexta à noite.

– Lu, alguma chance de você estar livre no domingo?

Eu aproveitara a ausência de Darren para combinar com Alexis um brunch acompanhado de alguns drinques no sábado de manhã. À tarde iria ao Met com Kate, e à noite planejara jantar com Julia em um daqueles restaurantes de Koreatown em que poderíamos assar carne em espetinhos enquanto ela me contaria uma sequência de encontros amorosos que arranjava em um aplicativo, que eram tudo menos românticos. Para domingo, tinha apenas um plano: queria passá-lo em casa, encolhidinha no sofá, na companhia apenas de Annie. Queria comer cereal na caixa, coisa que Darren achava uma grosseria, assistir a reprises de *Barrados no baile* e ficar de pijama até pelo menos duas da tarde.

– Estou. Por quê? – perguntei.

Eu podia imaginar Jay coçando a barba desgrehada do outro lado da linha.

– Você poderia me fazer um favor enorme?

Jay não costumava pedir favores. Quase nunca pedia. Por isso, fiquei um pouco nervosa.

– Para você, Jay? – perguntei. – É claro. Do que você precisa?

– Você poderia vir ao meu laboratório no dia da família? Vanessa vem, claro, mas... vai ter uma porção de crianças lá. Ainda não conversamos sobre isso, mas Vanessa e eu estamos tentando engravidar. E a coisa está rolando há mais de um ano. Vai ser mais fácil para ela se você também estiver presente. Você vem?

Era isso que eu amava no meu irmão: quando ele finalmente me pedia um favor, não era para ele, mas para Vanessa.

– É claro – respondi.

Assim, acabei indo para Nova Jersey. Passei a tarde de domingo percorrendo o laboratório de Jay, observando enquanto ele e os outros pesquisadores fazendo experiências para a garotada. Ficou claro que o “dia da família” era, na verdade, o “dia das crianças”. Deviam ter pensado nele como uma maneira de fazer as crianças se interessarem pela ciência, dar-lhes uma oportunidade de visitar o trabalho dos pais, um lugar geralmente vedado a elas. Na verdade, eu não percebia exatamente qual era o problema, mas depois de chegar lá compreendi por que ir sozinha poderia ser duro para alguém que tentasse engravidar.

Eu não estava certa até que parte Vanessa sabia que Jay me contara, então não falei nada com ela sobre crianças. Porém, quando estávamos atrás de um grupo de estudantes do primário que observavam espantados Jay provocar uma reação-relógio – a favorita dele, aquela que começava transparente, ficava laranja e depois preta –, Vanessa tocou no assunto.

– Parei de passear no parque.

Voltei-me para ela.

– Verdade? – perguntei.

Ela assentiu.

– É tão difícil ficar vendo os carrinhos de criança e os brinquedos...

– Imagino – disse a ela, enquanto o grupo à nossa frente deu gritos de espanto quando a mistura

ficou laranja. – Você já foi ao médico?

– Algumas semanas atrás – respondeu ela, sem tirar os olhos da reação. – Estou tomando remédios agora. Então, tenho esperanças...

Olhei para ela.

– Tenho certeza de que vai dar certo – comentei. – Não há nada de errado em precisar de um empurrãozinho. Tem uma porção de gente que faz isso e acaba engravidando.

A reação ficou preta, e Vanessa olhou para mim.

– Eu sei – disse ela. – Só que nunca imaginei que eu seria uma dessas pessoas.

Depois disso, ela pediu licença para ir ao banheiro e eu fui até uma mesa que parecia ter sido arrumada para alguma experiência caseira, com frascos de água oxigenada, detergente, fermento. Eu nunca tinha visto Jay fazer aquela experiência, por isso não imaginava o que aconteceria quando ele misturasse tudo. Observei os ingredientes, tentando decifrar o mistério.

– Espuma – disse uma voz.

Olhei para o lado e ali estava um dos colegas de Jay. Eu não o conhecia, mas ele estava usando um jaleco de laboratório com um crachá, *Dr. Christopher Morgan*. Era alto como você, de cabelo encaracolado como o seu, mas as semelhanças acabavam aí. Tinha o nariz largo bem equilibrado por um queixo quadrado.

– Oi – falei com ele. – Sou Lucy Carter, irmã de Jason.

Ele estreitou os olhos.

– Dá para perceber... pelas sobrancelhas – disse ele. Em seguida, sorriu. – Não fale com seu irmão, mas elas ficam melhor numa mulher. Aliás, eu sou Chris.

Eu ri.

– Não vou contar. Bom te conhecer.

Chris foi para o outro lado da mesa e começou a apertar a tampa do frasco de água oxigenada.

– Parece que ninguém está interessado na minha experiência. Achei que seria legal mostrar à garotada alguma coisa que pudesse ser feita em casa, mas eles se interessam pelas experiências que não usam ingredientes de cozinha. Acho que não sou bom com crianças.

Ele devia ter a minha idade. Talvez um ou dois anos a mais. Supus que não tivesse filhos – talvez nem sobrinhos.

– Pois estou interessada – falei. – Eu gostaria de ver você fazer a espuma.

Ele olhou para mim.

– Verdade? É mesmo?

– Com certeza – respondi.

Fiquei me perguntando se eu não estaria flertando com ele. Ou estávamos simplesmente conversando? De repente, o anel de brilhantes no meu dedo pareceu pesar uma tonelada.

– Bem – anunciou ele, desatarraxando a tampa –, aí vem a espuma, preparem-se!

Chris me fazia perguntas enquanto derramava os ingredientes na proveta: onde eu morava, o que fazia, como viera a Nova Jersey naquele dia. Percebi que não mencionei Darren nas respostas nenhuma vez. Eu sabia que isso não era bom.

– Sabe, vou muito a Nova York – disse a ele. – Da próxima vez, a gente podia tomar um drinque.

– Eu... – falei, em seguida ergui a mão esquerda. – Sinto muito, mas sou noiva.

– Ah. Me desculpe. Eu não quis...

– Não, tudo bem – eu o interrompi. – Sinceramente, a culpa é minha se dei a impressão errada.

O olhar de Chris pousou na minha mão, e em seguida voltou aos ingredientes.

– Você quer acrescentar o fermento? – perguntou por fim.

Eu sorri, acrescentei e surgiu a espuma. Mais tarde, enquanto voltava de carro com Vanessa e Jay até a casa deles, não pude deixar de imaginar o que teria acontecido se eu não estivesse noiva. Teria

dado a Chris meu número de telefone? Teríamos nos encontrado para um drinque? Eu teria sentido um gosto novo e maravilhoso em seu beijo?

Namorar Darren tanto tempo, logo depois de você, me fez esquecer que existiam outros homens. Milhares deles. E voltei à conversa que Kate e eu tivemos sobre Liz e suas metáforas do fogo. E se eu estivesse eliminando prematuramente todas as outras possibilidades? Será que eu devia ter buscado a fogueira e o incêndio, ou seja lá o que Liz disse a Kate?

Mas então cheguei em casa e lá estava Darren me esperando com presentes de Montreal. Fizemos espaguete à carbonara, levamos Annie para passear e rimos das coisas ridículas que os amigos de Darren haviam feito na despedida de solteiro. E então pensei: *É isso. É isso que quero.* Às vezes, no entanto, volto àquele dia e me pergunto se por dentro meu corpo não me dizia alguma coisa que a cabeça e o coração não queriam saber. Será que ainda estaríamos aqui, hoje, deste jeito, se eu tivesse escutado?

DIZEM QUE CHUVA NO DIA do casamento dá sorte. Acho que só inventaram isso para que as noivas não se sentissem mal ao acordar de manhã e dar de cara com um triste céu encoberto no dia tão esperado.

Foi assim no meu casamento com Darren. O sol tentou bravamente, e em vão, furar o bloqueio das nuvens e mostrar a cara. Darren e eu nos casamos na semana do Dia de Ação de Graças de 2006, seis meses depois de ele me pedir em casamento. Ele disse que não podia esperar mais um minuto sequer, e eu estava tão enlevada com todo o romantismo que concordei de coração. Eu tinha 26 anos; Darren, 31. Minhas damas de honra foram as três irmãs de Darren e minha cunhada, Vanessa, além das minhas três amigas, Kate, Alexis e Julia.

Pedi que todas vestissem amarelo, que eu achava uma cor feliz, e Darren e eu queríamos que tudo fosse feliz no nosso casamento. Tão feliz quanto estávamos. Ninguém me fazia rir tanto quanto ele. Ninguém conseguia transformar um dia nublado que anunciava chuva e tempestade num dia de sol e céu azul-claro. Então, talvez viesse a calhar que o dia de nosso casamento fosse encoberto – porque casar com Darren tornava o dia ensolarado. Ele fazia o futuro parecer ensolarado.

Cheguei até a carregar um buquê de girassóis – nada sutil, eu sei. Postei as fotos no Facebook. Na verdade, tanta gente também postou que suponho que você tenha ficado sabendo dos girassóis. Aliás, eu não convidei você. Não parecia certo. E eu não havia te visto durante o ano inteiro. Mandara um e-mail para você sobre o noivado e você ficou quieto. Não deu notícia quando veio aqui, embora eu tenha visto na página de Adam no Facebook uma foto de vocês dois, Justin e Scott com a legenda: *Os rapazes estão de volta à cidade!* Senti uma pontada de dor quando vi a foto, mas lembro de pensar que era melhor a gente não se ver, era melhor sairmos de mansinho da vida um do outro.

O casamento foi no Loeb Boathouse, no Central Park. Nosso território, eu sei, meu e seu. Não pensei nisso quando reservamos o lugar. Minha mãe vinha insistindo em Connecticut, os pais deles sugeriram Jersey, e Darren achava que Montauk era legal. Mas eu queria que fosse na cidade de Nova York e, como acabei aprendendo, a noiva geralmente consegue o que quer. E, na hora que vimos o Boathouse, bem perto das pistas de corrida do parque, Darren ficou feliz. Foi ele que bolou nosso convite, uma foto de nós dois só dos joelhos para baixo, de tênis de corrida, com a seguinte legenda: *Não importa se de avião, trem, carro ou a pé, esperamos ansiosamente que vocês venham ao nosso casamento!* Eu sei, eu sei que você morreria de nojo se tivesse recebido isso no correio. Não acho que você e Alina tenham avançado tanto nos planos para o casamento a ponto de pensarem no convite. E, mesmo que tenham ido tão longe, imagino que você ignoraria solenemente esse costume.

Na véspera do casamento, dormi na casa dos meus pais em Connecticut, e tinha acabado de acordar na minha cama de infância quando o celular tocou. O número era longo, com certeza de outro país. Podia ser de várias pessoas – a irmã de Kate, Liz, colegas da Inglaterra ou da Alemanha, onde *É preciso uma galáxia* estava fazendo quase tanto sucesso quanto nos Estados Unidos –, mas algo me dizia que era você. Esperei tocar mais uma vez, outra, mais outra, até decidir atender. Imaginei que você quisesse me desejar sorte, ou algo assim.

Mas você não tinha ideia de que era aquele dia. Ou, pelo menos, não conscientemente. Sempre fiquei pensando se no fundo você sabia. Alguém devia ter te contado. Ou não. Talvez fosse coincidência.

– Luce? – disse você.

– Gabe?

– Sou eu. Sinto muito se estiver interrompendo algo. Sei que não nos falamos há algum tempo. Mas eu... precisava de você.

Sentei na minha cama Laura Ashley, meu corpo reagindo como sempre fazia ao ouvir sua voz, e me recostei no travesseiro.

– O que houve? – perguntei, imaginando explosões, ferimentos, membros destruídos.

– Raina não é Pégaso – disse você.

Soltei a respiração. Você não estava machucado. Não estava em pedaços. Pelo menos não fisicamente. Esperava que emocionalmente também não.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Ela conheceu um cara que trabalha numa agência humanitária. Gosta mais dele do que de mim. Disse que ele era mais disponível do que eu. Você acha que sou indisponível, Luce?

No início eu não sabia como responder, mas então pensei que deveria ser sincera.

– Não sei – respondi. – Faz mais de um ano que a gente não se fala. Eu não conheço mais você.

– Conhece, sim. Sou a mesma pessoa. Você me conhece melhor do que ninguém. Eu só... só preciso saber. Raina tem razão?

Eu não podia acreditar que estivesse bancando a analista de meu ex-namorado na manhã do meu casamento.

– Eu acho – comecei, escolhendo com cuidado as palavras – que ser disponível significa colocar sempre a relação em primeiro lugar. Nem sempre, mas com frequência. Significa tomar decisões que sejam melhores para os dois, como uma dupla, mesmo se isso significar ter que ceder em interesses individuais. Significa compartilhar tudo. O Gabe que eu conheci não era dado a isso.

Houve um longo silêncio.

– Acho que não. – Você falava tão baixo que pude sentir a decepção na sua voz. – Esperava que você dissesse algo diferente.

– Sinto muito. Acho que hoje não é o dia mais indicado para isso.

– Está tudo bem? Eu devia ter perguntado primeiro. Se quiser conversar sobre alguma coisa...

– É só que... hoje é o dia do meu casamento.

Foi difícil pronunciar essas palavras. Difícil dizê-las para você.

– Luce! – exclamou você, como se tivesse levado uma tapa na cara. – Você vai se casar hoje?

– Vou.

– Ah. Droga.

Lembro-me exatamente da sua entonação. *Ah. Droga.* Como se cada palavra fosse uma frase completa carregada de sentido.

Fiquei um instante calada.

Você também ficou calado na outra extremidade da linha. E eu me senti mal.

– Vai tudo dar certo – falei. – Você vai encontrar outro Pégaso.

– E se...

Você nunca completou a frase, como se tivesse medo de dizer ou de que eu a escutasse.

– Vai, sim – afirmei. Depois, mais baixo: – Preciso ir.

– Sim. E me desculpe... me desculpe por ter ligado.

– Não tem problema – retruquei. – Não se preocupe. Está tudo bem.

– Desculpe – repetiu você.

Desligamos, mas é claro que passei o resto da manhã pensando em você.

NÃO FOSSE O RÍMEL À PROVA D'ÁGUA, acho que não teria sido capaz de enfrentar o dia do meu casamento. Enquanto me vestia, enquanto penteavam meu cabelo para fazer um coque, enquanto uma mulher simpática chamada Jackie colocava corretivo no meu rosto, eu não parava de pensar em você dizendo: *Ah. Droga*. Não parava de ouvir sua frase inacabada: *E se...* Eu *tinha* certeza de que era Darren quem eu queria. Achava que tinha certeza. Até aquele momento, eu *tinha* certeza. E então você me fez duvidar.

Quando Jackie desistiu do delineador porque não paravam de escorrer lágrimas dos meus olhos, minha mãe pediu que todo mundo saísse do quarto.

– Vocês podem nos dar um instante? – disse ela, levando a mão ao colar de pérolas no pescoço, herança de família, como se pudesse tirar dali uma reserva de energia.

Depois que o quarto foi esvaziado, ela se apoiou no aparador da suíte nupcial.

– Lucy, o que está acontecendo?

Eu não queria admitir a verdade, que estava pensando em você a poucas horas do casamento, que não tinha certeza se tinha feito a decisão correta.

– Acho que é só emoção – respondi.

Ela me lançou um olhar incisivo, com aqueles olhos frios que viam para além da minha mentira, como quando eu era criança.

– Lucy – insistiu ela – sou sua mãe, você pode me contar seja lá o que for.

Então eu contei algo que havia meses me preocupava, que eu não tinha admitido nem para mim mesma:

– Acho que Darren me ama mais do que eu o amo.

Ela me abraçou, tomando cuidado para que minha maquiagem úmida não manchasse o vestido de seda champanhe dela.

– Ah, querida... Os relacionamentos nem sempre são equilibrados. E o equilíbrio é sempre instável: quem ama mais, quem precisa mais do outro... Seu relacionamento com Darren não será o mesmo daqui a um ano. – Ela me segurou pelos ombros e se afastou para poder me olhar nos olhos. – Não acho tão terrível assim que ele ame você agora um pouquinho mais do que você o ama. Assim você sabe que será tratada como uma princesa.

Eu ri, secando as lágrimas. Mas ela ainda me olhava com aquela cara de detector de mentiras.

– Ainda tem coisa aí – disse ela.

Olhei para meus dedos, as unhas elegantes à francesinha.

– Gabe ligou esta manhã – falei.

– Gabe Samson? – perguntou minha mãe.

Assenti e as lágrimas voltaram a brotar nos meus olhos.

– E se ele for o homem com quem estou destinada a viver, e não Darren? O que faço?

Minha mãe se recostou novamente no aparador, alisando o colar de pérolas.

– Quero que você pense bem – disse ela depois de um tempo –, mas pense bem mesmo, sobre seu relacionamento com Darren e o relacionamento que você teve com Gabe. Quem seria o melhor companheiro? O melhor pai para seus filhos? Se você acha que Darren não é a resposta, não precisa se casar hoje. Mesmo se a pessoa certa não for Gabe. Se você acha que existe alguém no mundo que possa

te fazer mais feliz do que Darren, você pode desistir. Basta dizer a palavra. Eu falo com seu pai, que falará com os convidados. Depois, você não pode se arrepender. Se você deixar Darren hoje, vai ser para sempre. Eu vejo o quanto cada um de vocês quer bem ao outro, o quanto vocês se divertem juntos. Mas, se você sentir que não é a coisa certa, ninguém vai te obrigar a se casar com ele.

Assenti. Minha mãe foi até a janela. E eu pensei em você, Gabe. Pensei em como você fazia com que me sentisse maravilhosa, mas também péssima. Em como você dava muito mais importância a você mesmo do que à gente. Como sua vida era o *Show de Gabe*, em que eu era a atriz coadjuvante. Eu sei que deve ser duro ouvir isso, mas estou dizendo a verdade, foi o que pensei naquele dia.

Pensei também em Darren. Ele não era perfeito. Ainda não levava meu trabalho a sério. E às vezes temia que ele não *me* levasse a sério. Achava, porém, que podia mudar isso, podia me esforçar mais para mostrar a ele o quanto o trabalho significava para mim. Podia ajudá-lo a perceber que eu queria ser uma companheira, uma igual. E eu o amava. Amava a risada de Darren, o senso de humor, o sorriso. Ele não era um fardo, ou complicado. Conviver com ele era simples e divertido. Ele me passava solidez e estabilidade. Ele me fazia feliz – na maior parte do tempo. E havíamos construído o alicerce de um belo futuro juntos. Eu nunca seria capaz de abandoná-lo ali no Boathouse, no dia do nosso casamento.

Enxuguei as lágrimas.

– Obrigada – falei para minha mãe. – Estou bem agora. Estou pronta.

Minha mãe suspirou profundamente e me deu um abraço.

– Sabe que eu apoiaria você não importa qual fosse sua decisão, certo?

– Eu sei – concordei, sentindo o cheiro do perfume Shalimar no pescoço dela.

– Lembre-se – continuou ela –, existe uma diferença entre paixão e amor.

Assenti.

O que eu sentia por você era paixão? Éramos apaixonados um pelo outro? Será que a paixão pode durar tanto? Ou o que houve entre nós sempre foi amor? Eu prefiro pensar que sim.

APESAR DE JÁ ESTAR TRABALHANDO havia algum tempo em *É preciso uma galáxia*, pesquisando histórias reais, extraindo conflitos de tantas culturas e países quanto possível para que os roteiristas utilizassem como base, eu nunca viajara além da Europa. Por isso, Darren e eu resolvemos passar a lua de mel na Turquia. Eu queria ouvir os chamamentos na hora da oração. Queria ver um pedacinho de um dos países que eu havia pesquisado. Quando chegamos lá, eu não conseguia parar de tomar notas. Vi mulheres de cabeças cobertas andando na rua, conversando com outras cujos cabelos desciam pelos ombros. Peguei um canhoto de algum ingresso e rabisquei um lembrete, dizendo para sugerir uma cena parecida para um episódio. Só que com alienígenas, é claro.

– Pare de escrever! – disse Darren. – Esta é nossa lua de mel. Deixe o trabalho em Nova York. Eu não entrei em contato com o escritório uma vez sequer desde que chegamos. E você não para de rabiscar e murmurar sozinha!

Parei no meio de uma anotação.

– Meu trabalho é importante para mim – falei.

Mas aí me lembrei do que havia falado para você quando você ligou.

– Mas você e eu somos mais importantes. Vou parar – acrescentei para Darren.

E parei.

Ainda assim, não pude deixar de pensar como teria sido se fôssemos você e eu nessa viagem. Você não pediria que eu parasse. Teria feito sugestões. E estaríamos procurando lugares para tirar fotos, exatamente como quando gastamos as solas dos sapatos em Manhattan.

NESSA VIAGEM, FOMOS À CAPADÓCIA, onde percorremos uma paisagem lunar e decolamos, logo antes do amanhecer, num balão que subiu bem a tempo de vermos o nascer do sol. Foi incrível – uma mistura de tons de rosa, laranja e violeta. Darren me abraçava, esquentando meu corpo, fazendo com que eu me sentisse amada no meio daquele céu majestoso. No entanto, eu não conseguia parar de pensar naquelas mulheres. Queria ter falado com elas, perguntado como eram suas vidas, o que elas gostariam que as crianças americanas soubessem sobre a Turquia.

MAIS TARDE, DARREN E EU FOMOS a um lugar chamado vale Devrent.

– “O vale Devrent, ou ‘Vale da Imaginação’ – leu Darren em voz alta no guia de turismo –, está repleto de formações rochosas que parecem pessoas e animais. Descubra o que você vê nessas pedras.”

Ao lado dele, eu via um camelo, um golfinho e uma serpente num chapéu.

– Acho que aquela ali se parece com a Virgem Maria – observou ele, apontando para uma rocha vertical. – O que acha, Sra. Maxwell?

Ele vinha me chamando de Sra. Maxwell durante a viagem inteira. No início, achei carinhoso e engraçado, mas depois começou a me irritar. Eu tinha dito a Darren que adotaria o sobrenome dele em situações familiares. No trabalho, no entanto, continuaria a ser Lucy Carter. É assim que meu nome está no seu celular? Ou você mudou depois do meu casamento com Darren? Seu patrão me chamou de Lucy Carter Maxwell. Você também, na verdade. Acho que é isso que sou para você agora.

Fitei a pedra que Darren observava, procurando uma mãe, uma criança e um véu.

– Só vejo um sujeito segurando uma câmera – falei.

CONHEÇO MUITA GENTE QUE PASSOU anos tentando engravidar. Vanessa e Jay acabaram tendo trigêmeos depois que ela tomou Clomid. Kate fez fecundação *in vitro* duas vezes. Darren brinca que, quando ele espirra, eu engravido. Dou um sorriso quando ele diz isso, mas não acho graça. Faz-me pensar nas mães biológicas de *O Doador de Memórias*, que li no ensino médio. No livro, a tarefa das mulheres era engravidar sem parar, como se essa fosse a única utilidade social delas.

Pouco depois de nos casarmos, Darren começou a falar em filhos. Ele achava que tínhamos a idade perfeita para começar uma família – a mesma idade dos pais dele quando tiveram a primogênita. Apesar de Kate ter acabado de me contar que estava grávida, eu não tinha tanta certeza de que ele estava com a razão. Os trigêmeos do meu irmão haviam nascido na semana anterior, num parto prematuro, mas estavam muito bem. Vanessa e Jay contrataram uma babá e uma enfermeira que pernoitava – e a mãe de Vanessa ficou na casa deles durante os seis primeiros meses. Mesmo assim, Jay parecia um zumbi quando me ligava. Na primeira semana, ele me telefonou do laboratório, quando eu ainda estava no trabalho.

– Você pode falar? – perguntou ele.

– Estou no trabalho – respondi, apertando o celular contra o ouvido. – Está tudo bem?

– Os seres humanos não foram feitos para ter três filhos de uma só vez, não mesmo. Lucy, será que sou uma pessoa horrível porque não quero ir para casa?

– Você não é horrível, Jay, está apenas cansado – falei. – É compreensível. Fique meia hora a mais. Mas depois você precisa ir. Os bebês precisam de você. Vanessa precisa.

– Eu não consigo nem distinguir um do outro – disse ele. – A não ser quando estão vestidos.

Hesitei, mas não muito. Às vezes me pergunto se meu irmão me reconheceria se me visse na rua fora do contexto habitual.

– Pense neles como faz com os diversos vírus – falei. – Preste bastante atenção. Repare nas diferenças, e não nas semelhanças.

Torcia para que aquilo ajudasse. Sentia-me angustiada por Jay. Três filhos de uma só vez eram mais do que ele e Vanessa haviam calculado.

Ele inspirou profundamente e soltou o ar.

– Te amo como o hidrogênio ama o oxigênio – disse ele. – Agora vou deixar você trabalhar.

– Também te amo, Jay – falei, antes de desligar.

Depois disso, dos trigêmeos, eu não estava absolutamente convicta de querer um filho naquele exato momento da minha vida. Mas Darren tinha certeza. Ele lembrou que ter um filho constava nas listas de nós dois.

– Além disso – argumentou –, provavelmente vai levar pelo menos um ano, se formos como Vanessa e Kate.

Levou um mês.

Foram algumas semanas de exaustão absoluta, em que eu ia deitar antes das nove da noite. Em seguida, semanas de enjoo, que me obrigavam a sair correndo das reuniões, certa de que vomitaria na sala dos roteiristas, em cima das cenas que eles estavam revisando. Depois, foram meses tendo que urinar aproximadamente de hora em hora.

Levei cerca de quatro meses para fazer as pazes com a gravidez e aceitar o tipo de vida que eu teria

quando o bebê nascesse. Mas, quando consegui, fiquei animada. Não achei que fosse ter essa reação. Comecei a passar a hora do almoço pesquisando no trabalho roupas e móveis para o quarto do bebê. Li artigos sobre amamentação, partos humanizados e o momento ideal para introduzir manteiga de amendoim na dieta infantil. Tornei-me obcecada por bebês.

Comecei até a pensar se o sucesso na carreira era tão importante assim para mim. A maternidade talvez fosse mais. Perguntava-me se ia voltar para o trabalho depois da licença-maternidade. Sei que, depois de tudo que falei com você sobre minha aversão a ser definida como mãe ou esposa, depois de dizer que minha principal queixa de Darren era ele não compreender esse meu lado, pensar em desistir disso tudo parece uma loucura. Eu mesma achava que era loucura, como se eu estivesse virando outra pessoa, outra Lucy, cujas prioridades sofressem metamorfoses e transformações. Mas era assim que eu me sentia. A gravidez fez isso comigo. E Darren queria realmente que eu ficasse em casa. Dizia que ninguém cuidaria tão bem do nosso filho quanto a mãe. E eu começava a pensar que ele tinha razão.

DARREN VINHA TENDO UM SUCESSO incrível no trabalho. Os negócios que ele andara fechando eram tão impressionantes que seus patrões o promoveram à diretoria. O novo salário me deixou espantada. Ele passou a receber mais de cinco vezes o que eu ganhava. E olha que eu não estava me dando mal. Ele queria aproveitar o aumento para comprar um apartamento grande num bom endereço.

– O que acha de nos mudarmos para Manhattan? – sugeriu ele numa manhã, com o *New York Times* aberto sobre as pernas e Annie a seus pés. – Que tal o Upper East Side?

Manhattan, porém, era nosso território. Seu e meu. E, desde seu telefonema cinco meses antes, eu ficara mais consciente disso. Apesar de Darren e eu termos nos casado em Manhattan, na verdade aquele não era nosso lugar – meu e dele. Nosso território era o Brooklyn.

– Gosto do Brooklyn – falei. – O que acha de Park Slope? Ou Brooklyn Heights?

Apesar de casada e grávida, eu pensava em você. Tomava decisões vitais com base em nós dois. No entanto, acreditava de verdade que isso teria um fim – que você sumiria de novo da minha cabeça, como acontecera antes. E foi o que acabou mais ou menos acontecendo. Naquela altura, porém, você ainda estava presente no primeiro plano do meu cérebro, guiando meus pensamentos.

– Tem certeza? – Darren refletiu um instante. – Lá tem ótimas escolas públicas. – Ele deu de ombros. – Mas também podemos mandar nosso filhote para uma escola particular.

– Brooklyn, então? – perguntei.

Ele já estava consultando os anúncios de Brooklyn Heights.

– Achei – disse Darren, alguns minutos depois. – Escute só: quatro quartos, três banheiros e um lavabo, dois andares em prédio antigo de tijolos em Love Lane. Como poderíamos deixar de morar em Love Lane?

Ele me puxou e me beijou na barriga e depois nos lábios. Eu retribuí o beijo.

– Será que precisamos de quatro quartos? – perguntei.

– Um dia, quem sabe – respondeu ele com um sorriso.

Eu sei que ele queria uma família grande como a dele. Eu não tinha certeza se queria, mas também não descartava a ideia.

– Que tal irmos ver? – falei.

Fomos ao prédio. Eu nunca tinha visto um apartamento tão grande assim na cidade. Havia uma sala de jantar, uma cozinha com espaço para uma mesa. Por que estou contando isso? Você conhece tudo aquilo. Já estive lá.

Depois de comprarmos o apartamento, depois de nos mudarmos para lá, depois de começarmos a decorar o quarto do bebê, depois que tudo isso aconteceu, eu me senti mãe de verdade. Não podia mais esperar para conhecer meu bebê.

NÃO SEI POR QUE DÃO TANTA importância a múltiplos de cinco e dez anos: aniversários de trinta anos, 25 anos de casamento, reuniões de cinco anos de formatura. A reunião da nossa turma foi no verão da minha primeira gravidez, uma semana depois que Darren e eu nos mudamos para o novo apartamento em Brooklyn Heights. Darren não parava de falar em encher todos os quartos de filhos, mas eu estava ocupada demais prestando atenção àquele que crescia dentro de mim.

Você tinha vindo a Nova York, mas não me avisara. Não fizera nenhum contato comigo desde meu casamento. Foi provavelmente uma decisão correta. Eu já pensava demais em você, imagine se aparecesse de repente no horizonte.

Apesar disso, acho que você não queria me pegar desprevenida na reunião, ou talvez quisesse se preparar conferindo como eu reagiria antes de nos vermos pessoalmente. Então me mandou uma mensagem de texto.

Vejo você esta noite?, escreveu você.

Fiquei olhando por uns dois bons minutos para a mensagem no celular. Você não sabia da minha gravidez. Pensei que devia te contar antes do encontro.

Sou a grávida de vestido azul, respondi meia hora depois.

Talvez não fosse a forma mais elegante de dar a notícia. Você não respondeu.

E, claro, fiquei o resto do dia imaginando o que estaria passando pela sua cabeça. Se havia ficado aborrecido ou contente. Se ia me evitar ou fazer questão de me encontrar na reunião.

– O que há contigo hoje? – perguntou Darren, tocando meu ombro. – Chamei você quatro vezes. Parece que está em outro mundo. Quer que eu feche seu vestido?

– Me desculpe, estava pensando na faculdade. Sim, por favor.

Darren tem essa mania de fechar meu vestido. Ele considera isso uma demonstração especial de intimidade. Mais especial do que tirá-los. Ele diz que é uma prova de amor, não apenas de desejo.

– Você quer que eu dê o nó da gravata? – perguntei.

Ele sorriu e disse que sim.

Como você se vestiu para essa reunião? Estava hospedado na casa de amigos? Num hotel? Não tive oportunidade de perguntar.

A reunião foi meio maluca, você não acha? As pessoas agarradas ostensivamente às mulheres ou aos maridos. Algumas de nós usando batas de gravidez. Percebi mulheres que me olhavam com o mesmo ar de inveja que senti anos antes quando nós dois fomos à Bloomingdale's. Eu havia agarrado o marido de sucesso e estava prestes a ter um filho. Pouco importava termos frequentado uma universidade da Ivy League, ou que aquelas mulheres fossem advogadas, médicas, escritoras e banqueiras, consultoras e professoras universitárias: todas vinham me perguntar sobre o bebê, sobre o casamento. Ninguém me indagava qual era o meu trabalho, o que fizera depois da formatura. Ninguém ligava para eu ter acabado de ser promovida a produtora associada e estar desenvolvendo um novo programa só meu, chamado *Um foguete pelo tempo*, que levava a criançada a viajar na história e mostrava a influência do passado no presente. As únicas perguntas eram: “Nasce quando?”, “Já descobriu se é menino ou menina?”, “Há quanto tempo está casada?” Não me espantaria se metade das mulheres com quem conversei tentasse alugar casas nos Hamptons naquele verão. Comecei a pensar que minhas antigas colegas de quarto tinham

feito a coisa certa não comparecendo.

Então eu te vi. Você estava do outro lado da tenda, conversando com uma mulher que eu não reconheci. Ela não tirava a mão do seu antebraço. Sorriu de algo que você disse, em seguida falou alguma coisa. Você riu. De repente senti enjoo.

– Preciso de ar puro – sussurrei a Darren, que havia encontrado outro investidor e conversava com ele sobre o trabalho.

– Ah! Você está bem?

Aquiesci.

– Só meio enjoada. Mas vou melhorar.

Havia poucas semanas que eu passara da fase do enjoo matinal. Darren estava acostumado a me ver vomitar, embora não fosse uma experiência agradável para nenhum de nós.

– Tem certeza? – perguntou ele.

– Positivo – respondi, caminhando para a saída.

Respirei fundo algumas vezes e voltei para dentro. Como não havia paredes, eu podia ver todo o interior da tenda. Não consegui encontrar você, mas aquela mulher estava conversando com outro sujeito, com a mão pousada no braço dele. Aquilo me ajudou mais do que o ar fresco. Meu enjoo diminuiu.

Estava prestes a voltar para onde Darren estava quando alguém tocou meu ombro. Era você, claro.

– Luce.

Virei-me.

– Gabe. Oi.

Fiquei com a pele do ombro arrepiada onde você me tocou.

– Belo vestido – disse você.

Segundo Darren, quando os homens falam isso, querem dizer: “Você está gostosa nesse vestido.” Nunca tive certeza se ele estava certo. Eu devia ter perguntado a você o que queria dizer.

– Obrigada – respondi. – Bela camisa.

Sua covinha apareceu.

– Não dá nem para perceber. Você não mudou nada.

Eu me virei de lado e puxei o vestido drapejado contra o corpo para que ele visse a diferença.

– E agora? – perguntei.

Você arregalou bem os olhos por um instante e abriu um sorriso.

– Bem...

– Pois é, é um bebê.

Não era um volume grande, apenas uma protuberância de mais ou menos quatro meses. Mesmo assim, não dava mais para eu usar minhas roupas. Tive que comprar um vestido novo.

– Parabéns, Luce. Fico feliz por você.

– Obrigada – falei, soltando o vestido. – E você, como está?

Seu sorriso minguou e você deu de ombros.

– Vir a Nova York é sempre estranho. Tenho a sensação de estar em *De volta ao futuro*. Como se voltasse para um mundo que deu um salto para a frente quando eu não estava olhando.

Seu olhar pousou novamente na minha barriga.

– Mas seu mundo também mudou – falei.

Você balançou a cabeça.

– Não sei explicar. Meu mundo mudou, mas sinto que minha Nova York deveria ter ficado igual. Tudo deveria ter ficado como deixei, como quando voltamos ao nosso quarto de criança. – Você se calou abruptamente. – Não faz sentido algum.

– Não – falei –, faz sentido, sim. Sua zona de segurança mudou.

– É – disse você, com o olhar fixo na minha barriga. – É – repetiu. – Acho que preciso ir... Foi

ótimo ver você, Lucy. Boa sorte. Fico realmente feliz por você.

Ele caminhou depressa em direção ao bar, montado ao lado do relógio de sol.

Eu queria gritar seu nome, dizer para você ficar. Queria te fazer mais perguntas para compreender o que você estava sentindo, para poder ouvir como era seu mundo agora. Queria que você me tocasse de novo e me deixasse arrepiada.

Mas você estava certo em se afastar. Nada de bom aconteceria se prolongássemos aquela conversa. Então voltei para Darren.

– Está se sentindo melhor, querida? – perguntou ele.

– Muito melhor – respondi, encostando a cabeça no ombro dele.

Sem perder uma única palavra da conversa em que estava entretido, ele me abraçou e me deu um beijo no alto da cabeça.

Não me fez sentir arrepios, mas ainda assim foi bom.

ALGO QUE APRENDI – NO TRABALHO, com você, em minha vida com Darren – é que, para mim, 99 por cento das surpresas devem ser evitadas, custe o que custar. Quando posso me prevenir, consigo lidar muito melhor com o problema. Se eu tivesse me preparado quando você decidiu sair de Nova York, se eu soubesse que você andava conversando com a Associated Press a respeito de trabalho, não tenho dúvida de que teria lidado melhor com isso. Ter sido pega de surpresa tornou tudo mais difícil. Foi por isso que resolvemos descobrir o sexo do bebê. Eu queria saber para poder me prevenir. Soubemos que seria uma menina poucas semanas depois da reunião da nossa turma. Não me dei o trabalho de entrar em contato com todas as mulheres que haviam me perguntado; elas descobririam no Facebook, já que estavam tão interessadas.

Devido a minha aversão por surpresas, li não sei quantos livros sobre a experiência de parto de várias pessoas, sobre o que esperar e quais as opções disponíveis. Achei que seriam úteis para me preparar – para interromper os pesadelos que vinha tendo em que eu paria no metrô, no trabalho ou num táxi. E também aqueles em que o bebê rasgava minhas entranhas como numa cena de *Alien*. Fiz um plano de parto, tal como o médico sugerira. Sabia desde o início, porém, que o bebê teria seu próprio plano de parto, ao qual eu não teria acesso.

O trabalho de parto começou à noite, depois que jantamos no Heighs Café. Comi um hambúrguer – na verdade, metade dele, porque não havia mais espaço para comida no meu estômago. O bebê devia nascer dentro de dois dias, em 21 de novembro, e Darren sugerira que a gente saísse o máximo possível antes do nascimento, mesmo que sair significasse comer metade de um hambúrguer num restaurante do qual se pudesse voltar a pé para casa.

Já havíamos pensado em tantos detalhes quanto podíamos àquela altura. Sabíamos que íamos batizá-la de Violet, em homenagem à avó de Darren, que morreu quando ele tinha dezesseis anos. Eu adorava o nome – o som, o fato de ser uma cor e uma flor, o apelido *Vi*. Decidimos também um segundo nome – Anne – em homenagem à minha tia-avó. Violet Anne Maxwell. Ainda adoro o nome dela.

Então, depois de jantar, enquanto caminhávamos para casa, eu com um casaco que mal fechava na barriga, comecei a sentir que minha calcinha estava ficando úmida. Isso é informação demais? Você realmente se importa com o que senti na noite em que Violet nasceu? Se você me disser para parar, eu paro. Basta me avisar. Não? Está certo.

Lembro-me de ter pensado: *É sério? Agora?* Um dos objetivos modestos que me propus na gravidez foi o de passar por toda a experiência sem “cometer nenhum erro”, como dizíamos quando ensinamos Violet a ir ao banheiro. Kate precisara trocar a calcinha quase toda vez que espirrava durante a gravidez. Esperava que isso não acontecesse comigo. Quando estávamos a um quarteirão do apartamento, no entanto, a umidade tornou-se mais que uma goteira e percebi o que estava acontecendo.

Virei-me para Darren.

– Acho que a bolsa estourou.

Ele parou, congelado.

– Sério? – Eu podia ver a excitação no olhar dele. – Espere aí. Você acha ou sabe?

– Acho que sei – respondi.

Ele riu e me abraçou.

– Você consegue andar? Está se sentindo bem? Acha que a gente deve ligar para o médico agora?

Apesar de já estar preocupada com o que ia acontecer daquele ponto em diante, apesar de minha leggings estar molhada e eu estar com frio, disse que tinha certeza de que conseguiria andar o quarto até o apartamento e de lá podíamos ligar para o médico. Ele segurou minha mão durante todo o percurso, falando muito mais rápido do que costumava sobre as pessoas para quem precisávamos ligar e as coisas que não podíamos esquecer quando fôssemos para o hospital: “Carregador de celular! O laptop! Seu iPod e as caixas de som!” Ele havia feito uma lista de músicas para a gente ouvir durante as várias fases do trabalho de parto. Eu não sabia se queria ouvir música alguma, mas preparar a lista lhe dera uma ocupação, uma maneira de se preparar.

Esperamos em casa, tentando assistir a um filme do qual não lembro nada, até que as contrações passaram a vir em intervalos de cinco minutos, tal como o médico nos instruíra. Então pegamos um táxi para o hospital. Doze horas depois, nascia Violet. Era bonita e perfeita, de cabelos e olhos escuros, e os cílios mais longos que eu já havia visto num bebê.

Darren tem a mania de dizer que todos os filhos dos amigos – assim como os trigêmeos de Jay e Vanessa – se parecem ao nascer com Winston Churchill ou com Mr. Magoo. De vez em quando ele ainda vira a tela do computador para mim e mostra o filho de alguém no Facebook.

– Churchill ou Magoo? – pergunta.

E a verdade é que eles sempre se parecem com um dos dois.

Depois que lavaram, vestiram e embrulharam Violet como um *burrito* e colocaram um chapeuzinho listrado na cabeça dela, entregaram-na para mim. Levantei os olhos para Darren.

– Churchill ou Magoo? – perguntei.

– Acho que ela é o primeiro bebê na história a não se parecer com nenhum dos dois. Parece com você – disse ele. – Garotinha de sorte.

Em seguida, ele tirou os sapatos e se enfiou na cama comigo, e nós três ficamos abraçados. Naquele momento, eu estava de fato maravilhada – por Darren e eu termos criado uma pessoa, pelo modo como a genética fez ela se parecer comigo, pela maneira como a biologia trabalhou para tornar possível aquele momento feliz.

– Eu te amo – falei para Darren.

– Amo vocês duas – respondeu ele.

Preciso que você compreenda que eu amo Darren de verdade. O laço que nos une não é perfeito, mas é, indiscutivelmente, amor.

QUANDO FIQUEI NOIVA, parecia que de uma hora para outra eu tinha me filiado a um clube que existia havia décadas, séculos, milênios: o Clube das Noivas. Do mesmo modo, meu título de sócia do Clube das Mulheres Casadas foi validado quando coloquei o vestido branco, percorri o tapete vermelho e disse: *Aceito*. Nada, porém, me deu essa sensação tão forte de ingressar num clube quanto ter um filho. Há uma linha divisória entre as mulheres que tiveram filhos e as que não tiveram. As Mães e as Não Mães.

Esse clube, no entanto, se divide em subgrupos: as “Mães Deus Me Acuda” e as “Mães Experientes”, aquelas que postam no Facebook fotos de seus filhos vestidos de maneira impecável, cochilando em travesseiros de cetim, e legendas do tipo: *Sonhando com papai*.

Eu não era esse tipo de mãe. Continuo não sendo esse tipo de mãe. Nunca serei.

Entrei para o Clube das Mães. Fui obrigada. Não tinha como escapar. Mas considerava um dia bem satisfatório quando tanto Violet quanto eu estávamos limpas, alimentadas, com mais do que cinco horas consecutivas de sono à noite. Deram-me três meses de licença-maternidade. Ao fim da oitava semana, porém, eu estava em frangalhos. Ser mãe em tempo integral não era nada parecido com o que eu imaginara.

Kate ligava pelo menos uma vez por dia para saber se estava tudo bem, embora só pudesse conversar por um ou dois minutos. Ela tivera sua filha, Victoria, seis meses antes de mim. A licença-maternidade na empresa dela era realmente generosa, mas ela acabara de voltar para o escritório e estava trabalhando feito uma louca, tentando provar que não era obcecada pelo seu papel de mãe.

– Vai ficar mais fácil – garantiu-me ela. – Eu juro.

Mas não ia ficar, era essa a impressão.

Eu estava amamentando, e Violet mamava praticamente o dia inteiro, pelo menos é assim que me lembro. Em certos dias, eu nem me dava o trabalho de colocar uma blusa. Bolei aquilo que chamei de “Níveis de acidente fecal”. “Nível um” não era nada sério. O “nível dois” enchia uma fralda. “Nível três” era quando vazava entre a fralda e as pernas. “Nível quatro” escorria para cima, pelas costas dela. O pior era o “nível cinco”, que significava estar lambuzada de fezes dos pés à cabeça – era preciso dar banho em Violet. Era comum que eu também precisasse trocar de roupa. Entre os níveis três, quatro e cinco, joguei tantas roupinhas fora que era difícil acreditar que ela ainda tivesse alguma coisa para vestir.

Um dia, porém, Violet conseguiu atingir o “nível seis”. Tivemos uma manhã ótima. Ela estava limpa, eu também, e ambas alimentadas, embora eu não tivesse dormido mais de três horas seguidas naquele dia. Por causa do calor de matar dentro do apartamento, ela estava apenas de fralda e camiseta. Ela aprendera havia pouco tempo a dar sorrisos, o que sempre me deixava de coração mole.

O dia correria de modo tão agradável que resolvi fazer um jantar de verdade, o que tinha acontecido no máximo duas vezes nas oito semanas anteriores. Coloquei Violet em uma cadeirinha de bebê vibratória. Eu tinha descongelado um frango, que comecei a empanar. O rádio estava ligado numa estação que tocava músicas dos anos 1960 e me faziam lembrar meu pai, e comecei a cantar “My Girl” junto. Minha mão estava suja de ovos e farinha de rosca, mas eu me sentia formidável. Foi quando Violet começou a berrar.

Olhei para ver o que tinha acontecido e congelei. Era a primeira ocorrência do “nível seis”, talvez por causa da cadeira que vibrava, ou do ângulo em que Violet estava sentada, ou por ela estar apenas de

camiseta e fralda. Só sei que ela deu um jeito de espalhar o cocô das coxas para as mãos e o cabelo. Respirei fundo, lavei minhas mãos rapidamente e tirei-a da cadeirinha. Ela sacudiu os braços, espalhando cocô na minha bochecha, na minha blusa e no meu braço. E então ela vomitou no meu cabelo. Não parava de berrar, e comecei a chorar também.

Foi assim que Darren nos encontrou.

– Lucy? – ouvi que ele gritava da porta do apartamento. – O que está acontecendo? Por que Violet...?

E então ele chegou à cozinha.

– Ah! – exclamou. – Deus do céu.

Largou a pasta no chão e tirou o paletó.

– Da máquina de cocô cuído eu – disse ele. – Você vai para o banho.

Olhei para ele com a respiração entrecortada.

– Tire primeiro a roupa – alertei –, senão vai acabar com isso aí no terno. E cuidado, que ela não é só uma máquina de cocô, mas também de vômito.

– Eca – falou ele, enquanto desabotoava a camisa e a jogava sobre o paletó. – Qual seria a manchete? *Homem pelado salva esposa de bebê imundo?*

Eu dei uma risada curta.

– Que tal *Homem pelado enfrenta pela primeira vez bebê imundo que a esposa enfrenta todo dia?*

– Sério? – perguntou ele. – Isso acontece muito?

Ele tirou toda a roupa, exceto a cueca boxer, e pegou Violet.

– Caramba, isso é nojento – disse ele, segurando-a pelas axilas.

– Bem, “nível seis” não acontece tanto, mas “nível cinco” não é raro.

– Do que você está falando? – perguntou ele enquanto nós três íamos para o banheiro principal.

Havia um chuveiro e uma banheira, dentro da qual colocamos a banheirinha de plástico de Violet. Quando chegamos ao andar de cima, Annie havia se juntado a nossa trupe, latindo sem entender o que acontecia.

Darren ligou a água para o banho de Violet, enquanto eu me despia e entrava no chuveiro. Annie se enroscou sobre o tapete diante da pia. Em meio ao vapor, expliquei a Darren os “Níveis de acidente fecal”. Depois que concluí, eu disse que desejava voltar a trabalhar quando minha licença-maternidade terminasse. Falei que precisava. Essa era uma conversa que vínhamos tendo desde o final da minha gravidez, mas eu havia adiado uma decisão definitiva porque parecia haver muitas variáveis, muitas coisas que eu não sabia. No entanto, eu sabia o que Darren queria.

– Pensei que já tivéssemos discutido isso – disse ele.

– Já discutimos – falei, enquanto lavava rápido o cabelo sujo de vômito. – E agora estamos discutindo de novo.

– Pensei que você tivesse concordado que era melhor Violet ficar com você do que com alguma desconhecida. Ninguém vai tomar conta dela tão bem como você.

Inclinei a cabeça para receber a água do chuveiro.

– Para ser sincera, acho que você está enganado. E isso é apenas parte do problema. Estive pensando bem. Meu avô sempre falava: *Quem for capaz que faça*. Ele estava falando da responsabilidade que temos. Se você puder ajudar alguém, se puder fazer algo de bom, se puder fazer a diferença, faça. E eu posso. Eu me sinto capaz de dar uma contribuição maior ao mundo do que a que dou ficando em casa com Violet o dia todo. Fiz um compromisso comigo mesma, no 11 de Setembro, de levar minha vida de modo a retribuir tudo que eu tenho. E é o quero fazer. *Preciso* fazer.

– Você não gosta de ficar em casa com Violet? – perguntou Darren, como se não tivesse escutado uma palavra sequer do que eu dissera.

Respirei fundo.

– Há momentos maravilhosos. Mas adoro ser produtora associada. Adoro fazer televisão. Eu dei um duro danado nos últimos cinco anos e sou boa no que faço. E não sou tão boa fazendo isto aqui.

– Você precisa apenas de mais tempo – disse ele, jogando a camiseta e a fralda imunda de Violet na lata de lixo. – Não é possível que você pense que seu trabalho é mais importante do que sua filha.

Eu estava a ponto de chutar alguma coisa. Ou chorar. Ou fazer as duas coisas. Dei uma última enxaguada no cabelo e desliguei o chuveiro.

– É claro que não – falei, vestindo um roupão felpudo. – Mas dou valor à minha felicidade também. Se eu ficar em casa e minha vida virar apenas isso, eu vou acabar ficando rancorosa. Iria ficar rancorosa com *minha filha*. E com você também.

– Ela está fazendo xixi? – perguntou Darren, colocando-a na banheirinha.

– Acontece – respondi, agachando-me para pegá-la.

– Tantas mulheres dariam tudo por esta oportunidade... – continuou Darren. – Você não precisa trabalhar. O dinheiro que eu ganho é suficiente. Tenho esse emprego para que você não precise trabalhar.

– Não – retruquei, passando xampu no cabelo de Violet. – Você trabalha nisso porque gosta. Gosta de ganhar dinheiro e de ser respeitado pelas pessoas. Gosta do prazer de fechar grandes negócios.

– Essa não é a única...

– E gosta também de ser o provedor, eu entendo isso – interrompi-o. – Gosta de ser capaz de cuidar da gente. Eu aprecio, de verdade. Mas não finja que trabalha só para que eu não precise trabalhar. Você trabalha porque gosta da sensação que seu trabalho te dá. Da mesma maneira que eu gosto da sensação que *meu* trabalho me dá.

Darren ficou calado. Quando olhei para ele, parecia estar me avaliando, fazendo contas.

– Você gostaria de abandonar o seu trabalho? – perguntei. – E ficar com ela todo dia, o dia inteiro, sozinho? Eu sei que ela é maravilhosa e nós a amamos. Mas você iria querer isso?

– Seria financeiramente impossível – respondeu ele, enquanto eu lavava as costas de Violet com uma esponja em formato de pato.

– Não foi o que eu perguntei.

– A pergunta é ridícula – disse ele. – Não poderíamos sobreviver só com o seu salário.

– Faça de conta – sugeri, entre os dentes. – Finja que é financeiramente possível. Finja que meu salário é suficiente para vivermos de um jeito que faria você feliz. Você gostaria disso?

– Conheço tantas esposas dos meus colegas... – ele começou a falar.

– Eu não sou a esposa dos seus colegas. Eu sou eu. E você ainda não respondeu à minha pergunta: em teoria, você gostaria de ficar em casa o dia todo e largar seu emprego?

Como Violet parecia já estar limpa, tirei-a do banho. Ela chorou até eu a enrolar em uma toalha rosa-choque, com um capuz que tinha orelhas de coelho e um rabo de algodão.

– Não foi assim que imaginei que seria nossa vida – disse ele. – Não era o que eu queria.

Olhei bem para a cara dele, enquanto segurava nossa filha contra o peito. Senti que meus olhos estavam ficando cheios d'água, mas não consegui me conter:

– Também não era o que eu queria.

Ele abriu a boca para falar, porém não conseguiu dizer uma palavra.

Não olhei para Darren novamente. Não falei mais nada. Sequei Violet com a toalha e a levei para o quarto, onde coloquei nela uma fralda nova e um pijama listrado.

– Está melhor? – perguntei a ela.

Ela sorriu e balbuciou algo enquanto eu enxugava as minhas lágrimas do rosto com um pano de boca.

Ouvi Darren entrar no quarto às minhas costas.

– Não – disse ele. – Eu não gostaria. Não gostaria de largar meu trabalho e ficar em casa com ela o dia todo.

Assenti, beijando a cabeça de Violet, sentindo seu calor no meu peito, sentindo que ela me dava força, uma força que eu devolveria para ela. Ela precisava de uma mãe que soubesse se defender, que não ficasse com medo de correr atrás do que queria. Eu precisava ser um modelo para Violet.

– Você me entende agora? – perguntei para Darren. – Ele se aproximou de mim, me abraçando. – Me desculpe por não ser uma dessas mulheres, por não ser como as esposas dos seus colegas. Me desculpe, mas não vou ser feliz se ficar em casa. Sou assim. Preciso trabalhar.

– Não diga isso – falou Darren. – Você não precisa se desculpar por ser quem você é. Eu é que devo pedir desculpas.

Eu queria perguntar: *Pelo quê?* Para ter certeza de que ele não estava pedindo desculpas apenas para fazermos as pazes. Mas não perguntei.

– Aceito a desculpa – foi o que eu disse.

Quando penso no passado, porém, percebo que ele não chegou a se desculpar de verdade. Apenas reconheceu que deveria se desculpar.

NO DIA SEGUINTE COMEÇAMOS a procurar uma babá. E, mais ou menos um mês depois, voltei ao trabalho. Claro que sentia falta de Violet quando estava trabalhando – mais do que eu esperara, para ser sincera. Porém, fiquei grata a Darren naquele momento. Grata por termos uma alternativa, por podermos contratar alguém que nos ajudasse quando precisássemos, e porque, afinal, o que ele desejava era que eu fosse feliz.

HÁ CERTOS MOMENTOS DE MINHA VIDA que consigo rememorar com muita clareza, como se eu pudesse penetrar novamente nas memórias e revivê-la palavra por palavra. Por outro lado, há longos períodos – dias e semanas – que parecem indistinguíveis uns dos outros. Os meses depois que voltei ao trabalho, quando Violet ainda era um bebê, parecem um borrão. Eu mal dormia, desenvolvia dois programas novos, tirava leite no escritório e ainda procurava ficar o máximo de tempo possível com Violet. Quando entrava no Facebook – raramente –, era só para postar as fotos obrigatórias de cinco, seis, sete meses. Então, não vi suas fotos com Alina. Perdi todo o desenrolar desse relacionamento.

Se eu não estivesse tão ocupada, talvez percebesse que não nos falávamos desde a reunião, mas não registrei o tempo passando. Eu voltara a uma situação em que você realmente não tinha importância, situação em que me encontrava antes de você ligar na manhã do meu casamento.

Assim, enquanto postava a foto de Violet com oito meses e curti as fotos da viagem de Julia a Amsterdã, aquele pequeno coração surgiu de repente no meu feed de notícias com a legenda *Gabriel Samson está noivo de Alina Alexandrov*. Abaixo vinha uma foto sua abraçado a uma bela mulher de cabelos ruivos, olhos castanhos bem separados e um enorme sorriso. Meu estômago se revirou. *Não deveria fazer a menor diferença para você*, disse comigo mesma. *Você é casada, tem uma filha, não o vê há mais de um ano e ele não é seu há mais de quatro anos*. Mas fez. Fez diferença. Naquela foto vislumbrei o que eu “poderia ter sido”. Vi o caminho que não foi escolhido.

Passei a hora seguinte clicando nas fotos e vendo vocês dois de férias na Croácia. Eu nunca tinha ido à Croácia. E, então, lá estavam vocês na China, na Grande Muralha. E, no Egito, você dançando com Alina, que usava uma saia de dança do ventre, feita de *chiffon* vermelho e moedas prateadas. Surpreendi-me com a inveja que senti daquela vida. Queria que fosse eu na Grande Muralha da China, que fosse eu fazendo dança do ventre no Egito.

Você estava novamente sediado em Bagdá, e parecia que ela também, trabalhando para o *Guardian*. Fui até a página do jornal e li cada artigo que ela escreveu. Depois, procurei o nome dela no Google e li a página sobre ela na Wikipédia. Descobri que também tinha uma página sobre você nesse site, e que suas páginas estavam linkadas. Uma atualização, que alguém devia ter acrescentado recentemente, mencionava o noivado.

Busquei meu nome na internet. Não havia nada sobre mim na Wikipédia. Sobre Darren também não. Violet começou a chorar, então desliguei o computador. Mais tarde, naquele mesmo dia, mandei para você um e-mail curto que dizia apenas: *Parabéns!*

Você não respondeu.

N AQUELE SETEMBRO EU AINDA estava sofrendo da confusão mental pós-Violet, mas a vida começava a entrar num ritmo suportável. Finalmente ela começou a dormir a noite toda, e nós passamos a última semana de agosto em família, numa casa alugada em Westhampton Beach. Violet adorou a piscina, então a besuntávamos de filtro solar e a deixávamos numa pequena boia de câmara de ar, com uma sombrinha, na qual ela balançava na água enquanto boiávamos. Parecia um pedacinho do céu.

– Estou vendo que você gosta disto aqui – comentou Darren.

Violet se agitava e esparramava água, enquanto nós ficávamos sentados nos degraus da extremidade rasa da piscina, com duas taças geladas de Chardonnay.

– Você também – respondi, recostando a cabeça no ombro dele.

– Eu gosto. Devíamos comprar algo aqui.

– Quem sabe um dia. Por enquanto, alugar por uma ou duas semanas parece ideal para mim.

Ele assentiu.

– Um dia. Está na minha lista, lembra?

Não me lembrava.

– Claro – respondi. – Creio que andamos esquecendo um pouco nossas listas.

– Não, não é verdade – disse ele, balançando a cabeça. – Neste ano tivemos nossa filha. Isso estava em nossas listas.

– Está certo – concordei, rindo. – Retiro o que disse. Somos incríveis no quesito das listas.

– Somos.

Darren me deu um beijo, enquanto Violet espirrava água na gente.

Era sobre isso que eu estava pensando naquela manhã no metrô: na semana em Westhampton, na piscina, como era relaxante. E então ergui o olhar. O homem à minha frente estava segurando um exemplar do *New York Times*. A reportagem diante de mim dizia: *Mais corpos são retirados do Hotel Rubble no Paquistão*. Minha mente foi direto até você. Você estava no Paquistão? Na última vez que vi seu nome, você estava em Bagdá, mas poderia ter se mudado? Ou estaria fazendo alguma cobertura em Islamabad? Poderia estar hospedado naquele hotel?

Não consegui respirar normalmente até chegar ao trabalho, entrar no Facebook e ler o artigo da Associated Press que você postou sobre o hotel. Você conhecia pessoas que morreram na explosão, mas não estava lá. Ainda estava no Iraque.

– Ah, graças a Deus – falei, suspirando.

Então chequei sua página, curiosa para ver o que você estava fazendo. Um pequeno coração partido brotou na minha frente. Você e Alina haviam se separado. Fiquei imaginando o que podia ter acontecido e me senti mal de verdade. Queria que você fosse feliz. Pensei por um instante em escrever para você, mas desisti.

Meu dia passou, e também a semana, o mês. No entanto, você estava presente em meus pensamentos mais do que jamais estive desde que Violet nasceu. Eu procurava suas fotografias. Pensei comigo mesma se você voltaria logo a Nova York e se me avisaria quando voltasse.

ÀS VEZES, DIAS COMUNS se transformam em dias extraordinários quando menos se espera. Era uma sexta-feira de janeiro. Eu estava trabalhando em casa, ouvindo Violet tagarelar com a babá enquanto eu respondia aos e-mails do escritório. Violet estava com catorze meses. Conseguia dizer apenas meia dúzia de palavras, mas isso não a impedia de tentar nos explicar os segredos do universo. Pelo menos era o que eu e Darren imaginávamos que ela estivesse fazendo quando começava a monologar sem sentido durante vários minutos.

Maria, a babá, respondia em espanhol. Darren tivera a ideia de tentar fazer Violet crescer como bilíngue. Eu achava que encorajá-la a falar uma língua já era bastante. Darren, porém, tinha convicção a respeito, então eu concordei. Entretanto, pedi a Maria que lesse livros para ela em inglês e a levasse à aula de música, brincadeiras em grupo e narração de histórias na biblioteca local. Senti que era um acordo justo.

Aliás, Violet nunca aprendeu mais do que *hola*, *adiós*, *por favor* e *gracias*, até começar a assistir *Dora, a Aventureira*. O poder da televisão! Alguns pais controlavam o que as crianças podiam assistir, mas Violet assistia a todos os meus programas, além de alguns da concorrência. Ela era meu pequeno grupo focal, e era interessante ver o que atraía sua atenção, em quais programas ficava mais ligada. Fiquei especialmente entusiasmada quando *Um foguete pelo tempo* a deixou vidrada. E também quando ela saiu do quarto logo no início de *Guillaume*. Destesto esse programa. Kate jurava que foi ele que ensinou Victoria a choramingar. É bem provável.

Enquanto eu digitava o orçamento de *É preciso uma galáxia*, meu Gmail apitou e apareceu uma mensagem sua:

Oi, Luce,

Eu sei que faz algum tempo. Um tempão, na verdade. Parece até uma eternidade. Porém, estarei em Nova York amanhã, fazendo uma visita rápida antes de seguir para a posse em Washington. Não poderia perder uma ocasião dessas. Dá para acreditar? Nosso primeiro presidente afro-americano? Todo mundo por aqui está entusiasmado. Acho que a eleição de Obama vai significar muita coisa para nosso país. Um novo rumo, melhor, mais flexível. Enfim, adoraria te encontrar. Alguma possibilidade de você estar livre para um café amanhã à tarde?

- Gabe

Eu não conseguia acreditar. Não respondi logo. Na verdade, só respondi à noite, depois de comentar casualmente sobre sua visita com Darren.

– Você ainda tem contato com esse cara? – perguntou ele, genuinamente surpreso.

Balancei a cabeça.

– Não o vejo nem falo com ele desde o encontro dos ex-alunos de Columbia. Ele me mandou um e-mail do nada.

– Você me faria um favor? – perguntou Darren, desabotoando o colarinho.

Eu me preparei. Ele iria me pedir para não te ver?

– O quê?

– Você leva Violet?

Fiquei imóvel por um momento, um pouco aturdida.

– Não confia em mim? – perguntei.

– Eu confio em você – disse ele, depois de respirar fundo. – Mas nele, não. Não sei por que ele quer encontrar você. Acho que você devia levar Violet.

Assenti. Sabia que, se negasse, iria sinalizar a Darren algo que eu não queria.

– Claro – concordei. – Vou levar Violet. Mas acho que é apenas um velho amigo que quer colocar o papo em dia.

Respondi sua mensagem naquela noite: *Que bom receber notícias suas. Que tal amanhã às 3 da tarde, em Brooklyn Heights? Tem uma Starbucks na Montague Street.*

Não mencionei Violet.

Você respondeu logo: *Parece bom.*

Tínhamos um plano.

NO DIA SEGUINTE, VESTI VIOLET com um jeans, uma bota Uggs infantil e um suéter cinza com um aplique de coração cor-de-rosa. Coloquei um arco rosa no cabelo dela. Na verdade, eu estava vestida de modo bem parecido, só que meu suéter era marrom sem aplique e eu não coloquei arco.

Darren estava na academia quando vestimos nossos sobretudos e saímos.

Espreitei através da porta de vidro da Starbucks e vi você sentado a uma mesa, de cabeça baixa, lendo alguma coisa no BlackBerry. Darren e eu tínhamos acabado de mudar para iPhones, mas por algum motivo era compreensível que você ainda tivesse um BlackBerry. Deixei o carrinho do lado de fora, peguei Violet no colo e abri a porta. Você levantou os olhos.

– Oi, Lucy – falou. – E oi...

– Violet – informei. – Violet, este é o amigo da mamãe, Gabe. Gabe, esta é a minha filha.

– Oioi – disse Violet.

Aquela era uma das palavras que ela sabia, e sempre dizia duplicada, um mistério que Darren e eu não conseguíamos desvendar.

– Ela se parece muito com você – disse você ao se levantar. – Uau.

O que você pensava naquele momento? Sempre me perguntei. Ela se parecer mais comigo que com Darren tornava Violet mais... interessante? Tolerável? Amável?

Violet deve ter intuído alguma coisa que a agradou, porque estendeu os braços na sua direção e você a pegou.

– Oioi – disse ela, tocando em suas bochechas.

– Oioi – respondeu você.

Então, você usou seu braço livre para me abraçar.

– Quanto tempo. Que bom que você veio.

Peguei Violet de volta e nos sentamos frente a frente. Coloquei na mesa alguns livros infantis e alguns blocos de montar e Violet começou a brincar com eles.

– Vi no Facebook que você ficou noivo – comentei.

Não sabia quanto tempo teríamos e queria saber o que estava acontecendo. Afinal, Darren tinha razão, não havia nenhum motivo óbvio para esse encontro, depois de tanto tempo.

– Direto ao ponto – disse você, rindo.

Dei de ombros e peguei o livro que Violet jogara no chão.

– Você quer saber o que aconteceu?

– Só se você quiser me contar – respondi.

Então você me contou sobre Alina e a oferta de emprego em Washington que ela recebeu, e como vocês descobriram que suas carreiras eram mais importantes do que o relacionamento de vocês. Ela queria ir para Washington e você queria continuar no exterior. Ninguém estava disposto a ceder para ficarem juntos. Não consegui deixar de pensar na gente, em como você me deixou pela mesma razão.

– Trata-se de duas pessoas muito legais que não foram feitas uma para outra – resumiu você.
Fiquei pensando se você não disse a mesma coisa de mim.

– Sinto muito.

– Muu-tuu – repetiu Violet, erguendo os olhos.

Mais uma das palavras dela.

– Você fez um clone seu? – perguntou você sorrindo. – Uma xérox? Ela é fantástica.

– Você é fantástica? – falei com Violet.

Ela sorriu e bateu palmas.

Também sorri.

– Você está feliz – disse você. – Com Darren, com Violet, você está feliz.

– Estou.

E era verdade.

– Fico contente que um de nós esteja.

Não havia sarcasmo ou malícia na maneira como você falou. Apenas um pouco de melancolia.

– Foi você quem partiu.

– Eu sei – respondeu você. – Tenho pensado muito nas escolhas que fiz. Por que as fiz. Como teria sido a vida se eu não as tivesse feito.

Você parecia muito pensativo, como se estivesse fazendo um inventário da sua vida, julgando-a.

– Acha que teria sido mais feliz? – arrisquei. – Se tivesse ficado?

– Eu não sei. – Você deu um suspiro. – Em alguns dias acho que teria sido mais feliz se nunca tivesse tentado a fotografia. Acho que tinha orgulho da minha busca, orgulho de fazer algo importante. Mas tem sido muito difícil. Exigiu muito de mim. Não sei... Talvez eu seja o tipo de pessoa que nunca vai ser feliz. Talvez eu não seja o homem que esperava ser.

– Mamãe! – exclamou Violet.

– Violet! – respondi.

Ela voltou a dar atenção aos brinquedos diante dela.

– Eu quero coisas tão conflitantes... – falou você, observando minha filha virar as páginas de um livro. – Não sei se são compatíveis.

– Você está em uma situação difícil agora. É só isso. Vai dar um jeito.

– Até agora, não consegui – insistiu você, olhando para a xícara de café. – Sinto falta de nós, do que tivemos.

Você levantou os olhos para mim.

– Assistio aos seus programas sempre que posso. Quando estou com medo, sempre sonho com você. Sempre que estou triste, penso que não deveria ter partido.

Meu coração acelerou um pouco.

– Por favor, não faça isso – pedi, segurando firme Violet.

– Me desculpe – disse você, passando os dedos nos cabelos. – Esqueça o que falei.

Virei Violet e a peguei no colo.

– Foi ótimo encontrar você, Gabe, mas eu e Violet temos que ir.

Você assentiu.

– Espero que você encontre o que está buscando – falei.

– Obrigado. – Sua voz falhou. – Eu também.

– Diga tchau, Violet.

– Tchau-tchau – falou Violet, tornando a se esticar na sua direção.

Você a abraçou. Depois olhou para mim, querendo claramente me abraçar também. Em vez disso, você baixou os olhos e foi embora. Coloquei os casacos em mim e em Violet, ajustando o capuz dela. Apesar do dia nublado, remexi na bolsa das fraldas procurando meus óculos escuros. Não queria que

ninguém visse as lágrimas nos meus olhos, da mesma maneira que você não queria que eu visse as lágrimas nos seus.

NAQUELE VERÃO, DARREN e eu nos arrumamos, como havia tempo não fazíamos, para ir ao casamento de Gavin. Não o encontramos muito desde que Violet nascera e mal conhecíamos a noiva.

Darren assobiou quando entrei na sala com um vestido azul-marinho bem decotado.

– Que mamãe *sexy*.

– Vamos nessa, bonitão – falei, sorrindo.

Precisávamos estar cedo no local porque Darren era padrinho. Quando chegamos, Gavin nos cumprimentou.

– Agora tenho minha bonequinha de papel – comentou ele, rindo.

Fazia anos que não lembrava que me ele chamara de bonequinha de papel de Darren, logo no dia em que nos conhecemos.

– E então, o que isso quer dizer exatamente? – perguntei.

– Nada de mais – interveio Darren, que se virou para Gavin. – Então, o que você precisa que eu faça?

Os homens foram embora e fui em direção às namoradas e às noivas dos outros padrinhos, que estavam perto de uma bandeja com taças de champanhe. Muito atencioso. Muito Gavin.

MAIS TARDE, VI-ME PRÓXIMA a Gavin no bar. Nós dois tínhamos bebido muito. Todo mundo tinha.

– Então – perguntei –, o que quer dizer bonequinha de papel?

Ele riu.

– Darren vai me matar por te contar isso, mas ele tinha uma lista de qualidades da namorada ideal. Você preencheu todos os requisitos. Morena. Educada na Ivy League. Do Brooklyn. Entre 22 e 25 anos. Cresceu na Costa Leste. Belo corpo. Não me lembro do resto, mas você funcionava bem no papel, então nós te chamamos de...

– Bonequinha de papel – completei.

– Exatamente! – disse Gavin, batendo seu copo de Johnnie Walker contra minha taça de martíni de vodca antes de tomar um gole.

Fazer uma lista como essa era tão típico de Darren que eu não deveria ter ficado espantada. Aquilo, porém, de certa forma dava a impressão de que o amor dele era menos real, mais calculado. Não gostei de como me senti, reduzida a uma série de atributos.

– Fiquei sabendo que funcionei bem no papel – comentei com Darren, que acabara de chegar. – Que bom que não sou um centímetro mais alta, caso contrário teria sido desclassificada.

Ele também riu.

– Ninguém encontra o que quer se não souber o que procura.

As doses de Jäger que ele e os outros padrinhos haviam tomado deixaram-no menos comedido que de costume. Mais exibido.

– Eu estava procurando por você naquele verão.

– Ou por alguma mulher parecida comigo – respondi, também de forma menos comedida que o normal.

– Pare, eu queria você – disse ele, me abraçando pela cintura e me puxando para perto. – A lista só

ajudou a focar minha atenção em mulheres que valessem a pena.

– Mulheres que valessem a pena? – repeti.

– Pare com isso! – exclamou ele, virando outra dose que Gavin lhe dera. – Vamos dançar.

Deixei que ele me guiasse na pista de dança. Depois que começamos a dançar o twist – nós éramos horríveis nisso –, começamos a rir e a lista da namorada perfeita sumiu da minha cabeça. Recentemente, porém, andei pensando bastante nela. Se eu tivesse feito uma lista naquela época, não acho que você ou Darren iriam preencher todos os requisitos. Se hoje Darren fizesse uma lista, não acho que eu ainda seria sua bonequinha de papel.

UMA VEZ LI QUE EM NOVA YORK os aniversários são comemorados de maneira mais elaborada do que em qualquer outro lugar no mundo. Não tenho nenhuma referência ou estudo em que me apoiar, que eu iria exigir caso alguém no trabalho fizesse uma afirmação dessas. Porém, enquanto anedota, não chega a ser absurda.

Em meu aniversário de trinta anos, Darren me deu de presente um dia no spa junto com Kate e Julia e preparou uma viagem de uma semana para a Austrália.

– Está na sua lista de projetos! – exclamou ele.

Pelo menos daquela vez ele perguntou primeiro. Eu e Darren estávamos indo muito bem com nossas listas. Ele tinha conseguido até dirigir um ducado em uma despedida de solteiro em Miami havia alguns meses, riscando o primeiro item da lista.

– Mas e Violet? – indaguei.

Ela estava com quase dois anos e meio e, apesar de já termos deixado nossa filha com meus pais ou com os pais de Darren em feriados, nunca tínhamos ficado tanto tempo afastados, nem tínhamos ido além da Califórnia.

– Acho que Violet poderia tirar umas férias da gente – argumentou ele.

Ela estava no chão perto de Annie, com giz de cera em formato de triângulo. Ela adorava aquilo; podia ficar horas rabiscando, sem exagero.

– Ei, Vi – chamou Darren.

– Oi, papai.

– Tenho notícias emocionantes. Você vai ficar com a vovó e o vovô uma semana inteira enquanto mamãe e eu fazemos uma viagem.

– Vovô! – exclamou Violet, arregalando os olhos. – Sim, por favor.

Ela voltou a colorir.

– Acho que ela vai ficar bem – afirmou Darren.

E assim fomos. Primeiro de Nova York para São Francisco. Depois de São Francisco para o Havaí. Do Havaí para Fiji. De Fiji para Sidney. Eu não adoro aviões. Já falamos sobre isso? Apertado demais, o ar não renovado, a impossibilidade de sair – fico nervosa se penso muito tempo em tudo isso. Darren calculou que, se pegássemos vários voos curtos, haveria menos tempo para eu entrar em pânico no avião. Na verdade, achei uma boa ideia, porque, toda vez que eu começava a me sentir impaciente ou aprisionada, já era hora de pousar. Tento usar essa tática desde então. Apesar disso, vim num voo direto de Nova York a Tel Aviv. Foi a maneira mais rápida de chegar aqui.

Chegamos na véspera do meu aniversário. Uma limusine veio nos apanhar no aeroporto e nos levou até o Four Seasons.

– Reservei um apartamento para a gente – disse Darren, enquanto relaxávamos no banco traseiro do carro.

– Você está louco.

Ele deu de ombros.

– A gente não viaja a nenhum lugar interessante desde nossa lua de mel. E quem sabe quando vamos poder viajar de novo.

Quando chegamos ao quarto, me conectei ao wi-fi e liguei para meus pais.

– Violet está ótima – disse minha mãe. – Jason e Vanessa estão aqui com os trigêmeos. Ela está se divertindo horrores no seu velho balanço.

Eu não sabia se era melhor ou pior falar com ela ao telefone, mas, já que ela estava se divertindo, pensei que poderia ligar depois.

– Você tem que ver isto! – exclamou Darren do quarto.

– Ligo mais tarde, mãe. Dê um beijo especial em Violet.

– Claro.

Entrei no quarto. Havia no aparador morangos mergulhados em chocolate e champanhe. E, na cama, uma caixa com uma dúzia de rosas com cabos longos.

– O que você disse ao hotel? – perguntei.

– Que estamos comemorando – respondeu Darren. – E para mandarem o que tiverem de melhor.

Em seguida, ele me beijou e relaxei em seus braços. Estar com Darren era como tirar um sapato apertado depois de um longo dia de trabalho: natural, fácil, relaxante.

– Eu te amo – falei, enquanto ele deslizava a mão por baixo da minha blusa e abria o sutiã.

E aquelas belas rosas acabaram espalhadas pelo chão.

ACORDEI NO MEIO DA NOITE EM PÂNICO, como se tivesse esquecido alguma coisa. Fiz uma lista mental. Tinha trazido o carregador do celular e os adaptadores de tomada. Sutiãs, calcinhas e meias. Maquiagem. Desodorante. Tênis. Tinha ligado para minha mãe. Tinha falado com Violet. Então lembrei o que era. Cutuquei Darren.

– Esqueci a pílula anticoncepcional – murmurei, depois que ele despertou o suficiente para me ouvir.

– Que bom – respondeu ele baixinho. – É uma ótima ocasião para um segundo filho.

Em seguida, voltou a dormir, mas eu não. Passei a noite toda olhando para o teto, me perguntando no quanto Darren ficaria chateado se eu pedisse a ele que usasse camisinha.

A resposta era: muito.

Liam foi concebido na Austrália.

UMA DAS COISAS MAIS INTERESSANTES que descobri sobre gravidez é que ninguém parece passar por ela da mesma maneira. Os sintomas podem mudar de um dia para outro. Sempre ouvi que uma mulher podia apresentar sintomas diferentes a cada gravidez, o que me soava especialmente estranho. O corpo não deveria reagir sempre da mesma maneira? Contudo, é verdade. Cada uma das vezes em que fiquei grávida foi ligeiramente diferente, embora náusea e cansaço estivessem sempre presentes. Com Liam, porém, embora eu estivesse exausta, também tive insônia. Foi assim que acabei assistindo sozinha a *The Daily Show* na sala enquanto Darren se preparava para deitar. E foi assim que vi você.

Depois do intervalo comercial, Jon Stewart apareceu.

– Bem-vindos novamente – anunciou. – Meu convidado de hoje é fotógrafo da Associated Press e acaba de lançar seu primeiro livro, *Desafiando*, uma narrativa em imagens da Primavera Árabe. Pessoal, Gabriel Samson.

Ali estava você, na minha sala, um ano e meio depois de eu deixar você na Starbucks na Montague Street. Enquanto Jon Stewart mostrava páginas de seu livro e você falava sobre suas experiências, eu não podia deixar de sentir um pouco de orgulho. Era enorme o reconhecimento que seu trabalho recebera – prêmios, pelo visto muitos deles – e, a julgar pelas perguntas, a recepção do público a seu livro também fora magnífica. Devia sair uma crítica no *Times* na semana seguinte e você recebera convites de alguns museus e galerias para expor suas fotografias.

– Parece que você está sendo disputado por todo mundo, de Londres e Nova York a Omaha, em Nebraska – disse Jon Stewart. – Eu aconselho Omaha. O bife de lá é ótimo!

– Por mais que eu goste de carne – respondeu você, sorrindo –, estou tendendo a escolher Nova York. A cidade significa muito para mim.

– Os nova-iorquinos têm má fama – continuou Jon, pegando carona na brincadeira –, mas somos gente boa. E, se você quer saber, prefiro a pizza de Nova York ao bife de Omaha.

– Com toda a razão – disse você. – E também prefiro as nova-iorquinas.

Então o quadro do programa acabou, porém continuei olhando para a tela. Você parecia ótimo. Parecia feliz. Fiquei contente por você. Mas não pude deixar de me perguntar a quem você se referia quando mencionou as nova-iorquinas. Era eu? Outra mulher? Ou foi apenas uma piadinha para a televisão? Tentei afastar isso da minha cabeça. É difícil, porém, quando se está deitada na cama, olhando para o teto às três da madrugada.

POR PIOR QUE FOSSE A INSÔNIA, o fato de Liam, até os quatro meses, nunca ter dormido por mais de quatro horas consecutivas era ainda pior. Eu estava um zumbi. A melhor maneira de fazê-lo dormir era amamentando-o, logo eu tinha mais tempo de ler as notícias no celular do que nunca.

Às 21h45 do dia 2 de maio, enquanto eu amamentava Liam, apareceu na tela um alerta de que o presidente iria fazer um discurso à nação.

– Você acha que é sobre o quê? – perguntei a Liam.

A resposta dele foi continuar a sugar meu mamilo.

Às 23 horas, quando Liam já estava de volta ao berço, eu lia toneladas de artigos de diversas fontes. Às 23h35, estava na sala ouvindo o presidente Obama dizer: *Boa noite. Hoje, informo à população americana e ao mundo que os Estados Unidos executaram uma operação que matou Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda, terrorista responsável pelo assassinato de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes.*

Logo, eu estava no Twitter vendo as fotos que você tuitava – compartilhando fotos que seus colegas tiraram da alegria diante dos portões da Casa Branca. Não estava contente pela morte de Bin Laden, mas senti alívio. Senti-me inteira, como se a morte dele concluísse um quebra-cabeça que estava incompleto desde 2001. Acho que você também sentiu isso. O único tuíte de sua autoria naquela noite dizia: *Hoje o mundo é um lugar melhor do que era ontem. #OperaçãoArpãodeNetuno*

Vi seu feed se encher de mais e mais fotos, links de artigos e mensagens de políticos e jornalistas.

Mandei uma mensagem privada para você. *Não posso acreditar, escrevi.*

Eu sei, respondeu você. Sinto que o mundo mudou de eixo.

Eu também.

DOIS MESES DEPOIS, recebi uma ligação de Julia no trabalho. Desde que ela deixara a televisão e entrara no mercado editorial, nos víamos menos do que antes, mas tentávamos nos encontrar pelo menos de dois em dois meses para botar as notícias em dia. Ainda falávamos bastante pelo telefone. Contudo, a vida dela era bem diferente da minha. Ainda era solteira, ficava com caras diferentes, aproveitando o melhor que a cidade de Nova York tinha a oferecer, como eu não fazia havia anos.

– Você leu a *Time Out New York* hoje? – indagou.

– Ah, Jules – respondi –, não me lembro da última vez que vi uma *Time Out New York*.

Virei minha cadeira de lado para olhar pela janela da sala. Eu tinha uma sala com janela no trabalho havia quase um ano e nunca me cansava de olhar os prédios do outro lado e o tráfego lá embaixo.

– Hoje você vai querer sair – falou ela. – Tem uma matéria sobre Gabe, seu ex, uma exposição de fotos dele na galeria Joseph Landis em Chelsea. Não tive tempo de ler a crítica ou a entrevista que fizeram com ele, mas o título e a chamada estão ótimos.

Notei um táxi parando para pegar dois passageiros. Um casal mais velho, com malas.

– Lucy? – perguntou Julia.

Eu estava tentando descobrir o que gostaria de fazer.

– Você quer ir? – falei por fim. – Hoje na hora do almoço? Encontro você lá?

– Por coincidência, meus planos para o almoço de hoje acabaram de ser cancelados. Meio-dia e meia?

Olhei para minha agenda.

– Dá para ser à uma? – perguntei.

– Combinado.

Julia e eu nos encontramos na galeria. Apesar de ser meio de semana, não éramos as únicas presentes. Por causa do sucesso de seu livro e da crítica da exposição na *Time Out New York*, você arrebanhara um bom público. *Luz*, dizia o título na parede, *Uma retrospectiva fotográfica de Gabriel Samson*.

Julia e eu íamos de uma fotografia para outra, junto a um grupo de senhoras desocupadas e alguns estudantes da Universidade de Nova York. Começava com imagens da Primavera Árabe escolhidas do seu livro, algumas das quais Jon Stewart havia mostrado. Eram cativantes, como todas as suas fotografias, do tipo que atraía o espectador do jeito certo, tal qual as imagens de Steve MacCurry, como você sonhara.

– Quanta esperança – comentavam as mulheres diante de quase toda foto. – Reparem na esperança no olhar deles.

Falavam tanto que Julia começou a repetir as palavras delas, revirando os olhos em desespero. No entanto, por mais que revirasse os olhos, também repetia:

– Estas são espetaculares.

E eram de fato: a maneira como você capturava a emoção, como enquadrava as pessoas, como tudo parecia saturado de cor, forma e sensibilidade.

– Ouvi dizer que esse cara é foda – comentou um dos estudantes. – Do tipo que escala montanhas de destroços, se deita na lama e na merda para conseguir as fotos. Ouvi dizer que uma vez levou uma surra

no Iraque porque tirou uma foto da mulher do cara errado.

Percebi que eu não fazia ideia do motivo da sua surra no Iraque. Só que tinha acontecido. Você me ligou logo em seguida. Será que eu deveria ter perguntado mais detalhes? Foi por isso que você nunca me ligou do Arizona?

À medida que andávamos, notei que as fotografias estavam em ordem cronológica inversa. Era possível ver, de fato, que a esperança e a determinação eram ainda maiores nas fotos mais antigas – ainda mais marcantes que nas recentes. As legendas nas paredes informavam que estávamos recuando no tempo, até antes da Primavera Árabe, antes das fotos de seu livro. Estávamos olhando para imagens do Afeganistão, do Paquistão e do Iraque.

Eu não tinha lido a crítica da exposição, porém achava que fossem fotos do *Desafiando*. Era interessante ver os outros países e compará-los. Dei mais um passo para a direita e reconheci imagens de Nova York. Lá estava a garotinha atrás da janela de grades, aquela que inspirou o episódio sobre sonhos de *É preciso uma galáxia*. Foi quando passei para outra e me deparei com uma parede preenchida por mim mesma.

– Uau! – exclamou Julia ao ver a foto pouco depois de mim.

Ali estava eu, aos 24 anos, rindo, com a cabeça para trás e um drinque na mão. Ali estava eu, no sofá, sorrindo, tentando alcançar você com os braços. Eu na cozinha, com um ar satisfeito, segurando um prato de waffles. Eu aos 23 anos, calçando um par de sapatos de salto alto, com o cabelo solto balançando no ar. A última imagem da exposição eu nunca tinha visto antes: eu, cochilando no sofá, com uma das mãos ainda sobre o laptop, a outra segurando as páginas de um roteiro.

A legenda na parede dizia: *Uma mulher repleta de luz faz brilhar tudo que toca. Lucy, Luce, Luz, Light.*

Quando chegamos ao fim da exposição, havia uma pilha de livros no balcão. Um pequeno aviso dizia: *Autografados pelo artista*. Fiquei sem ação.

– Você está bem? – perguntou Julia. – Eu...

– Não sei – respondi. – Acho que não.

Eu não conseguia nem mesmo nomear as emoções que senti naquela hora. O que você estava pensando quando colocou uma parede cheia de fotos minhas sem ao menos me avisar?

– Vou comprar um livro – falei, apontando para a pilha de livros.

A mulher que me atendeu ficou me encarando. Depois olhou para o nome no meu cartão de crédito.

– Você é ela. Lucy.

Assenti.

– Sou ela.

Ela me encarou como se quisesse falar algo a mais, porém apenas me estendeu o recibo para assinar e entregou o livro.

– Ele tem muito talento – comentou.

– Eu sei – respondi. – Sempre teve.

Voltei para o trabalho com o cérebro ainda girando e enfiei seu livro na gaveta da mesa. Não conseguia me concentrar em nada. Então abri meu e-mail e te mandei uma mensagem:

Oi, Gabe,

Vi sua exposição hoje na galeria Landis. Não sei o que dizer. É uma bela homenagem, embora eu preferisse que você tivesse me perguntado. Ou pelo menos me avisado. Fiquei um pouco chocada ao entrar numa sala e me ver na parede.

- Lucy

Sua resposta veio num instante:

Lucy!

Sei que devia ter perguntado. Mas fiquei com medo de você dizer não. A exposição não ficaria completa sem você. Aprendi a capturar a leveza da alma de uma pessoa fotografando você. Você foi minha musa, minha inspiração para todas aquelas fotos.

Fico contente por você ter visto a exposição.

- Gabe

Depois disso eu não respondi. Manter contato com você me parecia muito perigoso. Eu ainda não tinha desatado os nós de emoções, não havia desvendado os verdadeiros sentimentos que me tomaram quando me vi naquela parede.

LI A ENTREVISTA NA *TIME OUT* no caminho para casa. O entrevistador perguntara sobre mim. Você não disse grande coisa, mas me chamou de musa, sua luz. Na página impressa. Quanta cara de pau, Gabe. Tão... Não sei. *Egoísta* é a palavra certa? Você pensou em como Darren iria reagir? O que isso significaria para mim? Provavelmente não. Definitivamente não. Eu sei que você queria ser fiel a sua arte, descrever seu mundo da maneira que achava mais sincera, talvez me mandar algum tipo de mensagem. Não sei. Mas, meu Deus, em que posição desconfortável você me colocou. Porque eu sabia que precisava contar para Darren antes que outra pessoa o fizesse. E sabia que ele não iria ficar contente.

Esperei até depois do jantar, até que as crianças estivessem na cama, e Annie já tivesse comido e a tivéssemos levado para passear.

– Quer beber alguma coisa? – sugeri.

– Bebendo em uma quarta-feira... – disse ele. – Veja só!

Dei um sorriso amarelo.

– Hoje foi difícil no trabalho? – perguntou ele. – Claro, acompanho você.

Tínhamos descoberto o *raki* na nossa lua de mel e adoramos. Enchi nossos copos, um lembrete sutil de que erámos uma dupla, unidos, casados. Achei que ele precisaria disso.

– E então, que programa está te dando problema? – perguntou enquanto eu lhe entregava o copo.

Ele foi se sentar no sofá.

Ele tinha feito as pazes com meu trabalho. Começara a fazer perguntas sobre ele depois que tivera Liam, quando deixei claro que eu não ia ficar em casa mesmo com dois filhos. De vez em quando, ao passarmos por uma loja que expunha um lancheira de *Um foguete pelo tempo* na vitrine, ou por um anúncio num ponto de ônibus de *Brilhe!* – minha série sobre o empoderamento feminino, uma homenagem a minha filha –, eu podia detectar uma pontinha de orgulho no sorriso dele que me fazia sorrir de volta.

– Fui a uma exposição de fotografia hoje na hora do almoço com Julia – contei, em vez de respondê-lo.

– Ah, é?

Ele se virou para me olhar, já imaginando, tenho certeza, aonde aquilo iria levar.

– Como ela está?

– Bem – respondi, cautelosa. – A exposição era do Gabe. Meu ex. Ela viu na *Time Out New York* esta manhã, então fomos.

Darren ficou tenso.

– Entendo.

Peguei a revista sobre a mesa de centro, a abri e entreguei a ele.

– Tem fotos minhas, Darren. Eu juro que não sabia.

– Isso é sério? – disse ele, lendo com rapidez as palavras à sua frente.

– É – respondi. – Fiquei chocada. Eu...

Sentia-me culpada, como se eu devesse pedir desculpas, como se fosse minha culpa, mas não era. Era culpa *sua*, Gabe.

Darren ergueu os olhos da entrevista, atordoado e pálido.

– Esta é sua maneira de me dizer que você e ele...

– Não! – exclamei. – Não! Não há nada entre nós. Eu não o vejo desde que eu e Violet nos encontramos com ele para um café. Antes mesmo de estar grávida de Liam. Mandeí uma mensagem no Twitter para ele na noite em que Bin Laden foi morto. Só isso! Sério. Eu juro.

O rosto de Darren começou a recuperar a cor.

– Você realmente não o encontrou? Ele realmente não tentou te encontrar?

– Juro pela vida de nossos filhos – respondi.

Darren então começou a ficar zangado. Amassou a revista.

– Que babaca. Que babaca metido. Vamos ligar para a galeria. Vamos pedir que tirem suas fotos da exposição.

– Está tudo bem – falei. – Não é preciso. Não precisamos tomar iniciativa nenhuma.

Minhas emoções estavam destravando. Por mais zangada que eu estivesse com você, não queria que a exposição fosse prejudicada. Parte de mim gostava de estar ali. Parte de mim se sentia especial. Escolhida. Importante.

– Você tem razão – disse ele, respirando fundo. – Eu não estava raciocinando. Não precisamos transformar esse problema em algo maior do que é.

Tomei um gole de *raki*. Darren também. Em seguida, ele virou o copo. Eu fiz o mesmo, aliviada porque a conversa não fora pior. Não sei o que esperava que acontecesse, o que pensei que ele faria. Mas acabou bem. Darren e eu ficamos bem.

Ele balançou o gelo no copo.

– Amanhã à noite vamos sair para jantar depois do trabalho – disse Darren. – Vou conseguir reservas em algum lugar fantástico. Em seguida iremos ver a exposição. Se há fotos de minha mulher em uma galeria, quero vê-las.

– É claro – falei, concordando. – Como você quiser.

NA MANHÃ SEGUINTE COLOQUEI meu vestido preto justo e salto alto para ir ao trabalho. Eu sabia que Darren gostava de me ver usando essa roupa. Eu estava vestida assim quando ele sussurrou, depois de algumas taças de vinho em um jantar com amigos: “Minha mulher é a mais gostosa desta droga de lugar.”

Depois do prometido jantar fantástico no Del Posto, pegamos um táxi direto para a galeria. Ao chegarmos, fui até o fim da fila, para que pudéssemos ir de país em país, seguindo sua jornada de esperança e luz, de volta ao passado. Darren, porém, segurou minha mão.

– Onde está você? – perguntou.

– No final – respondi, indicando um canto no outro lado da galeria.

Darren me rebocou por entre a multidão – e tinha mesmo uma multidão naquela noite, muito mais gente do que quando eu e Julia estivemos lá – até que chegamos àquela parede. Ele então parou. A mão de Darren relaxou e se soltou da minha. Ele ficou olhando fixo. Olhando sem dizer uma palavra.

Vi a mim mesma na parede. Tentei me colocar no lugar dele. Ele pensava me conhecer melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, e o que via era uma versão diferente de mim. Ele olhava a Lucy-antes-de-Darren. A Lucy que amava outro, Lucy que compartilhava os sonhos e os segredos de outra pessoa. Que serviu de inspiração a ela. Acho que nunca fui, em momento algum, inspiração para Darren. Não deve ter sido fácil, para ele, me ver através dos seus olhos. Cheguei mais perto dele, mas Darren não me estendeu o braço.

Quando finalmente ele parou de olhar, eu podia perceber a raiva transbordando de seus olhos. O ciúme. A mágoa.

Brigamos por sua causa pela primeira e única vez. Darren queria que eu promettesse nunca mais falar com você. No entanto, apesar de entender como ele se sentia, eu não podia concordar com aquilo.

Por fim, o Darren sensato, estrategista, ressurgiu e retirou o pedido. Contudo, foi a vez que o vi mais inseguro e carente.

– Você me ama? – indagou.

– Sim. Eu te amo.

– Você o ama? – perguntou ele, com a voz falhando.

– Não. Só você – respondi.

E era verdade naquele momento, ou pensei que era. Prometi-lhe que o amava mais do que jamais te amei, e que não havia maneira de você competir com ele, já que tínhamos uma família. No fim da noite, estávamos bem novamente. Transamos. E dormimos nos braços um do outro.

FORCEI-ME A TIRAR VOCÊ DA CABEÇA por um tempo depois disso. Concentrei-me na raiva que senti pela posição em que você me colocara. Na raiva por não ter me perguntado antes. Fazia isso por Darren, por Violet, por Liam, pela nossa família. Mas não consegui continuar com raiva de você. Porque, na verdade, eu me sentia lisonjeada por você ter me incluído na sua retrospectiva. Lisonjeada por eu significar tanto para você e para seu trabalho. Naquele emaranhado de emoções, uma parte de mim vibrou por ter sido chamada de sua musa.

ÀS VEZES A VIDA PARECE SE ARRASTAR, avançando em um ritmo quase glacial, dia após dia, até que algo nos faz parar e perceber que se passou um tempão enquanto não estávamos olhando – uma data comemorativa, um aniversário, um feriado.

No dia 11 de setembro de 2011, Violet estava com quase quatro anos. Liam tinha acabado de completar oito meses. Eu era produtora de três séries infantis diferentes e estava criando o conceito de mais duas. Darren e eu estávamos casados havia quase cinco anos. Havia mais de sete que você tinha ido embora de Nova York. Exatamente uma década desde que nos conhecemos. Uma década desde os ataques que fizeram deslanchar nossa vida adulta e nossos percursos individuais se entrelaçarem e se separarem.

Na pré-escola de Violet, o 11 de Setembro era o Dia dos Heróis. Havia um encontro especial no Prospect Park, no qual as crianças aprendiam sobre os bombeiros, os policiais e os médicos de emergência. Depois disso, sempre que Violet via um caminhão de bombeiros, um carro de polícia ou uma ambulância, parava e entoava: “Vamos, heróis! Vamos, heróis!” Ela ainda faz isso, Liam também, me provocando um sorriso.

Há celebrações em toda a cidade. Cerimônias na catedral de St. Patrick e na igreja da Trindade. Uma exibição de fotografias na Historical Society. Dois feixes de luz azul são projetados do Marco Zero, brilhando mais alto que as torres, visíveis a quilômetros de distância. Então você ligou. Na verdade, eu andava pensando em ligar para você, embora soubesse que não devia.

Tenho certeza de que você lembra.

Você estava em Cabul.

– Estive pensando em você o dia todo – disse você, assim que atendi ao telefone.

– Eu também – confessei, entrando no quarto de Violet e fechando a porta.

– Não sabia se você atenderia.

– Por acaso alguma vez não te atendi? – perguntei, pensando em todas as vezes que você me procurou.

– Nunca.

Sentei na cama de Violet e contei para você sobre o Dia dos Heróis, sobre o que estava acontecendo em Nova York. Você falou que gostaria de estar na cidade.

– Tenho a impressão de que você deveria estar aqui – comentei. – Acho que deveríamos ir ao telhado do Wien Hall e verificar como a cidade está.

– Eu gostaria.

Nenhum de nós tinha o que falar depois disso, mas não queríamos desligar. Ficamos em silêncio, com os telefones pressionados nas orelhas.

– Vamos imaginar que estamos lá neste exato momento – sugeri.

– E que não tem nenhuma fumaça, apenas um belíssimo panorama – disse você.

Fechei os olhos.

– E pássaros, céu azul sem nuvens e pessoas andando para lá e para cá nas ruas – acrescentei. – Dá para ouvir as risadas das crianças no parquinho lá embaixo se espalhando pelo ar. Ninguém teme que aquela seja a última vez que respira.

– O que mais?

– O Empire State Building – respondi. – Podemos vê-lo também.

– Ereto, forte, orgulhoso.

– Sim, forte e orgulhoso.

Abri os olhos.

– Gostei – disse você. – Obrigado, Lucy.

– De nada – respondi, sem ter certeza do motivo do agradecimento.

– Tenho que ir para a cama agora, já é tarde aqui.

Você bocejou.

– Está bem – falei. – Boa noite, durma bem.

Você bocejou de novo.

– Fiquei feliz porque você atendeu – disse você.

– Fiquei contente por você ter ligado.

Em seguida desligamos e percebi como foi importante falar contigo naquele dia. Se você não tivesse ligado, faltaria algo.

Você também sentiu isso?

ÀS VEZES PARECE QUE PALAVRAS, frases ou nomes de pessoas ficam grudados na minha cabeça e os escuto em todos os lugares. Não sei se estão de fato espalhados por aí, ou se eu que estou muito atenta a eles e por isso os percebo mais.

Depois que você ligou, *Cabul* foi uma dessas palavras. A outra foi *Afeganistão*.

Três dias depois, ouvi essas palavras na rádio NPR: haviam explodido a embaixada dos Estados Unidos em Cabul. Pensei logo em você. Peguei o telefone sem pensar direito.

Você está bem?, escrevi.

Fiquei olhando para a tela até que vi aqueles três pontinhos, que significavam que você estava escrevendo.

Estou vivo. Ileso. Não estava lá. Mas meus amigos estavam...

Em seguida mais pontinhos.

Eu não estou bem.

Eu não sabia o que dizer. Então, não respondi.

Me desculpe.

MUITAS VEZES PENSO EM COMO a gente agrega pessoas no decorrer da vida. Ou melhor, Pessoas com P maiúsculo. Aquelas às quais recorremos quando estamos em uma situação crítica. Aquelas em quem podemos sempre confiar. Se tivermos sorte, nossos pais serão as primeiras dessas pessoas. Em seguida, nossos irmãos. Um melhor amigo de infância. Um cônjuge.

Talvez por você mudar muito de lugar, ou talvez apenas por ser quem era, você não tinha essas pessoas da mesma maneira que o restante de nós. Você tinha sua mãe. Eu sabia pelo Facebook que você ia visitá-la com frequência. Acho que você tinha a mim. Fora isso, era só uma rede de amigos e conhecidos, como seus colegas de quarto na faculdade, que você visitava de tempos em tempos, sem se sentir à vontade para buscar ajuda neles, ao menos enquanto estivemos juntos. Suponho que depois também não buscasse, já que foi para mim que você ligou.

Era uma tarde de sábado e seu número surgiu de repente no meu celular. Eu empurrava Violet no balanço no parque Cocksackie. Não é esse o verdadeiro nome do parque, mas foi assim que uma mulher, Viviana, começou a chamá-lo no verão passado porque seu filho, Mateo, e outras quatro crianças pegaram o vírus coxsackie depois de brincar ali. A notícia se espalhou pelos pais do bairro, do mesmo modo como o vírus se espalhara entre nossos filhos, e ninguém voltou a aparecer lá por meses. Mas corria a informação de que o vírus devia ter morrido durante o inverno e, naquele dia, eu não era a única mãe no balanço.

Darren estava com Liam em uma aula de natação para pais e filhos.

Empurrei com força o balanço de Violet e apertei o botão verde no celular. Só ouvi seus soluços. Violet voava de volta em minha direção e dei outro empurrão.

– Gabe? – falei. – O que aconteceu? Você está ferido? Onde está?

Você inspirou fundo.

– No aeroporto JFK. Minha mãe se foi, Lucy. Ela se foi.

Em seguida, ouvi sua respiração entrecortada e seus soluços profundos. Fiquei com o coração apertado, assim como fico quando vejo Violet, Liam ou Darren chorando. Ou quando ouvi Jason chorar.

– Em que terminal você está? – perguntei. – Quanto tempo vai ficar aí?

– United Airlines – respondeu você quando conseguiu reunir forças. – Tenho uma escala de quatro horas.

– Estou indo. Estarei aí em quarenta minutos.

Desliguei o celular, parei o balanço de Violet e comecei a funcionar no modo “gestão de crises” que eu usava no trabalho. Aja agora, planeje no caminho, melhore as coisas. Ao menos marque presença.

– Acabou? – quis saber Violet, balançando as pernas numa tentativa de fazer o banco se mexer de novo.

– Vi, temos uma tarefa importante para fazer: precisamos ir até o aeroporto ver um amigo da mamãe. Ele está um pouco triste porque a mãe dele teve que ir embora durante muito tempo. Talvez ele esteja chorando, mas vamos tentar fazer com que ele se sinta melhor.

Ela levantou os braços para que eu a tirasse do balanço.

– Às vezes eu também fico triste e choro.

– Sim – respondi, levantando-a. – Eu também.

Depois de instalar Violet devidamente no carrinho, olhei as horas. A aula de natação de Darren acabara, mas ele costumava ir com os pais e os filhos a um café perto da academia. Preparei-me mentalmente e liguei para ele. Não seria fácil.

– Tenho que ir ao JFK – anunciei, assim que ele atendeu.

Ouvi Liam balbuciando ao fundo.

– O quê? – disse Darren, distraído. – Por quê?

Não falamos de você desde a noite da exposição. Sabia que ele não iria levar numa boa. No entanto, eu não podia abandonar você soluçando, sozinho, no terminal 7. Eram aquelas sementes de romã de novo. Eu estava presa, como Perséfone.

– Acabei de receber uma ligação do Gabe. Gabe Samson – expliquei. – A mãe dele morreu e ele está no JFK, arrasado.

Darren fez silêncio do outro lado. Ouvi Liam repetindo “rosquinha” sem parar ao fundo.

– E você precisa ir consolá-lo? – perguntou Darren. – Não quero que você vá, Lucy.

– Ele não tem mais ninguém – argumentei.

– Nem tem você. – Depois falou com Liam: – Vou comprar uma rosquinha para você em um minuto.

– Claro que não tem – respondi. – Eu sou sua. E do Liam e da Violet. Mas a mãe dele morreu e ele ligou. Não é bom que fique sozinho agora. Se fosse com você, não iria querer ficar sozinho.

– Mas não iria ligar para a mulher dos outros – disse Darren.

Eu podia ouvir o tom duro na voz dele.

– Para ele eu não sou a mulher de outra pessoa. Sou apenas uma velha amiga, alguém para quem ele pode ligar quando está sofrendo.

– Ele te chamou de sua luz, caramba.

– E eu te chamo de meu marido. Não importa do que ele me chamou. Por favor, não vamos continuar com isso pelo telefone. Não na frente dos seus amigos, na frente das crianças.

Imaginei Darren cerrando os dentes, os olhos se fechando e abrindo lentamente.

– Vai levar Violet? – perguntou. – Você sabe que não confio nele.

– Vou levar Violet – respondi.

Principalmente porque eu não conhecia ninguém com quem pudesse deixá-la de repente, e Darren estava do outro lado do Brooklyn.

– Está bem – disse ele. – Mas não gosto disso nem um pouco.

Eu sabia que teria que amenizar a situação mais tarde, teria que amenizar muita coisa. Enquanto isso, porém, eu estava indo para o aeroporto. Indo ver você.

DEPOIS DE UMA PARADA RÁPIDA para deixar o carrinho no nosso prédio, o táxi nos levou até o Terminal 7 e entramos. Você tinha saído da área de segurança, já que não podíamos entrar sem passagem. Estava esperando perto da entrada, largado em um banco, arrasado. Descansava os cotovelos sobre os joelhos, e o queixo repousava nas mãos. No momento em que você me viu, começou a chorar de novo. Corri em sua direção com Violet nos braços e me sentei com ela no colo.

Tento imaginar agora o que se passava na cabeça dela. E o que se passava na sua. Em retrospecto, acho que naquele momento falhei como mãe. Não havia motivo algum para obrigar Violet a processar aquilo, a ver alguém tão perturbado. Se eu tivesse pensado melhor, teria ligado para alguma das mães que moravam no nosso quarteirão e teria dito a Darren que não a levaria comigo, mesmo que aumentasse a fúria dele. E, se tivesse feito isso, teria mudado muita coisa.

Você passou a mão por cima da cabeça de Violet para me envolver num abraço. Retribuí o abraço, e Violet também te abraçou, os bracinhos tentando segurar seu tronco.

– Você está bem – disse Violet para você. – Não tem sangue nem nada.

DEPOIS QUE VOCÊ SE ACALMOU um pouco, e depois que achei uma caneta e um bloco de papel na minha bolsa para Violet brincar no chão, você me contou sobre o aneurisma cerebral de sua mãe. Sobre como você se sentiu arrasado por ter quase um ano que não a visitava no Arizona. Sobre o quanto você não se sentia preso a nada, como se mais ninguém o prendesse à terra, como se você pudesse sair flutuando que ninguém iria notar.

– Eu iria notar – afirmei.

Enquanto você falava, Violet passou o braço esquerdo na sua panturrilha, num meio abraço, enquanto continuava a colorir.

– Acho que ela iria notar também – comentei.

Você esboçou um ligeiro e triste sorriso.

Fomos a um estande de comida e você pediu água. Sugeri um sanduíche, ou ao menos uma banana, mas você disse que achava que não conseguia comer.

Quando Violet e eu partimos, você parecia um pouquinho mais calmo, mas continuei com o que você disse na cabeça, que não se sentia preso a nada. Eu estava ligada a tantas pessoas que não conseguia sequer imaginar como era se sentir assim. E também acho que não queria saber.

AS CRIANÇAS SÃO INCRÍVEIS. São mesmo. Abertas, atenciosas e amáveis, especialmente as de quatro anos e meio.

Ver você tão desolado no aeroporto me deixou com o coração apertado. Mas parecia ter feito isso com Violet também, e de maneira ainda mais forte.

– Gabe, o amigo da mamãe, estava chorando – contou ela para as bonecas no dia seguinte. – Ele está muito triste. Posso dar esta foto para Gabe? – perguntou para mim. – É um coração, um sol e um pirulito. E adesivos de carinhas sorrindo. Porque estão contentes.

– Que tal eu tirar uma foto e nós mandamos para o celular dele? – sugeri.

Ela concordou e estendeu, muito séria, o braço com o retrato dela para ser fotografado.

– Não esquece de carregar seu celular para dar certo – disse Violet, o que revela muito mais de mim do que dela, eu acho. Ou talvez um pouquinho das duas.

Tirei a foto e mandei por e-mail para você, com uma explicação. Você se lembra? A resposta veio poucos minutos depois: *Fale para Violet: “Obrigado.”*

– Que bom – disse ela. – Fala “De nada” para ele.

Então, no jantar, Violet contou a história para Darren. E, para minha surpresa, acrescentou:

– Preciso alegrar ele mais. Acho que ele devia vir brincar aqui. Vou ensinar a ele como assar biscoitos.

Eu havia acabado de começar a assar coisas no forno com ela, e Violet achou que era uma das experiências mais mágicas do mundo. Ela ficava olhando e olhando fixamente pelo vidro do forno para a fôrma cheia de massa até o bolo crescer. E costumava narrar tudo em tempo real.

Darren levantou as sobrancelhas para mim.

– É a primeira vez que ouço isso também – falei.

– Ele estava tão triste, papai... – explicou Violet. – É adulto, mas estava chorando como uma criança. Quando as pessoas estão chorando nós devemos alegrar elas. É o que a tia Melissa diz na escola.

Mordi o lábio. Eu sabia dos sentimentos de Darren, mas eu estava tão preocupada com você quanto Violet e sabia que seria muito bom te ver mais uma vez antes de você embarcar para o exterior.

– Ela tem razão: é isso que Melissa diz... – falei, dando de ombros para Darren, como se eu não soubesse o que fazer.

Não queria forçar os acontecimentos e deixei que ele decidisse. Afinal, Gabe, você expusera as fotos da esposa de outro homem na sua mostra. Mesmo se não tivesse feito isso, eu entenderia se ele dissesse não. Darren tinha todo o direito de não querer que meu ex-namorado viesse à nossa casa. Para ser sincera, *eu* deveria ter dito não. Deveria ter pensado mais no assunto, nas consequências de receber você aqui.

Mas não pensei. Meu casamento parecia firme o bastante para que nem passasse pela minha cabeça que incluir você no meu mundo pudesse parti-lo, lascá-lo, mudar o que eu pensava sobre Darren. Mas mudou.

Na época não percebi, nem mesmo nos meses seguintes, mas, recordando agora, acho que foi uma dessas encruzilhadas no caminho, a decisão que nos apontou o rumo que acabamos por tomar.

Darren pensou no assunto, franzindo a testa como o típico jogador de xadrez.

– Certo – disse Darren, após alguns instantes durante os quais Violet ficou olhando para ele como se implorasse e eu cortava o salmão em pequenos pedaços mastigáveis, os olhos baixos fitando o prato. – Você está certa, Vi. Devemos alegrar as pessoas quando estão tristes.

Perguntei-me se ele havia deixado de ver você como uma ameaça por causa de alguma coisa que eu ou Violet dissemos. Ou se ele imaginou que, vindo ao nosso apartamento, vendo fotografias de nossa família por toda parte, você iria me achar menos atraente. Ou se simplesmente pensou, assim como eu, que nosso casamento era sólido o bastante para que isso não fizesse diferença. Mas tenho certeza de que havia alguma razão. Com Darren, há sempre uma razão.

E foi assim que você acabou sendo convidado ao meu apartamento para assar biscoitos com minha filha. Tenho que confessar que fiquei surpresa quando você aceitou.

ESCOLHEMOS A DATA POR E-MAIL, uma sexta em que eu deveria trabalhar em casa, mas que resolvi tirar de folga. Você planejara ficar quarenta horas em Nova York e viria direto do aeroporto. Violet insistiu em decorar o apartamento para você com balões, nos quais desenhemos carinhas felizes. Assim fizemos. Algumas tinham língua, outras não. Algumas, cílios, e outras, sobrancelhas.

– Você quer um? – indagou ela a Liam.

Ele tinha quase um ano e meio e Maria iria levá-lo ao Museu do Trânsito de Nova York. Ele adorava ficar correndo de um lado para outro dentro dos trens.

– Verde – respondeu ele.

Ela concordou e deu-lhe um balão verde, que ele carregou quando saiu com Maria.

Comecei a lavar as roupas das crianças e, depois, Violet e eu separamos todos os ingredientes para fazer os biscoitos. Estávamos pegando a tigela da batedeira quando a campainha tocou. Minha filha saiu correndo, seguida por Annie, que latia.

– Alô? – falei no interfone.

– Sou eu – respondeu você.

– É ele! – exclamou Violet.

Abri a porta para você pelo interfone. Alguns minutos depois, você chegava à minha sala de estar. A primeira coisa que notei foi que você havia raspado a cabeça. Violet também notou.

– Cadê.... cadê seu cabelo? – perguntou ela, franzindo sua pequenina testa. Era uma das expressões que a deixavam parecida com Darren.

Você me olhou rapidamente, e então seu olhar se voltou para ela.

– Está... na lavanderia – respondeu você.

– Na lavanderia? – repetiu ela.

Você deu de ombros e suas covinhas fizeram uma rápida aparição.

– Você não lava o cabelo quando fica sujo?

Violet assentiu.

– Mas no banho!

Você colocou no chão as bolsas que segurava.

– Achei que na lavanderia seria mais fácil.

– Posso lavar meu cabelo na lavanderia? – perguntou ela, olhando para mim.

– A gente conversa sobre isso depois – respondi.

Ela partiu para a cozinha, imaginando que você a seguiria, e já estava informando os planos para assar os biscoitos. Você, porém, parou perto de mim. Estendi meus braços e você se deixou cair neles. Senti suas lágrimas no pescoço.

– Por que raspou a cabeça? – perguntei baixinho.

Você se endireitou e esfregou os olhos.

– É um ritual de luto – explicou você. – Senti que era o que eu devia fazer. Ficou diferente?

– Diferente, mas ainda parecido com você. Tem certeza de que está se sentindo bem para assar os biscoitos?

– É claro – respondeu você. – Obrigado por ter uma filha tão doce e por atender o desejo dela de alegrar um velho triste. Obrigado por ter estendido a mão quando precisei. Pode parecer absurdo, mas um dos motivos que me fizeram aguentar aquilo tudo lá no Arizona foi a expectativa de vir aqui hoje.

Depois que misturamos a massa e a distribuímos no tabuleiro em diversos formatos, coloquei-o no forno. Violet pegou uma panela de cozinhar macarrão.

– Isto é para a gente não se queimar – explicou ela a você.

Então ligou a luz do forno, colocou a panela no chão, diante da porta, e se sentou atrás dela.

– Desse jeito, não dá para encostar na porta – explicou e bateu com a mão num lugar no chão ao lado dela.

Você se sentou ali, respeitando os doze minutos que os biscoitos levavam para assar, sem que nenhum dos dois dissesse uma só palavra. Fiquei imaginando o que você estava pensando, o que ela estava pensando. Mas não perguntei. Olhei para vocês dois, esperando que aquele dia lhe desse certo consolo, que a preocupação de Violet fizesse alguma diferença. Que você sentisse que ainda havia pessoas que se importavam com você, apesar de sua mãe ter partido. Eu não queria que você se sentisse isolado.

Quando o timer tocou, Violet me trouxe as luvas, que estavam penduradas perto da pia.

– Está pronto! – anunciou ela. – Podemos brincar de esconde-esconde no castelo enquanto esfriam.

– Esconde-esconde no castelo? – perguntou você, levantando-se e tirando a panela de macarrão dali.

Violet se virou para você enquanto eu abria a porta do forno.

– A gente se veste como o pessoal dos castelos e brinca de esconde-esconde. Você pode ser rei.

Quase deixei cair os biscoitos. Darren era a única pessoa que ela permitia ser rei. Quando Jay vinha nos visitar, ela lhe dava o papel de mágico. Meu pai e meu sogro sempre eram os bufões da corte.

– Você será minha rainha? – inquireu você a Violet, quando ela pegou na sua mão para levá-lo à caixa das fantasias.

– Não! – contestou ela, como se isso fosse a ideia mais ridícula do mundo. – Eu sou a fada! Mamãe é a rainha.

Você me olhou no instante em que eu vinha da cozinha ao encontro de vocês.

Depois de colocar as coroas em nossas cabeças, Violet vestiu as asas de fada.

– Muito bem, rei e rainha, eu vou me esconder no castelo agora! Contem até 23 e depois venham me achar!

Vinte e três?, fez você com a boca.

Eu dei de ombros. Violet saiu correndo e começamos a contar.

– Mais alto! – gritou ela do corredor.

Tínhamos contado até treze quando a ouvi falar:

– Ei! Tem um fosso neste castelo!

– Um fosso de mentirinha? – perguntei, parando de contar.

– De verdade! – respondeu.

Em seguida, ouvi o barulho inconfundível de pequenos pés pulando em uma poça.

Corri da sala para o corredor.

– Cadê você? – perguntei.

– A gente está jogando esconde-esconde no castelo! Não posso dizer.

Todavia, ela deixara a porta da lavanderia aberta e a água estava se espalhando pelo corredor.

– Ai, meu Deus! – exclamei, correndo em direção à poça.

Você passou por mim correndo em direção a Violet.

– Achei você! Acho que agora é a parte em que o rei pega a fada e a faz voar!

Você levantou Violet para afastá-la da poça.

– Mais alto! – berrou ela, rindo. – As fadas voam mais alto.

Quanto a mim, fiquei diante da lavanderia, olhando fixamente. *Merda*, pensei. *Merda, merda, merda*. A água ainda estava saindo por trás da máquina de lavar. Peguei o celular no bolso e liguei para Darren.

– Você está bem? – disse ele depois do primeiro toque.

– Estou – respondi. – Mas a lavanderia não. Tem uma poça enorme. Acho que a máquina de lavar quebrou. Quem é nosso bombeiro?

– Ah, que inferno! Vou te mandar o número por e-mail. Ou você quer que eu ligue?

– Não, não. Eu faço. Devo desligá-la? Tirar da tomada?

– Não tenho a menor ideia – disse Darren. – Pergunte ao bombeiro. Acabei de te mandar o e-mail. Me avise como foi.

Desliguei e fui abrir meu e-mail. Você veio, ainda fazendo Violet voar.

– Onde fica a caixa de força? – perguntou. – A gente precisa cortar a energia da máquina de lavar.

– Tem certeza? – indaguei, procurando o e-mail de Darren. – Eu ia perguntar ao bombeiro.

– Tenho certeza – respondeu você enquanto fazia Violet voar em círculo. – Você tem que desligar a máquina de lavar para a água parrar de correr. E não é uma boa ideia mexer com eletricidade com os pés dentro d'água.

– Ah, faz sentido. A caixa fica na cozinha.

Você levou Violet voando até a cozinha.

– Fada se preparando para aterrissar!

E a colocou na bancada.

– Quero voar mais! – reclamou ela.

– O rei precisa consertar umas coisinhas.

Você ainda estava com a coroa na cabeça, só que agora ela estava meio torta.

Ficamos observando você endireitar a coroa e desligar o disjuntor com a etiqueta de *lavanderia*.

– Devo ligar para o bombeiro agora?

Você já estava tirando os sapatos e as meias.

– Deixe-me dar uma olhada – disse você, enrolando a calça.

Tirei Violet da bancada e levei-a até a lavanderia. Vimos você afastar da parede a máquina de lavar e, em seguida, ajeitar um conector solto na mangueira. Agora que a água havia parado de cair, a poça já diminuía, graças ao ralo no meio da lavanderia.

– Isto deve resolver – disse você. – Você pode chamar o encanador como garantia, mas, se quiser, ligue a máquina de lavar de novo para ver se vaza ou não.

Você se levantou ainda com aquela coroa ridícula na cabeça. *Era para a vida ter sido assim se as coisas tivessem tomado outro rumo*, pensei.

– Está tudo bem? – perguntou você, olhando para mim de modo estranho.

– Está, graças a você – falei, com um sorriso. – Está mais para cavaleiro da armadura reluzente do que para rei, eu acho. Obrigada por salvar minha lavanderia.

Você riu.

– Eu odiaria ter que abrir mão da coroa, mas a *verdade* é que sempre gostei do Lancelot.

Você queria mesmo que eu fosse para lá? Lancelot e Guinevere? Fui obrigada a supor que sim.

Engoli em seco, desejando que você não conseguisse ler meus pensamentos tão bem quanto costumava fazer. Então olhei para Violet, que ainda estava em meus braços.

– Bom, minha fada princesa, nossos biscoitos já devem estar frios o bastante para serem comidos.

Você quer um?

Ela se contorceu para descer até o chão e foi correndo para a cozinha.

– Sim! – gritou ela.

– Um biscoito, minha rainha? – disse você, endireitando minha coroa.

Olhei nos seus olhos e percebi a tristeza que havia ali, apesar de você tentar escondê-la. Na confusão do vazamento na lavanderia, havia esquecido o motivo de sua visita.

– Como você está? – perguntei.

– Melhor – respondeu você. – Obrigado por hoje.

– Fico contente. De nada.

Queria abraçar você, como fizera quando você entrou, porém me contive. Guinevere se casou com Artur, afinal de contas.

– Devíamos voltar para a cozinha antes que Violet tente escalar o armário – acabei dizendo.

Então sentamos com Violet e comemos os biscoitos que nós três havíamos feito juntos.

NUNCA CONTEI A DARREN que mantivemos contato por e-mail por um tempo depois daquele dia. Você viajou tanto que eu mal podia acompanhar: Filipinas, Rússia, Coreia do Norte, África do Sul. O intervalo entre suas mensagens foi aumentando, até que me dei conta de que fazia meses desde a última vez que nos falamos. Na maior parte do tempo, Violet parecia ter esquecido você. De vez em quando, porém, ela perguntava se podia lavar o cabelo na máquina e eu parava por um segundo para pedir ao Universo que você estivesse seguro e feliz.

N O OUTONO DEPOIS DAQUELE DIA em que você consertou a máquina de lavar – e você consertou *mesmo*, eu te disse, não foi? –, recebi uma ligação de Kate que achei inquietante. Darren estava vendo golfe e as crianças brincavam na sala. Annie estava fuçando embaixo do sofá, provavelmente caçando os cereais que Liam deixava cair em todo canto. Eu procurava tirar o atraso na leitura dos exemplares da *New Yorker*, pensando se não devia simplesmente cancelar a assinatura da revista. A pilha crescia a cada semana, só me deixava inquieta e me lembrava como era pouco o tempo que eu dedicava a mim mesma, sem gastá-lo com o trabalho ou a família.

– O que você pensa das calcinhas abertas embaixo? – perguntou Kate assim que atendi.

– Hum – murmurei, olhando para ter certeza de que Liam e Violet ainda estavam construindo uma torre bem alta antes que eu entrasse na cozinha. – Na verdade, nunca pensei muito sobre isso, mas acho um pouco inútil. Como óculos sem lente, ou sutiã sem taça.

– Isso existe? Sutiã sem taça?

– Não faço ideia – respondi. – Estava tentando provar minha opinião. Por que você está perguntando sobre calcinhas abertas?

Kate deu um suspiro do outro lado da linha.

– Você já sentiu como se... Não sei. Você já teve vontade de dar uma apimentada nas coisas?

– Você está falando de sexo?

Aquilo era muito incomum em Kate. Até então eu nunca a ouvira falar em coisas como *calcinha aberta* ou vontade de apimentar as coisas. A despedida de solteira dela foi num spa. Sem canudinhos em forma de pênis.

– Conte para Liz que as coisas com Tom andam muito sem graça. Ela me disse para comprar uma calcinha aberta.

Aquilo começava a fazer um pouco mais de sentido. Liz devia usar calcinhas abertas no dia a dia. E sutiãs sem taça, se é que isso existe.

– O sexo está tão sem graça? – insisti.

– Tudo está – disse ela, com um suspiro. – Pego o mesmo trem para ir à cidade e voltar. Tom me pergunta as mesmas coisas todo dia quando chega em casa, dois trens depois do meu. Sempre lavo o rosto enquanto ele escova os dentes, e depois, enquanto escovo os dentes, ele faz xixi. Toda noite. Outro dia escovei os dentes antes de lavar o rosto e foi como se ele não soubesse mais o que fazer. Vai ser sempre assim?

Na verdade, eu nunca tinha me perguntado se as coisas estavam sem graça, mas, para ser sincera comigo, às vezes sentia um pouco... a rotina, o hábito.

– Entendo o que você quer dizer – falei. – Darren me liga todo dia, exatamente às cinco e dois, para perguntar a que horas estarei em casa. Minha assistente faz até piada sobre isso. Compramos a mesma marca de papel higiênico, Charmin Superforte, desde que estamos juntos. Mês passado imaginei o que aconteceria se comprasse Charmin Supersuave. Mas não comprei.

– Você deveria – disse Kate.

– Você deveria pegar o trem num horário diferente – sugeri. – Mudar o corte de cabelo. Ou talvez viajar sozinha com o Tom. Pode deixar as crianças conosco num fim de semana.

- É sério? Você cuidaria delas no fim de semana?
- Claro – respondi. – Faça isso. Marque uma viagem.
- Mas e você?
- Vou comprar um papel higiênico diferente.

Nós rimos. Tom e Kate acabaram deixando as meninas com a gente para viajar num fim de semana. E comprei de fato Charmin Supersuave. Mas temos que fazer tantas coisas todo dia, há tantas coisas com as quais a gente se preocupa, que a rotina facilita, porque não exige que a gente pense. Até empregar poucos neurônios para escolher uma marca de papel higiênico pode transformar uma situação cômoda em outra intolerável.

Kate, porém, me fez pensar. Às vezes minha vida com Darren parecia mesmo sem graça. E, se essa sensação não fosse levada a sério, poderia levar a coisas piores.

N AQUELE INVERNO, poucos meses depois de Liam completar dois anos, a família inteira ficou doente. Foi um resfriado tão terrível que Violet faltou à escolinha durante uma semana. Ela ficou apática e manhosa, e meu coração quase se partia toda vez que ela tossia, com um chiado profundo vindo de seu pequeno peito. Você também teria ficado de coração partido, Gabe. Ela estava muito triste e comovente. Annie não saía do lado dela. Darren também não se sentia bem e, para piorar, um negócio que ele conduzia no trabalho não ia tão bem quanto ele esperara. Estava de mau humor comigo e com as crianças.

Quatro dias depois, eu e Violet estávamos enroscadas no sofá com Annie, assistindo a *Brilhe!*, e Liam no chão com seus trenzinhos de madeira favoritos. Darren andava de um lado para outro lendo um relatório financeiro.

– O nariz do Liam está escorrendo – disse ele na terceira ou quarta volta na sala.

– Tem lenços de papel na mesa da cozinha.

Ele parou de andar e me olhou.

– Estou trabalhando. Você é a mãe deles.

– Perdão? – falei, enquanto Violet esfregava seu nariz, que também escorria, no meu suéter.

– Estou trabalhando – repetiu ele.

Eu o encarei. Às vezes ele vinha com coisas assim que me faziam pensar: *Será que essa é a mesma pessoa com quem me casei?* Não era comum, mas acontecia. Normalmente tinha a ver com quem cuidava das crianças, com o meu papel na família enquanto mulher e mãe.

Sem dizer mais uma palavra, levantei do sofá, levando Violet comigo, peguei os lenços de papel na cozinha e limpei o nariz de Liam.

Naquela noite, acordei com o barulho do Liam chorando. Havíamos acabado de transferi-lo do berço para uma cama, mas ele ainda não tinha se dado conta de que podia levantar quando quisesse, por conta própria. Olhei para Darren, que também estava meio acordado.

– Liam está chorando – disse ele, mal abrindo os olhos.

– Estou ouvindo.

Minha cabeça parecia estar cheia de algodão.

– Você vai? – perguntou ele.

Não era exatamente uma pergunta.

– Uhum – murmurei, levantando da cama.

Quando cheguei ao quarto de Liam, Violet estava parada na porta.

– Ele me acordou, mamãe – disse ela, vindo atrás de mim.

– Me acordou também – falei, enquanto o pegava da cama. – Por que você não volta a dormir?

– Posso ficar? – perguntou ela.

Eu estava muito cansada para argumentar.

– Tudo bem – disse, e me virei para Liam. – O que houve, filho?

Ele ficou ereto em meus braços e o choro se transformou em um gemido. Limpei o rosto dele coberto de muco.

– Muito quente – falou ele, com a respiração entrecortada.

Levei meus lábios à testa de Liam, como fizera com Darren muitos natais antes. No entanto, eu

também estava doente e meus lábios não mereciam confiança. Medí a temperatura: 38,5°. Suspirei.

– Está bem, menininho – falei. – Você não gosta desta parte, mas vai fazer você se sentir melhor.

Enquanto Violet olhava, espirrei Tylenol bem fundo na boca de Liam com uma seringa e dei água para ele beber num copinho com canudo. Ele estava doente ou cansado demais para resistir. Engoliu e depois tossiu.

– Eu sei, querido, ficar doente não é nada divertido.

– Doente não é divertido – repetiu ele, com o lábio inferior ainda tremendo.

Violet tossiu, cobrindo a boca com a dobra do braço, como havia aprendido no jardim de infância.

Eles pareciam se sentir tão mal quanto eu.

– Que tal dormirmos todos juntos esta noite?

Ela assentiu e subiu na cama de Liam. Deitei-me ao lado de Violet, apoiando a cabeça de Liam no meu ombro, na esperança de que a inclinação o ajudasse a respirar.

– Te amo, mamãe – disse ele, fechando os olhos.

– Também te amo – falou Violet, enquanto se aconchegava no outro lado do meu corpo.

– Amo vocês dois até a lua, ida e volta.

E então pensei em você, Gabe. Fazia um tempo que você não vinha à minha cabeça, mas, deitada ali, me lembrei do dia em que fizemos biscoitos e você consertou minha máquina de lavar, há menos de um ano. Lembrei-me de sentir como nossa vida poderia ter sido. Perguntei-me qual teria sido sua reação diante de duas crianças doentes. Você teria levantado da cama e falado para eu dormir enquanto consolava o seu filho que chorava? Ia chamá-las para a cama conosco, uma família de nariz escorrendo e febril? Ou esperaria que tudo recaísse sobre as minhas costas, que eu sozinha limpasse os rostos e desse Tylenol? Tenho certeza de que não.

Naquela noite, com meus filhos nos braços, sonhei que você ocupava o lugar de Darren. Fazíamos waffles para Violet e Liam. Você usava aquela coroa ridícula. Estávamos todos vestindo pijamas natalinos combinando.

Quando acordei, culpei a febre pelo sonho. Mas, na verdade, foi bem mais do que isso.

SINTO ÀS VEZES QUE 2013 foi um ano de desilusão. Eu parecia desapontar Darren constantemente com as minhas escolhas. E ele me desapontava com suas reações. Com suas expectativas. Eram pequenas coisas. Violet começara o primeiro ano em uma escola nova e ele achava que eu deveria ir trabalhar mais tarde para poder levá-la no lugar de Maria. Fui convidada a falar em uma conferência em Los Angeles e ele queria que eu recusasse, pois isso significava que eu ficaria fora por seis dias. Era tempo demais para as crianças ficarem longe da mãe. Ele ainda procurava me transformar na mulher que ele imaginou que eu fosse quando fez aquela lista fútil. Mas ele não era o meu Pigmalião, nem eu, a Galateia dele.

Estou sendo injusta. Tivemos bons momentos também. Ficamos duas semanas em uma linda casa em East Hampton em agosto. Convidamos Vanessa, Jay e os trigêmeos para ficarem conosco por uma semana. As crianças se divertiram muito, nadando, construindo castelos de areia e cavando buracos tão fundos que podiam ficar em pé dentro deles. Darren e eu ficamos melhor lá, juntos e sem a interferência do trabalho.

Em setembro, levamos Violet e Liam para assistirem pela primeira vez a um jogo dos Yankees, com assentos próximos à base do rebatedor. Austin Romine autografou uma bola para cada uma das crianças, que ficaram falando sobre isso durante semanas. Comemoramos o primeiro Dia de Ação de Graças na nossa casa e convidamos nossas famílias inteiras, e todo mundo se deu maravilhosamente bem. Num balanço geral, estávamos bem, mas não ótimos.

Provavelmente foi por isso que, quando vi o nome de uma mulher, Linda, no celular de Darren, na semana de férias entre o Natal e o ano-novo, minha mente imediatamente pensou que fosse um caso. A maneira como as pessoas interpretam uma situação muitas vezes revela mais sobre elas do que sobre a situação em si. Como na nossa reunião de cinco anos de formatura, quando vi uma mulher com a mão sobre seu braço e presumi que fosse sua namorada, ou ao menos alguém que você queria levar para casa naquela noite. Vemos tudo através do filtro dos nossos próprios desejos, arrependimentos, expectativas e temores.

Quando vi *Linda*, sem sobrenome, me deu um frio na barriga. Nunca imaginara que Darren pudesse me trair. Ele parecia estável demais, sólido, fiel. Então resolvi provar para mim mesma que não era verdade. Esquadrinhei meus arquivos mentais em busca de Lindas – alguém do trabalho, da faculdade, da academia –, mas não achei ninguém. Então, fui até a página dele no Facebook e procurei por Lindas. Encontrei apenas duas: uma prima, que morava no Novo México, e a esposa de um conhecido da faculdade que morava na Filadélfia. Respirei fundo e concluí que poderia ser uma das duas. Eu deveria dar a ele o benefício da dúvida, apesar da omissão do sobrenome parecer algo deliberado, como se ele tivesse algo a esconder.

– Você falou com seus primos recentemente? – perguntei enquanto jantávamos macarrão com queijo e frango em quadradinhos com as crianças.

Por alguma razão, Liam preferia comer carne em quadradinhos, de modo que se tornara nosso formato-padrão. A personalidade dele lembra muito a do meu irmão.

Darren balançou a cabeça.

– Aliás, eu deveria ligar para desejar um feliz ano-novo – completou ele.

– Verdade – concordei. – Eu também deveria fazer isso.

Então não era a prima Linda.

– O que você acha de passar um dia na Filadélfia com as crianças esta semana? Você tem falado com algum colega da faculdade lá? Não os vemos há um tempo.

Darren deu de ombros.

– É uma viagem longa e, na verdade, não falo com nenhum deles desde a primavera, quando Josh se casou. Será que estamos trocando nossos velhos amigos por modelos novos?

Tomei um gole do Merlot que eu havia nos servido, apesar de não combinar com o macarrão com queijo e frango. Nunca gostei de vinho branco no inverno.

– Como assim? – indaguei.

Liam estava construindo uma torre com o frango. Violet comia seu macarrão com queijo um por um.

– É só que passamos a maior parte do tempo com pessoas do nosso bairro com filhos da mesma idade dos nossos. Mal consigo me lembrar da última vez que vimos Kate, Tom e as garotas, e olha que eles estão em Westchester, a só uma hora daqui. Que tal programar algo com eles nesta semana?

– Boa ideia – falei. – Vou ligar para ela.

– Tia Kate? – perguntou Violet. – Você acha que ela vai ter vestidos novos e bonitos para eu usar com a Samantha e a Victoria?

Samantha era um ano e meio mais nova do que Violet, e Victoria, seis meses mais velha, mas as diferenças de idade não pareciam importar tanto agora como quando as garotas eram menores.

– É bem possível – respondi para ela.

Ela assentiu e voltou ao seu macarrão.

Eu tinha eliminado as Lindas.

Contudo, duas semanas depois Darren esqueceu o celular em casa quando foi à academia. Após olhar quinze minutos para ele, peguei-o e resolvi descobrir de uma vez por todas quem era Linda. Digitei a senha de desbloqueio – a data de nosso aniversário de casamento – e o iPhone dele vibrou e não desbloqueou. O frio na barriga que sentira quando vi pela primeira vez o nome de Linda retornou. Tentei o aniversário de Violet, depois o de Liam, o de Darren e, então, o meu. Nada funcionou, e eu sabia que, se colocasse um código errado pela sexta vez, o telefone seria desativado. A verdade, porém, era que eu não tinha um sexto palpite. O aniversário de Linda? Abatida, coloquei o telefone de volta na mesinha de centro, onde o encontrei.

Pensei em falar com Kate sobre a minha suspeita, mas me pareceu uma grande idiotice. Não existia prova alguma. Além disso, ela e Tom estavam às voltas com os próprios problemas. Ter que lidar com os meus era a última coisa de que ela precisava.

No entanto, apesar de sentir que não tinha provas suficientes para ligar para Kate, eu ainda tinha medo de perguntar a Darren por que mudara a senha do celular. Quem era Linda, por que ela não tinha sobrenome? Sabia que, depois que eu confirmasse que ele estava me traindo, não haveria como recuar. Restariam apenas a mágoa, discussões e lágrimas. Tremi só de pensar em passar por tudo isso. Nas consequências que teria para as crianças, para mim, para nossas vidas. Era mais fácil fingir que as coisas estavam bem.

Mantive os ouvidos alertas por alguns meses e percebi, em três ou quatro ocasiões, que ele falava ao celular no corredor ao chegar em casa do trabalho, mas se despedia antes de entrar no apartamento. Seria Linda?

Ele trabalhou alguns sábados no mês de março. Linda?

Foi jogar golfe com amigos do trabalho em um fim de semana. Será que foi?

Mal dormi nesses seis meses. Deitava ao lado dele me perguntando como ele conseguia ter um sono tão profundo e ao mesmo tempo guardar um segredo tão horrendo, traindo-me daquela maneira. Não podia tirar da cabeça as imagens dele nos braços de outra mulher. Às vezes eu a imaginava loira, às vezes ruiva, outras vezes uma versão mais jovem de mim. Não importava como eu a imaginava, era

terrível. Passei a comer menos. Beber mais. Perguntava-me por que ele desistira de nós. O que o levava a fazer isso?

Algumas vezes, desejava magoá-lo tanto quanto ele me magoara – física, emocionalmente. Fazer qualquer coisa que lhe mostrasse o que ele estava fazendo a alguém a quem prometera amar até o fim da vida. Às vezes, desejava apenas que ele me pedisse desculpas, que dissesse que iria terminar com ela, dissesse que ainda me amava e iria me amar para sempre. Às vezes achava que isso era tudo que bastava para perdoá-lo.

Meu coração parecia um ioiô, ou talvez uma bola de pingue-pongue, quicando de um lado para outro na mesa. Permeando tudo isso, contudo, havia a avassaladora sensação de que eu, de alguma forma, tinha fracassado. Não havia sido delicada o bastante, inteligente o bastante, ou boa esposa o bastante. A culpa de ele estar fazendo aquilo era minha. Fiquei paralisada pela ideia do fracasso.

Para ser sincera, acho que é por isso que não contei a ninguém. Se o dissesse em alto e bom som, aquilo se tornaria realidade. Nosso casamento haveria fracassado. Seríamos um fracasso. Eu seria um fracasso.

Darren e eu não transávamos tanto quanto antes – talvez uma ou duas vezes por mês, o que era rotina desde que Liam nascera. Eu nem me importava mais com métodos contraceptivos.

Porém, depois que vi o nome de Linda no celular, surgiu um paradoxo. Por um lado, eu estava tão chateada com Darren que não queria que ele me tocasse. Por outro, não desejava dar a ele motivo para cair nos braços de outra. Fazia meses que eu sofria essa tortura, esse inferno de suspeitas, quando uma noite, enquanto olhava para o teto de olhos arregalados, torturando-me com imagens de Darren fechando o vestido de outra mulher, ajeitando a gola, calçando seus sapatos, estendi a mão e a enfiei sob o elástico de sua boxer. Ele já estava pegando no sono.

– Agora não – sussurrou ele, virando-se e se afastando de mim.

Senti como se tivesse levado um chute no peito. A rejeição dói fisicamente. Como ele podia desejar uma estranha, e não a mim?

Escrutinei mentalmente tudo o que ele havia feito ou dito, cada vez com mais mágoa e desconfiança, mas não manifestei nada de forma clara. A única vantagem de acreditar que Darren estava me traindo era que, ao cair em um sono inquieto e sonhar com você, não me sentia mais culpada.

Comecei a ler mais sua página no Facebook naquela primavera. Curti mais suas fotos. Até comentei um artigo que você postou. Você notou? Imaginou o motivo?

A ESCOLHA DO MOMENTO EXATO É TUDO. É algo que aprendi no trabalho, com os amigos, nos relacionamentos amorosos – especialmente no nosso.

Em meados de junho, você veio a Nova York para passar um fim de semana prolongado. Você ia a Jerusalém pela AP atrás de três adolescentes israelenses sequestrados pelo Hamas. Você dissera à AP que precisava respirar um pouco o ar dos Estados Unidos antes de mergulhar em outro país, em outro conflito. Eles concordaram. Àquela altura você já era um fotojornalista bem conhecido, e acho que a Associated Press concordaria com qualquer pedido seu. Você já estivera na Ucrânia, depois em Moscou. Eu não sabia como você conseguia fazer isso – ir de país em país em poucos meses, às vezes em poucas semanas. Ou será que esse troca-troca ajudava? Talvez fizesse você pensar menos na sua mãe, nas suas carências?

Quando você me mandou o e-mail dizendo que chegaria no dia 13 e perguntando se eu poderia encontrá-lo, respondi que *sim*, sem falar com Darren. Decidi que ele não merecia ser consultado. Assim como ele guardava segredos de mim, eu podia guardar segredos dele.

Darren vinha falando em levar as crianças para ver os avós em Nova Jersey. Sugeriu que fosse naquele sábado, sem mim – eu poderia tirar um dia para relaxar, fazer as unhas, almoçar com uns amigos, e a mãe dele o ajudaria com as crianças.

– Parece boa ideia – disse ele. – E no próximo domingo posso jogar golfe?

– Combinado – respondi, imaginando que *golfe* queria dizer *Linda*.

De início, eu me sentia culpada por mentir para ele, ou por ter omitido meu encontro com você dos planos para meu dia. Quando ele falou *golfe*, no entanto, eu me liberei da culpa. Senti que minha omissão se justificava.

Mandeí uma mensagem de texto para você naquela manhã: *Que tal nos encontrarmos em Manhattan? Darren vai passar o dia com as crianças em Nova Jersey.* Manhattan era o nosso território, afinal.

Ótimo, respondeu você em outra mensagem. *Que tal o Faces & Names? Ainda existe? Vou buscar no Google.*

Eu ri enquanto esperava a continuação da sua mensagem:

Ainda. Encontro você lá para almoço? Meio-dia?

Perfeito, escrevi.

Fui fazer as unhas das mãos e dos pés para que a mentira que eu contara a Darren virasse uma meia verdade. Eu nunca mentira para ele antes – não assim. Não gostava de fazê-lo. Mas torná-la uma mentira parcial aliviava bem o peso.

Levei meia hora pensando em como me vestir para te encontrar. Fazia sol e estava uns vinte e poucos graus, tempo ideal, de maneira que eu tinha grande liberdade de escolha: vestido, saia, calça comprida, calça capri. Acabei escolhendo algo simples: jeans, camiseta preta, sapatilhas de balé, algumas joias. Eu me maquiei como quando estávamos juntos, delineando de preto a base dos cílios superiores. Você notou?

Quando entrei no Faces & Names, você já estava lá, sentado num sofá perto da lareira.

– Não quiseram acender para a gente – disse você. – Não acendem a lareira em junho.

Sentei ao seu lado.

– Eles têm certa razão.

Observei como você estava: o cabelo crescera de novo, a covinha estava lá, mas você tinha um olhar triste, cansado, como se tivesse visto coisas demais.

– Você está bem? – perguntei.

– Acho que estou ficando velho – respondeu você. – Estava pensando nisso. Não estou animado com essa missão. É a primeira vez que isso acontece.

Então, você me examinou com cuidado.

– E você, está bem? – perguntou.

Eu não falara nada com ninguém nesses meses todos, mas com você me sentia segura. Além do mais, você não fazia parte do meu dia a dia, não havia ninguém a quem você pudesse contar. Não haveria fofoca sobre mim e Darren quando levássemos as crianças à escolinha.

– Acho que Darren está me traindo – sussurrei.

Tentei segurar as lágrimas, mas não consegui. Você me abraçou. Não disse nada, só abraçou. Em seguida, me beijou na testa.

– Se estiver, é um idiota – disse você. – Não te merece. Você é inteligente e bonita, a mulher mais maravilhosa que eu conheço.

Você continuou me abraçando enquanto eu pedia um martíni de maçã e você, um uísque – para lembrar os velhos tempos. Eu me inclinei contra você enquanto bebíamos. Pedimos uma segunda rodada. Era tão boa a sensação do seu corpo contra o meu... Lembrei-me daquele sonho febril, em que fazíamos waffles em pijamas natalinos. E pensei em como seria voltar para casa todo dia e encontrar você, com sua força, sua compreensão.

Minha cabeça começou a ficar confusa.

– Preciso comer – falei. – Não estou acostumada a beber tanto, nem tão rápido.

Pedimos muçarela empanada e minissanduíches cubanos. Não comia aquilo havia anos, mas devorei tentando neutralizar o álcool. Mesmo assim, quando me levantei para ir ao banheiro, tive que me apoiar na sua cabeça para me equilibrar.

– Você está bem? – perguntou-me você pela segunda vez naquela tarde, escorando minhas costas com uma das mãos.

– Há meses não me sinto tão bem – respondi.

No banheiro, eu não parava de pensar no que senti quando você me segurou, em como eu estava distante de Darren e em quantas mágoas eu acumulara nos últimos meses. Ansiava por aquela sensação de intimidade quando você me abraçava. Fechei os olhos, pensando nos seus lábios colados aos meus. O calor, a pressão, o gosto deles. Imaginei me entregando a você totalmente, como eu costumava fazer, abandonando todo o controle, deixando você no comando. Eu queria isso. Precisava disso. Eu vinha tentando controlar tanto as coisas, me segurar, que estava cansada. Precisava passar o controle para alguém. E precisava que fosse você.

Quando voltei para o sofá, você já havia pagado a conta.

– Quer dar uma volta no parque? – perguntou. – Podemos comprar água lá na *bodega*.

– Topo – falei, estendendo a mão.

Você a pegou e se levantou. Aquele instante de contato das nossas peles foi eletrizante. Você olhou para mim. Nossos olhares grudaram um no outro. Minha respiração ficou mais lenta, espelhando inconscientemente a sua. Você se aproximou um passo de mim.

– Gabe... – comecei a dizer.

Você largou minha mão.

– Desculpe – falou, abaixando os olhos. – Não sei o que estava fazendo.

– Gabe – repeti, procurando colocar o significado de uma frase inteira nessa palavra.

Você me olhou de volta, e dessa vez nenhum de nós foi capaz de interromper o contato. Estendi a mão e toquei seus lábios com a ponta dos dedos.

– A gente não devia – disse você, segurando minha mão entre as suas.

Nesse momento, não sei quem se inclinou primeiro, se você ou eu, ou talvez os dois ao mesmo tempo, mas minha boca estava contra a sua e de repente tudo de errado no mundo pareceu estar certo.

Você me puxou com mais força, de modo que nossos corpos se colaram um ao outro, coxa com coxa, barriga com barriga, peito com peito.

– Onde fica seu hotel? – sussurrei.

– Estou no Warwick, na Sexta Avenida. Mas... Luce.

– Está tudo bem.

Eu nunca quis nada na vida tanto quanto quis você naquele instante.

Eu te beijei de novo, você gemeu e enfiou a mão no bolso traseiro do meu jeans, exatamente como costumava fazer.

QUANDO CHEGAMOS AO SEU QUARTO, creio que você me perguntou quatro vezes se era aquilo mesmo que eu queria. Toda vez eu respondi que sim. Estava bêbada, mas não incapacitada. Sabia do que eu precisava.

– E você, quer fazer isso? – acabei perguntando.

– Claro – respondeu você. – Mas não quero que você se arrependa.

Eu beijei você com mais força, concentrando-me no seu gosto. Gabe mais uísque era um sabor que eu conhecia bem.

– Lucy, Lucy, Lucy – sussurrou você, como se não acreditasse na chance de dizer meu nome de novo.

Você começou a tirar minha camiseta. Botei minha mão sobre sua, de repente envergonhada.

– Meu corpo não é mais como era – sussurrei.

Você puxou a camiseta para cima.

– Seu corpo é fantástico – respondeu você baixinho.

Lutamos para nos libertar das roupas um do outro. Você me levantou e jogou na cama. Como fizera havia onze anos. Estendi os braços e puxei você para a cama, passando as mãos nos músculos de suas costas, sentindo-os contrair ao contato dos meus dedos. Um verso de e.e. cummings não saía da minha cabeça: *gosto do meu corpo quando está com o seu corpo*. Verdade, Gabe, gosto mais do meu corpo quando estou com você. Gosto mais de mim.

– Não tem ninguém igual a você – sussurrou você enquanto me penetrava. – Não há nada igual a isto.

– Ninguém. Nada – respondi, arqueando as costas com um gemido.

Depois ficamos nus sobre a coberta, seu corpo entrelaçado ao meu, da maneira como costumava ser. Sua mão descansava no meu ventre. Pensei na primeira vez que fomos ao Faces & Names e depois ao seu apartamento, pensei nas suas confissões no escuro.

– E se você fosse comigo para Jerusalém? – disse você.

– E se a gente viajasse numa estrada que atravessa o arco-íris e dançasse na lua?

– Falo sério.

Você me beijou no pescoço.

– Isso parece um déjà vu – respondi. – Embora hoje eu talvez conseguisse dar um jeito no trabalho. Trabalhando a distância. Um trabalho via satélite. Eles não iam querer abrir mão de mim.

Seus dentes mordiscavam o lóbulo da minha orelha.

– Bela e inteligente.

Virei na cama para te encarar.

– Não posso – falei. – Você sabe disso. Meus filhos estão aqui, não posso abandoná-los. E Darren não me deixaria levá-los para Israel, de jeito nenhum. Ainda mais se eu os levasse para ficar com você.

Entrelacei minha mão na sua.

– Mas, se dependesse apenas de mim, iria num piscar de olhos.

Ainda não acredito que falei aquilo. Que pensei seriamente em aceitar sua oferta depois de uma tarde na cama. Embora não fosse uma tarde comum, não é? Era uma tarde que levou treze anos para acontecer. E eu achava que Darren tivesse perdido o interesse em mim, encontrado outra que preenchesse todos os requisitos de uma nova lista da mulher ideal.

Você não disse mais nada. Apenas inclinou a cabeça e passou a língua em volta do meu mamilo. Senti sua ereção contra a minha perna.

– De novo? – perguntei.

Você afastou a boca do meu seio.

– Você me faz sentir como se tivesse 23 anos.

– Então, de novo.

Sua resposta foi descer a boca pelo meu ventre.

ERA COMO SE FÔSSEMOS AQUELA estrela binária de novo, orbitando uma em volta da outra, sem que houvesse nenhum planeta ou asteroide a anos-luz de distância. Eu devia estar pensando nos meus filhos, ou no marido, mas só pensava em você e na sensação que você me dava. Na maneira como, depois de todo esse tempo separados, nossa ligação ficara mais profunda do que quando tínhamos 24 anos. Tínhamos mudado, mas de uma maneira que nos tornara mais, não menos compatíveis. Conversamos sobre nós, prometemos manter contato, discutimos a possibilidade de eu ir te visitar em Jerusalém. Você digitou seu novo endereço no meu celular.

– Quero te ver de novo assim – disse você, acariciando meu corpo nu.

Fiquei com a pele toda arrepiada, dos ombros aos tornozelos. Meus mamilos endureceram. Virei-me para você e te abracei.

– Eu também – falei. – Mas não sei como ajeitar a situação.

– Se ele está te traindo, você devia se separar dele – disse você, descansando o queixo na minha cabeça. – Devia estar comigo.

Beijei seu pescoço e dei um suspiro. Ficar deitada ao seu lado era embriagante. Senti a euforia que você me provocava. O retorno ao vício. Precisava voltar ao dia um, me livrar do vício de novo. Só que eu não queria.

– Não é fácil. Mas vou ver se arranjo um pretexto para viajar a Jerusalém.. Que tal Londres? É mais plausível. Você poderia me encontrar lá?

– Lucy – disse você, me abraçando com mais força –, eu irei te encontrar em qualquer lugar. Nunca pensei que teria uma segunda oportunidade. Não vou estragá-la. Você é minha luz. Sempre foi.

– Eu sei – falei baixinho, ainda absorvendo suas palavras. – Agora, porém, sou responsável por mais duas pessoas. Acho que foi por isso que não falei nada com Darren sobre essa outra mulher. Qual seria o impacto em Violet e Liam se eu deixasse o pai deles? Você e sua mãe sofreram muito quando seu pai foi embora.

Você ficou um instante calado.

– E qual será o impacto em você se ficar com ele?

Eu me agarrei ainda mais em você.

– Eles são mais importantes do que eu. Mas talvez Darren dê o primeiro passo. Vamos ver o que o universo nos reserva.

– Aproveite a maré alta?

A citação me fez sorrir.

– Com a gente, a coisa sempre acaba em Shakespeare, não é?

– “Quando à corte silente do pensar / Eu convoco as lembranças do passado” – citou você. – Tenho um livro dos sonetos que cabe na minha mochila. Já li Shakespeare nos buracos mais infernais que você possa imaginar, e esse é meu trecho favorito. Sempre me faz pensar em você, não importa onde eu esteja.

Eu estava presa de novo em você, Gabe. Porque, embora você tivesse mudado bastante, muita coisa continuava igual. E essa é parte sua – a parte que citava Shakespeare por qualquer coisinha – fazia com que eu me sentisse jovem, cheia de esperança, infinita. Pensei um instante em pedir a você que ficasse. Eu me perguntava se a resposta seria diferente daquela de dez anos antes. Porém, tinha medo de que fosse a mesma e que minha pergunta estragasse a beleza da nossa tarde.

– Vou deixar você pensar nessas coisas – disse você. – Quero te dar espaço.

– Talvez seja melhor – respondi, desejando que não fosse.

– Mas saiba que vou ficar pensando em você.

– Eu também – sussurrei.

Demos um último beijo e peguei o metrô para casa, com a cabeça ainda orbitando ao seu redor.

HÁ MUITAS FORMAS DE SEGREDO. Os segredos agradáveis, que nos dão vontade de saborear como um doce. Os explosivos, que têm capacidade de destruir nosso mundo. E os excitantes, que são mais divertidos quanto mais os espalhamos. Embora nosso segredo fosse explosivo, era doce para mim. Fui para casa e tomei banho pensando no seu toque, nas suas palavras, no seu corpo contra o meu. Vesti uma velha blusa de moletom da Columbia e leggings. Em vez de ir para o computador responder e-mails, peguei um velho exemplar de *O amante de lady Chatterley*. Não o lia desde a faculdade. Não sei como sobreviveu tantos anos sem ser vendido para a Strand, mas fiquei contente por ainda ter o livro. Fui direto ao capítulo 15: John Thomas e lady Jane. Você se lembra? É nele que lady Chatterley e Mellors fogem para o jardim e enfeitam com flores seus pelos púbicos. Achei a cena muito sexy na faculdade. Ainda acho.

Durante a hora seguinte, li sobre Connie e Mellors, Hilda e Venice. Pensei como nossa tarde foi igual à noite que Connie e Mellors passaram juntos antes de ela viajar para a Itália.

Então ouvi a chave de Darren na fechadura.

– Mamãe, mamãe! – gritou Violet, correndo para dentro do apartamento.

– Mamãe, mamãe! – também gritou Liam, correndo atrás dela.

Eles se jogaram no sofá para falar comigo e beijei seus cabelos.

– Papai contou um segredo – anunciou Liam.

– Shh – disse Violet. – Segredo quer dizer que *não* podemos contar, Liam. Lembra? É segredo há muito tempo, a gente nem devia saber.

O nome Linda passou de novo como um lampejo pela minha cabeça. Ele não teria contado a eles, teria?

Darren deixou a mala das crianças na entrada da sala.

– Bem, eles guardaram segredo por trinta segundos.

– A gente não contou, papai – reclamou Violet. – A gente fez a promessa do dedinho, não é, Liam?

Liam estendeu seu dedo mindinho, concordando.

Darren deu um grunhido e sumiu escada acima.

– Ei, espere! – gritei para ele. – Vou ficar sabendo o segredo ou não?

– Vai! – disse ele. – Estou só pegando um negócio para te mostrar.

– Como foi o dia de vocês? – obriguei-me a perguntar às crianças.

– Vovó e vovô nos levaram para o parque – disse Violet. – Você se lembra bem dele? É menor que o nosso parque, mas tem um labirinto com muros realmente altos.

– Lembro – falei. – Tem gangorras.

Ela assentiu.

– A gente brincou nas gangorras – disse Liam.

– Mas ela é pequena, por isso papai teve que ajudar para eu não ficar presa embaixo.

Violet pulou do sofá.

– Vou ver minhas bonecas.

– Vou ver meus Legos – disse Liam, imitando a irmã.

Subi a escada atrás deles para encontrar Darren. Estava ligando o laptop no escritório, que, como ele sempre me lembrava, seria o quarto do terceiro filho se viesse.

– Esses pestinhas... – disse ele, enquanto abria algumas janelas. – Eu não queria te contar antes de estar tudo certo, mas eles me ouviram conversar com meu pai a respeito. Estava tentando sincronizar a notícia com nosso aniversário. Você acredita que faz quase dez anos?

– Oito – respondi. – Faremos oito anos de casados em novembro.

Darren deu um sorriso.

– Dez anos desde que nos conhecemos – explicou, virando a tela do computador para mim. – Comprei a casa.

Meu cérebro não conseguia processar o que ele dizia.

– Você fez o quê?

– Esse é o segredo! – confessou ele. – Ando namorando essa casa desde o verão depois que Violet nasceu. Queria comprar o lugar onde nos conhecemos. E finalmente convenci-os a vender, em janeiro.

Eu ainda lutava para desvendar o que estava acontecendo. Darren se levantou e pegou minha mão.

– Eu sei que as coisas não andaram muito boas neste último ano – disse ele –, mas fomos tão felizes no verão passado lá em East Hampton, então pensei que com essa casa...

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Ah, Darren... – falei, apertando a mão dele.

Ele continuava me amando, de verdade, e queria que nos entendêssemos. Eu não tinha certeza do que ele queria até aquele momento. Aquilo, contudo, deixava o caso amoroso dele ainda mais estranho. Por que essas atitudes tão contraditórias?

Ele apertou minha mão também.

– Tenho falado em segredo com a corretora desde o outono. Uma senhora muito simpática chamada Linda. Em um fim de semana de março, quando eu te disse que ia jogar golfe com os amigos, na verdade fui lá fechar o negócio.

Uma corretora? Eu me senti mal.

Durante todos aqueles meses, acreditei que ele estivesse me enganando. Criei uma imagem falsa de Darren. De quem ele era, do que queria, de que me traía. Pensei que eu soubesse o que estava acontecendo. Achei que o compreendia de um modo como ele nunca me compreendeu. Mas não, nada era verdade.

– E ela está sendo reformada neste exato momento – acrescentou ele. – Estava bem detonada quando a vi. Então, ficou surpresa? Desconfiou de alguma coisa?

Pensei no Darren por quem me apaixonei, aquele que me fazia rir tanto que eu ficava com as bochechas doloridas. Aquele que transformava nuvens pesadas em um dia de sol. Eu não conseguia lembrar a última vez que demos risadas até chorar, mas esse Darren ainda existia, e eu o havia ignorado. Preferira focar no que andava mal e esquecer o que andava bem. E, durante todo esse tempo, ele estava tentando comprar a casa onde a gente se conheceu. Estava tentando consertar as coisas. No entanto, tentava exatamente da maneira como eu já pedira tantas vezes que ele não fizesse. Mais uma vez, ele me excluía de uma decisão importante.

Era demais para mim. Comecei a chorar.

– Você gostou? – perguntou ele. – Está chorando de alegria?

– É lindo – respondi, enxugando os olhos.

A culpa ameaçava me devorar por dentro. A vergonha.

Darren me abraçou.

– Para você, apenas o melhor – sussurrou ele, sua respiração no meu cabelo.

Ele fechou a porta com o pé e me beijou com uma paixão que havia muito eu não sentia.

Beijei-o também e, pela segunda vez em cinco horas, um homem tirava minha blusa. Pela segunda vez um homem punha a boca no meu seio. Pela segunda vez senti a ereção contra minha perna. Dessa vez, porém, ainda que meu corpo reagisse, senti-me anestesiada.

– FOI HORRÍVEL GUARDAR SEGREDO DE VOCÊ – disse Darren depois, enquanto vestia a blusa de moletom em mim. – Mas sua reação valeu a pena. Que tal dar um pulo lá no fim de semana que vem para rever a casa?

– Excelente ideia – respondi, certificando-me de que meus olhos estivessem secos e houvesse um sorriso no meu rosto. – Adorei.

Ele me beijou de novo. Então abriu a porta e chamou as crianças.

– Mamãe já sabe do nosso segredo sobre a casa nova! Quem quer comemorar com uma pizza?

Eu não me sentia capaz de comer um pedaço sequer.

N A SEGUNDA-FEIRA, DURANTE O TRABALHO, procurei esvaziar a minha cabeça de tudo – de você, daquele quarto de hotel, de Darren, da casa na praia – e me concentrar no novo programa que eu estava desenvolvendo. Ainda não tinha nome, mas a ideia era convidar músicos famosos para compor canções que apresentassem às crianças diversos aspectos do governo. O episódio-piloto era sobre a monarquia. Estávamos conversando com Elton John para que ele compusesse as canções para o programa inaugural. A ideia, na verdade, me viera de algo que Violet falara nas últimas eleições – ela queria saber em quem eu iria votar para princesa.

No entanto, eu não conseguia me concentrar na ligação que precisava fazer para o empresário de Elton John ou nas anotações que estava digitando sobre a proposta do roteiro. Precisava conversar com alguém sobre o que acontecera – entre nós dois, entre mim e Darren –, mas sentia muita vergonha. Eu sabia que meu irmão continuaria me amando, que Kate ainda seria minha melhor amiga. O problema era que eu não queria que eles mudassem em nada a opinião que tinham a meu respeito quando eu mostrasse a eles o que tinha sido capaz de fazer. E achei que mudariam. Se eu estivesse no lugar deles, era provável que mudasse de opinião.

Mas Julia podia compreender. Desde que fomos juntas à sua exposição, ela vinha perguntando sobre você. E, como não era casada, talvez tudo isso não a perturbasse como imaginei que perturbaria Kate ou Jason. Liguei para o trabalho dela.

– Oi! – disse ela ao atender. – Eu ia te ligar hoje. Tenho notícias para te dar.

Estiquei o fio do telefone para olhar pela janela.

– Boas notícias?

– Ótimas. Pedi demissão esta manhã.

– Arranjou um novo trabalho? – perguntei.

Julia vinha procurando nos últimos meses, mas havia poucos empregos de direção de arte, as vagas surgiam em grandes intervalos, especialmente porque ela não queria deixar de trabalhar com livros infantis.

– Arranjei – respondeu ela, com um sorriso que fui capaz de perceber do outro lado da linha. – Você está falando com a nova diretora de arte da Little Golden Books na Random House. Começo daqui a três semanas!

– Parabéns! Que fantástico. Violet adora os livros da coleção. A gente deve ter uns vinte livros dela.

– Ah, me avise se ela quiser outros títulos. Posso arranjar exemplares na editora depois que começar o trabalho.

Julia dá presentes para meus filhos sempre que os vê. É provável que metade dos livros que eles possuem tenham vindo dela.

– Obrigada. Tenho certeza de que Violet vai adorar.

– Mas você tinha uma coisa para contar quando ligou – disse Julia – e eu mudei de assunto.

– Você não mudou nada. Só liguei para dar um alô.

Não consegui. Mesmo para Julia. Fui incapaz de confessar o que eu fizera, o sonho em que me deixei levar, o que eu te dissera, o erro enorme que cometi. E a verdade é que lá no fundo, apesar de tudo, eu ainda tinha vontade de deixar Darren para ficar com você.

Você fazia eu me sentir viva, Gabe. Nem sei se consigo traduzir isso em palavras. Quando sentia sua presença, o mundo parecia mais vasto, mais cheio de possibilidades. Eu ficava mais inteligente, mais sexy, mais bonita. Você me via numa luz que ninguém via. Compreendia quem eu era no fundo e não queria que eu mudasse. Você me queria *por causa disso*. Darren me queria *apesar disso*. Acho que é a melhor maneira de descrever o que acontecia. E eu precisava exercer cada pedacinho de autocontrole que eu tinha para não ceder à vontade de te ligar, de estar com você. Porque eu nunca me perdoaria se magoasse meus filhos. Mesmo se isso significasse abrir mão para sempre do que eu sentia.

NA SEMANA APÓS O NOSSO ENCONTRO, eu tentei eliminar você da minha cabeça, mas as notícias sobre Israel e Gaza enchiam os jornais e a internet. *Ele está lá!*, o Universo não parava de dizer. *Pense nele!* Eu lia os créditos de todas as fotos buscando o seu nome. Encontrei-o numa imagem especialmente forte: cinco mulheres, todas com as cabeças cobertas por lenços, chorando. Uma estendia os braços para a frente, como se tentasse evitar o que estava acontecendo fora do enquadramento. Li que era o funeral de um garoto palestino. Então fiquei sabendo que você deixara Jerusalém e estava na cidade de Gaza.

Algumas semanas depois, os jornais começaram a chamar o conflito de guerra. Eu ficava colada à televisão, horrorizada, enquanto as batalhas eclodiam. Havia muitas crianças: algumas poderiam até estar no primeiro ano, como Violet, ou ser colegas de Liam na pré-escola. Assisti a um jornalista entrevistando uma mulher que contou que não deixava os três filhos dormirem juntos porque assim, se uma bomba caísse naquela parte da casa, não mataria todos ao mesmo tempo. Em seguida, vi famílias que não tinham mais casa nenhuma.

– Quer assistir a *CSI*? – perguntou Darren, sentando no sofá ao meu lado, enquanto o noticiário continuava na TV.

– Quero – respondi, trocando de canal.

No entanto, não conseguia acompanhar a história. Minha cabeça – e meu coração – ainda estava em Gaza.

EU ESTAVA NO TRABALHO quando você ligou.

– Gabe – falei.

– Não posso continuar – respondeu você. – Vou voltar para casa.

– O que houve? – perguntei, de coração acelerado.

– Eu nunca vi nada parecido. As mulheres, as crianças... – Sua voz falhava. – Eu não paro de pensar em você. No hotel. Eu estava errado quando te convidei para vir a Jerusalém. Devia ter sugerido ficar em Nova York. Darren ainda está de caso com a tal da Linda? Você já conversou com ele sobre isso?

Fiquei sem ar. Era o que eu queria, era a proposta que eu esperara. Mas agora não adiantava mais. Congelei.

– Gabe, você está fazendo um ótimo trabalho. Vi sua foto na primeira página do *New York Times*. Você tem mostrado ao mundo o que está acontecendo aí. Está vivendo seu sonho.

Ouvi você dar um suspiro.

– Eu pensei que pudesse fazer alguma diferença de verdade, mas... são apenas fotos, Luce. Elas não mudam nada. O mundo continua uma merda. E agora tenho a sensação de estar fazendo um sacrifício grande demais. Sinto sua falta. Penso o tempo todo em você.

– Eu também sinto sua falta – falei. – Mas, Gabe, se você voltar... não posso te prometer nada. Não volte por minha causa, Gabe. Não me obrigue a escolher. Darren não estava me traindo. Ele... ele comprou uma casa para mim. A casa onde nos conhecemos. Linda era a corretora.

Dizer aquilo partiu meu coração. Eu sabia, porém, que era a coisa certa a fazer. Pelos meus filhos, pela minha vida. Eu precisava ser responsável, me dedicar ao meu casamento, manter a família unida.

Ouvia você inspirar, expirar, inspirar, à espera de sua reação.

– É isso o que você quer, Lucy? – disse você baixinho. – É o que falta para botar tudo nos eixos?

Fechei os olhos.

– Não. Não é isso – respondi. – Não basta. Mas é um começo. Eu te disse que não abandonaria meus filhos. Que não iria destruir minha família.

Eu imaginava a dor estampada em seu rosto. Tentei endurecer meu coração contra isso.

– Enfim, de qualquer maneira, acho que tenho que voltar – disse você, com a voz embargada de emoção. – Acho que preciso voltar por *minha* causa. Vou pedir demissão. Se tudo correr como esperado, estarei aí no final do verão. E... não vou esperar nada de você. Mas a vida é tão curta, Lucy... Quero que você seja feliz. Quero que nós sejamos felizes.

Eu não sabia como reagir, porque também queria que fôssemos felizes. Só não sabia como fazer isso acontecer.

– Está certo – falei. – Cuide-se até lá. E, bem... entre em contato quando voltar.

– Eu te amo.

Eu não podia deixar suas palavras suspensas no ar. Ainda mais quando eu sentia o mesmo.

– Eu também – balbuciei, os olhos se enchendo de lágrimas. – Eu também te amo, Gabe.

Eu te amava, amo, sempre amei. Percebi naquele momento. Também amo Darren, mas o que você e eu temos juntos é diferente. Se eu nunca tivesse conhecido você, talvez Darren me bastasse. No entanto, eu mordera o fruto proibido. Mordera o fruto do conhecimento. Percebera que há muito mais coisas no

mundo.

Eu sabia que precisava esquecer, ignorar essa possibilidade. Porque *gostar mais de Gabe* não me parecia um motivo razoável para destruir meu casamento com um cara generoso e bom. Não era razoável fazer isso com meus filhos.

Tirei o resto do dia de folga. Fui para casa e adormeci no sofá, abraçada ao exemplar de *O amante de Lady Chatterley*.

HÁ COISAS QUE SABEMOS sem ter consciência.

Eu devia ter percebido quando peguei no sono na cama de Liam, às oito e meia, no meio da leitura de um livro sobre um rato querendo biscoito.

Devia ter percebido quando minha menstruação atrasou cinco dias, e depois dez.

Mas só percebi quando acordei sabendo que ia vomitar antes de chegar ao banheiro. Estendi a mão para pegar a cesta de lixo ao lado da mesa de cabeceira.

– Meu Deus – disse Darren, sentando bruscamente na cama. – Você está passando mal?

Limpei a boca com a mão enquanto minha cabeça montava as peças do quebra-cabeça.

– Parece que estou grávida de novo – falei. – Será que ainda temos os testes de gravidez no banheiro?

Amarrei o saco de lixo da cesta com um nó apertado enquanto o resto das informações assentava na minha cabeça. Contei as semanas. Tinha absoluta certeza de não estar ovulando quando estivemos juntos e depois, no mesmo dia, Darren e eu estivemos juntos. Mas eu devia ter me enganado. Uma onda de calor tomou conta de meu corpo quando um único pensamento inundou a minha consciência: *De quem seria esse filho, afinal?*

– Espere. Está falando sério? – perguntou Darren.

– Tão sério quanto é possível – disse a ele, tentando impedir que o choque ficasse evidente em meu rosto. O horror.

Darren pulou da cama e me abraçou.

– Que fantástico! Vamos encher o apartamento de pequenos seres humanos! Você sempre soube que eu queria mais um. Nossa nova casa deve ser um talismã.

– Deve – respondi, pensando exatamente o contrário, enquanto a cabeça girava.

Será que conto a ele? Ou não conto? Se eu contar, será que ele vai embora? Me expulsa de casa? O resultado seria esse, nossa família dilacerada? Eu não podia contar a ele. Mas e se o filho fosse *seu*? Como podia deixar que ele o criasse?

– Vou vomitar de novo – falei, correndo para o banheiro.

Eu não conseguia acreditar que estivesse vivendo aquilo. Parecia uma novela.

Eu sabia que você planejara voltar logo para Nova York. Resolvi que devia esperar. Não precisava te contar. Ao menos não pelo telefone. Ao menos não agora.

Quem dera eu tivesse escolhido outra opção. Se soubesse que tínhamos pouco tempo, se soubesse que acabaríamos aqui, assim, eu teria me aberto naquele dia. Queria poder voltar no tempo e dar aquele telefonema. Talvez você tivesse voltado para casa. Talvez isto não tivesse acontecido com você.

HÁ MUITOS MOMENTOS decisivos que mudam nosso mundo. Algumas vezes, a causa é nossa decisão. Outras, os desígnios do Universo, do destino, de Deus, de algum poder supremo, não importa o nome. Não sei. Faz hoje treze anos que luto com esse problema.

Naquela terça-feira, eu estava num táxi a caminho do trabalho. Alguma coisa, talvez a dúvida ou a culpa por ainda não ter te contado, exacerbou meu enjoo durante aquelas poucas semanas depois que descobri a gravidez. Eu não queria correr o risco de andar de metrô e vomitar no vizinho. Por isso, ia sempre de táxi. Darren queria contratar um motorista para me levar e trazer do trabalho, mas achei um exagero. Em vez disso, eu pegava um táxi toda manhã. Às vezes para ir para casa também. Quem inventara a expressão “enjoo matinal” era bastante otimista. Eu levava sempre duas sacolas plásticas na bolsa. Até então, porém, não chegara a vomitar no táxi. No meu trabalho era diferente. Acho que assustei tanto minha assistente que ela virou celibatária.

Eu respirava lentamente, inspirando pelo nariz, expirando pela boca, procurando me acalmar. E aí meu celular tocou. Era de um número desconhecido, mas atendi, pensando que podia ter a ver com Violet ou Liam. Ser mãe mudou meus hábitos com o telefone. A última coisa que eu queria era deixar de atender quando um dos meus filhos precisasse de mim.

– Alô – falei.

– É Lucy Carter Maxwell?

– Sim – respondi, embora não houvesse nenhum outro lugar, além do Facebook, em que meu nome constasse assim.

– Aqui é Eric Weiss – disse alguém. – Sou diretor executivo da Associated Press. Trabalho com Gabriel Samson.

– Sim?

– Estou ligando para avisar que Gabe foi ferido.

Ele fez silêncio. Eu parei de respirar.

– Ferido? Mas ele está bem?

– Está num hospital em Jerusalém.

Então meu cérebro tentou acompanhar o ritmo do coração.

– Espere – falei –, por que está me ligando?

Ouvi Eric respirar fundo do outro lado da linha.

– Estou olhando a ficha de Gabe e a senhora consta como contato de emergência para assuntos médicos. Aqui diz que a senhora é uma grande amiga dele. Precisamos que tome algumas decisões.

– Decisões? – repeti. – Sobre o quê? O que houve?

– Desculpe – disse Eric –, deixe-me começar do início.

Então ele me contou a história. Você estava na cidade de Gaza. Havia combate em Shuja'iyya. Houve uma explosão muito perto de você. Aconteceu depressa demais para você fugir. Um médico israelense cuidou de você no local e a AP te mandou para um hospital em Jerusalém, mas você não reagia a nenhum estímulo e respirava com ajuda de aparelhos. Ele me disse que achava que você não ia se recuperar. Você assinara um termo dizendo que não queria que prolongassem artificialmente sua vida, mas só souberam depois que você já estava conectado aos aparelhos. Agora precisavam da minha

permissão para desligá-los.

– Não – eu não parava de dizer ao telefone. – Não, não, não, não, não.

– Senhora, está tudo bem? – perguntou o taxista.

– Por favor, dê a volta – pedi. – Preciso voltar para casa.

Voltei para o apartamento, fui para a cama e chorei durante horas. Quando finalmente me recuperei um pouco, liguei para Kate, contando a ela o que acontecera resumidamente.

– Acho que preciso ir a Jerusalém – falei. – Não posso mandá-los desligar os aparelhos antes de revê-lo. Não posso deixá-lo morrer sem nenhum amigo por perto. Ou acordar confuso e machucado sozinho.

– Há uma guerra lá – disse Kate, como se os pensamentos estivessem se desenrolando na sua cabeça à medida que ela falava. – Mas eu trabalho com uma corporação cuja sede fica em Tel Aviv, e eles continuam a trabalhar como sempre. Então não acho que seja tão perigoso quanto parece. Pelo menos não do lado israelense.

– Além disso, estou grávida – falei, interrompendo-a.

– Grávida? – disse ela, espantada, mudando logo de assunto. – Quando foi que... Eu achava que você não queria ter mais filhos. Espere aí. Deixe-me só...

Ouvi-a fechar a porta da sala.

– Talvez seja do Gabe – falei baixinho. – Eu não sei.

Eu ainda não contara a ela nada sobre a gente, nem sobre o que acontecera no hotel Warwick, por isso também não lhe contara sobre a gravidez. Eu estava com muita vergonha e preocupada demais com o que ela pensaria de mim. No entanto, agora não me importava mais. Eu precisava dela. Precisava de alguém que me apoiasse.

– Ah, Lucy, Lucy... – disse ela. – Ela parou um instante. – Por que não me contou? Não importa, podemos conversar depois. Quer que eu vá a Jerusalém com você?

Fiz um barulho estranho, mistura de soluço com um suspiro de alívio.

– Eu te amo – falei. – Me desculpe por não ter... Você é a melhor amiga do mundo.

– Não se esqueça disso.

– Mas, apesar da gravidez, apesar da guerra, acho que preciso ir a Jerusalém sozinha.

EU SABIA QUE NÃO SERIA FÁCIL explicar a situação para Darren – ainda mais sem explicar o que havia acontecido no Warwick. E eu não deveria ter tentado. Se tivesse levado a sério o foco no meu casamento, teria assinado o que fosse preciso em Nova York e dito a Eric Weiss que deixasse os médicos fazerem o que achassem melhor. Mesmo sabendo que era isso que eu *deveria* fazer, eu não podia. Especialmente se o bebê que eu esperava fosse seu. Como eu poderia explicar a esse filho que eu abandonara seu pai bem quando ele mais precisava de mim?

– Você está brincando? – perguntou Darren, incrédulo, quando o levei para o quarto logo que ele chegou do trabalho. – Você quer que eu permita que minha mulher grávida voe até uma zona de guerra para ficar à cabeceira do ex-namorado?

A resposta dele me deixou mais resoluta.

– Não é tão perigoso quanto dizem – expliquei. – E, Darren, eu não estou te pedindo que me *deixe* fazer nada.

– Então você está me dizendo que vai? E minha opinião não importa?

Ele andava de um lado para outro diante da cama.

– Por que esse merdinha foi colocar você como responsável em uma emergência médica?

Arregalei os olhos, chocada. Darren quase não falava palavrões, e a voz dele estava carregada de ódio.

– Estou te dizendo que quero fazer isso – afirmei. – Eu preciso fazer, ou vou me arrepender para sempre.

Terminei de falar com a voz embargada. Eu me perguntava: será que vale a pena arruinar meu casamento por isso? Eu havia pedido que você não voltasse para Nova York por minha causa, para não me obrigar a escolher, mas, afinal, me perguntava se teria escolhido você.

– Você percebe que há uma guerra acontecendo lá? Não sabemos nem se os aviões continuam voando.

Eu havia verificado antes de ir para casa.

– A El Al está – falei, controlando o tremor na voz. – E tem o escudo antimísseis. Não é como se eu fosse para Gaza. Estarei segura, acredite em mim.

– E se alguma coisa der errado com o bebê?

– A emergência deles é melhor do que a nossa. Li sobre isso na internet.

Não era hora de contar para ele que o filho talvez fosse seu. Essa hora talvez nunca chegasse.

Percebi que Darren estava se acalmando. Ele projetava mentalmente os cenários, dando-se conta de que era uma discussão que ele dificilmente venceria.

– Por favor, confie em mim – pedi. – Preciso fazer isso.

Ele massageou a própria testa.

– Que Deus me ajude, Lucy – disse ele finalmente. – Eu não sei o que há entre esse sujeito e você, por que ele vive te atraindo de volta para a órbita dele. Ele te abandonou há dez anos. Era de imaginar que você quisesse esquecê-lo. Se você precisa ir, vá. Mas quero que volte o quanto antes. Até domingo, no máximo. Lá não é seguro.

– Está bem – concordei.

Se eu fosse no dia seguinte, teria três dias em Jerusalém. Queria ter mais tempo, mas, se eu não quisesse voltar para um casamento em ruínas, sabia que precisava ceder. E, na verdade, Darren é um bom sujeito. Mesmo aborrecido, ele concordou. Por isso é tão difícil tudo o que está acontecendo. Seria mais fácil se ele fosse um babaca.

Então reservei a passagem de ida, e a volta para domingo de manhã. Fiz a mala. Liguei para Kate e contei a ela sobre o meu plano.

Depois de tudo que acontecera entre nós, era duro acreditar que a vida nos tivesse levado a esse ponto.

EMBARQUEI COM OS DEMAIS passageiros da primeira classe. Meu lugar era ao lado de uma senhora judia ortodoxa mais velha, com a cabeça coberta por um lenço estampado amarrado na nuca. Ela sorriu para mim quando sentei.

Retribuí o sorriso, mas já estava concentrada em respirar lentamente, procurando afastar o enjoo e ignorar o gosto salobro no fundo da garganta. Não adiantou. Enquanto os outros passageiros embarcavam, ajoelhei-me no banheiro e vomitei.

– Por favor, não deixe que isto aconteça durante o voo inteiro – falei em voz alta enquanto dava a descarga e enxugava a boca.

– Tudo bem? – perguntou a mulher num inglês com forte sotaque quando voltei a me sentar. Eu devia estar pálida.

– Grávida – expliquei, colocando a mão sobre a parte inferior da barriga. – Um bebê – acrescentei em seguida, pois não sabia se a mulher entendia inglês direito.

Ela assentiu e remexeu na bolsa. Em seguida me deu um saquinho de balas com um rótulo em hebraico.

– Isto aqui ajuda – disse ela. – Eu chupo no avião.

Levei a bala ao nariz e cheirei.

– É de gengibre? – perguntei.

Ela deu de ombros. Não tinha entendido o que eu falara.

Pensei que não tinha muito a perder, então desembulhei a bala e a meti na boca. De fato, comecei a me sentir melhor.

– Obrigada – agradei.

– Ajuda. Eu tenho cinco – disse ela, apontando para minha barriga. – Sempre enjoiei.

– É meu terceiro.

– Você é judia? – perguntou ela. Tentava entender por que eu estava voando para Israel, grávida, no meio da guerra.

– Não – respondi.

– Seu... – ela procurava a palavra, antes de se resignar àquela que lembrou – homem está em *Yisroel*?

Gostei de ela usar a palavra *homem* em vez de *marido*.

– Está. Ele é jornalista. Está no hospital. Foi ferido seriamente em Gaza.

Senti que me brotavam lágrimas nos olhos. A não ser para Kate e Darren, eu não tinha falado sobre você, sobre o que te acontecera, com ninguém.

Antes que eu me desse conta, a mulher me abraçara e murmurava palavras em hebraico ou iídiche – não entendia a língua, mas mesmo assim me consolava. É constrangedor admitir, mas chorei com a cabeça em seu ombro e deixei-a acariciar meu cabelo. Quando me controlei, ela segurou minha mão. E então, depois que chegou a comida, passou a dar tapinhas no meu braço, como se dissesse sem palavras: *Tudo vai ficar bem*.

Depois de algumas horas de sono, acordei envolta por um cobertor da companhia aérea.

– Obrigada – falei.

– Deus tem um plano – disse ela. – E um filho é sempre uma bênção.

Não sei se creio em nenhuma dessas duas afirmações. Não gosto da ideia de que Deus tinha um plano para você. Há também casos em que ter um filho pode não ser uma bênção. Mas a fé da mulher e sua força tranquila foram certamente uma ajuda. Traz alguma paz crer que somos atores num palco atuando em histórias dirigidas por alguém.

Será que isto é um plano de Deus, Gabe? Será que existe mesmo Deus?

POUSAMOS PONTUALMENTE EM TEL AVIV. Comuniquei a Darren que eu chegara bem e peguei um táxi direto para o hospital. Era muito estranho não poder te mandar uma mensagem avisando que eu havia chegado. Ou ligar para perguntar qual era seu quarto, como te encontrar. Mas não havia ninguém para quem ligar. Só havia eu – e o bebê.

– Que bom que você está comigo – murmurei para a barriga.

De certo modo, eu me sentia menos sozinha sabendo que ali existia outro ser humano passando por aquilo comigo.

NO HOSPITAL, DOIS SEGURANÇAS examinavam a bagagem de todo mundo.

– Preciso saber o quarto de um paciente – falei, toda atrapalhada, enquanto entregava a eles minhas coisas, antes mesmo de saber se falavam inglês.

– Informação é ali – disse um dos seguranças, apontando um balcão às minhas costas, depois que passei pelo detector de metais e devolveram minhas bagagens.

Corri o mais depressa possível até o balcão de informações, puxando a mala atrás de mim.

– Por favor – falei, ao chegar. – Preciso saber o número do quarto de um paciente. Gabriel Samson.

A atendente deve ter visto como eu estava desesperada. O voo de dez horas e meia e o jet lag não ajudavam. Tenho certeza de que meus olhos estavam vermelhos, e o cabelo e as roupas, desarrumados. Ela não demorou a encontrar seu nome no computador.

– Oitavo andar. UTI. Quarto 802.

E me apontou o elevador.

Apertei 8 e tentei lembrar qual era o número do seu quarto no Warwick. Fechei os olhos e tentei imaginar seu dedo apertando o botão. Era 6? Ou 5? Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Só então percebi que, se você morresse, eu seria a herdeira de suas memórias. Seria a única pessoa no mundo a ter vivido essas experiências. Preciso me esforçar mais. Não posso esquecer os detalhes.

O elevador emitiu um sinal e as portas se abriram. Fui até a mulher no balcão e disse que queria te ver. Ela aquiesceu e me ofereceu um assento. Disse que os médicos chegariam logo. Em seguida, pegou o telefone e começou a falar rápido em hebraico.

– Espere – falei. – Quero ver Gabe. Posso vê-lo agora?

Ela cobriu com a mão o bocal do telefone.

– Em breve. Mas os médicos querem falar primeiro com a senhora.

Peguei minha mala e uma bolsa supergrande que eu levava comigo no avião, fui até uma cadeira cinza típica de hospitais e me sentei. Fechei os olhos e tentei me lembrar da primeira vez que te vi. Você estava de camiseta branca ou cinza? Tinha bolso? Um emblema no lado esquerdo? A gola formava um V sutil, disso eu me lembro.

Abri os olhos quando alguém deu um pigarro perto de mim.

– Sra. Maxwell? – perguntou o homem à minha frente. Ele estava com um jaleco branco que me lembrou de Jason.

Fiz que sim e levantei.

– Sou Lucy Maxwell – falei, estendendo a mão.

– Eu sou Yoav Shamir – disse ele, depois de apertá-la. – O neurologista do Sr. Samson.

Seu inglês era quase perfeito, exceto por umas pequenas falhas.

– Obrigada por cuidar dele.

Duas mulheres um pouco atrás do Dr. Shamir se adiantaram.

– E eu sou Dafna Mizrahi – disse a mais alta, com um sotaque mais carregado. – Sou a médica da UTI.

Apertei também a mão dela.

– Prazer em conhecê-la – repliquei, meio ausente.

Então a terceira mulher se apresentou. Não estava de jaleco. Usava um vestido estampado de verão e um lenço sobre os ombros.

– Sou Shoshana Ben-Ami – disse ela. – Assistente social do hospital. Reservei uma sala para nós quatro. Vamos lá?

Ela parecia inglesa. Fiquei pensando se teria sido criada lá e se mudado recentemente para Israel, ou talvez um de seus pais fosse inglês e ela fora criada bilíngue.

– Está bem – falei, seguindo os três.

Devido ao voo, à diferença de fuso horário e à situação surreal, eu me sentia flutuando, como se tudo aquilo estivesse acontecendo num mundo de sonho, em que o som atravessasse chumaços de algodão até chegar a mim.

– A senhora sabe o que aconteceu? – perguntou Dra. Mizrahi, quando sentamos numa sala tranquila, com uma mesa, algumas cadeiras e um telefone.

– Um pouco – respondi, colocando a bolsa a meus pés.

– Quer saber mais? – perguntou ela. – Tenho as anotações do clínico.

Normalmente quero saber tudo. Quanto mais informação eu tenho, mais me sinto no controle. Mas dessa vez não.

– Só quero vê-lo – falei.

Ela aquiesceu.

– A senhora vai vê-lo daqui a pouco, mas primeiro queremos lhe dar algumas informações.

O Dr. Shamir estava diante de mim.

– Como a senhora sabe – disse ele –, seu amigo sofreu um trauma grave no cérebro. Gostaria que eu lhe explicasse os resultados dos exames?

Respirei fundo.

– Diga só uma coisa – pedi –, quais as chances de ele se recuperar? Quanto tempo vai levar?

Os médicos trocaram um olhar.

– A parte inferior do cérebro foi afetada – começou o Dr. Shamir. – É a parte que desempenha funções vitais indispensáveis.

– Engolir, respirar – explicou a Dra. Mizrahi.

– Mas ele pode recuperá-las? – perguntei.

A esperança se empoleirou na minha alma e eu entoava uma canção sem palavras. Você frequentou aquela aula em Columbia? Sobre Emily Dickinson? Eu não lembro. Gostaria de me lembrar.

Eles se entreolharam de novo. Dessa vez foi a Dra. Mizrahi que começou:

– O Dr. Shamir e eu fizemos o teste de morte cerebral e o cérebro do seu amigo não funciona.

– Mas vai funcionar de novo? – perguntei. – Como uma perna quebrada, uma garganta inflamada. Ele pode melhorar?

Enquanto rodava no táxi em Tel Aviv, eu imaginava que falaria e você iria acordar ao ouvir a minha voz. Eu imaginara você inteiro e feliz nos meus braços.

O Dr. Shamir fitou meus olhos. Os óculos ampliavam seus olhos castanhos.

– O Sr. Samson teve morte cerebral – afirmou ele. – Isso significa que ele nunca mais vai respirar

sozinho, nunca mais vai engolir, nunca mais vai falar, nunca mais vai andar. Sinto muito.

O Sr. Samson teve morte cerebral. Fui tomada por uma forte náusea. Olhei nervosa em volta, à procura de uma cesta de lixo. Quando achei uma no canto da sala, mergulhei em direção a ela, no exato instante em que comecei a ter espasmos estomacais. *Morte cerebral. Morte cerebral. Morte.* Você havia partido. Para sempre. Meu corpo rejeitava isso, rejeitava tudo.

Os músculos do estômago se contraíam em espasmos, tentando livrar meu corpo de tudo que fosse possível.

A Dra. Mizrahi se ajoelhou ao meu lado.

– Respire fundo – disse ela. – Pelo nariz.

Tentei e os espasmos cessaram.

– Outra vez – disse ela, me ajudando a ficar em pé e a voltar para a cadeira.

Eu não chorava. Estava entorpecida. Era como se minha consciência estivesse rachada ao meio. A parte que sentia as coisas se separara do resto. Estava no teto, assistindo à conversa.

Shoshana saiu da sala e voltou com um copo d'água.

– A senhora precisa descansar? – perguntou ela.

Balancei a cabeça. Sentia-me como um robô. Meu corpo e minha boca pareciam se mover mecanicamente.

– Me desculpem – falei, dirigindo-me aos três.

– Não precisa se desculpar – disse Shoshana, segurando minha mão.

– Estou grávida – tentei explicar. – Tenho sentido enjoos sem precisar de motivo. Acho que...

– Quantos meses? – perguntou a Dra. Mizrahi.

– Pouco mais de oito semanas – respondi.

Ela assentiu e sentou na cadeira vazia ao meu lado.

– A senhora pode mantê-lo vivo artificialmente – explicou a Dra. Mizrahi. – Podemos discutir por quanto tempo o manteríamos e quais os riscos. Mas eu sempre digo aos amigos e parentes que pensem no que o paciente escolheria. Como ele gostaria de viver o resto da vida.

Ela pegou uma pasta na mesa e tirou um papel.

– Esta é a cópia da ordem de não ressuscitação assinada por ele, que a AP nos mandou.

Peguei o documento e olhei aquela assinatura tão familiar – toda feita de ângulos onde se esperavam curvas. Estava datado de 3 de outubro de 2004. Comecei a ler o papel, mas parei. Eu sabia o que ele queria dizer. Ainda me sentia anestesiada, robótica, como se não estivesse de todo presente. Não sabia o que dizer em seguida. Queria não estar tão só. Queria que você estivesse ali ao meu lado.

– Quando posso vê-lo? – perguntei.

– A Dra. Mizrahi pode nos levar agora – disse Shoshana. – Ou nós duas podemos ficar e conversar. Sobre qualquer coisa que a senhora quiser. É só escolher.

Ela me deu uma sacola plástica.

– Aí estão a câmera do Sr. Samson, o celular e a carteira. A chave de casa também. E uma chave de hotel. Era tudo que ele tinha.

Olhei dentro da sacola. O celular estava destruído. A câmera estava surpreendentemente intacta, mas percebi respingos de lama – ou de sangue seco – na lente.

Respirei fundo, tremendo. Tudo isso era demais para suportar. Minha mente confusa foi tomada por todas as coisas que você deixara para trás. Será que eu teria que resolver isso também? Por um instante desejei que Darren estivesse ali comigo. Ele saberia o que fazer. Ou Kate. Resolvi ligar para ela. Antes, porém, eu precisava ver você. Foi por isso que eu viera. Foi por isso que viajara de tão longe.

– Obrigada – falei para a assistente social. – Mas só quero vê-lo. Pode ser agora?

– Claro – disse ela, levantando-se e pegando minha mala.

– Precisamos ser fortes – sussurrei para o bebê. Ou quem sabe para mim mesma.

Segui Shoshana e a Dra. Mizrahi pela porta. O Dr. Shamir tomou outro rumo, dizendo que estaria disponível se eu quisesse conversar mais.

Assenti e ele partiu.

Então parei.

– Tem uma coisa – falei, no corredor.

Respirei fundo outra vez. Era difícil acreditar que eu faria aquela pergunta:

– A partir de que estágio da gravidez é possível fazer um teste de paternidade?

A Dra. Mizrahi também parou. O olhar dela pousou brevemente na minha barriga e depois no meu rosto.

– Existe um exame de sangue que pode ser feito já com oito semanas – disse ela. – Também pode revelar o sexo do bebê.

Agarrei a sacola plástica com mais força. As coisas que você deixara para trás.

– Obrigada.

E, a seguir, a Dra. Mizrahi nos levou para ver você.

ENTREI NO SEU QUARTO E TIVE que me apoiar no batente da porta. Tentava controlar o enjoo, que havia voltado.

Um tubo passava entre seus lábios rachados e ressecados até a garganta. Sua cabeça estava enfaixada, e na área sob os olhos havia dois hematomas. Prenderam seu braço esquerdo numa tala, do pulso ao cotovelo. De todo lado se ouviam os bipes de máquinas e de tubos. No entanto, era você. Você estava ali. Seu peito se expandia e contraía. Você estava vivo. Eu entendera o que os médicos haviam acabado de dizer, mas decidi ignorar.

– Gabe – falei, com um suspiro.

O quarto tinha um cheiro metálico, com uma mistura de remédio, sangue e desinfetante. Ajoelhei-me ao lado da cama e peguei sua mão. Você estava com os dedos quentes, felizmente. Segurei-os contra meu rosto, desejando que você pudesse passar o polegar em meus lábios, desejando poder ouvir sua voz.

Pensei na última conversa que tivemos. Aquela em que dissemos que nos amávamos. Aquela em que eu disse para você ficar em Jerusalém e não me obrigar a escolher.

– Eu retiro o que disse – falei para você. – Eu não queria dizer aquilo. Apenas volte, Gabe. Por favor. Não me abandone.

Nada aconteceu. Você não se mexeu. Nenhuma contração, nenhum piscar de olhos.

Um soluço escapou do meu peito e, depois, não fui capaz de impedir que outros viessem. Com a garganta contraída, as costelas doendo, desabei no chão.

Não percebi quando ela entrou no quarto, mas Shoshana estava ali ao meu lado, com a mão em meu ombro.

– Sra. Maxwell. Lucy.

Desviei os olhos e olhei para ela. Tentei estancar os soluços que me sacudiam o corpo. Ela me levantou do chão.

– Vamos dar uma volta – sugeriu ela. – Há alguém aqui que possa lhe fazer companhia?

Balancei a cabeça.

– Ninguém – respondi com a voz embargada.

Pensei em Kate. Poderia pedir a ela que tomasse um avião e viesse esta noite. Ela viria se eu pedisse. Inspirei, ainda tremendo.

– Vai tudo se resolver – disse Shoshana, guiando-me do seu quarto de volta para o corredor. – A hora da visita está quase terminando. Por que não vai descansar? Não precisa tomar nenhuma decisão hoje.

– Está bem – falei, com a voz tão abalada quanto eu me sentia.

– Você precisa de um carro para te levar ao hotel? Ou ao apartamento do Sr. Samson?

Eu tinha reservado um quarto de hotel, mas pensei nas chaves do seu apartamento na sacola plástica. Tinha seu endereço nos meus contatos, que você digitara quando estávamos na cama. Senti que devia ir até lá.

– Um carro – falei. – Seria ótimo.

Shoshana assentiu e voltou alguns minutos depois com a minha mala.

– Vou com você até lá fora para apresentar o motorista – disse ela, entregando-me um cartão. –

Normalmente não faço isso, mas aqui está meu telefone particular. Se precisar de alguma coisa, ligue, por favor. Botei o número do celular no verso.

– Obrigada – agradei, enfiando o cartão na bolsa.

Ela voltou a pegar a minha mala e a seguiu por uma porta giratória até o estacionamento. Um pensamento passou pela minha cabeça, deixando-a com a mesma rapidez com que surgira: se era essa a maneira de o destino satisfazer meu desejo de não ter que escolher entre Darren e você, eu não queria mais viver neste mundo.

O que você acha, Gabe? Foi escolha sua fazer a reportagem em Gaza? Tirar as fotos naquela hora, naquele lugar, da maneira como você tirou? Foram suas escolhas que levaram você até aqui? Ou foi algo predestinado? O final que o destino quis? Nosso final? Tenho minhas próprias ideias sobre isso, mas gostaria de ouvir as suas.

O TAXISTA ME LEVOU POR RUAS sinuosas, tentando transformar a viagem em um passeio turístico. Era a primeira vez que eu visitava Israel e sabia que devia prestar mais atenção, apreciar a importância do lugar, mas ainda estava imersa numa névoa. As imagens de você naquela cama de hospital pipocavam na minha cabeça. As palavras do Dr. Shamir: “O Sr. Samson teve morte cerebral.” *Não pense nisso*, insisti comigo mesma. *Preste atenção no que você está fazendo agora. Força. Pense no apartamento dele.* Será que teria um aspecto familiar? Eu me sentiria em casa? Será que eu descobriria algo sobre você que eu não sabia – e que não gostaria de saber? Por um instante fiquei pensando se não seria melhor ir para o hotel. No entanto, já estávamos a caminho e, para ser sincera, eu queria ver onde você morava. Eu queria me cercar de tudo que fosse seu.

– Ah, Rehavia – disse o taxista quando lhe dei o seu endereço. – Muito bom.

Ele tinha razão. Seu bairro era uma beleza, tranquilo e convidativo. Concentrei-me nos prédios pelos quais passávamos, tentando esquecer o que acabara de ver e ouvir no hospital. Imaginei como teria sido se eu tivesse dito: *Sim, irei para Jerusalém com você.* Eu faria compras naquele mercado? Tomaria café naquela lojinha? Teríamos nos divertido juntos, ou tudo seria contaminado pela melancolia? No meio do estupor e da incerteza, senti uma pontada de saudades de Violet e Liam. Eu me afastara por menos de um dia, mas já sentia falta deles. Queria poder pegá-los, sentir o calor de seus corpos, o aperto de seus braços em volta do meu pescoço. Nunca seria capaz de abandoná-los.

Quando estacionamos em frente ao seu prédio, peguei minha bagagem e parei na entrada. Havia uma porta maravilhosa por trás de um portão de metal, ambos presos a um belo portal de pedra. Eu também teria escolhido um prédio assim. Dava a impressão de solidez e acolhimento, como se tivesse assegurado proteção e segurança a várias famílias durante séculos. Remexi na sacola de plástico, procurando suas chaves. Experimentei diversas antes de achar uma que abriu o portão, e outra, a porta. Tomei a escada até o terceiro andar e lutei de novo para encontrar a chave certa.

Uma vez lá dentro, sozinha, me senti intrusa. Eu havia esquecido que você só estivera em Jerusalém por pouco tempo antes de ir para Gaza. E que, mesmo lá, você trabalhava como um condenado. O apartamento ainda não tinha sido arrumado. Viam-se caixas de livros abertas que ainda não haviam sido esvaziadas. Algumas poucas fotos emolduradas, encostadas nas paredes, mas não penduradas. Tapetes com padrões e cores vivas, como os que eu vira nos bazares da Turquia. Um sofá marrom. Uma mesa de madeira cheia de aparelhos eletrônicos e fios. Uma cadeira. Imaginei você trabalhando naquela cadeira, no computador, cortando, ajustando a saturação das cores, aumentando o contraste, do modo como você fazia quando morávamos juntos. Esforcei-me o máximo que pude para pensar em você ali, e não no hospital. Você vivo fazendo o que amava, sorrindo. Ao menos na minha cabeça.

Empurrei a porta de seu quarto e vi, dobrado ao pé da cama, o cobertor que te dei na noite em que você me contou que estava indo embora. Ainda tinha um ligeiro cheiro seu. Havia uma mesinha de cabeceira com um exemplar de *Toda luz que não podemos ver*. Sentei na cama. Um pedaço de papel marcava até onde você tinha lido: página 254. Nunca o acabaria. Sua vida foi interrompida, cortada na raiz. Uma película que arrebentara no carretel e nunca chegaria ao fim esperado. Há tanta coisa que você deixou inacabada... Tanta coisa que você nunca vai terminar, nunca vai ver, nunca vai saber...

– Eu vou acabar o livro – falei em voz alta. – Vou lê-lo por você, Gabe.

Percebi, então, o marcador de página: era a nota da nossa conta no Faces & Names. Passei os dedos pela data. Mesmo se eu soubesse que seria a última vez que te veria, acho que faria tudo igual. Eu ainda teria colado meu corpo ao seu no bar. Ainda faria amor com você, incontáveis vezes, no quarto do hotel. E ainda teria dito que eu não iria com você a Jerusalém.

Mesmo assim, não consigo deixar de imaginar o que teria acontecido se eu tivesse dito sim. Você teria sido mais cauteloso se eu estivesse à sua espera em casa? Teria sido mais cauteloso se soubesse que havia em meu corpo um bebê que talvez fosse nosso?

Toquei a barriga. Será que concebemos um filho naquela tarde?

Confusa, voltei à sala e fui para a cozinha. A geladeira estava quase vazia – mostarda, algumas garrafas de cerveja. Havia um pacote de café em grãos e uma caixa meio vazia de *chai* no armário, além de dois sacos de *pretzels*, um intocado, outro fechado com um clipe. Eu não sabia que você gostava tanto de *pretzels*. Por que eu não sabia isso a seu respeito?

De volta à sala, encontrei um carregador de iPhone na sua mesa e liguei meu celular para carregar a bateria. Havia também duas câmeras e um iPad. Supus que seu laptop estivesse onde você estivera em Gaza. Eu teria que descobrir como pegá-lo de volta? *Talvez a AP possa ajudar*, pensei. *Devia ligar para eles. Ou para Kate. Devia realmente ligar para Darren.*

Assim que o celular carregou o bastante para ligar, começaram a chegar mensagens de texto e de voz. Minha mãe, meu irmão, Kate, Darren, Julia, do trabalho. Abri a gaveta de sua mesa para procurar caneta e papel para fazer uma lista, mas acabei encontrando um envelope, a única coisa na gaveta, em que estava escrito: *Testamento de Gabriel Samson.*

Mordi o lábio e abri o envelope. Sua caligrafia angulosa enchia a página inteira. Estou com o documento aqui, agora.

Eu, Gabriel Vincent Samson, em meu perfeito juízo e em pleno gozo de minhas faculdades intelectuais, declaro que este representa a minha última vontade, anulando todos os demais testamentos que eu tenha feito.

Nomeio Adam Greenberg como testamenteiro. Se ele não puder ou não quiser, nomeio Justin Kim.

Será que eles sabem o que aconteceu? Será que seu chefe também ligou para eles? Eu deveria ligar para eles. Precisava ligar para Adam.

Desejo que meu testamenteiro pague com meus proventos quaisquer taxas ou despesas decorrentes de minha morte ou sepultamento, e pague quaisquer dívidas ou contas de que sou devedor.

Deixo a Lucy Carter Maxwell os direitos de todo o meu trabalho criativo – quaisquer fotos tiradas por mim, além do meu livro Desafiando, e do novo livro em que venho trabalhando, salvo no meu laptop, na pasta “Recomeços”. Eu deixo para ela o controle completo e a propriedade dos meus direitos autorais.

Fiquei surpresa quando li essa parte, Gabe. Seria uma espécie de pedido de desculpas por ter incluído aquelas fotos minhas na sua exposição em Nova York sem me pedir licença? Percebi também que isso me ligaria a você pelo resto da minha vida. Vou morrer antes que seus direitos autorais caiam em domínio público. Você estava pensando nisso quando fez o testamento? Queria que ficássemos unidos pelo máximo de tempo possível?

O que restar dos meus bens, depois que forem pagos todas as contas, impostos e honorários, quero que seja dividido entre duas instituições: o Memorial e Museu Nacional do 11 de Setembro e a Tuesday’s Children.

Se Lucy Carter Maxwell quiser ficar com quaisquer objetos de minha propriedade, eu os deixo para ela. Caso contrário, gostaria que meu testamenteiro encontrasse um lugar adequado ao qual doá-los.

Assino este documento em 8 de julho de 2014.

Você foi para Gaza nesse dia? Você fazia um novo testamento toda vez que partia para uma zona de

guerra? Ou dessa vez foi diferente?

Há tantas conversas que quero ter com você, tantas perguntas que quero fazer, que queria ter feito... E muita coisa que eu queria ter te contado. Depois de terminar a primeira leitura do testamento, decidi que havia uma coisa que eu precisava te contar antes que você morresse. Mesmo que você não reagisse, mesmo que não pudesse me ouvir.

Peguei o cartão que Shoshana Ben-Ami me dera e teclei o número dela.

– Qual é o tempo mínimo que o hospital leva para fazer um exame de paternidade?

ENCONTREI SHOSHANA no hospital na manhã seguinte. Ela marcara consulta com um obstetra de lá, que me examinou e concordou em fazer o pedido. A Dra. Mizrahi também conseguira que tirassem seu sangue.

Shoshana não sabia quanto tempo levaria para sair o resultado do exame quando falamos ao telefone.

– Posso descobrir para você – dissera –, mas desconfio que levará alguns dias. O sabá começa amanhã à noite.

Eu tinha me esquecido do sabá. No entanto, se eu tivesse os resultados até domingo de manhã, já bastava. Até lá, as máquinas poderiam respirar por você. Até lá, você podia ficar comigo.

Mas o Universo planejava outra coisa. A Dra. Mizrahi nos encontrou no laboratório de hematologia.

– Ele está bem agora, mas o Sr. Samson teve uma noite dura – relatou ela, logo que nos cumprimentamos.

– Por favor, chame-o de Gabriel – pedi a ela e Shoshana.

Elas conheciam nossos segredos. Soava estranho se referirem a você de modo tão formal.

– O que houve? – perguntei.

– Ele teve um pico de febre – disse a médica. – O residente achou que fosse um princípio de septicemia, então aumentaram os antibióticos e lhe deram Paracetamol. A febre baixou. Ele agora se encontra estável.

– Septicemia? – perguntei. Não prestara atenção a quase nada depois dessa palavra.

– Infelizmente isso acontece às vezes em pacientes que sobrevivem por aparelhos. É uma infecção séria. Parece, porém, que Gabriel conseguiu evitá-la, pelo menos por enquanto.

A Dra. Mizrahi parou depois que entramos no laboratório. Fiquei perto dela.

– Ele pode morrer a qualquer momento? – perguntei. – De septicemia?

– A ventilação mecânica implica muitos riscos – respondeu ela.

Pensei em pedir-lhe que me explicasse esses riscos, mas achei melhor fazer outra pergunta primeiro:

– Será que conseguiremos o resultado do teste de paternidade hoje? Ou amanhã? Não quero que ele morra sem saber.

Senti um aperto na garganta e cogitei por um instante se seria mais fácil deixar você morrer por outra causa, em vez de eu mesma tomar essa decisão. No entanto, a ideia de seu corpo dominado pela infecção, envenenado de dentro para fora, me fez estremecer. Eu não podia deixar que isso acontecesse. Não podia deixar que nada assim acontecesse.

– Verei o que posso fazer – respondeu a Dra. Mizrahi.

Em seguida, um homem com um rabo de cavalo longo e cacheado e olhar bondoso tirou meu sangue. Ele prometeu que me entregaria os resultados logo que ficassem prontos. E agora viemos aqui, até você.

ENTÃO AQUI ESTAMOS, GABE. Eu me saí melhor quando entrei no seu quarto hoje de manhã. Não desmoronei. Estou me enrijecendo. Sendo forte. Por você. Pelo bebê. Finjo que é uma tarefa pela qual sou responsável e que precisa ser feita. Estou me esforçando o máximo.

A enfermeira que estava aqui quando cheguei disse que você podia me ouvir. Sei o que o Dr. Shamir falou sobre seu cérebro, mas a enfermeira sugeriu que eu falasse com você assim mesmo. Então falei. E

continuo falando.

Eu contei para você nossa história. Fiz perguntas que você nunca poderá responder. Informe-me a você sobre o bebê. O filho que pode ser nosso. Ou não.

Não sei o que seria pior – ele ser ou não seu.

Seguro sua mão agora. Você é capaz de sentir meus dedos nos seus?

O hospital não deveria ter ligado você a essa máquina, mas eles não sabiam. Agora você está aqui, e ninguém pode desligá-la a não ser que eu autorize. Estou tentando muito não ficar zangada com você por isso. Mas veja bem, Gabe, a posição em que você me colocou! Como foi capaz de me pedir que te matasse? Você pensou por algum instante como sua escolha iria me afetar? Terei que viver com isso pelo resto da vida, Gabe. Já sei que vou reviver isto nos meus sonhos incontáveis vezes. Vou sentir de novo os lençóis engomados, ouvir a cadência constante da ventilação mecânica.

Posso subir na cama para ficar junto de você? Terei cuidado. Não vou esbarrar em nenhum dos tubos. Não vou machucar seu braço quebrado. Só quero abraçar você de novo. Eu me sinto muito bem descansando a cabeça no seu peito. É tão perfeito... Sempre foi.

Você me marcou. Sabia? Você. O 11 de Setembro. Quem sou, as escolhas que fiz, devo a você. Por causa daquele dia.

Posso beijar seu rosto? Eu só quero sentir você de novo com meus lábios.

Nada que eu fizer vai trazer você de volta, não é?

Preciso aceitar.

Meu filho,

Eu não sei quando você receberá esta carta, se é que vai recebê-la. Quando você fizer dezoito anos? Quando se formar na universidade? Será que devo esperar e deixá-la guardada num cofre para que você possa abri-la depois que eu morrer? Ou quem sabe você cresça já sabendo de tudo isso. Talvez o segredo seja grande demais para ser guardado.

Eu preciso ter alguém a quem contar o que aconteceu nestes últimos dois dias, que foram os mais duros até hoje na minha vida. E é enorme minha gratidão por você ter me acompanhado, por ter feito parte de mim. Uma vez, quando estava grávida de sua irmã, eu li sobre consciência pré-natal. É possível que você tenha, nas profundezas de sua mente, seu próprio registro do que aconteceu, suas próprias recordações. Caso não as tenha, porém, quero compartilhar as minhas. Porque os últimos dias merecem ser recordados.

Ontem descobri quem era seu pai. E hoje de manhã eu o matei. Estava sentada com ele quando isso aconteceu. A cabeça dele descansava no meu ombro. Beije seus cabelos.

A médica dele, Dra. Mizrahi, entrou e me perguntou se eu estava pronta.

Tentei falar, mas não consegui. Apenas fiz um gesto concordando.

– Você está fazendo o que é certo – disse-me ela.

Seu pai estava com morte cerebral. Foi vítima de uma explosão em Gaza. Nunca iria se recuperar. Eu conversei com a médica várias vezes sobre isso. Ele não tinha chance de melhorar.

Fiz outro gesto de aquiescência para a médica. Mesmo sabendo que estava fazendo o que era certo, era muito duro. Tão duro que era quase impossível suportar.

Ela me fitou por um instante. Eu podia ver quanta simpatia havia em seu olhar. Era bom que fosse ela ali comigo, e não outra pessoa. Ela foi muito carinhosa comigo e com seu pai.

– Você pode abraçá-lo – falou ela.

Puxei-o para mim, abracei-o com mais força e apoiei minha cabeça na dele.

– Não faz mal? – perguntei.

Ela balançou a cabeça.

Fechei os olhos e beije os cabelos dele. Não tive forças para olhar quando ela retirou o tubo de respiração. A máquina a meu lado começou a soar em pânico, e meu coração também, num longo sinal de alarme. Abri os olhos e vi quando a Dra. Mizrahi silenciou a máquina e a tela ficou vazia. Ele soltou um arquejo comprido e ruidoso, e depois nada.

Silêncio total.

Seu pai se fora.

As lágrimas turvaram minha vista. Pedi desculpas a ele. Repetidas vezes. Detestei o que tive que fazer.

– Desculpe – sussurrei. – Desculpe. Desculpe. Desculpe.

Durante anos eu e seu pai conversamos sobre destino e livre-arbítrio, acaso e escolha. Acho que agora encontrei a resposta. A escolha foi minha. Foi sempre minha. E dele. Escolhemos um ao outro.

Neste exato momento, você e eu estamos no apartamento de seu pai. Estamos cercados por ele, apesar da sua ausência. Podemos vê-lo em todo canto, na luz dourada que entra pelas janelas ao nascer do sol, nos vermelhos e azuis-escuros do tapete persa no chão, no perfume dos grãos de café guardados na cozinha. Café que ele nunca vai beber, mas nós beberemos por ele – você e eu.

Se eu já tiver partido quando você ler isto, pesquise o nome de seu pai: Gabriel Samson. Pesquise a obra dele. Pesquise sobre a exposição que ele fez na galeria Joseph Landis em Chelsea, 2011. Espero que você consiga perceber, nas fotografias, o amor profundo que ele tinha pelo mundo – e que tínhamos um pelo outro. Seu pai era um artista, um belo artista, sensível e brilhante, que procurava melhorar o mundo com cada foto que tirava. Ele queria contar histórias que atravessassem fronteiras, raças e religiões. E foi o que fez. Mas pagou com a vida.

Ele não era perfeito. É algo que você precisa saber. Nem eu sou perfeita. Às vezes ele era egocêntrico, se dava muita importância. Achava, porém, que o sacrifício era uma forma de nobreza.

Ele nunca soube que você nasceria. Eu deveria ter contado para ele. Talvez não tivesse mudado as coisas. Mas me pergunto se ele teria mudado a maneira como vivia se soubesse de você. Talvez não tivesse tanto ímpeto de se atirar no fogo, de se jogar no combate. Acho que ele não estaria disposto a sacrificar o tempo que poderia viver com você. Ou talvez isso não tivesse feito diferença. Talvez não tivesse mudado nada.

Você foi concebido no amor. Quero que saiba disso. Não importa o que acontecer de agora em diante, depois que escrevi esta carta, não importa como serão nossas vidas quando você ler isto aqui, quem você irá chamar de “pai”, quero que saiba o quanto amei seu pai. Era uma paixão que transcendia o tempo, o espaço e toda lógica. Espero que você encontre um amor assim, que seja absoluto e poderoso, que faça você se sentir meio louco. E, se você encontrar esse amor, agarre-o. Prenda-o. Ao se doar a um amor assim, seu coração irá sofrer. Será machucado. Mas você poderá se sentir imortal e infinito.

Agora que ele partiu, não sei se um dia voltarei a me sentir assim. Se alguém fará com que eu me sinta tão especial, escolhida, tão desejada quanto ele me fazia sentir. E tão visível para alguém. Contudo, considero uma sorte ter experimentado esses sentimentos. Considero-me com sorte por tê-lo conhecido. E por ter você.

Você ainda não veio ao mundo, mas eu já amo você, meu filho. E sei também que, onde quer que ele esteja, seu pai também te ama..

AGRADECIMENTOS

ESCREVI O PRIMEIRO ESBOÇO daquilo que depois se tornaria *A luz que perdemos* em 2012, depois do fim de um relacionamento que eu achava que duraria para sempre. Nos quatro anos seguintes, trabalhei neste romance no tempo que sobrava entre o trabalho em outros livros. E esses quatro anos foram uma das épocas mais turbulentas da minha vida. Durante esse período, pensei muito em amor, perda, destino, nas decisões que temos que tomar, em ambição e arrependimento. E muitas vezes, nos momentos em que meu mundo parecia opressivo, agradei a tarefa de criar o mundo de Lucy.

Sinto-me muito grata aos amigos e familiares que me apoiaram durante esses quatro anos, tanto na tristeza quanto na alegria. Agradeço a todas as pessoas maravilhosas na minha vida, mas quero fazer um agradecimento especial àquelas que ajudaram a transformar os sucessivos esboços em um romance. Então, obrigada a Amy Ewing, que leu as primeiras 28 páginas e me disse para continuar; Marianna Baer, Anne Heltzel, Marie Rutkoski e Eliot Schrefer, o melhor grupo de escrita da Terra, que leu mais de uma versão desta história e, como sempre, me encorajou e criticou sempre da maneira exata; Talia Benamy e Liza Kaplan Montanino, cujos comentários e conversas foram inestimáveis; e Sarah Fogelman e Kimberly Grant Grieco, meu pequeno público de teste, cujas sacadas sobre Lucy, como mãe e esposa, ajudaram a dar forma aos manuscritos finais. Obrigada, minhas irmãs Alison May e Suzie Santopolo, que me ofereceram informações técnicas sobre assuntos médicos e hospitalares; minha tia, Ellen Franklin Silver, que me ajudou com as informações sobre a produção audiovisual; Atia e Conor Powell, que responderam às perguntas sobre o trabalho jornalístico em Gaza; e Bari Lurie Westerberg, que me contou uma história sobre o cabelo de Jeff na lavanderia e deixou que eu a adaptasse para este livro. E obrigada um milhão de vezes a você, Nick Schiffrin, que finalizou o enredo comigo num guardanapo e assegurou a verossimilhança da carreira jornalística de Gabe, que corrigiu alguns fatos passados em Jerusalém e explorou Rihavia comigo, e leu e comentou exaustivamente quase todas as cenas do livro pelo menos três vezes, convencendo-me a ir mais fundo e sugerindo desdobramentos quando eu não tinha certeza do que viria em seguida. Nick, um ingresso para ver *Hamilton* não expressa a menor parte de quanto sou grata a você pela ajuda.

Este livro ainda seria um manuscrito no meu computador se não fosse o trabalho de duas mulheres incríveis: minha agente, Miriam Altshuler, e minha editora, Tara Singh Carlson. Miriam, sou muito grata pelo que você fez por mim e minha obra e por minha vida ter me levado a você. E Tara, suas sacadas e sua visão mudaram Lucy, Gabe, Darren, e mudaram a história deles para melhor. Obrigada por ter vestido a camisa da minha história, obrigada por ter feito as perguntas editoriais perfeitas. E obrigada, Ivan Held, Sally Kim, Helen Richard, Amy Schneider, Andrea Peabbles, Kylie Bird, Claire Sullivan, e toda a equipe da Putnam e da Penguin – especialmente Leigh Butler, Tom Dussel e Hal Fessenden – por ter me dado a oportunidade de compartilhar *A luz que perdemos* com o mundo.

Porém, eu nunca teria me imaginado capaz de escrever um livro se não fossem duas outras pessoas. Os agradecimentos finais vão para minha mãe, Beth Santopolo e – embora ele não possa ler isto – meu pai, John Santopolo, que nunca agiram como se meus sonhos fossem descartáveis e sempre me incentivaram a correr atrás das coisas, quaisquer que fossem. Nunca deixarei de dar valor a isso.

LISTA DE LEITURAS DE LUCY E GABE

DESDE QUE EU ME LEMBRO, livros, peças e poemas sempre significaram muito para mim. E, neste romance, são também importantes para Lucy, Gabe e a relação entre eles. Algumas referências são claras, outras nem tanto. Esta é uma lista – por ordem de aparecimento – de todos os textos literários a que Lucy e Gabe se referem ao longo de *A luz que perdemos*:

Júlio César, de William Shakespeare

Tito Andrônico, de William Shakespeare

Ilíada, de Homero

“The Road Not Taken”, de Robert Frost

Mythology: Timeless Tales of Gods and Heroes, de Edith Hamilton (mito de Perséfone)

Romeu e Julieta, de William Shakespeare

O Doador de Memórias, de Lois Lowry

A morte de Artur, de sir Thomas Malory

Metamorfoses, de Ovídio (a história de Pigmalião e Galateia)

“eu gosto do meu corpo quando está com o seu”, de e.e. cummings

“Soneto 30”, de William Shakespeare

O amante de lady Chatterley, de D.H. Lawrence

If You Give a Mouse a Cookie, de Laura Numeroff, ilustrado por Felicia Bond

“Hope Is the Thing With Feathers”, de Emily Dickinson

Toda luz que não podemos ver, de Anthony Doerr

SOBRE A AUTORA



JILL SANTOPOLO é autora de séries infantojuvenis de sucesso, além de diretora editorial da Philomel Books, selo infantil da Penguin. Formada pela Universidade Columbia, dá aulas de escrita criativa na New School, em Nova York. *A luz que perdemos*, seu primeiro romance para o público adulto, foi traduzido para 34 países e já teve os direitos vendidos para uma adaptação cinematográfica.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)

[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)
[75](#)
[76](#)
[77](#)
[78](#)
[79](#)
[80](#)

[Agradecimentos](#)

[Lista de leituras de Lucy e Gabe](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

Julia Quinn

Suzanne Enoch • Karen Hawkins • Mia Rean

NADA ESCAPA A
Lady
WHISTLEDOWN



Nada escapa a lady Whistledown

Quinn, Julia
9788580418279
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há tanto a ser dito sobre o baile oferecido por lady Trowbridge, em Hampstead, que esta autora não teria como contar tudo em só uma coluna...Crônicas da sociedade de lady Whistledown, maio de 1813Em Nada escapa a lady Whistledown, a cronista eternizada por Julia Quinn continua a revelar os acontecimentos mais apimentados da temporada londrina. Suas colunas são o fio condutor das quatro histórias que formam esta encantadora e divertida coletânea.Julia Quinn encanta...A alta sociedade está em polvorosa, afinal a debutante mais promissora da temporada foi rejeitada por seu pretendente...apenas para ser conquistada em seguida pelo charmoso irmão mais velho do canalha que não a quis.Suzanne Enoch fascina...Um futuro noivo fica sabendo que o comportamento escandaloso de sua bela prometida foi parar na coluna de lady Whistledown e volta correndo para Londres com o intuito de ganhar o coração da moça de uma vez por todas.Karen Hawkins seduz...Um conhecido libertino tem sua amizade mais antiga e seu coração postos à prova quando uma adorável dama se encanta por outro cavalheiro.Mia Ryan delicia...Uma jovem é despejada da própria casa por um detestável – embora charmoso – marquês que pretende tomar posse não apenas do imóvel, mas também de sua antiga moradora.

[Compre agora e leia](#)

JAMES PATTERSON

E MICHAEL LEDWIDGE

ZOO



Zoo

Patterson, James

9788580414431

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Algo está acontecendo na natureza. Uma misteriosa doença começa a se espalhar pelo mundo. Inexplicavelmente, animais passam a caçar humanos e a matá-los de forma brutal. A princípio, parece ser algo que se dissemina apenas entre as criaturas selvagens, mas logo os bichos de estimação também mostram suas garras e as vítimas se multiplicam. A humanidade é presa fácil. Apavorado, o jovem biólogo Jackson Oz assiste à escalada dos acontecimentos. Ele já prevê esse cenário alarmante há anos, mas sempre foi desacreditado por todos. Depois de quase morrer em uma implausível emboscada de leões em Botsuana, a gravidade da situação se mostra terrivelmente clara. O fim da civilização está próximo. Com a ajuda da ecologista Chloe Tousignant, Oz inicia uma corrida contra o tempo para alertar os principais líderes mundiais, sem saber se as autoridades acreditarão em um fenômeno tão surreal. Mas, acima de tudo, é necessário descobrir o que está causando todos esses ataques, pois eles se tornam cada vez mais ferozes e orquestrados. Em breve não restará nenhum esconderijo para os humanos...

[Compre agora e leia](#)



STEVEN
ERIKSON

OS PORTAIS DA
CASA DOS MORTOS

O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – II

"A melhor série de fantasia
dos últimos tempos."
- Fantasy Book Review



Os portais da Casa dos Mortos

Erikson, Steven
9788580418378
816 páginas

[Compre agora e leia](#)

Já se passaram dez anos desde que Laseen tomou o trono com um ardil traiçoeiro, mas, à medida que o Ano de Dryjhna se aproxima, o Império Malazano se vê à beira da anarquia, enfraquecido pelos acontecimentos na cidade de Darujhistan. Muitas das regiões controladas pelo punho de ferro da imperatriz ameaçam acender a fagulha da revolução. No meio do vasto domínio das Sete Cidades fica o Deserto Sagrado Raraku, onde estão os resquícios de incontáveis civilizações extintas há muito tempo. Nesse lugar repleto de segredos e magia, a Vidente Sha'ik e os seguidores do Apocalipse preparam um levante contra o poderoso império, conforme previsto nas antigas profecias. Enquanto as forças convergem contra Laseen, ela reúne um exército de assassinos, feiticeiros e espiões para combater a rebelião e ampliar seu império cruel. Em meio a uma fúria e um poder jamais vistos, o mundo está prestes a mergulhar em uma guerra sangrenta, capaz de mudar os destinos de homens e civilizações, criando lendas que atravessarão os séculos. "A melhor série de fantasia dos últimos tempos." – Fantasy Book Review "Raro é o autor que combina com tanta fluidez um senso de poder mítico e a profundidade de um mundo com personagens bem construídos e ação emocionante, mas Steven Erikson faz isso de modo espetacular." – Michael A. Stackpole, autor de Star Wars: Esquadrão Rogue e World of Warcraft: Sombras da Horda

[Compre agora e leia](#)

Pela luz dos olhos seus

Janine Boissard



Pela luz dos olhos seus

Boissard, Janine

9788580412116

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Laura Vincent cresceu entre o mar e as macieiras da Normandia. Passou a adolescência à sombra da irmã mais velha. Agathe – a bela – era admirada e disputada por todos os garotos da cidade; Laura – a pequena – passava as noites em casa, lendo romances. Mas o destino preparou uma surpresa para Laura. Trabalhando como assessora de imprensa de músicos, ela recebe, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, a visita do agente de um dos tenores mais famosos do mundo. Ela é requisitada para ser guia dele e seu chefe não deixa margem para discussão. Rico e bem-sucedido, Claudio Roman viaja pelo mundo emocionando plateias com sua voz. Fã de banquetes, bebedeiras e belas mulheres, ele parece ter tudo o que quer, porém seu comportamento esconde a amargura de nunca poder interpretar Alfredo, em La Traviata, por causa de um ataque criminoso que lhe custou a visão. Laura está preparada para lidar com um homem difícil e arrogante, mas, assim que ouve Claudio cantar pela primeira vez, ele toca seu coração. Aos poucos, mais do que sua guia, ela se torna também a confidente das noites sombrias de angústia. Como ela nunca lhe pede nada em troca de seu apoio, Claudio promete lhe dar qualquer coisa. No momento certo, ela cobra a promessa: quer que o cantor se submeta a um transplante de córnea capaz de lhe restituir a visão de um dos olhos. Apaixonada e convencida de que Claudio não precisará mais dela quando voltar a enxergar, Laura vai embora sem se despedir e sem dar a ele a oportunidade de vê-la. Será que Claudio saberá lidar com essa decisão? Ou ele vai enfim perceber que sempre lhe faltou o alimento mais essencial à vida: o amor?

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Créditos: Star Books Digital](#)

[Prólogo](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)

[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)
[75](#)
[76](#)
[77](#)
[78](#)
[79](#)
[80](#)

[Agradecimentos](#)

[Lista de leituras de Lucy e Gabe](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)